

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
INSTITUTO DE MATEMÁTICA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

**RENATA APARECIDA ZANDOMENIGHI**

**UMA HISTÓRIA ACERCA DA CONSTITUIÇÃO DO CURSO DE  
GRADUAÇÃO EM MATEMÁTICA DA UNIVERSIDADE PARA O  
DESENVOLVIMENTO DO ESTADO E DA REGIÃO DO PANTANAL  
(UNIDERP/CESUP)**

Campo Grande/MS  
2017

**RENATA APARECIDA ZANDOMENIGHI**

**UMA HISTÓRIA ACERCA DA CONSTITUIÇÃO DO CURSO DE  
GRADUAÇÃO EM MATEMÁTICA DA UNIVERSIDADE PARA O  
DESENVOLVIMENTO DO ESTADO E DA REGIÃO DO PANTANAL  
(UNIDERP/CESUP)**

Dissertação de Mestrado elaborada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul para obtenção do título de Mestre em Educação Matemática, sob a orientação do Prof. Dr. Thiago Pedro Pinto.

Campo Grande /MS  
2017

**RENATA APARECIDA ZANDOMENIGHI**

**UMA HISTÓRIA ACERCA DA CONSTITUIÇÃO DO CURSO DE  
GRADUAÇÃO EM MATEMÁTICA DA UNIVERSIDADE PARA O  
DESENVOLVIMENTO DO ESTADO E DA REGIÃO DO PANTANAL  
(UNIDERP/CESUP)**

Dissertação de Mestrado elaborada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul para obtenção do título de Mestre em Educação Matemática, sob a orientação do Prof. Dr. Thiago Pedro Pinto.

**BANCA EXAMINADORA**

Profa. Dra. Maria Ednéia Martins-Salandim  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”  
(UNESP)

Profa. Dra. Luzia Aparecida de Souza  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Prof. Dr. Thiago Pedro Pinto (Orientador)  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Prof. Dr. João Ricardo Viola dos Santos (Suplente)  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Campo Grande/MS  
2017

## Agradeço

... a Deus, Pai, Todo-Poderoso, que em sua infinita bondade e compaixão me concedeu sabedoria, saúde e fé para persistir nesta caminhada, escutou meus lamentos e esteve ao meu lado, esse tempo todo, me dando forças.

... a minha mãe, Ana Maria, que me concebeu a vida, ajudou na minha educação e me instruiu a ser uma pessoa do bem. Devo tudo a ela: quem sou e o que me tornei. Incontáveis foram às vezes que me acalentou, me protegeu e me ensinou com palavras e gestos sobre humildade e amor.

... ao meu querido pai, Vicente (*in memoriam*), que deixou grandes ensinamentos. Concedeu-me carinho e amor que somente um pai pode dar a uma filha.

... ao meu orientador, professor doutor Thiago Pedro Pinto, pela paciência, dedicação e conhecimento durante as orientações que nortearam os meus estudos. Por acreditar e confiar em mim quando eu pensava que não seria capaz.

... também a elas: minha irmã Rosemeire e as sobrinhas Karine, Karoline e Karen que, com muita paciência, abdicaram inúmeras vezes da liberdade, concedendo o espaço para meu estudo, contribuindo de várias formas para a concretização desta pesquisa.

... aos meus amigos, por compreenderem minhas angústias e momentos de desesperos, por confiarem em mim e por me incentivarem.

... aos integrantes do grupo de pesquisa História da Educação Matemática em Pesquisa (HEMEP), por compartilharem discussões que contribuíram para a efetivação desta pesquisa.

... à Natalia e à Jany, pelas discussões e pela ajuda com este trabalho.

... aos depoentes desta pesquisa: professores, reitores, colegas de formação, obrigado pela disponibilidade de tempo e memórias, essenciais para a realização desta pesquisa.

... à banca examinadora: professora Luzia e professora Maria Ednéia, pelas valiosas contribuições e sugestões.

... à turma de 2015, pelas incansáveis discussões, pelos momentos de estudos, pelas viagens que fizemos juntos, pelos almoços compartilhados, enfim... novas amizades que deixarão saudades.

... a todas as pessoas, que por trás dos bastidores, de alguma forma, contribuíram para que esta pesquisa fosse consolidada.

... à CAPES pelo apoio financeiro para o desenvolvimento deste trabalho.

Gratidão a todos!

*Há um tempo em que é preciso recosturar, reformar, reavivar as nossas roupas usadas que tanto nos deram alegria quando novas e que hoje apesar de gastas continuam quentes, macias e confortáveis porque possuem o formato do nosso corpo. Não devemos esquecer nossos antigos caminhos só porque achamos que nos levam sempre aos mesmos lugares, devemos aproveitá-los para encurtar a distância que nos levam a novos. É tempo de travessia: temos que ousar em fazê-la para nunca ficarmos a margem de outros.*

**Fernando Pessoa**

## Resumo

Este trabalho teve como objetivo elaborar uma história da constituição do curso de Graduação em Matemática da Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (UNIDERP/CESUP), localizada em Campo Grande (MS). Esta pesquisa está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e se insere no campo da História da Educação Matemática. Visa contribuir com o Grupo História da Educação Matemática em Pesquisa (HEMEP) no mapeamento que vem sendo realizado ao longo dos últimos seis anos sobre a formação e atuação de professores que ensinam/ensinaram matemática no estado, e, conseqüentemente, contribuir também com a produção e divulgação de fontes sobre esta temática. Da mesma forma, contribui diretamente com o projeto do Grupo de História Oral e Educação Matemática (GHOEM) que objetiva mapear esta formação e atuação em nível nacional. Tomamos a História Oral como inspiração metodológica neste trabalho, recriando, adaptando e, de certa forma, produzindo nossa própria metodologia de pesquisa. Optamos por trabalhar com fontes orais e escritas, mais especificamente com entrevistas de personagens envolvidos com nossa temática e com os documentos disponibilizados pela própria instituição e pelos órgãos oficiais. No movimento analítico deste trabalho, optamos por fazer nossos apontamentos por meio de uma narrativa que teve como fio condutor as memórias desta pesquisadora, egressa do curso, mescladas a tudo que foi visto neste processo investigativo. Entre os temas abordados nesta análise, destacamos: a oferta de uma Licenciatura e Bacharelado concomitantes, ambos com ênfase em Computação; o uso de ênfases pelas instituições particulares na década de 1990 e 2000; a disputa por clientela na cidade e conseqüente concorrência entre os cursos/instituições; a oferta de cursos noturnos; a criação e consolidação da UNIDERP e a participação dos cursos de licenciatura neste processo.

**Palavras-chave:** História Oral. Historiografia. Formação de Professores de Matemática. Mato Grosso do Sul.

## **Abstract**

The present study had as a goal elaborate a story about the beginning of the Math graduation of the university for the development of the State and the Pantanal area (UNIDERP/ CESUP) located in Campo Grande/ MS. This study is linked to the postgraduated and mathematics education program of the Federal University of Mato Grosso do Sul and is inserted in the history of Mathematic Educantion. It aims to contribute with the group History of Mathematic Educantion in research ( HEMEP), in mapping what has been done in the last six years about the training and performance of teachers that teach/ taught math in the State, and, consequently, also contribute with the creation and publication of sources on this subject. In this way, it contributes directly to the project of the Oral History group and Mathematic Education (GHOEM) that objective to map this training and performance at the national level. Taking the Oral History as methodological inspiration in this paper, recreating, adapting and, in some way, producing our own research methodology. We chose to use oral and written sources, more specifically interviews of people involved the theme and available documents by the official institution . In the ideia analytical of this paper, we chose to make our notes through a narrative based on the memories of the researcher, mixed with everything has seen in this investigated process. Among the topics that were discussed in this analysis, offer bachelor's and bachelor's degree at the same time is the most interesting, both studying in priority technology; The use of emphasis by private institutions in the 1990s and 2000s; The dispute for client in the city and consequentelly competition among the courses / institutions; The provision of evening courses; The creation and consolidation of UNIDERP and the participation of undergraduate courses in this process.

**Keyword:** Oral History. Historiography. Teacher Training in Mathematics. Mato Grosso do Sul.

## SUMÁRIO

<b>Capítulo I – Introdução .....</b>	<b>9</b>
1.1 Um pouco da minha trajetória.....	15
<b>Capítulo II – Dados Produzidos.....</b>	<b>20</b>
2.1 Documentos .....	20
2.2 Narrativas.....	31
2.2.1 Entrevista realizada com o professor Samuel .....	31
2.2.2 Entrevista realizada com a professora Iara.....	44
2.2.3 Entrevista realizada com o professor Carlos .....	66
2.2.4 Entrevista com o Professor Paulo .....	81
2.2.5 Entrevista realizada com a professora Helena .....	105
2.2.6 Entrevista realizada com o professor Eduardo.....	125
<b>Capítulo III – Entre memórias, reminiscências e produções sobre o curso de Matemática do CESUP/UNIDERP.....</b>	<b>139</b>
3.1 Reminiscências e construções de uma ex-aluna do curso de Matemática Licenciatura Plena com Ênfase em Ciência da Computação da UNIDERP (2005–2010)..	
.....	139
<b>Capítulo IV – Aspectos Metodológicos desta Pesquisa.....</b>	<b>166</b>
<b>Algumas considerações sobre meu percurso neste mestrado .....</b>	<b>179</b>
<b>Referências .....</b>	<b>183</b>
<b>Apêndice - Roteiros de entrevista .....</b>	<b>188</b>

## Capítulo I – Introdução

Este relato de pesquisa traz uma síntese de movimentos que conseguimos realizar ao longo de dois anos de mestrado. Conscientes que o ato de escrever nos faz deixar de fora diversos elementos que, para o campo pessoal, foram extremamente importantes, optamos por trazer aqueles que diretamente auxiliam o nosso leitor na compreensão da história que queremos contar: a abertura do curso de Graduação em Matemática da UNIDERP (Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal).

A UNIDERP, como é popularmente conhecida até os dias atuais, oficialmente ANHANGUERA-UNIDERP, é uma instituição de ensino particular, localizada na cidade de Campo Grande (MS). Na época da abertura do curso, ainda não era universidade, mas sim um centro de ensino, o CESUP (Centro de Ensino Superior de Campo Grande). Discorreremos sobre o curso oferecido inicialmente pelo CESUP, que logo se transformou em UNIDERP. O período de abertura do curso nos é particularmente interessante, visto as grandes mudanças ocorridas na política e conseqüentemente, no meio educacional.

A escolha dessa instituição e curso não veio ao acaso, mas da confluência entre o projeto do grupo de pesquisa do qual participo<sup>1</sup> e as vivências desta pesquisadora. O Grupo História da Educação Matemática em Pesquisa (HEMEP), criado no ano de 2011, é vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, localizado em Campo Grande (MS). O grupo está voltado às pesquisas em História da Educação Matemática, tendo por objetivos contribuir para um mapeamento da formação e da atuação de professores que ensinam/ensinaram matemática no país<sup>2</sup>, atuando especificamente em Mato Grosso do Sul e problematizar as práticas sociais que permeiam e permearam os contextos de ensino e aprendizagem da Matemática.

Dessa forma, o rol das pesquisas desenvolvidas neste grupo tem por objetivo investigar a mobilização de conceitos e métodos por professores que ensinaram ou ensinam

---

<sup>1</sup> Ao descrever situações de caráter pessoal, iremos utilizar a 1ª pessoa do singular, nas demais empregaremos a 1ª pessoa do plural.

<sup>2</sup> Em âmbito nacional, o projeto de Mapeamento da Formação de Professores de Matemática é desenvolvido pelo Grupo História Oral e Educação Matemática – GHOEM - <[www.ghoem.org](http://www.ghoem.org)>

Matemática nos diferentes níveis de ensino. No mapeamento que vem sendo produzido, os pesquisadores buscam caracterizar os movimentos de criação e expansão de cursos formadores. Os trabalhos são, em geral, norteados pela História Oral enquanto metodologia de pesquisa, que nos auxilia com seus processos na produção de fontes históricas e na exploração das potencialidades das narrativas para as pesquisas na Educação Matemática e na História da Educação Matemática.

No percurso do mestrado, pudemos interagir com outros trabalhos que se aproximavam de nossa temática, nos auxiliaram a pensar nosso objetivo de pesquisa e procedimentos. No artigo “Constituição do Curso de Graduação em Matemática da UNIDERP: apontamentos iniciais” (ZANDOMENIGHI; PINTO, 2015) publicado no XII Encontro Sul-Mato-Grossense de Educação Matemática (ESEM), trazemos uma discussão de produções que versam sobre fontes orais e escritas, história oral, narrativas, políticas educacionais, caracterização de um cenário educacional em Mato Grosso do Sul na década de 1990 e dinâmica dos cursos noturnos. Outras produções foram agregadas ao passar do tempo, elas ampliaram nossa visão frente a um entendimento historiográfico e metodológico.

No levantamento inicial de bibliografias, fomos orientados a realizar buscas, inicialmente no site dos Grupos de Pesquisa HEMEP e GHOEM. No site do Grupo HEMEP encontramos na dissertação de Ana Carolina Siqueira dos Reis (2012), “A formação Matemática de professores do Ensino Primário: um olhar sobre a Escola Normal Joaquim Murinho”, o uso da História Oral como metodologia de pesquisa. Essa metodologia possibilitou a construção de fontes orais e escritas numa narrativa histórica para formação de professores do Ensino Primário na Escola Normal Joaquim Murinho. Algumas temáticas surgiram para a construção da versão histórica de tal escola, como: política, desvalorização profissional, predominância de mulheres no curso, disciplina e ausência de informações sobre o ensino de matemática. A dissertação de Tiaki Cintia Togura Faoro (2014), “A formação de professores de Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul: Um olhar sobre os anos iniciais da Licenciatura em Dourados”, evidenciou o primeiro curso de formação de professores de Matemática na região da Grande Dourados. A metodologia utilizada foi a História Oral, a qual possibilitou a construção de fontes a partir da oralidade e da escrita e a análise foi produzida, por meio de três categorias: espaços e carências, corpo docente, e

organização curricular. Estas categorias contribuíram para esboçar compreensões sobre o curso em investigação e direcionaram para o movimento migratório que fazia parte do contexto educacional na localidade. Na dissertação de Silva (2016), intitulada: “Cenas sobre a formação e atuação de professores de Matemática de Paranaíba (MS) na segunda metade do século XX”, a História Oral contribuiu para a construção de cenas que versaram sobre a formação e atuação de professores de Matemática na cidade de Paranaíba. Estas cenas foram compostas a partir de depoimentos de professores que vivenciaram tais processos formativos. Em seu movimento analítico a pesquisadora usou as fontes orais e escritas que ajudaram a escrever seus eixos temáticos: “a gangorra política no estado e a ciranda nas escolas”, “centro x periferias” e “pacientes com curativos que mal cobriam suas feridas”. Estes eixos possibilitaram a autora traçar compreensões sobre como se deram essas formações, apontando a ligação das políticas educacionais à carência e a urgência.

No site do GHOEM<sup>3</sup>, optamos por listar os trabalhos, ordenando-os por autoria e verificamos a listagem um a um, buscando aqueles que fossem mais próximos ao nosso. Dentre 19 trabalhos listados, realizamos uma leitura minuciosa do título e resumo, a partir daí nos foi possível selecionar quatro trabalhos que nos pareceram próximos, fosse quanto à temática ou quanto a aspectos metodológicos. A filtragem proporcionou-nos a leitura da dissertação de Marcelo Bezerra de Moraes (2012), “Peças de uma História: formação de professores de matemática na região de Mossoró (RN)”, a dissertação de Fernando Guedes Cury (2007), “Uma narrativa sobre a formação de professores de Matemática em Goiás”, a tese de Carla Regina Mariano da Silva (2015), “Uma, nove ou dez narrativas sobre as Licenciaturas em Ciências e Matemática em Mato Grosso do Sul” e a tese de Maria Ednéia Martins-Salandim (2012), “A Interiorização dos Cursos de Matemática no Estado de São Paulo: um exame da década de 1960”.

Na dissertação de Moraes (2012), que tem o objetivo de compreender e de construir uma versão histórica de como se deu a formação de professores que atuaram no ensino de Matemática na região de Mossoró (RN), no período da década de 1940 ao ano de 1974, o autor evidencia vários aspectos: econômico, político e cultural da região e educacional no

---

<sup>3</sup> Grupo de História Oral e Educação Matemática – HEMEP - <<http://www.ghoem.org>>

período destacado. A metodologia utilizada foi a História Oral, ela contribuiu com a construção das versões acerca do olhar do pesquisador e dos dados surgidos ao longo da investigação. Esse autor exercita uma escrita diferente, faz uso do cordel e ainda utiliza a metáfora do quebra-cabeça para estruturar sua dissertação. “Essa história” aponta a carência de docentes e o grande número de professores sem formação superior, a criação de cursos aligeirados como a CADES, o curso de capacitação para professores leigos e as Escolas Normais, preocupadas na valorização do conteúdo do que com a formação didática.

A dissertação de Cury (2007) apresenta depoimentos sobre o processo de institucionalização da formação do professor de Matemática no Estado de Goiás, exprime sua versão sobre essa institucionalização e destaca experiências dos professores não formados, a falta de infraestrutura, a ditadura, entre outros. Alguns apontamentos são lançados pelo autor sobre os cursos estudados, da Universidade Católica e da Universidade Federal, nos quais sofreram influências do Instituto de Aeronáutica (ITA) e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro (atual UNESP). Esse trabalho discute ainda sobre o processo de “departamentalização das universidades como uma forma de estriamento do espaço”, o autor opta pela escrita “desta história” por meio de uma narrativa, esboçando os primeiros usos de análise narrativa no grupo de pesquisa GHOEM.

Martins-Salandim (2012) também fez o uso de fontes orais e escritas para realizar sua pesquisa, ouviu professores que participaram do processo de criação e movimentação dos cursos de Matemática no interior do estado de São Paulo. As análises das entrevistas foram conduzidas em dois momentos: singularidades e convergências. A autora buscou compreender a formação de professores em um movimento amplo de criação, instalação e desenvolvimento inicial desses cursos, aponta ainda que os cursos passaram pela falta de infraestrutura e deficiência no quadro de professores. Esses cursos receberam diversas influências de outros existentes tanto nas reestruturações econômicas, políticas, educacionais e profissionais que neles atuaram, o que também pode ser observado em nosso trabalho já que um de nossos interlocutores aponta que a influência do curso foi inspirado pela USP (Universidade de São Paulo).

Encontramos na tese de Silva (2015) uma discussão sobre a formação de professores de Matemática e Ciências no estado de Mato Grosso do Sul (e Mato Grosso, antes da divisão do estado). Seu trabalho enfatiza que os cursos ocorriam de forma precária, muitas vezes improvisada para poder formar professores, surgindo desta forma a preferência por cursos de curta duração. Esta era uma medida de caráter emergencial para responder às demandas da Educação Básica, carente de professores com formação específica. Alguns aspectos são evidenciados como “políticas de formação de professores” como a precarização do trabalho do professor, a má qualidade do ensino ofertado, a oferta de vagas nas escolas apenas para cumprir a exigência de certo percentual da população com acesso à educação, entre outros. Já em nosso trabalho, neste sentido, podemos observar o investimento nos cursos, tanto infraestrutura física da faculdade quanto pedagógica com a intenção de transformar-se em universidade.

Continuando a busca por trabalhos que poderiam estar ligados de alguma forma ao nosso tema, fizemos uma busca no indexador SciELO<sup>4</sup>, utilizando as expressões “constituição de cursos de graduação em matemática” e “graduação em matemática” como filtro, porém houve um grande volume de trabalhos. Percorremos mais rapidamente todos os títulos, na esperança de encontrar algo próximo à nossa pesquisa, como: ensino superior noturno, curso de Matemática no estado de Mato Grosso do Sul, ensino superior em universidade privada etc. Após a seleção nestes diversos trabalhos, selecionamos dois: a dissertação de Eliane Terezinha Tulio Ferronato (2008), “Políticas de Educação Superior e as Universidades Estaduais: um estudo sobre os cursos noturnos da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)” e o artigo “Um Estudo da Criação e Desenvolvimento de Licenciaturas em Matemática na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul”, escrito por Marilena Bittar e Renato Gomes Nogueira (2015).

O texto de Bittar e Nogueira (2015) discute a história das licenciaturas em Matemática da UFMS. Os autores discorrem sobre a criação e o desenvolvimento do curso de Matemática da referida instituição e a extinção dos cursos de licenciaturas curtas e parceladas, passando para o modelo de licenciatura plena. No sentido de política pública, apontam que valeria mais

---

<sup>4</sup> <<http://www.scielo.org>>

ter uma formação aligeirada do que nenhuma formação. Eles mostram ainda o pequeno número de alunos formados no curso ao longo de 30 anos e a pequena inserção de seus egressos na Educação Básica.

Ferronato (2008), por outro lado, descreve em sua dissertação as características do ensino noturno na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) no *campus* de Dourados e a relação com as políticas públicas até o ano de 2006. Alguns aspectos como as políticas educacionais, a instauração de processos neoliberais no Brasil, o ensino noturno, a privatização e a mercantilização da educação superior são mencionados ao longo do seu trabalho. A pesquisadora realiza uma análise das Universidades Estaduais do Centro-Oeste e de como ocorre o ensino noturno em cada uma delas.

Norteados pelas pesquisas já realizadas, construímos nossa própria metodologia de trabalho, dialogando com a literatura existente e com nossos anseios de pesquisa. Muitos outros trabalhos não destacados aqui também somam as leituras realizadas para que se fizesse esta pesquisa. Justamente por não acreditar em uma história única e absoluta (uma história universal), nos apropriamos da História Oral, pois acreditamos que ela nos dá possibilidade de trabalhar em acordo com estas crenças. Nesta pesquisa, primamos por datas e registros documentados (ditos oficiais). Eles foram feixes de luz em nossas buscas, pois junto com as narrativas orais propiciaram a produção de histórias [no plural, uma vez que acreditamos que cada uma das entrevistas é uma história] que compuseram esta pesquisa. Ao final, produzimos uma narrativa, de alguma forma diferenciada, que engloba algumas discussões citadas nas entrevistas, algumas memórias e lembranças desta pesquisadora sobre o curso. É o momento em que tentamos, diretamente, dialogar com referencial teórico, entrevistas e lembranças.

Além do aspecto do mapeamento realizado pelo grupo<sup>5</sup>, já elencado aqui, outro aspecto que nos faz olhar para esse curso é o número de professores no estado formado por ele. São 25 anos desde sua criação, com atividade ininterrupta. O curso de Matemática do CESUP teve início na década de 1990, sendo o único numa instituição privada, vigorando até os dias atuais no período noturno e no sistema presencial na cidade de Campo Grande. Desta confluência de fatores, se deu a escolha do tema, a ausência de pesquisas sobre este curso, a

---

<sup>5</sup> Mapeamento da formação de professores no Brasil e no Mato Grosso do Sul, mais especificamente.

importância do mesmo para a formação de professores da Educação Básica e pelo fácil acesso à instituição e aos professores, sendo eu ex-aluna do curso pesquisado.

### **1.1 Um pouco da minha trajetória**

Ao concluir o Ensino Médio, pairava-me a dúvida de qual curso deveria fazer, que caminho deveria seguir. Devido às dificuldades financeiras e às necessidades familiares, adiei por alguns anos o sonho em ter uma profissão de formação. Os anos seguiram e percebi que já poderia entrar em uma faculdade particular, desta forma, realizei o vestibular na UNIDERP e passei para o curso de Matemática Licenciatura Plena com ênfase em Ciência da Computação. O curso não foi fácil, pois além de conciliar o trabalho com os estudos, havia vários problemas que surgiram ao longo deste período. Sabia que minha formação não poderia parar apenas com a graduação, então nessa percepção, busquei realizar formações e especializações na área. Após as especializações, percebi que ainda não deveria parar, senti a necessidade de realizar um mestrado, foi aí que comecei a participar das avaliações, encontros e seminários oferecidos pelo mestrado em Educação Matemática na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, porém, só fui selecionada na terceira tentativa de ingresso no mestrado.

Após o ingresso, minha intenção inicial de pesquisa, quando do processo seletivo, era analisar a grade curricular do estado de Mato Grosso do Sul, em especial, a disciplina de Raciocínio Lógico, mas esta proposta não estava adequada aos projetos em desenvolvimento no Grupo naquele momento. Após discussões, nosso tema foi se delineando no decorrer das primeiras orientações e disciplinas. No início, hesitei em pesquisar sobre o curso da UNIDERP, porque, como havia sido aluna do curso, acreditava já ter informações suficientes sobre tal universidade e curso, logo pensei que meu trabalho não iria aflorar em mim, uma pesquisadora em formação, a arte de pesquisar. Mas provocada por meu orientador, com a proposta de ir à busca de documentos referentes à abertura do curso na instituição comecei a entrar em contato com alguns ex-professores que ministraram aula no tempo da minha graduação e percebi que desafios estavam começando a surgir – isso me motivou! Então, entendi que poderia haver informações que talvez não estivessem ao meu alcance, que as

questões presentes na abertura do curso e nos seus anos iniciais poderiam ser diferentes daquelas que enfrentei e vivenciei quando fui aluna, seria necessário muito estudo e pesquisa. Motivada por esses desafios, fui à procura dos documentos que compuseram a abertura do curso e/ou seus primeiros anos.

Após contato com a universidade, recebi autorização para iniciar a pesquisa. A partir desse momento, algumas dificuldades surgiram como a busca pelos documentos históricos do curso. Nessa busca, não consegui encontrar nenhum documento histórico tanto na coordenação do curso quanto na coordenação pedagógica. Ao procurar a PROPP (Pró-reitora de Pesquisa e Pós-Graduação), descobri que a maioria dos documentos da instituição havia sido incinerado ou enviado a uma unidade da Anhanguera<sup>6</sup> em Valinhos (SP). Com a ajuda da secretária, após longo período de espera, foi disponibilizada uma caixa contendo alguns documentos escritos que compuseram o curso e que estavam arquivados na UNIDERP Agrárias<sup>7</sup>. Além disso, entramos em contato com pessoas que estavam de alguma forma envolvidas com a abertura e/ou primeiros anos do curso para concederem entrevistas.

Fizemos algumas leituras dos documentos escritos e produzimos fontes a partir de entrevistas. Produzimos dois textos a partir da leitura dos documentos antes da escrita do relatório de pesquisa: *Constituição do curso de Graduação em Matemática da Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (UNIDERP/CESUP): o papel dos documentos oficiais e articulações sobre o projeto de curso*, publicado no XII ENEM – Encontro Nacional em Educação Matemática e *Apontamentos sobre o documento: Processo de Reconhecimento do Curso de Graduação em Matemática da UNIDERP/CESUP*, publicado no III ENAPHEM - Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática.

Esses trabalhos propuseram uma análise mais atenta dos documentos Projeto de Curso e Processo de Reconhecimento, respectivamente, permitindo compreender um pouco mais sobre o curso pelo qual me graduei. Articulamos nesses textos alguns apontamentos como a

---

<sup>6</sup> A Anhanguera Educacional foi criada a partir da fusão de diversas instituições e associações ligadas às redes de ensino.

<sup>7</sup> A UNIDERP possui dois *campus* em Campo Grande, a UNIDERP centro, onde ficam a maioria dos cursos e a UNIDERP Agrárias, distante a 10 km do centro da cidade, onde fica o *campus* de Ciências Biológicas, da Agrárias e da Saúde.

transição de Centro de Ensino (CESUP) para Universidade (UNIDERP) na mesma época da criação do curso de Matemática. Com o interesse em se tornar universidade, a instituição aumentou o número de cursos de graduação em licenciaturas e a aprovação do curso de Matemática contribuiu no processo de transição. Esses documentos discorrem também sobre a antiga habilitação do curso de “Bacharelado”, mas que não persistiu, restando apenas a “Licenciatura com Ênfase em Ciência da Computação”. Atualmente é denominado somente “Curso de Matemática” com habilitação em “Licenciatura em Matemática” com duração de seis semestres. A grade curricular da época aponta uma semelhança nos dois primeiros anos da licenciatura e do bacharelado, após este período cada curso possui disciplinas específicas.

Além dessas questões, a falta de professores formados em Matemática para lecionar no Estado de Mato Grosso do Sul é outro apontamento dos documentos, bem como a preocupação em formar professores aptos a utilizar o computador em suas atividades docentes.

Esses documentos também subsidiaram a elaboração dos roteiros das entrevistas e a escolha de algumas pessoas entrevistadas: um ex-aluno, três ex-professores, o antigo reitor e uma ex-coordenadora, também professora do curso. Além dessas narrativas, contamos com a subjetividade desta pesquisadora que é também uma egressa do curso. Para lidar com isso, optamos justamente pelo movimento contrário ao de outras pesquisas - que buscam isentar a pesquisa da subjetividade de seus autores -, na produção de uma narrativa histórica sobre o curso (presente no Capítulo III deste trabalho) em que o fio condutor é justamente a memória desta depoente não entrevistada, mas indelevelmente presente em toda a pesquisa.

De forma sintética, o nosso objetivo nesta pesquisa<sup>8</sup> foi elaborar uma história da constituição do curso de Graduação em Matemática da Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (UNIDERP/CESUP). Para isso, delineamos alguns objetivos específicos: evidenciar a formação dos professores que atuaram no início do curso e possíveis influências da formação na estruturação do curso; analisar os documentos históricos, evidenciando o funcionamento do curso, de forma geral; produzir fontes históricas a respeito

---

<sup>8</sup> Esta pesquisa contou com o financiamento da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

do início do curso a partir de entrevistas com professores, alunos e reitor da época e identificar os motivos que influenciaram (ou motivaram) a abertura do curso.

Os objetivos foram também norteados pelas seguintes questões: O que influenciou e motivou a abertura do curso? Quais seus principais desdobramentos? Quais eram as políticas referentes à educação superior na década de 1990? Qual a formação dos professores que atuaram neste curso? Como ocorriam as aulas? Quais documentos existentes desde sua criação?

Após o exame de qualificação, as contribuições apontadas pela banca propuseram momentos de reflexão sobre aspectos que não tínhamos observado. Discutimos sobre alguns pontos e acordamos sobre a reorganização do texto que englobasse alguns desses apontamentos. O capítulo metodológico foi readequado como último capítulo deste texto e o capítulo analítico complementado no intuito de ampliar a interlocução com outras referências. Dividimos o trabalho em quatro partes, sendo que o Capítulo I faz uma breve introdução ao trabalho, contando sobre o movimento inicial da constituição do projeto de pesquisa que subsidiou este trabalho e apresenta um pouco das nossas perspectivas e do movimento no qual nos apropriamos.

No Capítulo II, apresento os dados produzidos neste trabalho, eles subsidiam as análises do capítulo posterior. Em um dos tópicos apresento os documentos que utilizei e trago uma breve leitura deles. Em outro tópico trago, na íntegra, as textualizações geradas a partir das entrevistas, no total de seis, realizadas com o professor Samuel<sup>9</sup>, professora Iara (com a participação do professor Joaquim), professor Carlos, o professor Paulo, a professora Helena e o professor Eduardo.

No Capítulo III trago uma discussão das minhas lembranças enquanto aluna do curso, realizando uma articulação com os documentos e depoimentos dos entrevistados.

---

<sup>9</sup> Neste trabalho, diferentemente do que é usual na história oral, optamos, com anuência da banca examinadora, por questões éticas e de preservação dos nossos depoentes, em manter seus nomes no anonimato, desta forma, apresentamos aqui nomes fictícios para todos eles. As cartas de cessão, assinadas por todos os depoentes também não constam no corpo do trabalho, mas foram devidamente assinadas, apresentadas à banca examinadora e arquivadas.

No último capítulo deste trabalho são abordadas as questões metodológicas, a busca pelos documentos e entrevistados, a organização dos documentos e a captura das imagens, a elaboração do roteiro das entrevistas, a realização de entrevistas e alguns procedimentos como a transcrição, a textualização e carta de cessão. Optamos por trazer este capítulo mais ao final do trabalho, pois ele apresenta e discute tudo que foi feito ao longo deste texto, em uma linguagem bastante confessional.

Por fim, apresento algumas considerações que me são possíveis fazer ao final deste processo.

## Capítulo II – Dados Produzidos

Este capítulo está dividido em dois subtópicos. O primeiro (2.1) contempla os documentos fornecidos pela instituição e o segundo (2.2) as textualizações a partir de entrevistas que foram produzidas com nossos parceiros de pesquisa.

### 2.1 Documentos

Foi disponibilizada pela instituição uma caixa de arquivos para nossa consulta com diversos documentos referentes ao curso de Matemática. Organizamos e separamos os documentos, posteriormente, listamos e digitalizamos (por meio de fotografia) todos eles. Esse processo somente foi possível ser realizado dentro da instituição, porque não podiam ser retirados do estabelecimento, uma vez que os responsáveis pela instituição não autorizaram a sua remoção.

Traremos, na sequência, uma listagem em ordem alfabética desses documentos. Ressaltamos que a disponibilização na íntegra dos documentos será feita por meio de um dossiê disponível na página do Grupo de Pesquisa<sup>10</sup>. Observamos todos eles atentamente e nos pusemos a analisá-los na medida do possível.

Quadro 1: Documentos disponíveis na caixa de arquivo

Documento	Data
Ata	02-03-1996
Ata	13-02-2001
Ata	04-02-2003
Ata	19-02-2003
Ata 001 UNIDERP	28-02-2000
Ata 002 UNIDERP	27-03-2000
Ata 003 UNIDERP	27-04-2000
Ata 004 UNIDERP	18-05-2000
Ata 005 UNIDERP	19-06-2000

<sup>10</sup> Nos últimos anos, temos adotado no grupo a política de, além do trabalho, constituir um dossiê disponível a outros pesquisadores com todo o material relevante a temática desta pesquisa que pudemos encontrar ao longo da investigação. Isso é interessante, visto que muitos deles não foram efetivamente mobilizados neste trabalho, mas podem trazer importantes contribuições para outras pesquisas. ([www.hemep.org](http://www.hemep.org))

Ata 007 UNIDERP	17-10-2000
Autorização	Sem data
Avaliação do curso	1994
Competências e habilidades	Sem data
Convite da UFMS	07-08-2002
Corpo docente com 42 nomes	Sem data
Eleição do Colegiado 1998	30-09-1998
Ficha de Avaliação para cumprimento do artigo 11 da Resolução 03/91	Sem data
Grade Curricular	2001
III Semana da Matemática	1995
Parecer CNE/CES 1.302/2001	06-11-2001
Parecer CNE/CP 09/2001	08-05-2001
Parecer CNE/CP 21/2001	06-08-2001
Parecer CNE/CP 27/2001	02-10-2001
Parecer CNE/CP 28/2001	02-10-2001
Processo de Reconhecimento	Sem data
Programa de Atividades	2003
Projeto de Curso	11-11-1991
Quadro Docente	2001
Quadro Docente	2002
Quadro Docente	2003
Quadro Docente	08/1996
Quadro Docente - 50 nomes	Sem data
Reconhecimento	Sem data
Relatório do I SEMAC	Sem data
Resolução 001/MAT/2000 UNIDERP	21-03-2000
Resolução 002/MAT/2005 UNIDERP	14-12-2005
Resolução CNE/CP 1	18-02-2002
Resolução CNE/CP 2	19-02-2002

Fonte: Arquivos da pesquisa.

Optamos por descrever alguns desses documentos no corpo do trabalho, conforme apresentamos a seguir.

A **Ata do dia dois de março de 1996** refere-se à reunião de professores do curso de Matemática com a chefe do Departamento de Ciências Exatas (professora Iraci Cazzolato

Arnaldi<sup>11</sup>). A produção acadêmica de tal departamento foi destacada na descrição dessa ata em que também argumenta que cada professor, para melhoria da aula, programe a própria metodologia adequando os conteúdos. O aumento do número de monitores por disciplina também foi assunto descrito na ata. O item sobre capacitação discorre que não houve cursos, neste sentido, no Departamento de Ciências Exatas, mas foram oferecidas palestras e seminários e vários professores participaram de capacitações para professores de primeiro e segundo graus, oferecidos pelas secretarias de ensino, neste mesmo item abordam sobre a existência de um convênio criado com a UCDB<sup>12</sup> e a SOCIGRAN<sup>13</sup> para cursos de capacitação de professores.

Sobre o Laboratório de Matemática (MEL), o documento descreve que tal espaço, além de atender os acadêmicos da Matemática, deveria atender ainda às secretarias de ensino do estado e municípios. É escrito também no documento sobre a responsabilidade da Coordenação de Extensão e Pesquisa ao encaminhar os acadêmicos para estágio supervisionado e estágios em empregos quaisquer. Ao observarmos a ata, nos parece constar ali respostas ou temáticas evidenciadas em outras reuniões ou não apresentadas nesse documento, porém não foi possível verificar esta questão, pelo fato de não termos a ata da reunião anterior disponível para nossa consulta.

O documento **Eleição do colegiado**, datado em 30 de setembro de 1998, descreve o resultado da eleição para coordenador do curso de Matemática com ênfase em Ciência da Computação, tendo como eleita a professora Iraci (16 votos discentes e 12 votos docentes). Esse documento é direcionado ao chefe do Departamento de Ciências Exatas e Tecnológicas, professor Celso Correia de Souza<sup>14</sup>, assinado pelos membros da comissão eleitoral: professor Osvaldo Vargas Jacques<sup>15</sup>, professor Luiz Carlos da Silva<sup>16</sup> e professora Ana Maria Selingardi

---

<sup>11</sup> Graduada em Matemática - licenciatura plena (1975) pela Universidade do ABC. Graduada em Pedagogia - licenciatura plena (1988) pela Universidade de Franca. Especialista em Ensino de Ciências/Matemática (1993) pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e Universidade Católica Dom Bosco. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (1997).

<sup>12</sup> Universidade Católica Dom Bosco.

<sup>13</sup> Sociedade Civil de Educação da Grande Dourados, atual UNIGRAN.

<sup>14</sup> Doutor em Engenharia Elétrica pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP (1994). É professor aposentado pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus de Três Lagoas, MS.

<sup>15</sup> Graduado (1993) em Ciência da Computação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), mestre em Informática pela Universidade Federal do Paraná (2003) e doutor em Ciências pelo Instituto de Física

Pinto de Arruda<sup>17</sup>. A lista, contendo nome e assinatura dos professores votantes consta como anexo a este documento. A relação possui o nome de 12 professores e uma listagem com um total de 44 alunos.

A **Ata de 13 de dezembro de 2001** consta a apuração de votos e o resultado da eleição para coordenação do curso de Matemática. De acordo com o texto do documento: 12 professores compareceram para votação e os 12 votos foram direcionados à professora Iraci. Essa Ata descreve o horário de início e término das eleições, ocorridas apenas no período noturno, consta também o nome dos integrantes da comissão eleitoral e em anexo uma lista de nomes de todos os professores votantes, seguido das assinaturas dos que compareceram. No total são 13 nomes, mas somente 12 assinaturas.

A **Ata do dia 04 de fevereiro de 2003** registra o comparecimento da professora coordenadora Iraci, o professor Antonio Sales o professor Jarbas Antônio Guedes à primeira reunião, realizada pelo colegiado do curso de Matemática. Essa ata descreve que a reunião foi realizada no Laboratório de Matemática, às 11h, com aprovação dos eixos temáticos (não foram citados quais são os eixos) e da integração de um novo professor: Paulo Roberto Campos Rodrigues Junior.

A **Ata do dia 19 de fevereiro de 2003** tem como assunto principal a disciplina Tópicos Especiais de Matemática II. Uma ata que descreve a segunda reunião do colegiado sobre a programação desta disciplina, com início em 08 de março e término em 07 de julho deste mesmo ano. Além deste assunto, a pauta relata que houve uma discussão do histórico dos alunos inscritos no Provão 2003. O anexo a esta ata mostra uma planilha detalhada da programação para o primeiro semestre. Na planilha são descritas várias disciplinas e o período/dia do oferecimento, como: Geometria Plana e Espacial, Cálculo Diferencial e Integral, Variáveis Complexas, Equações Diferenciais, Probabilidade e Estatística, Análise

---

de São Carlos da Universidade de São Paulo (2014). É professor assistente da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

<sup>16</sup> Mestre em Engenharia de Produção pela Universidade Metodista de Piracicaba (2006). Professor voluntário (colaborador) e analista de tecnologia da informação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Professor do curso da FATEC/SENAI no curso de Tecnologia em Processos Gerenciais.

<sup>17</sup> Mestre em Física pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2001). Atualmente é professora da Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal.

Matemática, Resolução de Problemas e Educação Matemática. No registro desse documento, a reunião do conselho ocorreu no Laboratório de Matemática contou com a assinatura da professora Iraci, do professor Antonio Sales e do professor Jarbas, porém teve a ausência do acadêmico representante.

Como podemos observar na organização do quadro sobre os documentos, o documento “**Autorização**” não é datado. Este documento discorre sobre a acolhida da carta-consulta apresentada pelo Centro de Ensino Superior Professor Plínio Mendes dos Santos para criação do curso de Matemática - licenciatura e bacharelado com 100 (cem) vagas anuais. O assunto descrito no documento da “**Autorização**” trata-se do exame do Projeto do Curso de Matemática a ser ministrado.

O documento “**Avaliação do curso**” não apresenta a data específica de sua elaboração, porém assinala ser do ano de 1994. Ele discorre sobre o nome do curso: Matemática com ênfase em Ciência da Computação, habilitação: licenciatura plena em Matemática, bacharelado em Matemática com ênfase em Ciência da Computação. Além disso, contém a apresentação do curso, infraestrutura, descrição dos laboratórios, perfil profissiográfico do curso, currículo pleno do curso e bibliografia das disciplinas.

No corpo do documento **Competências e Habilidades** do formando em Matemática, apresenta-se 19 competências e habilidades gerais e 12 específicas. Essas competências e habilidades são relativas ao perfil dos formandos, obedecendo às Diretrizes Curriculares Nacionais.

A carta **Convite da UFMS** refere-se a um convite da diretoria da SBEM-MS para o I Fórum Regional das Licenciaturas de Mato Grosso do Sul com realização em 17 de agosto de 2002. Assim, convida o coordenador do curso de Matemática juntamente com um representante docente do curso para participar do evento.

O documento **Corpo docente**, com suas folhas amareladas e timbradas como CESUP, não é datado e constam 42 nomes de docentes, todos organizados em uma tabela: nome do docente, disciplina a lecionar e titulação. As duas primeiras folhas discorrem sobre o curso de

Matemática com ênfase em Ciência da Computação, argumentando sobre o bacharelado e sobre a licenciatura. Neste documento de 1991, o quadro curricular:

[...] está calcado no seguinte trinômio: Matemática, Ensino e Computação. Este quadro não só se ajusta às comprovadas necessidades atuais do mercado de trabalho em Matemática e Computação, em nível superior, mas também as inevitáveis transformações que este campo atravessa (CESUP, 1991, p.1).

Outro documento parecido com o apresentado acima é o quadro de docentes que contém 50 nomes de professores com descrição do nome completo, disciplina a lecionar e titulação. Observamos que alguns desses nomes se repetem no quadro contido no documento anterior.

O documento **Processo de Reconhecimento** contém um histórico da entidade mantenedora, condição jurídica, situação, recursos, regimento, dados do curso de Matemática, justificativa, perfil, objetivos, características, objetivos, recursos disponíveis, currículo pleno do curso, corpo discente (evolução das inscrições e matrículas) e corpo docente. O **Projeto de Curso** descreve informações referentes aos dados de identificação do curso como: título, número de vagas, número de turmas, turno, tempo para integralização, documento legal sobre o curso, justificativa, cursos e currículos plenos, corpo docente: nome do professor e disciplina e bibliografia básica do curso. Este documento, com 55 páginas, data do dia **11 de novembro de 1991**, possui uma cópia com várias marcações realizadas a lápis.

A apresentação da **Grade Curricular do curso**, no ano de 2001, descreve o nome das disciplinas e carga horária: teórica, prática, total e semestral. Tal documento é timbrado com o símbolo da UNIDERP, aprovado pela Resolução 121 CONEPE<sup>18</sup>/2000 no dia 20 de dezembro de 2001 pela secretária dos colegiados superiores: Odila Maria Piva.

Timbrado no papel do CESUP, o documento sobre a **III Semana da Matemática** é um relatório no qual descreve sobre a cerimônia do evento, ocorrida no dia 7 de novembro de 1995. Neste relatório, fica evidente a participação do professor Pedro Chaves na fala de abertura do evento, ressaltando a importância da Matemática no cotidiano, bem como no Departamento de Ciências Exatas e funcionamento dos demais departamentos do CESUP. É

---

<sup>18</sup> Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão.

descrito também que a fala do professor Pedro Chaves teve como ponto forte o incentivo à permanência dos alunos no curso “seja para tornarem-se professores de Matemática, seja para atuarem como analistas de sistemas” (CESUP, 1995). Conforme o texto descrito na ata, alguns dos palestrantes argumentaram a respeito da formação e da atuação de professores de Matemática, outros professores falaram sobre a Matemática Aplicada, outros sobre Matemática Pura. Pela descrição contida no documento, houve participação dos alunos que realizaram perguntas sobre formação e atuação dos professores. Sugestões são apontadas para uma melhoria no evento posterior.

Está descrito no **Parecer CNE/CS N° 1302/2001** aprovado em 6 de novembro de 2001 sobre as Diretrizes Curriculares para cursos de Matemática, bacharelado e licenciatura. O **Parecer CNE/CP N° 27/2001** aprovado em 2 de outubro de 2001, trata de uma alteração da redação do Parecer CNE/CP N° 9/2001. O **Parecer CNE/CP N° 009/2001** aprovado em 8 de maio de 2001, aborda as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação dos professores da Educação Básica em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. O **Parecer CNE/CP N° 21/2001** aprovado em 6 de agosto de 2001, discute a duração e carga horária dos cursos de formação de professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. O **Parecer CNE/CP N° 28/2001** aprovado em 2 de outubro de 2001, versa sobre a nova redação do Parecer CNE/CP 21/2001 que estabelece a duração e a carga horária dos cursos da formação de professores da Educação Básica em nível superior, curso de licenciatura e de graduação plena.

O **Relatório do I SMAC** está timbrado como CESUP, mas não está datado. Este documento relata sobre o evento da I Semana da Matemática e Ciência da Computação, realizada de 15 a 19 de novembro do ano de 1993, com o oferecimento de minicursos e palestras de professores da UFMS, MACKENZIE e UNESP. O relatório foi assinado pela professora coordenadora Maria das Graças Bruno Marietto<sup>19</sup>.

O **Quadro Docente de 2001/2002/2003**, cada um organizado em uma planilha, informa o nome dos professores, a disciplina, o semestre, a turma e o total de aulas. Esse

---

<sup>19</sup> Maria das Graças Bruno Marietto é formada em Matemática pela Universidade Católica Dom Bosco (1986) de Campo Grande, MS. Mestre em Engenharia de Sistemas e Computação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1990) e doutora pelo Instituto Tecnológico de Aeronáutica (2000).

quadro é assinado pela professora Iraci e contém diversas marcações/anotações. O **Quadro de Professores de 1996** é organizado em uma planilha que dispõe o nome, qualificação, disciplina e carga horária dos professores.

O **Programa de Atividades** refere-se à Semana Pedagógica do ano de 2003 em que consta uma planilha organizada com o dia da semana, horário, atividades e nome dos professores.

Durante a análise dos documentos impressos, algumas informações - números de pareceres - contribuíram para continuarmos a pesquisar pelos documentos na internet. Os documentos disponíveis na internet são:

Quadro 2: Documentos disponíveis na internet

Documento	Data
D.O.U. página 13	03-07-1992
D.O.U. página 14	03-07-1992
Parecer 567/92 Curso de Geografia, licenciatura plena e bacharelado	12-11-1992
Parecer 568/92 Curso de Letras, licenciatura plena com habilitação Português/inglês respectivas literatura e bacharelado com ênfase em Tradutor e Intérprete	12-11-1992
Parecer 370/93 Curso de Administração	03-06-1993
Parecer 504/93 Curso de Agronomia	21-08-1993
Parecer 702/93 Curso de Engenharia Civil	11-11-1993
Parecer 703/93 Curso de Engenharia Elétrica	11-11-1993
Parecer 298/94 Curso de Ciência da Computação	06-04-1994
Parecer 749/94 Curso de Ciências Biológicas, licenciatura plena e bacharelado, com ênfase em Ciências Ambientais	04-08-1994
Parecer 750/94 Curso de Matemática, licenciatura plena e bacharelado, com ênfase em Ciência da Computação	04-08-1994
Projeto Pedagógico do Curso	2015

Fonte: Arquivos da pesquisa.

Verificamos que o curso foi idealizado pelo CESUP na mesma época em que se tramitava documentos para o reconhecimento e passagem de Centro de Ensino para Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (UNIDERP).

O **Parecer nº 126/92 do Conselho Federal de Educação** informa o reconhecimento como universidade, aprovado em 03 de julho de 1992 e publicado no D.O.U. em 03/07/1992:

Nos termos e para efeitos do artigo 14 do Decreto-lei nº 464, de 11 de fevereiro de 1969, o Ministro do Estado da Educação HOMOLOGA o Parecer do Conselho Federal de Educação nº 126/92 – favorável à implantação do Projeto da Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal – UNIDERP, mantida pelo Centro de Ensino Superior de Campo Grande – CESUP, com sede na cidade de Campo Grande, Estado de Mato Grosso do Sul, não podendo a Instituição usar o nome de Universidade até que ocorra o ato formal do seu reconhecimento como tal; e a aprovação dos projetos dos cursos de Matemática, Licenciatura Plena e Bacharelado, com ênfase em Ciência da Computação e Ciências Biológicas, Licenciatura Plena e Bacharelado, com ênfase em Ciências Ambientais, ambos com 60 (sessenta) vagas anuais a serem oferecidas em 1992 e ministrados pelo Centro de Ensino Superior Professor Plínio Mendes dos Santos, mantido pelo Centro de Ensino Superior de Campo Grande, com sede na cidade de Campo Grande, Estado de Mato Grosso do Sul. (Processo nº 23001.000086/90-87). (D.O.U. de 03/07/92, p.8581 – 82).

Disponível na internet, verificamos o **Parecer 750/94**, aprovado em 04 de agosto de 1994, que reconhece o curso de Matemática, licenciatura plena e bacharelado, com ênfase em Ciência da Computação, ministrado pelo Centro de Ensino Superior Professor Plínio Mendes dos Santos (CESUP).

As grades curriculares disponíveis nesses documentos tanto para licenciatura, quanto para bacharelado, seguem abaixo:

Quadro 3: Disciplinas oferecidas no curso de licenciatura em Matemática nas 4 (quatro) séries.

1ª série		3ª série	
Disciplinas	Horas Aula	Disciplinas	Horas Aula
Fundamentos de Matemática Elementar	144	Linguagem de Programação	144
Cálculo Diferencial e Integral I	144	Probabilidade e Estatística	144
Geometria Analítica e Vetores	144	Cálculo Numérico	144
Introdução à Ciência da Computação	144	Desenho Geométrico e Geometria Descritiva	72
Língua Portuguesa	72	Física Geral e Experimental II	72
Inglês Instrumental	72	Psicologia da Educação	144
Estudos de Problemas Brasileiros	72		
Educação Física	72		
<b>Total</b>	<b>864</b>	<b>Total</b>	<b>720</b>
2ª série		4ª série	
Disciplinas	Horas Aula	Disciplinas	Horas Aula
Cálculo Diferencial e Integral II	144	Programação C	144

Física Geral e Experimental I	144	Álgebra Moderna	144
Álgebra Linear	144	Computação Para o Ensino de Matemática	72
Softwares Aplicativos	144	História da Matemática	72
Geometria Euclidiana	72	Matemática Financeira	72
Estrutura e Funcionamento de Ensino do 1º e 2º Graus	72	Didática	72
		Prática de Ensino de Matemática	144
<b>Total</b>	<b>720</b>	<b>Total</b>	<b>720</b>

Fonte: CESUP, Processo de Reconhecimento, p. 12-13 (adaptado pelo autor).

Quadro 4: Disciplinas oferecidas no curso de bacharelado em Matemática com ênfase em Ciência da Computação nas 4 (quatro) séries.

1ª série		3ª série	
Disciplinas	Horas Aula	Disciplinas	Horas Aula
Fundamentos de Matemática Elementar	144	Probabilidade e Estatística	144
Geometria Analítica e Vetores	144	Cálculo Numérico	144
Cálculo Diferencial e Integral I	144	Física Geral e Experimental II	72
Introdução à Ciência da Computação	144	Organização e Métodos	72
Língua Portuguesa	72	Engenharia de Software	144
Inglês Instrumental	72	Linguagem de Programação	144
Estudos de Problemas Brasileiros	72		
Educação Física	72		
<b>Total</b>	<b>864</b>	<b>Total</b>	<b>720</b>
2ª série		4ª série	
Disciplinas	Horas Aula	Disciplinas	Horas Aula
Cálculo Diferencial e Integral II	144	Administração	72
Física Geral e Experimental I	144	Contabilidade Geral	72
Álgebra Linear	144	Sistemas Operacionais e Redes de Computadores	144
Estrutura de Dados	144	Programação C	144
Softwares Aplicativos	144	Banco de Dados	72
		Gerenciamento de CPD	72
		Projeto e Desenvolvimento de um Sistema	144
<b>Total</b>	<b>720</b>	<b>Total</b>	<b>720</b>

Fonte: CESUP, Processo de Reconhecimento, p. 14 (adaptado pelo autor).

De acordo com os documentos encontrados, analisando o **Processo de Reconhecimento e Projeto de Curso**, percebemos uma semelhança nas disciplinas ofertadas no primeiro ano, tanto da licenciatura quanto do bacharelado. No segundo ano, a disciplina Estrutura de Dados (144 horas) é ofertada no bacharelado, mas não é ofertada na licenciatura em que são oferecidas as disciplinas Geometria Euclidiana e Estudos e Funcionamento de Ensino de 1º e 2º graus, ambas com 72 horas. No terceiro ano, a licenciatura oferece duas disciplinas que não são contempladas no bacharelado, sendo: Desenho Geométrico e Geometria Descritiva (72 horas) e Psicologia da Educação (144 horas), mas no bacharelado também são oferecidas duas disciplinas não presentes na licenciatura, são elas: Organização e Métodos (72 horas) e Engenharia de *Software* (144 horas). No quarto ano, somente uma disciplina é comum ao bacharelado e à licenciatura: Programação C (144 horas), as demais, são específicas de cada área. Percebemos a intenção do direcionamento para a formação específica das áreas em que aparecem as disciplinas voltadas à prática da tecnologia e à programação de computadores, no bacharelado e as disciplinas para formação de professores, na licenciatura.

Por sugestão da banca de avaliação do trabalho, buscamos informações sobre o movimento de criação, implantação e/ou reconhecimento da universidade e/ou curso na **Revista Documenta**, no entanto, sem êxito. Não encontramos outro periódico que trouxesse os dados dos cursos de nosso estado.

## 2.2 Narrativas

### 2.2.1 Entrevista realizada com o professor Samuel

*A entrevista com o professor Samuel ocorreu no dia 08 de novembro de 2015, às 14h, em uma sala da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) em Campo Grande (MS). Teve duração de aproximadamente 43 minutos. O professor Samuel foi meu professor, na época da graduação. Entrei em contato e, ele prontamente, aceitou o convite para a entrevista que contribuiu na realização desta pesquisa. Graduado em Matemática pela Universidade Católica Dom Bosco, mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e doutor em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, atualmente docente sênior da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul e professor da Universidade Anhanguera UNIDERP.*

**Renata (R):** Hoje, dia 08 de novembro de 2015, às 14 horas, estamos reunidos na sala da UEMS, eu, Renata Aparecida Zandomenighi, mestranda do curso de Pós-Graduação em Educação Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e o professor doutor Samuel para realizarmos a entrevista relacionada à pesquisa de mestrado, por mim conduzida, sobre o curso de graduação em Matemática do CESUP/ UNIDERP.

Muito obrigada pela presença, professor. Inicialmente quero agradecer por aceitar o convite para participar da nossa pesquisa ao conceder esta entrevista. Certamente ela nos trará valiosas contribuições. Para iniciar, gostaria que o senhor se apresentasse.

**Prof. Samuel (S):** Sou o professor Samuel, trabalhei 15 anos na UNIDERP e nove anos na UEMS. Trabalhei durante um tempo na Educação Básica: Ensino Fundamental e Médio da rede estadual, municipal e particular de ensino. Estou completando 43 anos de trabalho no magistério. Sou paulista de nascimento, porém vim parar no Mato Grosso<sup>20</sup> aos 14 anos de idade, naquele tempo era Mato Grosso e permanece até hoje. Viemos pela região de Dois Irmãos do Buriti<sup>21</sup>, fomos os fundadores daquela região e depois ficamos circulando pelo Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e há 40 e poucos anos, mais ou menos, estou em Campo

---

<sup>20</sup> Antes da criação do Mato Grosso do Sul, todo o território era denominado Mato Grosso.

<sup>21</sup> Essa cidade está localizada no estado de Mato Grosso do Sul, distante 120 km da capital e estima uma população de 10.362 habitantes (IBGE, 2010).

Grande (MS). Adquiri a maior parte da minha experiência como professor aqui. Se bem que eu comecei meu trabalho como professor na zona rural do pantanal<sup>22</sup> sul-mato-grossense, lá em Corumbá<sup>23</sup>. Trabalhei dois anos em uma escola da zona rural, classe multisseriada<sup>24</sup> e depois fui professor leigo numa região que ninguém queria ir, portanto eles me aceitavam mesmo sem formação. Depois vim para Campo Grande (MS), não vim sozinho, vim com a minha família, meu pai, meus irmãos, naquele tempo era jovem ainda. Saí de Campo Grande (MS), mas após algum tempo retornei, vindo do interior paulista, região de Tupã<sup>25</sup> agora casado e com a família. Não sei se vir para cá foi uma escolha, muita coisa na vida não é escolha, não é?

Às vezes é o que sobra para você em determinado momento na vida, para que você se estabeleça e aí você faz a sua vida também. Campo Grande (MS) na década de 1990? Governo? Economia? Não sei dizer, mas Campo Grande (MS) sempre foi uma região da pecuária. Uma região de pecuária não muito diferente de hoje, que ainda continua. Por aqui, hoje, a região é de soja também. Naquele tempo, além da pecuária, tinha também muita lavoura familiar, que era arroz, feijão, milho. Cultivavam nas imediações de Campo Grande (MS), mas não mudou muito. Questão política: naquele tempo era ligada a Mato Grosso. Ela era a segunda cidade do estado de Mato Grosso. Existia certa “rixa” entre Campo Grande e Cuiabá<sup>26</sup>, porque dizia-se que tudo era demorado para chegar de Cuiabá até aqui, mas eu penso que não. Acontecia como acontece hoje. Aqui tudo é demorado mesmo, não é? Na política, a primeira vez que vim para Campo Grande (MS), época em que Pedro Pedrossian<sup>27</sup>

---

<sup>22</sup> Ocupa grande parte do Estado de Mato Grosso do Sul e é considerada uma das maiores planícies de sedimentação do mundo.

<sup>23</sup> Considerada a cidade mais antiga do estado de Mato Grosso do Sul, município de fronteira entre o Brasil, o Paraguai e a Bolívia, com população de 108.656 habitantes (IBGE, 2015), distante 420 km da capital.

<sup>24</sup> Uma forma de organização de ensino na qual o professor trabalha, na mesma sala de aula, com várias séries do ensino fundamental simultaneamente, tendo de atender a alunos com idades e níveis de conhecimento diferentes.

<sup>25</sup> Atualmente chamada Alta Paulista, localizada no estado de São Paulo. Possui cerca de 75.000 habitantes, conforme levantamento realizado pela UNESP de Tupã em 2015. A distância entre Tupã e São Paulo é cerca de 450 km.

<sup>26</sup> Capital do estado de Mato Grosso, fundada em 1719. Segundo IBGE (2016), a capital possui cerca de 585.367 habitantes.

<sup>27</sup> Político brasileiro do estado de Mato Grosso do Sul, foi governador de Mato Grosso do Sul. Em suas administrações foram criadas a Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), sediada em Cuiabá, a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), sediada em Dourados e a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), com sede em Campo Grande (MS).

assumiu o governo de Mato Grosso pela primeira vez, ele concorreu com Lúdio Martins Coelho<sup>28</sup>. Lúdio perdeu e Pedrossian assumiu o governo.

O cenário educacional da época?... A cidade era bem menor que agora. A UNIDERP não existia. Existia a MACE<sup>29</sup>, que era uma sala, uma escola pequena ali perto de onde hoje é o mercado<sup>30</sup>. Aí, depois, a MACE ficou lá em cima, onde é agora, foi crescendo e só mais tarde apareceu a UNIDERP. Mas, em 1990, a UNIDERP já existia por nome de CESUP. Eu não sei dizer quando que a UNIDERP, o CESUP começou. Sei que em 1990 já estava o CESUP lá. Eu comecei a trabalhar lá em 1994.

Sobre a formação: sou licenciado em Matemática pela UCDB, naquele tempo FUCMAT<sup>31</sup>, ficava na Avenida Mato Grosso, esquina com a Calógeras, ali entre as ruas 13 de maio e a 14 de julho, perto do centro. Fiz especialização em Educação Matemática na UFMS. Primeiro curso em Educação Matemática que aconteceu. Fiz mestrado em Educação e fiz doutorado em Educação também pela UFMS. Na especialização, no mestrado e no doutorado, meu orientador foi o mesmo, o professor Luiz Carlos Pais<sup>32</sup>. Ele entrou nas três etapas, teve muita paciência comigo! Onde eu atuei? Eu comecei minha vida profissional no pantanal mato-grossense, depois sul-mato-grossense. Eu trabalhei em escolas particulares, confessionais, depois, no segundo semestre de 1978, entrei em escola pública. Quando foi criado o estado de Mato Grosso do Sul, eu estava com dois meses e pouco de trabalho no estado. Em 1979, o novo governador tomou posse e criou uma comissão para estudar o que fazer com os funcionários que estavam convocados no estado, então resolveram efetivar esses funcionários. Eu fui efetivado com 22 horas sem concurso, sendo que estava há dois meses e pouco. Então, antes fui efetivado sem concurso, era formado em licenciatura curta em Ciências Exatas e ingressaria em breve no curso de complementação para licenciatura plena

---

<sup>28</sup> Foi agropecuarista, prefeito de Campo Grande, senador por Mato Grosso do Sul e presidente do Banco Agrícola na cidade de Dourados.

<sup>29</sup> Moderna Associação Campo-Grandense de Ensino.

<sup>30</sup> Mercado Municipal Antônio Valente, localizado em Campo Grande (MS).

<sup>31</sup> Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso.

<sup>32</sup> Licenciado em Ciências Naturais (1977) e em Matemática pela Universidade Federal do Pará (1980). Possui mestrado em Matemática pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1984) e doutorado em Educação Matemática pela Universidade de Montpellier (1991).

em Matemática. Naquele tempo era o seguinte: a gente fazia a licenciatura curta, dois anos e meio, depois fazia mais um ano e meio para complementação. O período entre a minha formação de licenciatura curta e o início da complementação durou um ano e meio, porque não havia alunos em quantidade suficiente para fazer, então não dava turma para começar o curso de complementação. Nós saíamos preparados, habilitados a lecionar Matemática e Ciências no ensino fundamental. Depois íamos fazer a licenciatura plena, então fiquei um ano e meio só trabalhando, quando deu turma, abriu um curso de complementação e podíamos escolher entre Biologia e Matemática, fiz em Matemática. Então, foi nesse período que eu estava esperando uma oportunidade. Quando terminei de me formar em licenciatura plena, teve um concurso no estado, passei e entrei pelo concurso, aí eu tinha dois cargos no estado: um cargo efetivado e outro efetivo. Mais tarde, fiz um concurso na Rede Municipal, mais por curiosidade, passei em primeiro lugar, mas não quis assumir. Fui lá e desisti, fui para o último lugar. Eu não queria assumir na Rede Municipal de Ensino. Fiz amizade com uma professora que trabalhava na Secretaria Municipal de Educação, ela me convidou para substituir um professor da Rede Municipal de Ensino que ia tirar licença. Eu tinha 40 horas no estado, mas eles precisavam, faltava gente, então fui substituir. Substituí um tempo lá, acho que seis meses, aí começou meu vínculo com a Rede Municipal de Ensino. Mas, mesmo assim, eu não queria trabalhar na Rede Municipal de Ensino. Trabalhei seis meses, parei, depois fui para o Instituto Máster<sup>33</sup>, Projeto Máster, onde hoje é o Hércules Maymone<sup>34</sup>. Era um projeto especial, criado ali, que durou uns 3 anos. Pegava os melhores alunos da rede pública e preparava-os para o vestibular. Eu fiz parte da primeira “leva” de professores que foi para lá. Tive que passar por uma seleção. Naquele tempo, funcionava onde depois funcionou a Assembleia Legislativa. O Museu Dom Bosco mudou ali, ficava na Barão do Rio Branco, bem em frente à praça. A casa ali em frente era o Museu Dom Bosco, depois ficou sendo Assembleia Legislativa e também Instituto: Instituto embaixo e Assembleia Legislativa em cima. Então, nós estávamos ali. Eu trabalhava ali e a Secretaria Municipal de Educação era

---

<sup>33</sup> O Projeto Máster foi criado com o objetivo de ministrar uma educação de qualidade com uma estrutura administrativa e pedagógica diferenciada das demais escolas estaduais (Projeto Político Pedagógico Escola Estadual Hércules Maymone, Campo Grande, MS, 2012).

<sup>34</sup> A escola foi criada em 1989 com a denominação de “Instituto de Educação de Campo Grande”, por meio do Projeto Máster, com o objetivo de atender alunos do 2º grau. Localizada no Bairro Miguel Couto, a escola tem como mantenedor o Governo do Estado de Mato Grosso do Sul (Projeto Político Pedagógico Escola Estadual Hércules Maymone, Campo Grande, MS, 2012).

bem perto, bem pertinho dali. Então, nos meus dias de folga eu ia na Secretaria. Eles estavam fazendo a Proposta Pedagógica, naquela época chamava Alternativa Curricular, e eu ia lá ajudar. Mas, eu ia voluntariamente, ficava ali perto da Prefeitura de Campo Grande (MS), era bem pertinho, então, eu descia e saía dali, andava uma quadra. Quando era meu planejamento, eu ia lá e ficava trabalhando com eles. Quando terminou aquele ano, fui convidado para assumir um concurso na Prefeitura de Campo Grande (MS), mas eu não queria o concurso. Insistiram, então fui para a Secretaria com 40 horas. Deixei um cargo do estado, fiquei só com 22 horas no estado. Deixei 22 horas e peguei 40 horas no município. Foi nessa época que comecei a trabalhar com projetos, aprender a falar em projeto. Aqui vai ter um momento também que vai perguntar como que eu acabei trabalhando na UNIDERP, não é? Eu não sei da implantação do curso, quando eu cheguei já estava funcionando. Quem sabe sobre a implantação do curso é a professora Helena<sup>35</sup> da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Ela que ajudou a implantar o curso. Ela e outra professora que eu não me lembro o nome agora. Quando foi para eu entrar, as duas tinham acabado de passar num concurso e deixaram o curso. Uma foi para a UFMS daqui e a outra foi para o polo da UFMS de Corumbá. Daí, a professora Iara assumiu a coordenação e eu assumi uma sala de aula. Assumi a vaga de uma das duas. Foi a Helena que ajudou a fundar o curso, ajudou no início do curso, e ela está na UFMS, deve estar afastada para o doutorado, faz ali mesmo em Educação. Ela vai saber direitinho sobre a origem do curso. Quando eu cheguei, parece-me que o curso estava já no segundo ano, e eu peguei a primeira turma no segundo, isso mesmo. Eu peguei a turma no segundo ano, já estava com um ano e meio de funcionamento, porque eles começaram no meio do ano. Quando elas saíram, a professora Iara entrou e assumiu a coordenação, eu assumi o curso. E como que eu entrei lá no curso? Eu não tive participação no processo de implantação do curso. Agora, interessante o meu ingresso na UNIDERP. Eu tinha deixado um currículo lá e ninguém me chamava. Difícil você ser chamado, não é? Aí, quando foi em 1993 eles fizeram um encontro de Educação Matemática na UNIDERP e duas professoras: a professora Helena e outra com a professora Iara ajudando, porque já estava no curso, vieram pedir para a gente ir lá colaborar e ministrar minicursos. Eu estava na secretaria, aceitei

---

<sup>35</sup> Fez bacharelado (1986) e licenciatura (1987) em Matemática pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestre em Matemática pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1991) e doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (início 2013, em andamento).

ministrar um minicurso sobre potenciação e elas me disseram o seguinte: “Só que nós não podemos pagar!” Eu falei: “Tudo bem, eu vou mesmo assim”. Outros colegas que estavam ouvindo aquilo falaram assim: “Você vai trabalhar de graça?” Eu digo: “Eu vou, ué, alguém tem que fazer alguma coisa, eu vou lá”. E elas: “Tudo bem!” E foram embora. Eu fui, marquei o minicurso e quando eu fui ministrar o minicurso, quem estava assistindo o minicurso era o professor Ruy Madsen Barbosa<sup>36</sup>. Assistiu meu minicurso. Ele tinha vindo dar um minicurso também, fazer uma palestra. Ruy Madsen é famoso, eu acho que está bem velhinho, não sei se está atuando ainda, saiu de Araraquara<sup>37</sup>, Ribeirão Preto<sup>38</sup>, autor de vários livros. Ele assistiu meu minicurso. Meu minicurso tinha pouca gente, uns cinco ou seis professores. Tinha três ou quatro minicursos ao mesmo tempo, tudo com pouquinha gente. E uma aluna do curso estava assistindo meu minicurso, chamava Arilene<sup>39</sup>. A única menina do curso e ela estava assistindo. Quando eu terminei meu minicurso, foram duas tardes, o professor Ruy Madsen falou assim pra mim: “Você trabalha nessa perspectiva mesmo de observar regularidade?” Eu falei: “Sim”. Que era o que eu trabalhava mesmo sem ter noção de que fosse a forma correta. Não fazia aquilo, porque tinha uma formação específica, fazia porque achava que era daquele jeito e fui nessa perspectiva de observar regularidades, ver como é que funcionam as coisas. Ele falou: “Parabéns! É difícil encontrar alguém que trabalha nessa perspectiva, mas é a forma correta de se trabalhar”. Aí, no dia seguinte, nós tínhamos o encerramento e a professora Helena, que era coordenadora do curso, perguntou pra mim se eu tinha disponibilidade para trabalhar à noite, falei: “Tenho”. “Então, deixa seu currículo aí que nós vamos te contratar no ano que vem”. “Está bem”. Trouxe o currículo, deixei e não acreditei. Estava tudo aquilo esperando, não acreditei. Em fevereiro começou a movimentação e eu não apareci, então, um aluno do curso que era meu vizinho foi me avisar que eles estavam me esperando. Aí eu fui lá. “Ah, porque você sumiu?”. Falei: “Não, é porque eu estava ocupado e tal”. Dei uma desculpa lá. Não acreditava que fossem me chamar. Mas, eles me chamaram para o curso, assumi naquela mesma semana. Fiquei sabendo que essa moça, Arilene, foi que me

---

<sup>36</sup> Doutor em Matemática pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1961). Atua principalmente em Programação Linear, Grafos e Transporte.

<sup>37</sup> Esse município está localizado no interior do estado de São Paulo e conta com 222 036 habitantes, distante 270 quilômetros da capital (IBGE, 2013).

<sup>38</sup> Município do estado de São Paulo, estimado em 674.405 habitantes pelo IBGE (2016) distante 315 km da capital paulista.

<sup>39</sup> Arilene Oliveira Teixeira: não conseguimos encontrar mais informações sobre esta pessoa.

recomendou para o curso. Ela foi à coordenação e disse: “Aí está um professor que vocês precisam trazer para o curso”. E como o curso era pequeno, pouca gente, a coordenação estava fazendo de tudo para agradar os alunos, até porque não tinha como desagradar, sendo um número muito reduzido, tanto é que se formaram apenas quatro naquela época, todos eles bacharéis. Então, eles faziam tudo para agradar os alunos, porque tinham que conquistar mesmo. Eram alunos bons mesmo, mereciam esse respeito, alunos responsáveis, que estavam ali estudando mesmo. Então, foi a Arilene que me indicou para o curso. Eu assumi e fiquei 15 anos lá no curso de Matemática. Depois trabalhei em outros cursos também. Naquela turma, formaram-se quatro pessoas, os quatro bacharéis, três na área de computação, porque o curso era Matemática com ênfase em Computação. Os três já trabalhavam com computação e foram fazer o curso, porque queriam a base da computação. Fizeram Matemática, mas interessados na parte de computação e foram para a área de computação. Tanto é que os três rapazes fizeram mestrado em computação. Dois deles se tornaram professores universitários, um está em Santa Catarina e o outro dava aula aqui na UNIGRAN, mas, não sei onde está agora, o outro era empresário e a Arilene era a única que não era da computação, que era do curso de Matemática, do bacharel, não quis dar aula. Eu soube que a Arilene foi parar em uma praia e trabalha como vendedora ambulante lá. Não sei em que praia, não fiquei sabendo. Alguém foi em uma das praias e encontrou a Arilene por lá. Ela deixou a matemática. Mas um dia eu gostaria de encontrá-la e agradecê-la pela indicação.

Fiquei 15 anos lá, saí no final de 2008. Faltavam dois meses pra completar 15 anos. Eu não sei sobre a implantação, só a respeito da participação das professoras no curso, Helena, Iara e a Maria das Graças. A Maria das Graças foi para a UFMS de Corumbá, mas não ficou lá. Antes ela dava aula na UCDB, logo voltou para a UCDB. Então, que disciplina eu trabalhava? Comecei trabalhando Álgebra Linear, no primeiro semestre. Depois fui pegando Álgebra Moderna, Geometria Analítica, Fundamentos da Matemática, fui trabalhando assim uma porção de disciplinas, mas fiquei desde o começo com Álgebra Linear. Trabalhei Álgebra Moderna durante quinze anos. Depois de uns dois anos que estava dando aula na segunda turma, não me recordo bem, houve uma reformulação do projeto do curso, eu participei e insisti que pusessem História da Matemática. Insisti, porque eu não conhecia, não tinha História da Matemática e a gente não estudava isso naquela época. Puseram a História

da Matemática no curso e disseram: “Bom, já que você insistiu e não tem quem dê aula de História da Matemática você vai dar aula de História da Matemática”.

Não tinha como recusar, porque eu havia insistido, mas esperava que aparecesse outro para dar aula de História da Matemática. Esperava que fosse outro professor. Finalmente, sobrou para mim! Tive que ministrar História da Matemática também. Sofri bastante, mas aprendi muito com o pessoal.

Sobre as reuniões: Fiz parte do colegiado de curso por muito tempo. O colegiado de curso tinha um representante docente, um coordenador de curso, um discente e um representante da instituição que era um professor. Um professor representava a instituição, outro representava os professores e tinha um aluno que representava os alunos. Pouca gente fazia parte do colegiado de curso. Fiz parte do colegiado todo tempo que estive lá. Comecei a trabalhar em 1994, exatamente quando o Fernando Henrique Cardoso<sup>40</sup> assumiu a presidência e levou o Paulo Renato<sup>41</sup> como Ministro da Educação. Eles já se preocupavam com essa questão de melhorar a qualidade, de avaliar a educação brasileira, principalmente o ensino superior. Não sei exatamente em que ano ele começou a fazer o provão<sup>42</sup>, sei que o mandato dele terminou em 2002, mas aconteceu tudo isso antes. Entre 1994 a 2002, imagino que deve ter sido lá pelo ano de 1997, que começou o provão. Então, o primeiro provão, se não me engano, o curso tirou “B”, mas acontece que o curso era um curso deficitário economicamente, então pouca gente entrava e pouca gente se formava. Isso para uma faculdade particular é ruim, porque ele não se pagava, era preciso tirar dinheiro de outros cursos para pagar os professores, o que era economicamente inviável. Então, o professor Paulo disse que aquele era o último vestibular do curso e que iria manter o curso até terminar a última turma. No ano seguinte não teria mais vestibular. Acontece que naquele ano, o pessoal tinha tirado “B” e quando foi o fim do ano, ao sair o resultado do provão, o pessoal tirou “A”. Aí foi uma bomba, explodiu, onde já se viu um curso de Matemática tirar “A” aqui na região Centro-Oeste? Foi o primeiro “A”, ao que parece, da região Centro-Oeste, enquanto

---

<sup>40</sup> Fernando Henrique Cardoso, também conhecido como FHC, foi presidente da República Federativa do Brasil de 1995 a 2003.

<sup>41</sup> Paulo Renato Souza foi Ministro da Educação no governo Fernando Henrique Cardoso (entre 1995 e 2002).

<sup>42</sup> Exame Nacional de Cursos (ENC-Provão) foi um exame aplicado aos formandos, no período de 1996 a 2003, com o objetivo de avaliar os cursos de graduação da Educação Superior, no que tange aos resultados do processo de ensino-aprendizagem.

a Universidade Federal tirou “B”, a de Dourados<sup>43</sup>, tinha um curso lá e também, não tirou “A”, não sei o que tiraram, mas sei que não tirou “A”. Foi o único “A”. Então, isso deu força para a UNIDERP. Um curso que tinha 10 ou 12 alunos fez o nome da UNIDERP. Então, ele mandou abrir o vestibular no próximo ano e o curso continuou. No outro ano, tiraram outro “A”, estava garantida a continuidade do curso, no ano seguinte mais um “A”, então, três “As”, e finalmente a Matemática aparecia e tinha na camiseta “mAtemÁtica”, os três “As” em letra grande, maior, destacadas. Isso causou inveja em algumas pessoas, eu sei que causou inveja, porque tivemos alguns alunos que estudaram um ano na UNIDERP e depois, como o curso era pago e eles não podiam pagar, conseguiram vaga na UFMS. Uma aluna depois, me encontrou e disse assim: “Professor, não é muito fácil, porque lá falam que como somos da UNIDERP não sabemos nada e até dizem que esse ‘A’ foi comprado”. Então, eu disse para ela o seguinte: “Estão falando que o ‘A’ é comprado, mas isso não tem a menor lógica! Vou te provar que não tem a menor lógica. Primeiro que o curso de Matemática é o menor da UNIDERP, então financeiramente não dá lucro nenhum, dá prejuízo financeiro para UNIDERP, o curso que dá dinheiro para a UNIDERP é o curso de Administração e está tirando ‘C’, tirando ‘D’. Agora, se foi comprado um ‘A,’ o senhor Paulo teria comprado para o curso de Administração e não para um curso de Matemática”. Ela parou e disse: “Isso é verdade! Como é que vai gastar dinheiro para comprar um ‘A’ exatamente para um curso que não dá lucro? Já que vai fazer o negócio, faz bem feito, não é?” O curso de Administração tinha, sei lá, nove ou dez turmas, imagina se tira um “A”?! Ia para 15 turmas, não é? 15 turmas 60, 70 alunos. Mas o nosso tinha 30 e poucos alunos e formava seis, sete, oito. Então falei para ela: “Você fique tranquila, porque isso é inveja do pessoal. O povo está com inveja, porque eles não conseguem o ‘A’”. E aí nunca mais eu conversei com ela. Não fiquei sabendo como era a situação lá, mas as pessoas chegaram a achar que era comprado, e não tinha a menor lógica isso. É que os alunos eram bons, e os professores eram comprometidos também. Os professores e os alunos tinham compromisso, tiveram os três “As”, depois tiraram ‘C’ e logo em seguida, também parece que acabou o provão. Não me recordo mais o que aconteceu, foi um momento de muito orgulho para a gente e eu confesso para você que trabalhar na UNIDERP e com aqueles alunos da Matemática foi muito prazeroso. Nós tínhamos alunos

---

<sup>43</sup> É um dos municípios que compõem o estado de Mato Grosso do Sul. Distante 200 km da capital, tem aproximadamente 212.870 habitantes (IBGE, 2015).

bons e não era um ou outro aluno, não! Às vezes, falam que têm alunos bons pensando assim: “Ah, tem 50, porém somente cinco são bons, lá”. A gente fala isso, mas pensando nos cinco entre 50. Quando eu falo que tem alunos bons na UNIDERP, eu falo, porque cerca de 95% dos alunos bons da turma eram alunos bons mesmo, um ou outro que descolava um pouquinho, mas logo desistia no segundo semestre. Descolavam e ficavam aqueles alunos que queriam mesmo, foi um período de alunos bons na UNIDERP, foi muito prazeroso trabalhar ali, havia muita seriedade naquilo.

**R:** O senhor lecionava tanto na licenciatura quanto no bacharelado?

**S:** No começo sim. Nós tivemos só duas turmas de bacharéis. A primeira turma era só bacharelado, a segunda teve licenciatura e bacharelado, o que tornava uma turma maior para se formar, mas se formaram só quatro bacharéis e o restante em licenciatura. Só que os bacharéis não encontraram emprego e assim desanimou os outros, ninguém mais quis fazer bacharelado, não sei se chegou a ter três turmas de bacharéis, acho que foram duas. Não me recordo os detalhes, sei que teve uma turma em que os bacharéis não quiseram fazer licenciatura mesmo e depois foram dar aula. Teve uma turma que teve uns bacharéis que iam trabalhar em outro serviço. Fizeram bacharelado, porque eles não iam dar aula mesmo, eles eram empregados, não queriam dar aula, então foram três turmas de bacharelado. Até tinha um deles que trabalhava no tribunal, responsável pelo setor de computação no tribunal, ele só precisava de um título superior, só isso que ele precisava, e mais uns dois ou três com ele que precisavam do título, que iam trabalhar, garantir o emprego. Disseram: “Não vamos ser professor, não vamos dar aula mesmo, vamos fazer só o bacharelado para continuar”, mas a maioria depois fez a licenciatura e estão aí no mercado trazendo muito orgulho para a gente, trazendo muita satisfação. É muito bacana lembrar disso.

Não voltei mais para ver o curso, nem nada, mas eu penso que hoje o pessoal de matemática é bom. Tenho essa impressão. Guardo aquela imagem do passado. Tenho memórias boas. Não voltei mais lá, mas imagino que ainda continua, parece que congelei e que só turmas boas que entraram em matemática e eu acho que é assim.

**R:** A repercussão da UNIDERP para Campo Grande quando teve o início da graduação em Matemática, por exemplo, poderia comentar?

**S:** Então, a UNIDERP era CESUP. O CESUP não era bem visto, porque nasceu como um curso de tecnólogos, formando só tecnólogos: Engenharia Tecnólogo, Eletrônica Tecnólogo, então, ele estava como uma faculdade de segunda categoria, entendeu? Era só tecnólogo, tecnólogo, tecnólogo, então era visto como uma faculdade de segunda categoria. O tecnólogo é um curso mais curto, a pessoa não sai com a habilitação plena, ele não é engenheiro e não é ensino médio, ele fica naquele meio, então a UNIDERP não era bem vista, mas depois ela foi ganhando fôlego e surgindo os cursos plenos, bacharelados, licenciatura. Começou Matemática Licenciatura, Administração, Arquitetura, aí os cursos tecnólogos foram acabando e as Engenharias foram assumindo espaço, tanto é que em 1996 ela se tornou universidade. Na legislação existe uma entidade mantenedora, que é o CESUP, é até hoje a entidade mantenedora: Centro de Ensino Superior. Só se depois da ANHANGUERA mudou, mas antes da ANHANGUERA era CESUP, aí, veio a UNIDERP. Mas a UNIDERP era como se fosse um departamento do CESUP entendeu? São questões burocráticas que eu não entendo, não sei explicar para você o que acontece, mas é como se tivesse uma instituição grande chamada CESUP e dentro dela uma instituição chamada UNIDERP, dentro do CESUP.

**R:** Um conjunto num subconjunto?

**S:** Um subconjunto num conjunto, embora o subconjunto seja o próprio conjunto, entendeu?

**R:** Sim, entendi. [risos]

**S:** Legalmente eles são diferentes, na prática se confundem, você não sabe quando termina a UNIDERP e quando começa o CESUP, então, para o funcionário, ele não sabe onde termina um e onde começa o outro, mas para aspectos legais acho que tem diferença, sabe? Tanto é que você estuda na UNIDERP e paga a sua mensalidade para o CESUP. Então, a mensalidade era para o CESUP. Eu trabalhava para a UNIDERP e recebia do CESUP, mas isso é uma questão burocrática. Eu não sei, mas acho que o CESUP existe até hoje, só se

depois que passou a ser ANHANGUERA ele deixou de existir, mas tenho impressão que o CESUP existe até hoje e a UNIDERP como subconjunto com todos os elementos do bloco maior.

Paulo é economista e lecionava Matemática, e a irmã dele, Tatiana<sup>44</sup>, também era professora de Matemática, mas parece que não tinham formação em Matemática, eles davam aula de Matemática na educação básica. Quando eles abriram a MACE, eles eram os professores. Eram irmãos que abriram a MACE e eles eram professores de Matemática na escola deles. Depois foi crescendo e eles foram ficando mais na parte da administração. Ele fez Economia, fez mestrado em Economia. Ela eu não sei se chegou a fazer mestrado, mas estudaram e tudo. Mas ninguém fez Matemática. Foi na parte de economia e aí foram para a administração se tornar administradores dessa grande empresa que fez sucesso. Foi um período muito bom de trabalhar, inclusive os patrões foram bons. Incrível, mas a UNIDERP cresceu, aumentou o número de professores, aumentou assustadoramente de uma hora para outra, mas mesmo assim eles faziam questão de conhecer a gente pelo nome. Encontrava-me pelo corredor e cumprimentava pelo nome, davam atenção para a gente, interessante, não é?

**R:** Interessante.

**S:** Eles eram bem humanos. Eram acessíveis. Se você precisasse falar com eles, você falava, mas é claro que tinha algumas barreiras, porque ele estava sempre atarefado, mas não era um obstáculo, tendo um tempo você conseguia falar com ele, não tinha esses obstáculos que os outros têm, ele não fazia essas barreiras. Foi muito bom trabalhar na UNIDERP naquele tempo. Hoje não sei como está, estou voltando lá agora. Ainda não posso dizer como está. Estou voltando agora e devo começar a trabalhar efetivamente ano que vem, aí vou ver como está funcionando. Vou saber.

[Neste momento faço explicações sobre os procedimentos adotados neste trabalho quanto às entrevistas e peço sua autorização para uso da mesma]

**R:** Obrigada, professor, pela participação.

---

<sup>44</sup> Formada em Letras e Pedagogia com pós-graduação em Administração Escolar. Irmã do professor Paulo e do professor Bento.

**S:** Eu que agradeço a oportunidade. Eu não sei se a gente contribuiu com o que você queria saber do curso, talvez tenha faltado alguns outros detalhes, referente ao curso.

### 2.2.2 Entrevista realizada com a professora Iara

*A entrevista com a professora Iara ocorreu no dia 28 de novembro de 2015, às 15h, em sua casa. Teve duração de aproximadamente 72 minutos. Já conhecia a professora, pois na época da minha graduação ela era coordenadora do curso de Matemática. Dessa forma, na busca por documentos que pudessem me auxiliar a contar a história sobre a constituição do curso de graduação em Matemática da UNIDERP/CESUP, verifiquei que o nome da professora Iara constava em vários documentos e que ela teria ministrado aulas, desde o início do curso de Matemática, em 1992. Entrei em contato com a professora, que posteriormente me atendeu e concedeu uma entrevista. A professora Iara é licenciada em Matemática e mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, atualmente professora da Secretaria Municipal de Educação (SEMED).*

**Renata (R):** Boa tarde, professora. Estamos aqui, hoje, na casa da professora Iara, dia 28 de novembro, às 15 horas eu, mestranda do curso de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Renata Aparecida Zandomenighi e a professora mestre Iara para realizarmos uma entrevista relacionada à pesquisa de mestrado, por mim conduzida, sobre o curso de graduação em Matemática da UNIDERP.

Boa Tarde professora, muito obrigada pela presença. Inicialmente quero agradecê-la por ter aceito nosso convite. Certamente esta entrevista nos trará valiosas contribuições.

**Iara (I):** Boa tarde, Renata! Obrigada, espero que possa contribuir com a sua pesquisa.

**R:** Gostaria, primeiramente, de pedir para a senhora se apresentar.

**I:** Sou a professora Iara, durante mais de 40 anos exerci essa profissão e por isso hoje considero meu sonho realizado. Iniciei em 1972 como professora nas séries iniciais. Apesar de ter cursado Científico no ensino médio, cursei e me formei também o curso Normal. Em 1973, ingressei na universidade, no curso de licenciatura em Matemática. Fiquei dois anos, até 1974, como professora das séries iniciais do ensino fundamental. Eu era "substituta efetiva", naquela época existia essa função nas escolas públicas, para as séries iniciais, minha

atribuição era substituir professores que eventualmente faltassem. Como a escola era grande, eu estava sempre atuando como professora nas séries de 1º a 4º, uma grande experiência e muito importante para minha profissão.

A partir de 1974, até 1989, passei a trabalhar com as séries finais do ensino fundamental, da 5º a 8º série e ensino médio, em escolas públicas e particulares em Santo André<sup>45</sup>, estado de São Paulo, lecionando matemática. Minha formação universitária foi em São Caetano do Sul<sup>46</sup> (SP). Prestei concurso público do estado de São Paulo, para professores e no final da década de 1970, fui aprovada e continuei trabalhando em Santo André (SP). Na década de 1980, surgiram cursos de formação para professores das escolas públicas, foi nessa época que fui aluna do professor Imenes<sup>47</sup> que me ajudou muito, principalmente na área da Geometria. Fiz muitos cursos com o professor Imenes, professor Bigode<sup>48</sup>, dentre outros. Em seguida, continuei fazendo parte de um grupo de professores que estudava como ensinar matemática, na CENP<sup>49</sup>. Arrisco a dizer que o grande responsável pela minha dedicação maior à Geometria foi o professor Imenes.

Na metade da década de 80, após esses cursos, passei a trabalhar na Segunda Delegacia<sup>50</sup> de Santo André (SP) com formação continuada de professores que atuavam nas séries iniciais e finais do ensino fundamental e médio... Trabalho semelhante ao que faço, hoje, na SEMED<sup>51</sup>. Estava com a minha profissão bastante encaminhada em função desses cursos e de muitos outros que fiz na CENP em São Paulo e isso me deu embasamento para trabalhar com a formação continuada de professores. Mas, em 1989, aconteceu uma tragédia na minha família. Fomos vítimas da violência urbana, que tirou a vida de meu marido e fiquei

---

<sup>45</sup> Santo André está localizado na Região do Grande ABC do estado de São Paulo. Sua população é estimada em 710.210 habitantes (IBGE/2015), distante 16,5 km da capital paulista.

<sup>46</sup> Município do estado de São Paulo, com aproximadamente 156.362 habitantes (IBGE/2013), distante 11,3 km de São Paulo.

<sup>47</sup> Luiz Márcio Imenes: Engenheiro civil pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo; licenciado em Matemática pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Moema; mestre em Educação Matemática pela Pontifícia Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Professor em cursos para professores do ensino fundamental e médio. Autor de obras didáticas e paradidáticas de matemática.

<sup>48</sup> Antonio José Lopes Bigode: graduado pelo Instituto de Matemática e Estatística da USP. Professor de matemática, jornalista, autor de livros didáticos de matemática para o ensino fundamental e médio.

<sup>49</sup> CENP – Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas.

<sup>50</sup> É o órgão que faz a ponte entre as escolas e as determinações da Secretaria Estadual de Educação. Atualmente chamada de Diretorias Regionais.

<sup>51</sup> Secretaria Municipal de Educação. A SEMED executa as políticas municipais de Educação regida pela norma da educação brasileira.

sozinha com 3 filhos. Tinha medo de continuar em Santo André (SP), porque a violência era muito grande, consegui retornar ao trabalho, mas era muito difícil, pois meus filhos também tinham medo. Um dos tios que moravam aqui em Campo Grande (MS), na época, professor Francisco<sup>52</sup>, que hoje é falecido, irmão de meu pai, me disse: “Iara, vamos pra Campo Grande (MS), vai acontecer um concurso para professores do estado de MS” e continuou: “Você se afasta temporariamente de Santo André(SP) e tenta a vida em outro lugar”. E foi o que fiz. Por isso cheguei a Campo Grande (MS) em 1990. O concurso para professores do estado de Mato Grosso do Sul aconteceu no início de 1990, minha inscrição foi para o ensino médio. Passei nesse concurso em um dos primeiros lugares e escolhi a escola Joaquim Murtinho<sup>53</sup>, em junho de 1990. Momento em que passei a morar em Campo Grande (MS). Aqui tinha bastante serviço, bastante vaga para professores, principalmente em matemática. Eu lecionava de manhã no Colégio Dom Bosco<sup>54</sup>, à tarde dava aulas particulares de matemática em casa e à noite no Joaquim Murtinho. Assim iniciei minha nova vida em Campo Grande (MS). Era só trabalho para sobreviver e para melhorar a profissão. Minha vontade era vencer, recomeçar uma vida diferente e utilizar as experiências dos cursos que havia feito nos últimos anos no estado de São Paulo. Campo Grande (MS) me encantava, muito linda, o céu azul muito bonito, muito espaço, eu queria aplicar nas escolas daqui tudo o que eu havia aprendido até aquele momento.

Em 1992, existiam cursos de matemática só na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e na UCDB. Foi uma época de muita procura por professores de matemática com especialização, mestrado e doutorado. A única opção para cursar mestrado aqui, em Campo Grande (MS), era o da Educação na UFMS<sup>55</sup>. Professores que queriam cursar mestrado e doutorado tinham que sair de Campo Grande (MS). Em função dessa necessidade, um curso de especialização em Ciências foi oferecido pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, ministrado por alguns de seus professores, para docentes do estado, no espaço físico do

---

<sup>52</sup> Foi coordenador da UNIDERP em Corumbá e diretor do campus da UNIDERP e da Escola São José em Ponta Porã.

<sup>53</sup> Foi inaugurada em 1926 com o nome de Escola Normal Modelo Joaquim Murtinho. Atualmente sua mantenedora é a Secretaria de Estado de Educação do Mato Grosso do Sul.

<sup>54</sup> Em 1915 na cidade de Aquidauana (MS) foi fundado o Colégio Dom Bosco com o nome de Instituto Pestalozzi. Em 1927 foi transferido para Campo Grande (MS), recebendo vários nomes até receber o nome de Colégio Dom Bosco.

<sup>55</sup> Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Colégio Dom Bosco. Esse projeto que envolvia a SED, a UFMS e o Colégio Dom Bosco, abrangia professores representantes de cada cidade do estado de Mato Grosso do Sul da área de Matemática, Física, Química e Biologia. Eram grupos muito bons, com vontade de melhorar o ensino dessas áreas. Os seguintes professores da UFMS ministraram a especialização: professora Marilena<sup>56</sup>, professor Luiz Carlos Pais, professora Shirley<sup>57</sup>, professora Umbelina<sup>58</sup>, professor Gilberto Luís Alves<sup>59</sup>, professora Bernadete<sup>60</sup>, entre outros. O curso era oferecido nos finais de semana e os grupos eram os mais variados. Havia professores de várias regiões do estado. Foi um curso muito bom, agradeço muito a Secretaria do Estado de Educação por ter proporcionado aos seus professores tal curso, naquela época. Como trabalho final fizemos uma monografia em grupo e o meu grupo pesquisou o ensino de Geometria, uma vez que eu sempre tive essa vontade, porque gosto mais dessa área. Esse grupo era formado por duas professoras de Campo Grande (MS), uma de Água Clara (MS)<sup>61</sup>, uma de Corumbá (MS) e outras duas de Ponta Porã<sup>62</sup>(MS) e Dourados (MS). Era um grupo muito dinâmico e fizemos a pesquisa sobre Geometria Plana e Espacial, com alunos da 4<sup>a</sup> até 8<sup>a</sup> série, cada professora, na escola, que trabalhava. O aluno tinha que reconhecer, por exemplo, o cubo e diferenciar do quadrado. Para nossa surpresa eles confundiam cubo com tubo. Na questão que pedia para desenhar um cubo, a maioria desenhava um cilindro, entre outras questões. Estou me lembrando dessa situação, pois foi bastante interessante, porque em toda cidade que foi aplicada a pesquisa aconteceu praticamente a mesma situação, a mesma

---

<sup>56</sup> Marilena Bittar: doutora em Didática da Matemática pela Universidade Joseph Fourier / Grenoble I, França (1998) e pós-doutora em Educação Matemática pela Universidade Joseph Fourier.

<sup>57</sup> Shirley Takeco Gobara: licenciada em Física pela Universidade Federal de São Carlos (1980), mestre em Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1984), mestre em *Didactique des Disciplines Scientifiques - Université Claude Bernarde Lyon I* (1996), doutora em *Didactique des Disciplines Scientifiques - Université Claude Bernard Lyon I* (1999) e pós-doutora na *Université Lumière Lyon II* (2010).

<sup>58</sup> Umbelina Giacometti Piubeli: graduada em Licenciatura Plena em Física pela Universidade Federal de São Carlos (1977), especialização em Física Geral pela Fundação Educacional Severino Sombra (1981) e mestrado em Física pela Universidade Federal Fluminense (1989).

<sup>59</sup> Gilberto Luís Alves: graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1969), mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (1981), doutor (1991) e estudos de pós-doutorado em Educação (1998) pela Universidade Estadual de Campinas.

<sup>60</sup> Maria Bernadete Zanusso, bacharel em Matemática (UNESP-IBILCE-São José do Rio Preto-SP-1980), mestre em Estatística (UFRJ-Rio de Janeiro-RJ-1984), doutora em Engenharia de Produção (UFSC-Florianópolis-SC - 1997). Professora aposentada pela UFMS, onde trabalhou de 1985 a 2013.

<sup>61</sup> Município do estado de Mato Grosso do Sul, distante 204 km da capital, possui pouco mais de 14.000 habitantes.

<sup>62</sup> Ponta Porã está localizada no estado do Mato Grosso do Sul e faz divisa com a cidade de Pedro Juan Caballero, no Paraguai. Distante 324 km da capital do MS, segundo IBGE (2010) é estimada em 77.872 habitantes.

dúvida. Vimos, então, que aí tinha um problema de linguagem, de reconhecimento de figuras e de diferenciar a Geometria Plana da Geometria Espacial. Ao término do curso, o professor Luiz Carlos Pais, que era nosso orientador, nos avaliou e pudemos discutir o ensino de geometria em praticamente todo o estado de Mato Grosso do Sul.

A escola onde pesquisei foi o Colégio Dom Bosco, as demais professoras pesquisaram em escolas públicas. Não encontramos diferenças significativas nas respostas dos alunos. Com isso, minha vontade era estudar e procurar cada vez mais melhorar minhas aulas e assim novas oportunidades foram surgindo. A professora Conceição Aparecida Butera<sup>63</sup> da UCDB me convidou para lecionar no curso de Matemática da UCDB, no ano de 1992. Nesse mesmo ano, no segundo semestre, o CESUP iniciou o curso de Matemática com ênfase em Ciência da Computação, nessa época o CESUP estava iniciando o projeto para implantar a Universidade. Tinha somente o prédio redondo na Rua Ceará. Comecei a trabalhar no CESUP em setembro de 1992, quando iniciou o curso de Matemática. Continuei ainda por mais dois ou três anos na UCDB também, mas, logo saí, porque ficava incompatível. Na Escola Estadual Joaquim Murtinho, continuei até mais ou menos o ano de 1997, no período noturno, com alunos do ensino médio e depois pedi exoneração, pois não havia como conciliar a escola com a universidade. Minha primeira disciplina no curso de Matemática do CESUP foi VGA<sup>64</sup>. Eram quatro aulas semanais. O curso do CESUP tinha um diferencial: Matemática com Ênfase em Ciência da Computação. Esse curso era de quatro anos: os dois primeiros anos comuns, nas disciplinas básicas e nos dois últimos tinha que optar ou para a licenciatura ou para o bacharelado. Existiam as duas opções na grade curricular inicial. Na primeira turma, quatro optaram pelo bacharelado e pouco mais de dez alunos pela licenciatura. Então, diante dessa separação da turma, nos dois anos finais, ficou inviável financeiramente para a instituição manter um curso com poucos alunos. Em função disso, começou aí algum processo de mudança. A ênfase em Ciência da Computação era muito forte, porque estava começando o estudo dessa área. Era tudo muito novo e tinha que ter essa ênfase, isso era o diferencial do curso, era o que o diferenciava da UFMS e da UCDB, sendo assim foi modificada a grade

---

<sup>63</sup> Conceição Aparecida Galves Butera: atualmente Pró-Reitora de Graduação da UCDB.

<sup>64</sup> Vetores e Geometria Analítica

curricular, passando a ser oferecida somente a licenciatura com ênfase em Ciência da Computação.

Em 1993, passei a lecionar mais disciplinas no referido curso e fui convidada também para trabalhar como coordenadora do curso Matemática com Ênfase em Ciência da Computação. Este curso foi criado pela professora Maria das Graças que foi a primeira coordenadora e uma das responsáveis pelo seu projeto inicial. Ela era professora da UCDB e hoje está na Universidade Federal do Grande ABC. Além da professora Maria da Graça, profissionais da Ciência da Computação, como o professor Emerson<sup>65</sup>, eu com a disciplina de VGA, a professora Helena de Cálculo e outros profissionais de Engenharia Civil, Elétrica e Arquitetura, como o professor José Passarelli<sup>66</sup>, iniciamos o curso de Matemática. A professora Maria da Graça, logo optou pela área da Ciência da Computação e ficou somente na UCDB, a professora Helena foi para a UFMS e, assim, nós começamos a renovar e a montar outro corpo docente para o curso de Matemática. Mesmo, porque iam surgindo as disciplinas e precisava de outros professores. Nessa época já era exigido o curso de mestrado. Fiquei como professora e coordenadora do curso de Matemática, inicialmente. Em seguida, coordenadora do Departamento de Ciências Exatas, logo respondia pelos cursos de Matemática, Engenharia Civil, Engenharia Elétrica, Arquitetura e Biologia. Íamos contratando os professores, conforme a necessidade. Relembrando alguns professores que foram para lá na época de 1994 a 1996: a professora de Física Maria Inês de Affonseca Jardim<sup>67</sup> que hoje está na UFMS, a professora Régia Avancini<sup>68</sup> que hoje está no Instituto Federal<sup>69</sup>, a professora Jussara<sup>70</sup> de Matemática que continua na UNIDERP, a professora

---

<sup>65</sup> Emerson Augusto Miotto Corazza: mestre em Ciência da Computação pela UFRGS, área de Engenharia de Software. Ex-professor da computação da UNIDERP. Atualmente é professor no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul (IFMS).

<sup>66</sup> José Passareli Barros de Sousa: Engenheiro Civil (1979). Especialista em Análise de Sistemas Educacionais (1985) CESUP/CAPES e especialista em Engenharia de Infraestrutura.

<sup>67</sup> Graduada em Física pela Universidade Estadual de Londrina (1979) e mestre em Educação pela Universidade Católica Dom Bosco (1996). Doutora em Educação pela UFMS. Atualmente é professora da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul.

<sup>68</sup> Graduada em Ciências Químicas pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (1986), mestre em Educação (Ensino de Ciências) pela Universidade Católica Dom Bosco (1997), doutora em Desenvolvimento na Região Centro-Oeste pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2013).

<sup>69</sup> O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul é uma instituição que faz parte do programa de expansão da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, do Ministério da Educação.

Doroty<sup>71</sup> da área de Biologia. A maioria desses professores era da escola Joaquim Murtinho, inclusive a Rosemary Matias<sup>72</sup>, também da área de Biologia. Então, procurávamos profissionais que se destacavam, muitos deles da escola Joaquim Murtinho e que possuíam ou estavam cursando mestrado. Assim, foram sendo formados os grupos de professores para os cursos de licenciatura da UNIDERP. Depois, entrou o professor Samuel. Nós precisávamos de professores para dar aula de Física para os laboratórios e de Análise no curso de Matemática, então foi convidada a professora Ana Maria<sup>73</sup> que continua até hoje. A professora Ana Maria também lecionou, durante muito tempo, a disciplina de análise no curso de Matemática. Depois chegou o professor Jarbas<sup>74</sup>, que está hoje no Colégio Militar<sup>75</sup>. Ele também foi admitido para lecionar Cálculo nas engenharias, pois sua formação é Engenharia Elétrica e Matemática. Nesse momento, podíamos identificar professores no curso de Matemática: os profissionais da área da Educação Matemática e outros da área da Matemática Pura e Aplicada, completando com a chegada do professor Carlos. Assim, nós montamos um grande grupo que trabalhava nas Engenharias, na Matemática e nas disciplinas exatas dos demais cursos.

O curso de Matemática foi modificado e passou a oferecer apenas a licenciatura em Matemática, mas uma licenciatura bastante diferenciada, porque a área de Educação Matemática era contemplada com laboratório de Matemática, também as disciplinas de

---

<sup>70</sup> Jussara Terezinha Bonucielli Brum: graduada em Licenciatura Plena em Matemática pela Universidade Federal de Santa Maria (1971) e mestre em Educação pela Universidade Católica Dom Bosco (1998). Atualmente é professora titular do Centro Universitário de Campo Grande (MS) e professora titular da Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal.

<sup>71</sup> Doroty Mesquita Dourado: graduada em Licenciatura em Ciências Biológicas pela Fundação Universitária em Ciências de Mato Grosso do Sul (1982), mestre (1999) e doutora (2006) em Biologia Celular e Estrutural/Histologia pela Universidade Estadual de Campinas. Atualmente é professora do curso de Medicina da Universidade Anhanguera UNIDERP.

<sup>72</sup> Graduada em Licenciatura Plena em Química pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (1988), mestre (1995) e doutora (2010) em Química pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Atualmente professora da Universidade Anhanguera UNIDERP.

<sup>73</sup> Ana Maria Seligardi Pinto de Arruda: mestre em Física pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2001). Atualmente é professora da Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal.

<sup>74</sup> Jarbas Antônio Guedes: licenciado em Matemática pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (1978), graduado em Engenharia Civil pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (1979), especialista em Engenharia Civil - Métodos Computacionais pela Universidade Federal do Paraná (1983) e mestre em Engenharia Aeronáutica pelo Instituto Tecnológico de Aeronáutica (1988).

<sup>75</sup> O Colégio Militar de Campo Grande (MS) é uma instituição militar de ensino, uma unidade do Exército Brasileiro e subordinado à Diretoria de Educação Preparatória e Assistencial, localizado em Campo Grande (MS).

Variáveis Complexas e Equações Diferenciais que são disciplinas, muitas vezes, oferecidas somente para bacharelado em Matemática, além disso, também oferecíamos disciplinas da área de Ciência da Computação.

Nossos primeiros alunos formados no bacharelado com ênfase em Ciência da Computação cursaram mestrado e doutorado em universidades federais. Nessa época, eu tinha uma relação de todos os formados no curso de Matemática e onde atuavam como profissionais. Nosso curso começou a se destacar em função do bom trabalho que os professores faziam com apoio da instituição. Era um curso noturno, alunos trabalhadores, porém com muita vontade de estudar. Aos sábados e domingos ficávamos muito tempo estudando, não era um curso vago, nós estávamos sempre presentes, a monitoria funcionava muito bem. Vieram as avaliações do MEC<sup>76</sup>: o provão! Nesse provão nós começamos a nos destacar. Na primeira avaliação, nós tiramos “C”, mas o primeiro provão foi de dúvidas, ninguém conhecia nada, ninguém sabia o que ia acontecer, nem todo mundo participou, tanto na nossa universidade quanto em qualquer outra. E aí nossa nota foi “C”. Na avaliação seguinte, tivemos a nota “A”, e assim, aconteceu também nos outros dois anos o conceito “A” na avaliação do provão. Com isso nosso curso foi conhecido como triplo “A” nas avaliações.

**R:** Três anos seguidos!

**I:** Consecutivos. Eu até tenho uma camiseta do triplo “A”. Foi uma época muito boa, um curso muito bom que marcou uma época. Junto com o desenvolvimento desse curso, vieram outros que se destacaram também e conseqüentemente o reconhecimento da universidade. Em 1996, foi oficialmente criada a Universidade para o Desenvolvimento do Estado e do Pantanal (UNIDERP), no governo Fernando Henrique Cardoso. Assim, essa universidade cresceu não só intelectualmente como também na estrutura física, com a ampliação de suas instalações para atender toda demanda de seus cursos, sendo hoje localizada não mais no grande anel, mas na área central de Campo Grande (MS). Infelizmente, nem tudo continua como foi até julho de 2007, ano que foi vendida para o grupo Anhanguera. No início, tínhamos verba, por exemplo, todos os professores podiam participar

---

<sup>76</sup> Avaliação de Educação Superior que começou em 1996. Estruturada pelo Ministério da Educação (MEC), também conhecida como Provão.

de cursos, de congressos, de pesquisas e tínhamos carga horária para isso, éramos bem remunerados e bem avaliados. Formávamos um grupo muito forte de professores. Hoje, poucos são os professores daquela época que permaneceram na instituição, pois, a cada semestre, um grupo desses professores era demitidos ou se demitiam, procurando outras instituições, desfazendo dessa forma toda estrutura pedagógica existente antes da venda da instituição. Nós tivemos no curso de Matemática, algumas professoras da área de Pedagogia, que trabalhavam com as disciplinas pedagógicas e colaboravam muito na formação de nossos professores de Matemática. Dentre elas destacamos a professora Juracy Galvão Oliveira<sup>77</sup> que já morreu, pedagoga e aposentada pela UFMS. A professora Denise Tibau de Vasconcelos Dias<sup>78</sup>, também pedagoga e aposentada da UFMS, foram grandes pilares do processo de implantação da universidade. A professora Denise, a professora Juracy, a professora Andréia<sup>79</sup>, a professora Helena e eu entramos todas, no mesmo momento, na UNIDERP, em 1992. Nesse ano é que começou o processo para criar a universidade, deixando de ser então o CESUP. A professora Jória<sup>80</sup> e a professora Eugênia<sup>81</sup> também contribuíram muito para com o curso de Matemática como professoras da área pedagógica. O professor Paulo, a professora Tatiana sempre acreditaram na educação de qualidade e não mediam esforços para essa conquista, tanto é que o curso de Matemática se destacou nas avaliações externas, com o triplo “A” e isso foi um dos motivos que fez a UNIDERP ser conhecida e reconhecida no Brasil inteiro. Destaco ainda que nenhuma universidade particular conseguiu triplo “A” no provão, só a nossa. Em julho de 2003, deixei o curso de Matemática, passei a coordenação para o professor Jarbas. O curso continuava com algumas modificações curriculares e, por fim, com redução de carga horária, passou a ser oferecido em três anos com orientação e aprovação do MEC. Os cursos de licenciaturas em geral, naquela época, seguiram essa

---

<sup>77</sup> Licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Palmas (RS) (1975), especialista em Metodologia do Ensino Superior, UFMS (1986) e mestre em Psicologia da Educação pela PUC, SP (1991). Na época era Coordenadora do núcleo de assuntos estudantis.

<sup>78</sup> Graduada em Pedagogia pela PUC de Campinas, SP (1964), mestre em Educação, Planejamento em Educação pela UFRGS, Porto Alegre, RS (1982).

<sup>79</sup> Andréia Tostes Filgueiras Fernandes: graduada em Agronomia pela Universidade Federal de Viçosa (1986) e mestre em Fitopatologia pela mesma Universidade em 1989. Atuou na Administração da UNIDERP e foi professora dos cursos de Ciências Biológicas e de Agronomia da Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (UNIDERP).

<sup>80</sup> Jória Pessoa de Oliveira Silva: mestre em Educação Formação de Professores pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB).

<sup>81</sup> Eugênia Aparecida dos Santos: mestre em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional pela Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (2004).

orientação, passando para três anos, não sei como está hoje. A UCDB foi modificando também o curso de matemática e hoje não existe mais.

Em junho de 2003, meu marido e eu fomos para a França. Ele para fazer o pós-doutorado e eu fiz um estágio na mesma universidade. Com isso me afastei da UNIDERP por quase um ano. Ficamos nove meses na França. Fiz também um estágio na mesma universidade que ele fez o pós-doutorado. Quando retornei, a professora Tatiana e o professor Paulo me ofereceram outras coordenações de curso. Na época, outros cursos estavam começando, entre eles, cursos profissionais em diversas áreas, cursos de férias, dentre outros e eu passei a coordenar esses cursos. Depois disso, outro desafio, fui convidada para trabalhar na Pró-Reitoria de Administração como assessora da professora Tatiana. Fui assessora da Pró-Reitoria de Administração nos últimos anos de UNIDERP, pois em 2007 aconteceu a venda. A partir desse momento, aconteceram grandes mudanças. Tivemos a impressão que a instituição Anhanguera que comprou a UNIDERP não tinha noção da grandiosidade da nossa universidade, pouco sabiam e conheciam de nossa cidade. Aconteceu um fato pitoresco quando eles compraram, de um dia para outro pintaram tudo de laranja, os alunos quando chegaram na universidade, no outro dia, viram que estava tudo laranja, foi uma revolta só! Conclusão: em seguida pintaram tudo novamente de azul e branco, voltando ao que era antes. Foram acontecendo mudanças: a secretaria acadêmica passou a ser em Valinhos (SP)<sup>82</sup>. Os alunos estavam acostumados a ter todo atendimento ali, com pessoas e toda atenção possível, passaram então a ter o atendimento muito diferente. Não tinha mais aquele contato com as pessoas que decidiam, houve muita reclamação e nós também tivemos que nos adaptar. Nesse momento, a professora Tatiana me colocou na coordenação da matemática novamente e os professores começaram a sair, por não concordarem com determinadas mudanças e, aos poucos, tudo foi sendo substituído.

A grade curricular de diversos cursos chegaram com outra proposta e foram modificadas. Eu não concordava com todas as mudanças que aconteceram, mas ainda fiquei por dois anos, foram dois anos de muito sofrimento para nós professores e para os alunos. Os professores e outros profissionais começaram a sair aos poucos, cada semestre um grupo era

---

<sup>82</sup> Valinhos é um município brasileiro do estado de São Paulo.

dispensado. Chegou minha vez, fui dispensada em julho de 2009 e não sei mais o que aconteceu com o curso de matemática a partir daí. Nunca mais voltei lá. Mesmo sendo aposentada, desde 1997, eu não queria mais parar de trabalhar. Os meus filhos queriam que eu não fosse mais trabalhar, mas surgiu o concurso para professores da Prefeitura Municipal de Campo Grande (MS), passei e estou desde fevereiro de 2010 trabalhando na SEMED, com formação continuada de professores de matemática dos anos finais do ensino fundamental e também com a formação continuada de professores dos anos iniciais do ensino fundamental. Devo continuar até julho de 2016, requerendo nova aposentadoria. Isso não impede que eu continue atuando na formação continuada de professores, sempre com o ensino de matemática.

Retomando minha formação, depois daquele curso de especialização e meu ingresso na universidade, tive necessidade de cursar o mestrado, pois as instituições de ensino superior solicitavam que seus professores continuassem seus estudos, lembrando que sem titulação de mestre ou doutor não seria mais possível lecionar em universidades. Então, facilitavam para que os professores fizessem esses cursos. Prestei seleção em 1993 na UCDB e na UFMS, cursos de mestrados na área da educação, era o que tínhamos na época. Passei nas duas seleções e fui procurar um orientador. Mas chegando lá, o professor Luiz Carlos Pais - que era quem eu gostaria que me orientasse, porque já o conhecia e ele havia me orientado na pesquisa do curso de especialização- não podia me orientar, pois seria orientador do professor Samuel, então me apresentou ao professor Joaquim que tinha acabado de chegar da França: “Tenho um doutor fresquinho pra te orientar”. Assim, conheci o professor Joaquim e comecei cursar o mestrado e a trabalhar com ele na formação continuada de professores de matemática em 1994. Terminei. Fizemos uma pesquisa muito interessante na área de Educação Matemática, no ensino de Geometria, com alunos do 8º ano do ensino fundamental. Fui sua primeira orientanda, no entanto houve aí um “descompasso” e acabamos nos casando. O que estava programado era só cursar o mestrado, mas as coisas são como são e às vezes não como planejamos [risos]. Não fiz o doutorado, não vou cursar, porque acredito que agora tenho outros projetos e outras coisas para me dedicar. Isso não significa que vou deixar a Educação Matemática, ainda continuo trabalhando na formação continuada de professores, principalmente do ensino fundamental. Participei de vários projetos grandiosos no estado do

Mato Grosso do Sul como o Pró-Ciências<sup>83</sup>, o PNAIC<sup>84</sup> e outros que foram muito bons e com isso fui adquirindo mais aprendizado e mais experiência. Hoje, com mais de 40 anos trabalhando como professora de matemática, como educadora, posso dizer que procurei sempre fazer o melhor possível.

**R:** O que a senhora lembra do contexto da cidade na década de 90?

**I:** Vou iniciar pelo CESUP: era um Centro de Ensino Superior, localizado na margem da Rua Ceará, que na época era chamada de grande anel e na frente da escola, do outro lado da rua não tinha nada, era uma fazenda. O shopping<sup>85</sup> Campo Grande acabava de ser inaugurado. Conheci Campo Grande (MS) em 1988, vim para o casamento de um primo, na época dois tios meus, irmãos de meu pai, moravam aqui e fiquei muito impressionada com a tranquilidade da cidade, com a natureza, muito verde, sem poluição e o clima agradável, além do Parque dos Poderes que encantava a todos que aqui visitava pela primeira vez. Algumas ruas tinham semáforos, mas não havia muitos carros na espera. O trânsito era muito tranquilo. Supermercado na época só o Extra. Muito tranquila a cidade, me sentia privilegiada. Vinha de uma região com muita gente, com muita violência e aqui sentia segurança. Na época, só existia a UFMS, a FUCMAT, hoje UCDB e o CESUP, hoje UNIDERP. O CESUP oferecia poucos cursos, me recordo de alguns: Arquitetura, Administração e Graduação de Professores. Sobre a UCDB, penso que o curso de Direito foi um dos mais antigos.

Sobre questões políticas? Não pretendo relatar sobre isso, tenho opinião, mas não gostaria de citar alguma coisa. Porém, a parte política que me afetava era quando o estado deixava de pagar os salários e os professores entravam em greve, isso não só os professores são prejudicados, como os alunos, principalmente. Passei por uma experiência interessante quando fiz minha pesquisa de mestrado numa escola pública, meu objetivo era identificar

---

<sup>83</sup> Pró-Ciências: Programa de Formação para Professores do Ensino Médio - Projeto interdisciplinar, desenvolvido durante os anos de 1997 e 1998 envolvendo as disciplinas de: matemática, física, biologia e química, financiado pela CAPES via convênio entre FUNDECT/SED/UNIDERP/UFMS.

<sup>84</sup> PNAIC – Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – programa integrado de formação continuada de professores da rede pública, desenvolvido no período de 2013 a 2015, cujo objetivo é a alfabetização em Língua Portuguesa e Matemática, até o 3º ano do Ensino Fundamental, de todas as escolas das redes municipais e estaduais.

<sup>85</sup> Inaugurado em 1989 o primeiro shopping Center de Campo Grande (MS) e do estado, localizado na Avenida Afonso Pena, Bairro Santa Fé.

dificuldades de aprendizagem dos alunos em matemática, aí eu consegui identificar três tipos de dificuldades: institucionais, de sala de aula e de formação do professor. Então, nós tínhamos três tipos de dificuldades que interferia no aprendizado desses alunos na época. Estava acontecendo várias pesquisas no estado de São Paulo sobre o ensino médio e a minha pesquisa foi no ensino médio, coincidindo com questões que o Fernando Henrique estava levantando sobre o Ensino da Matemática. Minha dissertação acabou sendo publicada no estado de São Paulo, como dissertação da semana. A notícia falava que havia professores pesquisando essa mesma situação de ensino da matemática não só no estado de São Paulo, mas no Brasil todo. A partir do momento que o jornal Folha de São Paulo publicou a pesquisa, fui solicitada pela imprensa local, pela CBN, televisão para comentar sobre a pesquisa. Porém, o que mais queriam que eu falasse era sobre a dificuldade institucional. Justamente, porque envolvia questões políticas, mas não me aprofundei muito nessa dificuldade e sim nas outras duas. Que ela interfere, disso não tenho dúvidas.

**R:** A senhora lembra-se de algum fato mais marcante sobre a implantação do curso de Matemática da UNIDERP? O que levou? O que motivou essa implantação?

**I:** Acredito que Campo Grande (MS) estava progredindo, havia demanda por ensino superior e as instituições sentiam necessidade de oferecer mais cursos universitários e, conseqüentemente, surgiram os processos para se tornarem universidades e com isso os cursos de licenciatura foram criados, até mesmo por exigência do MEC de que todo professor precisava ter o curso de licenciatura para atuar como em sala de aula. O curso de Graduação de Professores não mais atendia as necessidades do MEC, portanto, foi desativado, na época. A demanda para os cursos de licenciaturas era muito grande. Antes os profissionais que não tivessem licenciatura, por exemplo, o engenheiro ou biólogo podiam lecionar nas escolas de ensino fundamental e médio, não necessitava da licenciatura. Daí em diante, para continuar como professor do estado e da prefeitura era preciso cursar licenciatura e, quais cursos foram criados concomitantemente na UNIDERP? Matemática, Biologia, Geografia e Letras. Foram esses cursos de licenciatura, criados praticamente na mesma época que era para atender a necessidade da política da época e também da instituição. Um fato interessante foi que a Prefeitura de Campo Grande (MS), na época, havia determinado um tempo para que todos os profissionais que atuavam como professores em seu quadro de docentes e não tivessem o

curso de licenciatura teriam que fazê-lo. Então, a professora Badeca<sup>86</sup>, secretária de educação da SEMED, daquela época, fez convênio com a UNIDERP para dar um curso de férias para seus professores: um curso de licenciatura em Geografia, licenciatura em Biologia, licenciatura em Matemática e licenciatura em Letras. Estes cursos eram para todos os professores do município e para os demais do estado que também quisessem, porque o MEC passou a exigir formação de licenciatura para trabalhar como professor e precisava incentivar esses professores. A Prefeitura de Campo Grande (MS), através desse convênio com a UNIDERP, pagou para seus professores. Então, nós tínhamos uma turma de aproximadamente 50 professores matriculados no curso de licenciatura de Matemática. O curso era oferecido no período das férias: julho, dezembro e janeiro, estudavam durante os dois períodos de segunda a sexta-feira e alguns finais de semana. Foi um curso intensivo, porém eles cumpriam exatamente a grade curricular do curso de licenciatura regular oferecido pela universidade. Na época, o curso de Matemática era bem conceituado e não podíamos fazer diferente. Um fato pitoresco foi que os professores chegavam e pensavam que iam fazer um curso vago, sem ter que estudar. Vários foram reprovados já nas primeiras provas e depois de muita discussão em função de objetivos diferentes acabaram desistindo. Quem estava pagando para a maioria dos professores era o município de Campo Grande (MS). Lembro que fui chamada na SEMED para explicar quantos professores passaram direto. Aí eu disse: “Um”. E realmente apenas “um” professor do município tinha conseguido terminar o curso sem dependências, dentre alguns outros que lecionavam nas escolas do estado, mas do município apenas “um” que passou, terminou o curso no tempo determinado, muitos tinham desistido, porque não se sentiam preparados para estudar matemática e que não era um curso compatível com sua formação, logo não iam conseguir. Alguns continuaram fazendo suas dependências no curso regular e assim foram terminando o curso de licenciatura em Matemática. Então essa foi a história pitoresca que nós tivemos na formação de professores “Curso de Férias” como chamávamos. Bom, mas deu bastante discussão, muita coisa que os alunos não aceitavam, aí uns foram para outra universidade e outros eu não sei o que aconteceu, se todos terminaram ou não, eu só sei que houve um conflito de interesses. A universidade queria ensinar matemática e eles queriam o diploma. Mas tudo bem, passou.

---

<sup>86</sup> Maria Nilene Badeca da Costa: graduada em Pedagogia e especialista em Planejamento Educacional.

**R:** Ainda sobre o curso, com a implantação do curso de graduação, quais foram os desafios vividos na etapa dessa implantação?

**I:** Um dos desafios foi esse “Curso de Férias”, agora outros desafios?... Penso que não foram grandes desafios, foram conquistas! O mais gostoso e difícil é você fazer o seu corpo docente assumir o projeto de um curso, se envolver com o curso e isso eu conseguia: envolver esses professores, os alunos e mostrar que estudar valia a pena, que o curso estava ali para orientá-los e que iria dar resultado. Então, era um curso em que os alunos se sentiam muito importantes, não eram alunos que após um dia de trabalho iam desanimados para a universidade, mas sim, animados e contentes. Hoje, é difícil você conseguir fazer o aluno ir para a universidade aos sábados para estudar, não é? E na época eles iam muito felizes. O envolvimento era tanto que aconteciam namoros e até casamento entre eles. Hoje encontro esses profissionais agradecidos por ter passado por isso, muitos atuando na educação e também os que foram para outras áreas. Hoje, na SEMED, trabalho com vários ex-alunos, agora, meus colegas de trabalho. Mas, valeu a pena. Eu não acredito que foram desafios, eu sinto que foram conquistas. Lembro-me também de quando coordenava o departamento de Ciências Exatas, recebíamos muitos currículos, nos procuravam para trabalhar na UNIDERP e chegou uma pessoa graduada, com um currículo invejável, mas era tudo falso, então, acontecia de tudo. Era muito bom trabalhar na UNIDERP, afinal de contas era um salário bom, uma universidade que estava despontando, o professor Paulo, a professora Tatiana proporcionavam um ambiente agradável e conduziam com maestria a instituição. Eles são mesmo educadores! Nós chamávamos de “Nossa Universidade” e acabou. Não sei hoje se sente o que sentíamos com a “Nossa Universidade”.

**R:** A participação da senhora nesse processo: a senhora lidava tanto com a parte burocrática quanto com a parte pedagógica ou só uma das duas?

**I:** Com as duas! A parte burocrática é muito forte, porque para coordenar você precisa ter conhecimento das normas da instituição. Acompanhar a parte pedagógica dos professores, dos alunos, reivindicações e tudo isso aconteceu. Então, eu lidava com as duas coisas: com a parte burocrática e com a parte pedagógica.

**R:** Quais as disciplinas que a senhora lecionava?

**I:** Disciplinas que eu lecionava? Iniciei no curso de Matemática da UNIDERP com VGA, na UCDB Fundamentos da Matemática. Depois, Geometria Euclidiana, Estágio Supervisionado, Fundamentos da Matemática para diversos cursos, Cálculo I, Introdução à Lógica, Geometria Descritiva, Introdução às Estruturas Algébricas, Desenho Geométrico, Conteúdos e Metodologia da Matemática para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, são as que me recordo agora. No início não atuava só no curso de Matemática, lecionava também na Administração, nas Engenharias, Pedagogia, Arquitetura, entre outros. Não posso esquecer de relatar as aulas de laboratório de Matemática depois que montamos o “MEL”: Matemática em Laboratório.

**R:** Foi montado em 1993?

**I:** Não! Foi montado depois. Em setembro de 1992 iniciou o curso. No primeiro momento, eram as disciplinas básicas do curso: Fundamentos, Física, Cálculo I, Cálculo II, Geometria, VGA, entre outras. Quando a primeira turma se dividiu fazendo a opção por dois anos do bacharelado ou dois da licenciatura, passamos a nos preocupar com as disciplinas pedagógicas, então, foi montado o laboratório, depois do segundo ano que iniciou o curso. O laboratório começou a ser montado e criado. O laboratório passou a ser um espaço não só para os alunos da licenciatura de Matemática, mas também para professores de Matemática da rede pública e particular de ensino quando eventualmente oferecíamos cursos. Porém, depois de montado o MEL, não só a turma da licenciatura frequentavam o espaço, mas também alunos de outros anos e os monitores do curso, que faziam do MEL um local de estudos.

**R:** E quanto à elaboração do projeto do curso: a grade curricular?

**I:** A grade curricular inicial, quando cheguei já estava pronta e quem montou foi a professora Maria das Graças Bruno Marietto. Penso que ela montou uma grade curricular que atendia, no momento, os interesses da instituição e a necessidade da demanda por esse curso. Depois que a professora Maria da Graça deixou a instituição, passei a coordenar o curso de Matemática. Dificuldades iam surgindo no decorrer dos anos, mas eu não tomava decisão sozinha, era o corpo docente que me ajudava e definíamos o que seria melhor para o curso e

para a instituição. Assim, as questões eram apresentadas, discutidas com a Pró-Reitoria de Graduação e finalmente aprovadas. Foi assim que foram montadas e elaboradas todas as mudanças dessa primeira grade curricular. Eu, juntamente com os professores, discutíamos muito sobre o curso, coisas boas e ruins, estávamos sempre juntos tomando as decisões. Eu coordenei por dez anos o curso de Matemática da UNIDERP, era responsável pela parte burocrática, porém eu não coordenava sozinha, eu tinha ajuda de todo corpo docente do curso de Matemática. Nós éramos uma equipe unida, comprometida com o curso, com a instituição.

**Joaquim (J)**<sup>87</sup>: É... Maria das Graças Bruno Marietto.

**I**: Nós não sabemos se ela se aposentou ou não, porque faz tempo. Já se passaram uns 23 anos, não tivemos mais notícias dela.

**J**: Ela tinha saído para fazer doutorado.

**I**: Ela saiu da UNIDERP para fazer doutorado. É aquilo que eu comentei: os professores sentiam necessidade de mestrado e doutorado e procuravam opções para conseguir seus objetivos. Nosso curso tinha um algo mais, era muito gostoso estar com os alunos, não foi Joaquim?

**J**: Eu até ajudava de vez em quando lá, sabe?

**I**: Nós íamos sábado e domingo, eu e o Joaquim. E nós aproveitávamos para estudar também.

**J**: Às vezes no domingo, não era sempre!

**I**: É, mas nós aproveitávamos. Então, era um grupo de alunos e de professores muito unido. Não é mesmo Joaquim?

**J**: É, às vezes eles revezavam.

**I**: Sim, revezavam.

---

<sup>87</sup> Nesse momento, o professor Joaquim entra na sala e passa a fazer parte da entrevista.

**J:** Era mais os monitores, eles ficavam estudando, não é?

**I:** Isso.

**J:** E também durante a semana, os monitores chegavam antes do horário das aulas.

**I:** Eles entravam às 7h, mas eles chegavam às 6h.

**J:** Ela conseguia estimular os alunos, sabe, sei lá como [risos].

**I:** Incentivar esse povo, envolver, esse era o motivo.

**J:** O diretor Paulo também dava condições.

**I:** Dava condições.

**J:** Ele falava que o curso de Matemática era a menina dos olhos dele.

**I:** Sim. Tanto é que quando tirava “A” nas avaliações, a instituição dava desconto na mensalidade dos acadêmicos. Ele ajudou muito o curso de Matemática. Era assim, quatro anos, dois básicos, quando começou, e depois bacharelado e licenciatura, isso não demorou muito, em função da quantidade de alunos que chegavam até o segundo ano. Com quatro alunos para fazer bacharelado, pensa quanto custa?

**J:** Bacharelado acabou.

**I:** Acabou logo em função da demanda. Não que não tivesse procura. Entrava no primeiro ano, via vestibular, 60 alunos, mas, chegava no final em torno de 20% deles. Como todo curso de Matemática.

**J:** Eu acho que ele mantinha o curso de Matemática mais pelo fato de que tanto o professor Paulo quanto a professora Tatiana lecionavam Matemática no início de suas carreiras. A MACE foi uma escolinha que eles criaram quando começaram dar aulas de Matemática e foi crescendo. Da MACE, depois nasceu CESUP e só depois é que eles criaram a UNIDERP.

**I:** Eu fiz parte da UNIDERP. Particpei ativamente dessa parte burocrática, porque além de coordenar o curso eu era representante em diversos colegiados e fui membro do primeiro Conselho Universitário também.

**J:** O conselho diretor.

**I:** A posse dos primeiros conselheiros foi no dia em que instituiu a universidade.

**J:** Estava presente o Ministro da Educação.

**I:** É o Ministro da Educação, Paulo Renato Souza.

**J:** Foi no governo do Fernando Henrique Cardoso.

**I:** E foi assim que uma das únicas universidades do governo do Fernando Henrique foi instituída como universidade. Naquela época, poucas universidades foram instituídas, federal ou particular.

**J:** É, e o professor Paulo queria deixar um nome também. Na época iniciou também o curso de Medicina.

**I:** Isso. A medicina foi um dos últimos cursos, mas antes criou muitos outros cursos, criou a unidade Agrária, onde funcionavam os cursos de Agronomia, Veterinária, Biologia, Odontologia, Fisioterapia, Farmácia e Psicologia, aí vieram também o centro de atendimento Médico e Odontológico, enfim, tudo caminhava em pleno desenvolvimento. Mas, em 1992, foram os cursos de licenciatura pioneiros na arrancada para a criação da universidade.

**J:** É que precisava para ser uma verdadeira universidade, avançar também nessa parte de humanas, porque o CESUP era mais voltado para as engenharias.

**I:** CESUP tinha Engenharia, Administração, depois criou Direito também. Tinha Graduação de Professores que foi extinto e a Arquitetura que é o curso mais antigo de lá. Nossa, foi um “boom” nesse período. Para a UNIDERP a década de 1990 foi um período fantástico.

**R:** O quadro de professores como funcionou? Todos os professores que constam o nome no quadro de professores lecionaram na época ou foi só pra abertura do curso?

**I:** Existiam no CESUP professores que lecionavam na Arquitetura e nos outros cursos que existiam na época. Porém, para o curso de Matemática necessitávamos de profissionais específicos e eles foram chegando, conforme o curso necessitava.

**J:** Por exemplo, eles contratavam imediatamente os que se aposentavam na UFMS.

**I:** Porque, eles precisavam de professores com título de mestre e se possível de doutor.

**J:** O pessoal dizia que a primeira coisa que o professor Paulo estava olhando era a publicação das aposentadorias da UFMS.

**I:** Ele precisava de professores com mestrado e doutorado e não tinha muita gente com esses títulos aqui em Campo Grande (MS).

**J:** Ele queria bons doutores e era difícil trazê-los ou investir pesado nesse processo de capacitação. O professor Carlos está lá até hoje, não é?

**I:** O professor Carlos só entrou bem depois no curso. Depois que se aposentou na UFMS.

**J:** É, mas o Carlos é um professor de Cálculo, muito conhecido por sua atuação lá no campus da UFMS de Três Lagoas<sup>88</sup>. Depois, ele veio para Campo Grande (MS) e continua na UNIDERP até hoje.

**I:** Como que era o nome daquele que aposentou na UFMS também?

**J:** O Cápua<sup>89</sup>.

**I:** O Cápua..., o Pieresan<sup>90</sup> foram também professores do CESUP.

---

<sup>88</sup> Terceira cidade mais populosa do estado de Mato Grosso do Sul, distante 326 km da capital, possui uma população de 113.619 habitantes, estimativa feita pelo IBGE (2015).

<sup>89</sup> Luiz Antonio de Cápua: bacharel em Matemática pela USP (1971). Mestre em Matemática pela USP – São Carlos (1981). Doutor em Matemática pela UNICAMP (1986). Foi professor do departamento de Matemática da UFMS e atualmente está aposentado pela UFMS.

**J:** Gilberto Telaroli<sup>91</sup>.

**I:** Então, eram poucos professores com mestrado em Matemática aqui em Campo Grande (MS).

**J:** É que também não havia dedicação exclusiva naquela época, quando eles davam aula, então podia... Eles davam aulas durante o dia na UFMS e à noite no CESUP.

**I:** É, depois surgiu essa questão da dedicação exclusiva e eles foram saindo e teve que modificar o quadro de professores. Nessa época, eu fui convidada para dar aulas no curso de Matemática que estava começando, sem ter o mestrado, só com a especialização. Ainda se autorizava, mas automaticamente tinha que fazer o mestrado, senão, não poderia continuar. Então, foi aí que surgiram mais cursos de mestrado e assim fui pra UFMS, onde conheci o Joaquim que me orientou.

**J:** A equipe era muito unida. Eram pessoas com experiência de sala de aula.

**I:** Professores que vinham do Joaquim Murtinho, eram professores que se destacavam.

**J:** Se destacavam. Ela sabia escolher os professores para formar sua equipe. Joaquim Murtinho é uma escola que tem três mil alunos. Uma escola renomada, não é? Tinha bons professores. Começou a diminuir o salário dos professores da rede do estado, as condições de trabalho pioravam, e eles [professores] procuravam melhores condições e assim foram deixando a educação básica da escola pública.

**I:** A professora Jussara, professora Maria Inês.

**J:** Jussara está lá até hoje e a Maria Inês está na UFMS: Departamento de Física.

**I:** A professora Régia de Química, hoje no IFMS. A professora Doroty de Biologia e tem mais umas três também da Biologia. Todas que trabalhavam no Joaquim Murtinho.

---

<sup>90</sup> Celso Vitorio Pierezan: bacharel em Matemática – mestre em Matemática pela UnB. Ex-reitor da UFMS. Foi professor do departamento de Matemática da UFMS e atualmente está aposentado pela UFMS.

<sup>91</sup> Gilberto Antonio Telaroli: licenciado em Matemática pela UNESP de Araraquara, mestre em Matemática pela UnB. Professor do departamento de Matemática e atualmente está aposentado pela UFMS.

**J:** É, mas era “tipo” uma vanguarda do Joaquim Murtinho. Quer dizer, naquela época esvaziou bem o Joaquim Murtinho.

**I:** É, vai modificando também. Foi mudando a política de educação do estado... os professores procuram estudar mais e assim as oportunidades foram surgindo e tudo vai se modificando.

**J:** Agora o que acontecia, por exemplo, o curso de Matemática da UNIDERP era um dos únicos que obtinham a nota “A” no provão repetidamente.

**R:** É o triplo “A” não é? Do provão?

**J:** É, mas o curso não tirou só o triplo “A”. A nota mais baixa que ele tirou uma vez foi “C”. Eles tiravam “B” ou “A”, então eles alternavam entre “B” e “A”. Algumas vezes, passaram na nossa frente. A gente tirava “B” eles tiravam “A”, por exemplo. Mas teve um ano que eles tiraram “B” e a nossa nota foi “A” [risos].

**R:** A Senhora gostaria de acrescentar mais alguma informação do que foi falado?

**I:** Não sei se agora eu vou lembrar de alguma outra coisa. Eu ainda não tive tempo de pegar o meu HD e verificar se nos arquivos antigos eu tenho alguma coisa que eu possa te ajudar. Se conseguir procurar e for algo de seu interesse passo para você, por hoje é só o que posso ajudar.

[Neste momento faço explicações sobre os procedimentos adotados neste trabalho, quanto às entrevistas e peço sua autorização para uso das informações].

**R:** Obrigada professor Joaquim e professora Iara pela participação.

### 2.2.3 Entrevista realizada com o professor Carlos

*A entrevista com o professor Carlos ocorreu no dia 29 de fevereiro de 2016, às 14h, na sala do NEPES (Núcleo de Estudos e Pesquisas Econômicas e Sociais) da Universidade ANHANGUERA-UNIDERP. Teve duração de aproximadamente 50 minutos. O professor Carlos foi meu professor em várias disciplinas na graduação da UNIDERP. Assim, na busca por depoentes que pudessem me auxiliar na história sobre a constituição do curso de Graduação em Matemática da UNIDERP/CESUP conversei com ele que prontamente se dispôs a ajudar. Entrei em contato com ele, que posteriormente me atendeu, concedendo uma entrevista. O professor é graduado em Matemática pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Penápolis (1972), mestre em Matemática Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP (1985) e doutor em Engenharia Elétrica pela Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP (1994). Atualmente professor aposentado pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, Campus de Três Lagoas (MS) e professor da Universidade ANHANGUERA UNIDERP, Campus de Campo Grande (MS). Leciona no curso de Matemática, nos Mestrados em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional, Produção e Gestão Agroindustrial e no Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional da Universidade ANHANGUERA UNIDERP de Campo Grande (MS).*

**Renata (R):** Hoje, dia 29 de fevereiro de 2016, às 14 horas, estamos reunidos na sala do NEPES da Universidade ANHANGUERA-UNIDERP, eu, Renata Aparecida Zandomenighi, mestranda do curso de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e o professor doutor Carlos para realizarmos uma entrevista relacionada à pesquisa de mestrado, por mim conduzida, sobre o curso de Graduação em Matemática da UNIDERP.

Boa tarde! Professor, muito obrigada pela presença. Inicialmente quero agradecer por aceitar o nosso convite e participar da nossa pesquisa ao conceder esta entrevista. Certamente ela nos trará valiosas contribuições.

**Carlos (C):** Meu nome é Carlos, sou natural do estado de São Paulo, fiz Matemática, graduação em Matemática, mestrado em Matemática Aplicada e doutorado em Engenharia Elétrica. Fui professor de Matemática no curso de Matemática da Universidade Federal de

Mato Grosso do Sul<sup>92</sup> e aposentei depois de 30 anos de serviço. Cheguei aqui no estado em 1998, vim para a UNIDERP lecionar no curso de Administração e de Matemática. Dei aula também em São Paulo no ensino fundamental e médio, mais ou menos uns 12 anos, depois resolvi partir para o nível superior e estou aqui até hoje. Trabalho na UNIDERP. Leciono no curso de Matemática. Nesse semestre não peguei aula porque estou sobrecarregado. Leciono no mestrado em Produção e Gestão Agroindustrial, no mestrado em Meio-Ambiente e oriento sete doutorandos, três mestrados e um pós-doutorando.

**R:** O senhor é natural de Campo Grande (MS)?

**C:** Não, sou natural de José Bonifácio<sup>93</sup>, interior de São Paulo, me criei em Turiúba<sup>94</sup>, cidadezinha do interior de São Paulo. Fica entre São José do Rio Preto<sup>95</sup> e Araçatuba<sup>96</sup>, em linha reta ela fica mais ou menos no ponto médio. Então, eu fiz a graduação em Matemática nessa região, Penápolis<sup>97</sup>, Fundação Educacional de Penápolis<sup>98</sup>. Comecei a dar aula no ensino fundamental e médio no estado de São Paulo, depois, entrei na Universidade Estadual de Mato Grosso, na época, UEMT, que depois se transformou em UFMS. Com a divisão do estado, em 1977, passou para UFMS, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Fiquei em Três Lagoas (MS) de 1972 a 1998 e depois me aposentei. Aposentei na Universidade Federal em 1998 e vim para cá [Campo Grande]. Vim para dar aula no curso de Administração e no curso de Matemática.

**R:** O que motivou o senhor a vir para Campo Grande?

**C:** Infelizmente, foi a situação financeira. Nós passamos um período muito ruim na época, governo de Fernando Henrique Cardoso. Foi o pior momento que a Universidade

---

<sup>92</sup> UFMS, Campus de Três Lagoas-MS.

<sup>93</sup> Município do estado de São Paulo, distante 467 km da capital, com aproximadamente 35.197 habitantes (IBGE/2014).

<sup>94</sup> Distante cerca de 460 km da capital, Turiúba possui aproximadamente 1.797 habitantes (IBGE/2004).

<sup>95</sup> São José do Rio Preto é um município localizado no interior do estado de São Paulo, distante 442 km da capital, com aproximadamente 442.548 habitantes (IBGE/2015).

<sup>96</sup> Localizado no estado de São Paulo, sua população é de 193.828 habitantes, distante cerca de 472 km da capital paulista.

<sup>97</sup> Localizado no estado de São Paulo, distante 426 km da capital, com aproximadamente 62.409 habitantes (IBGE/2016).

<sup>98</sup> FUNEPE: é uma instituição jurídica de direito privado com entidade mantenedora da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Penápolis e do Centro de Estudos Profissionalizantes.

Federal passou em termos salariais. Foram oito anos do governo Fernando Henrique sem ter aumento de salário e mais um antes no governo do Itamar Franco<sup>99</sup>, então ficamos oito anos sem aumento, nosso salário virou pó, então me aposentei proporcional, perdi 15% do salário da Universidade Federal, porque não dava para permanecer mais, não tinha dedicação exclusiva<sup>100</sup>. Aposentei-me e vim para Campo Grande (MS). Me dei bem aqui. O aposentado na Universidade Federal ganha como ativo. Veio o governo do PT (Partido dos Trabalhadores), de uma maneira ou de outra nos recolocou, em termos salariais, voltamos a uma posição boa novamente, não está ótimo, mas em termos do que estava, melhorou muito.

**R:** O senhor foi chamado para trabalhar na UNIDERP nesse mesmo ano?

**C:** Isso. Vamos pensar assim: me aposentei e com uma semana comecei a trabalhar aqui. Fui chamado para trabalhar, principalmente nos cursos de Administração e de Matemática. Já tinham uns dois anos de fundação. Peguei as turmas iniciais, mas não comecei, não participei da montagem da grade, isso não. Penso que foi a professora Iara e o professor Samuel, só vim para lecionar mesmo.

**R:** Conte-nos como era a cidade de Campo Grande (MS) na década de 1990, o que o senhor lembra sobre essa década aqui na cidade?

**C:** Em termos de cidade, tinha muitos bairros afastados, a própria UNIDERP era quase que só mato. Era muito fácil comprar imóveis próximos do centro com um preço razoável. Era uma cidade boa para se viver, por conta que as ruas, até hoje são, muito largas, amplas, muito arborizadas, então, realmente para mim foi um achado, porque eu morei 28 anos em Três Lagoas (MS), aproximadamente 30 anos, o calor era muito intenso. Aposentei lá e vim para Campo Grande (MS), e em termos de melhoria nas condições climáticas, de vida, foi muito bom. A cidade me acolheu, não tive problemas nenhum. Trabalhei na UNIDERP, um pouco na UCDB e fui bem recebido nas duas Universidades. Campo Grande (MS) já era uma cidade muito boa, mas penso que de uns dez anos para cá ela engrandeceu mais por conta dos prefeitos anteriores. Abriu novas avenidas, modernizando a cidade, e agora a gente

---

<sup>99</sup> Itamar Augusto Cautiero Franco, Presidente da República de 1992 a 1995.

<sup>100</sup> Regime de trabalho de um docente. Impossibilidade legal de desenvolver qualquer outro tipo de atividade remunerada ou não, fora da instituição.

percebe que tem alguns frutos ruins também, pois tudo que cresce muito acaba tendo contratempos. Então, você percebe que transitar pela cidade ficou mais difícil, pois, você pode ser assaltado, já tem roubo e a cidade ficou muito grande, o clima também não está muito favorável. A gente percebe que a cidade piorou com os novos governantes. Não tem como deixar a cidade da maneira como está, quase que intransitável. Falta dinheiro, o país está passando por uma crise momentânea, por enquanto precisa sanar isso.

**R:** O que o senhor poderia dizer sobre o cenário educacional na década de 1990?

**C:** Olha, sempre trabalhei nesse ramo. A gente percebe que o cenário, antigamente, era mais difícil para o aluno. Vamos pensar assim: só tinha uma universidade, só tinha quase que praticamente a Universidade Estadual, era difícil o acesso aos seus cursos. Assim, pouca gente conseguia fazer um curso superior, tá certo que a partir de 1990 foi democratizado. Foi criada a UNIDERP em 1996, a UCDB acho que foi criada um ano antes ou dois anos antes, quase que na mesma época. Então, realmente melhorou o cenário, mas mesmo assim a camada da população mais pobre, mais carente, não conseguia fazer um curso superior. Eu penso que a democratização mesmo não foi na década de 1990, foi neste século, dos anos 2000 para cá, em que foram criados os financiamentos estudantis. Hoje, quem não estuda é porque não quer estudar mesmo, tem o FIES<sup>101</sup>, tem o PROUNI<sup>102</sup>...

**R:** Várias universidades.

**C:** Várias universidades! Mudou muito, porque além da UNIDERP e da UCDB tem a Estácio de Sá<sup>103</sup>, a UNIGRAN<sup>104</sup>, então, todas elas são particulares, mas têm financiamentos para esses cursos. O aluno pode financiar com juros muito baixos e pagar futuramente, depois de formado. Penso que o cenário mudou muito de 2000 para cá, 1990 até 2000 era difícil o acesso à universidade. Então, em Campo Grande (MS) só tinha a UFMS e no início da década

---

<sup>101</sup> Fundo de Financiamento Estudantil (Fies) é o programa do Ministério da Educação que financia cursos superiores não gratuitos.

<sup>102</sup> Programa do Ministério da Educação. Programa Universidade Para Todos concede bolsas de estudo integrais e parciais em instituições privadas de ensino superior.

<sup>103</sup> Faculdade Estácio de Sá é uma das maiores organizações privadas de ensino superior do Brasil oferecendo cursos presenciais e a distância de graduação e graduação tecnológica.

<sup>104</sup> Centro Universitário da Grande Dourados é uma instituição privada que oferece cursos de graduação e pós-graduação, criada para atender aos anseios da comunidade local e regional.

de 1990, 1995 a 1998 foram criadas a UCDB e a UNIDERP, depois chegou a Estácio de Sá, chegou a UNIGRAN... Hoje Campo Grande (MS) está bem servida de universidades, penso que existe certa concorrência das universidades na conquista do aluno, não é? Tem a UFMS no meio, mas ela não sofre essa concorrência por ser gratuita. O ensino lá não sofre concorrência nenhuma, mas a concorrência é muito grande aqui, UNIDERP, UCDB, Estácio de Sá, penso que seria isso.

**R:** Sobre a formação acadêmica do senhor, fale um pouco sobre ela.

**C:** Inicialmente, fiz Matemática na graduação, na Fundação Educacional de Penápolis. Já gostava de Matemática. Como diz o ditado: “todo matemático é um engenheiro frustrado”. A minha intenção era fazer Engenharia. Era criança e a carreira que sobressaía era Medicina, Engenharia... até hoje ainda tem esse complexo na população. Como eu já disse, naquela época só tinha Universidade Federal, de difícil acesso, a concorrência era muito grande e você tinha que fazer um belo cursinho para poder ter acesso a essa universidade. Como eu trabalhava e estudava, trabalhava de dia e estudava à noite, não tinha um curso de ensino médio favorável para entrar na universidade e fazer Engenharia. Nessa época, já estava proliferando várias faculdades no interior de São Paulo. Criaram Matemática em Penápolis e fui estudar. Terminei Matemática em julho de 1972. Me formei em julho, em agosto fiz o concurso e comecei a trabalhar na UEMT. Na verdade, não tinha professor de Matemática na UEMT, eram os engenheiros que construíram as barragens do Jupia<sup>105</sup> e Ilha Solteira<sup>106</sup> que lecionavam Matemática na região. Como engenheiro, davam aula de favor, faziam um “bico”, mas não tinham nada pedagógico, então, não era o plano deles. O pessoal que estava se formando, saindo de uma graduação em Matemática, foi substituindo esses engenheiros. Nós ficamos lá esse tempo todo. Surgiu também a Universidade Federal: com a divisão do estado, em 1977, essa universidade era estadual e passou para Federal. Então, em 1979, passamos a ser Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Tive incentivo para fazer pós-graduação.

---

<sup>105</sup> A Usina Hidrelétrica de Ilha Solteira é a maior usina hidrelétrica da CESP e do Estado de São Paulo e a terceira maior usina do Brasil. Está localizada no rio Paraná, entre os municípios de Ilha Solteira (SP) e Selvíria (MS).

<sup>106</sup> Município brasileiro localizado no interior do estado de São Paulo, distante 600 km da capital paulista, população estimada em 26.242 habitantes (IBGE/2014).

Você podia sair com o salário e mais uma bolsa da CAPES<sup>107</sup>. Em 1983 saí para fazer o mestrado em Matemática Aplicada na UNICAMP<sup>108</sup>. Em 1985 terminei o curso e voltei. Trabalhei até 1990. Fui fazer doutorado depois. Queria fazer na Matemática Aplicada novamente, mas naquela época não tinha doutorado em Matemática Aplicada na UNICAMP. Minha área de atuação, que era Otimização e Pesquisa Operacional, só tinha na Engenharia Elétrica. Fiz cinco anos de Engenharia Elétrica em Ilha Solteira, mas não me formei, porque saí para o mestrado, abandonei o curso e fui fazer o mestrado. Mas para o doutorado mudou, porque fiz em Engenharia Elétrica, acabei aproveitando a graduação interrompida em Engenharia Elétrica. Esse pedaço de graduação que fiz, faltaram seis disciplinas para terminar o curso, não terminei, mas me ajudou muito no doutorado. Então, sou doutor em Engenharia Elétrica, mas não posso instalar uma lâmpada, o que manda nesse país em termos profissionais é a graduação, não é? [risos]. Sua profissão é ditada pela sua graduação. Sou doutor em Engenharia Elétrica, mas não posso exercer, só posso dar aula. Então, voltei para cá, trabalhei mais algum tempo. Em 1994, voltei, trabalhei até 1998, me aposentei e depois vim para Campo Grande (MS). Minha meta era permanecer na UFMS, porque tinha mestrado em Matemática e doutorado em Engenharia Elétrica, mas estava difícil ficar na UFMS naquela época, o salário estava muito ruim. Resolvi abandonar. Poderia ter feito um concurso na época, mas não fiz. Depois vim para cá [UNIDERP] e me aposentei de novo. Tenho 68 anos. Estou aposentado de novo e continuo trabalhando, não pode “reaposentar” mais [risos], vamos ver até quando eu vou.

**R:** O senhor atuou em outras instituições escolares antes de entrar na UNIDERP, além da UFMS que o senhor já citou?

**C:** Foi a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Trabalhei no ensino fundamental e médio em Sabino<sup>109</sup>, Estado de São Paulo, região de Lins<sup>110</sup>.

---

<sup>107</sup> Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

<sup>108</sup> Universidade Estadual de Campinas: universidade pública do estado de São Paulo considerada uma das melhores universidades do país e da América Latina.

<sup>109</sup> Sabino é um município brasileiro do estado de São Paulo. Fundado por Antonio Sabino Castilho Pereira e seu irmão Adelino Sabino Castilho Pereira. Estimada em 5.146 habitantes (IBGE/2004), distante aproximadamente 400 km da capital.

<sup>110</sup> Município na região centro-oeste do estado de São Paulo, distante 430 quilômetros da capital paulista. Possui cerca de 71.432 habitantes (IBGE/2010).

Sabino está na região pertencente à Diretoria Regional de Ensino de Lins. Depois vim para Andradina<sup>111</sup> (SP). Em Andradina dei aula no ensino fundamental: 5<sup>a</sup>, 6<sup>a</sup>, 7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> séries e também no ensino médio. Fiz três concursos para professor no Estado de São Paulo, passei nos três, graças a Deus. Tinha 40 horas, mas minha meta não era ficar no ensino fundamental e médio, eu queria dar aula na faculdade. Abandonei tudo, fui para Três Lagoas trabalhar na UEMT, mas acho que foi um ganho muito grande estudar muito para esses concursos em São Paulo... Na época, passaram 27 para o estado inteiro e eu dizia: “Eu passei nesse concurso”. Na região de Araçatuba<sup>112</sup>, que era minha região, passamos só três. Fui eu, um professor meu de faculdade, que fui seu monitor de ensino e mais outro professor que eu não conheço. Nessa época, estava vislumbrando o que poderia ser um professor de universidade e, realmente, as coisas caminharam nesse sentido, pois até agora, estou com quase 70 anos, eu sinto pena em ter que abandonar, mas tem uma hora que você tem que parar e ceder lugar aos mais jovens. Recentemente, pedi à professora Andréa<sup>113</sup> para não lecionar mais na graduação do curso de Matemática. Eu não queria mais, porque: primeiro, tem que sair daqui da UNIDERP Agrárias, chegar e estacionar lá na UNIDERP, Unidade I, no centro da cidade. O curso é no segundo andar e de vez em quando o elevador não está funcionando, estou com o joelho problemático, deve ser a idade, então, é melhor parar mesmo. Quando eu cheguei aqui na UNIDERP, em ciências exatas, acho que só eu tinha doutorado. O professor Paulo, que era dono da UNIDERP, era muito arrojado, ele queria calcular a inflação de Campo Grande (MS), calcular a inflação da agropecuária, essas coisas todas. Ele foi à FIPE<sup>114</sup> e negociou para dar suporte para nós. A inflação de Campo Grande (MS) era calculada pela SEMAC<sup>115</sup>. Ele veio e pediu: “Tem que passar para nós”. Na época, o secretário estava com dificuldades para contratar alunos e bolsistas para fazer a pesquisa e passou para a UNIDERP, mas precisava de um doutor para dar continuidade. A FIPE exigiu que fosse um doutor em Ciências Exatas. Até hoje nós estamos aqui calculando a inflação de Campo Grande (MS). Isso rende à UNIDERP uns 70, 80 mil reais por mês de mídia espontânea. Nossos relatórios sobre a inflação saem nos

---

<sup>111</sup> Localizado no estado de São Paulo, distante 630 km da capital, com cerca de 56.505 habitantes (IBGE/2008).

<sup>112</sup> Localizado no estado de São Paulo, sua população é de 193.828 habitantes, distante cerca de 472 km da capital paulista (IBGE, 2015).

<sup>113</sup> Andrea Nunes Corrêa Paulista: graduada em Matemática pela Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal-UNIDERP (1997) e lato sensu em Informática na Educação pela Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (2002).

<sup>114</sup> Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas.

<sup>115</sup> Secretaria de Planejamento do Estado.

jornais escritos, na televisão, na mídia digital etc. O valor da mídia espontânea é calculado, medindo a área da reportagem em  $\text{cm}^2$  e multiplicando pelo valor em reais do  $\text{cm}^2$ . Eu sei que atinge até 80 mil reais por mês. A UNIDERP faz sua propaganda sem precisar desembolsar nada por isso. Temos esse laboratório aqui, o NEPES<sup>116</sup> em que os alunos bolsistas vão para a cidade pesquisar preços, outros lançam em planilhas e a gente verifica os arquivos e calcula a inflação.

**R:** Os estagiários?

**C:** Os estagiários. Eles ganham uma bolsa até razoável para fazer a pesquisa, ganham passes<sup>117</sup>. Estamos há mais de 10 anos calculando a inflação.

**R:** Como o senhor conheceu a UNIDERP ou foi chamado para trabalhar lá?

**C:** Eu tinha uma colega em Três Lagoas (MS). Ela aposentou antes de mim e veio para cá. Se encaixou na UNIDERP. Um dia ela foi para Três Lagoas (MS), me encontrou por acaso e me convidou. Disse que o professor Paulo estava precisando de um professor para a Administração e para Matemática, se eu não queria vir, porque estava aposentando. Fez o convite na hora certa. Professora Mercedes Abid Mercante<sup>118</sup>, ela que me trouxe para cá. Fui direto lá com o professor Paulo e já comecei a dar aula na graduação: Administração. Inclusive, nesse curso, nessa época, a Matemática do mesmo era pesada, chegava-se a ministrar integrais na Administração, curso matinal, curso noturno, tudo ligado ao Cálculo Diferencial e Integral. Infelizmente, hoje mudou muito. No máximo se faz soma de números decimais, essas coisas assim... brincadeira [risos]. É que na verdade o ensino médio está falhando. Não sei quando vai se resolver isso, mas o aluno chega muito ruim em Matemática na universidade. Então, no curso que não está ligado à Matemática você não pode forçar muito, senão ele abandona. Agora, quando esse aluno vai para o curso de Matemática dá para dar uma consertada nele.

---

<sup>116</sup> Núcleo de Estudos e Pesquisas Econômicas e Sociais

<sup>117</sup> Passagem urbana de ônibus.

<sup>118</sup> Graduada em Geografia - licenciatura plena pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (1973), mestre em Ciências Humanas pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras do Sagrado Coração de Jesus (1982) e doutora em Geografia Física pela Universidade de São Paulo (1994). Atualmente é professora titular da Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal.

**R:** Como foi a implantação do curso de Graduação em Matemática da UNIDERP?

**C:** Cheguei aqui e o curso já estava funcionando. Tinha uns dois anos mais ou menos. Não sei bem quando foi criado o curso, mas cheguei e comecei a ajudar. Fui professor em 1998. Nessa época, o curso era muito concorrido. Tinha um tal do provão que avaliava os cursos de Matemática no Brasil. Acho que foi na época do ministro Paulo Renato que se implementou isso. E o nosso curso de Matemática teve cinco “As” seguidos. A gente era o curso nota “A”. Era o melhor curso da cidade, batia até à UFMS. Nós tínhamos melhores notas que eles. Então, era um curso muito concorrido. A UNIDERP abria curso de férias nos meses de julho, dezembro, janeiro, era lotado. Vinham pessoas do estado inteiro e de fora do estado. Era muito movimentado. Turmas muito grandes. Eram os cursos de verão, era bom que se ganhava um dinheiro extra e contribuía para a formação de muita gente que ganhava como professor leigo. Esses cursos, pelo menos davam um diploma para esse pessoal. Hoje, eles ganham como professor, na verdade muita gente queria o diploma e se aposentar e, realmente, aconteceu isso, faz parte. No início era um curso muito concorrido e muito bem visto, porque as notas eram altas nesse provão. Vinha gente de todo o estado querendo estudar, só que era um curso que você tinha que fazer num curto espaço de tempo. Na época, era à noite, aparecia muita gente querendo fazer, além do pessoal do curso regular, a gente dava aulas nas férias. Hoje, nós estamos mais devagar, apesar de que percebo incentivo que estão dando ao professor, parece que está melhorando. Para formar uma turma era uma dificuldade. Isso há uns três, quatro anos atrás. Hoje não, já se forma uma turma bem mais tranquila. Ainda está como a Administração da UNIDERP que forma três ou quatro turmas todo ano, mas a Matemática forma pelo menos uma turma. A gente percebe, quando faz uma enquete na sala de aula, que pouca gente quer ficar no magistério por conta da situação que ele está. Mas está mudando, o nosso ensino fundamental promete, de acordo com notícias na mídia, ter melhor salário no Brasil. É um incentivo para nós, pois vai trazer muito mais alunos pra graduação e, além disso, tem o FIES que está privilegiando o aluno que está na graduação, incentivo ao magistério. Engenharia também está incentivado, Saúde e Educação, então, penso que vai ter um futuro legal ainda, mesmo com o curso de Matemática na UFMS, concorrendo com a UNIDERP, que é até um curso bem concorrido, mas é um curso difícil para o aluno obter sucesso, ele é outro padrão, outro nível, penso que ele é diferente do nosso,

parece que se privilegia um aluno para fazer mestrado, doutorado. Penso que tem outra tendência, bem mais difícil que o nosso. Nós não sofremos a concorrência. Penso que a UCDB, não sei se tem Matemática, acho que não tem mais. A UNIDERP está aí e o curso vive um bom momento de novo, por conta do incentivo do governo.

**R:** Quando o senhor entrou na UNIDERP já tinha o curso? Quais os desafios enfrentados quando o senhor entrou?

**C:** O desafio que a gente encontrou nesse curso? Porque, era assim, muita Matemática Aplicada, não é? Mas sem laboratório! Eu gostaria de ter um laboratório de matemática não ligado à educação, ligado mais ao *software*, envolvendo cálculo numérico. E a gente não tinha nada de *software* instalado, aliás, nem laboratório tinha. A UNIDERP tem um grande laboratório no Bloco 4, uns três andares de laboratório, mas todos os cursos vão ali. Você não pode instalar um *software*, pois precisa de uma licença, o que não é fácil conseguir. Isso atrapalha muito a vida acadêmica do aluno. A gente não tem um laboratório próprio, eu gostaria de ter, mas esse é um desafio. Estava muito ligado à pesquisa, tentava fazer pesquisa com o aluno, mas o aluno estuda à noite e trabalha de dia, então, é difícil ter um aluno disponível para pesquisar. Tanto é que até agora percebo que a gente precisa de aluno para fazer pesquisa e tem dificuldades para encontrar. Consegui duas bolsas de iniciação científica e não achei aluno disponível. Primeiro, por que a bolsa não era muito grande, uma bolsa de 200 reais por mês, mas mesmo assim não acho. Então, é um desafio muito grande conseguir aluno querendo estudar, querendo fazer um grupo de pesquisa. Escrever um artigo científico então, não tem esse tipo de coisa aqui, é difícil. Até no mestrado, que é só sexta-feira e sábado não conseguimos ter um aluno para fazer um artigo, escrever, só lá no final, escrevendo a dissertação porque é obrigatória, com a obrigação de transformá-la em pelo menos um artigo. Quando cheguei aqui, no início do curso do mestrado, não precisava ter artigo publicado, era só fazer a dissertação e defender. A CAPES começou a pegar pesado, sem publicação a nota ia lá para baixo. Isso acontece, percebo que tem que ser por esse caminho, tem que estar tudo no Currículo Lattes<sup>119</sup>. Se não publicar, não adianta, está fora dos programas de pós-graduação. Então, foi nesse sentido que nós mudamos, estamos com um mestrado que exige

---

<sup>119</sup> Currículo elaborado nos padrões da Plataforma Lattes, gerida pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico).

um artigo da dissertação defendida. Faz-se uma introdução, um referencial teórico e, como resultado, deve sair um ou dois artigos. Três ou quatro artigos para o curso de doutorado. Um desafio encontrado no curso de Matemática é isso: conseguir um grupo para pesquisar, um grupo em que o aluno possa estar disponível. Não culpo o aluno que faz uma faculdade particular, pois ele trabalha de dia, então, ele não tem tempo mesmo. Eu acho que a maior dificuldade foi essa. Eu acho assim, o curso de Matemática é um curso em que o aluno é muito educado, gentil, mais humilde, é fácil de lidar com ele. Dei aulas no curso de Administração e sei como o aluno é bem diferente do aluno do curso de Matemática, mais difícil de se trabalhar. Na Matemática, os alunos são muito gentis, respeitam muito o professor. Eu acho que é pelo fato que também vai ser professor ou porque a pessoa que opta pela Matemática é uma pessoa que, talvez, não tivesse tanta chance de poder fazer outro curso, que dependia de se fazer um cursinho. Então, está fazendo esse curso de Matemática como uma redenção, por isso valoriza mais o seu professor.

Muitos não se formam, porque, apesar do nosso tratamento com o aluno, do aluno ter acesso ao professor toda hora, ele não tem tempo de procurar o professor, mas procurando o professor tem toda assistência. Daí acaba abandonando quando surgem as dificuldades. É, porque a formação dele, no ensino médio, foi muito ruim. Aluno que saiu do EJA, todo tipo de curso rápido, entra na Matemática, então fica pelo caminho.

**R:** Qual a participação do senhor nesse processo? Mas o senhor falou que não participou.

**C:** Eu não participei da elaboração do projeto pedagógico, mas depois sim, depois participei de outros projetos pedagógicos do curso que estavam sendo reformulado. Era um curso de quatro anos, caiu para três anos.

**R:** Mas na época que o senhor entrou ainda era bacharelado?

**C:** Bacharelado nunca funcionou, sempre funcionou licenciatura.

**R:** A primeira turma não cumpriu o bacharelado?

**C:** Não que eu saiba. Apesar de criar o bacharelado, não fazia o bacharelado na época.

**R:** Foi só licenciatura?

**C:** Foi só licenciatura mesmo. Pelo menos essa foi a informação, pode ser até que eu esteja enganado, porque o pessoal entrava muito para ser professor na época, até um pouco diferente de agora. Até falei para você, você faz uma enquete na sala e muita gente não quer ser professor, talvez pelo momento que estava passando o ensino. Na época, nós chegamos aqui, em 1998, acho que era melhor um pouco, depois, o ensino caiu e agora está voltando a melhorar. O ensino passou por um momento ruim, mas agora estamos passando por uma fase boa. Essa propaganda na mídia nacional de que o professor do ensino médio em Mato Grosso do Sul está ganhando um dos melhores salários do país é incentivadora para o aluno voltar para o curso de licenciatura, isso vai ser bom.

**R:** Na época que o senhor entrou, entraram também vários outros professores ou não? Tinha um critério de seleção?

**C:** Não, não sei. Acho assim, a maioria era convidado. A professora Mercedes me apresentou no curso como professor doutor. Foi uma carta para entrar. Era mais convidado, apresentado, não tinha concurso, não, a não ser que aparecesse algum professor sem nenhuma apresentação. Mas não aparecia ninguém que tenha “caído de paraquedas” no curso [risos]. Fase boa... não me lembro de nenhum professor com habilitação em Matemática que tenha entrado ou saído desse grupo. Nós tínhamos o Wanderlei Scucuglia<sup>120</sup>, não era de Matemática, mas dava aula na Matemática, o Willian<sup>121</sup>... O Wanderlei Scucuglia deve conhecer bem a criação do curso de Matemática.

**R:** Ele também é matemático?

**C:** Não, ele é engenheiro, fez Engenharia em Ilha Solteira, mas trabalhava aqui na Matemática, na Engenharia Civil e outros cursos. Esse professor é mais antigo do que eu ainda. Tinha um professor que faleceu que dava aula na Matemática, também era engenheiro. Havia muito engenheiro professor de Matemática, até que professores com habilitação em

<sup>120</sup> José Wanderley Scucuglia fez graduação (1990), mestrado (1999) e doutorado (2006) em Engenharia Elétrica pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita.

<sup>121</sup> Willian de Araújo Rosa: graduado em Engenharia Civil pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (1990) e mestrado em Engenharia Civil pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1994).

Matemática começaram a chegar. O Jarbas também era engenheiro e começou a dar aulas na Matemática. A Iara, eu mesmo, depois o Paulão<sup>122</sup>, o Adriano<sup>123</sup>. O Paulão e o Adriano fizeram o curso de verão em Matemática.

**R:** Adriano e Paulão são frutos desse curso de verão?

**C:** Sim. O Paulão trabalhava na MACE, o que ele podia fazer era o curso de verão. Foi um excelente aluno, excelente professor também e agora dá aula na Engenharia, nas Engenharias Civil e Elétrica, pega esses cursos iniciais de Engenharia com 120 alunos, consegue motivar e brincar com os alunos e obtém sucesso.

**R:** O senhor não participou no processo de elaboração inicial do curso, mas participou das reformulações?

**C:** Sim, foi reformulado, várias alterações pedagógicas foram feitas no curso de Matemática e eu participei. Quando a Iara entrou houve reformulação.

**R:** O nome do curso permaneceu “Matemática com Ênfase em Ciência da Computação”?

**C:** Isso, mas Ciência da Computação caiu, porque hoje não tem mais.

**R:** É Matemática Computacional?

**C:** Sabe que eu não sei. Agora, para mim, é só Matemática, com duração de três anos. Na vigência da coordenação da Andréa é que foi feito todo o projeto pedagógico. Mas, na verdade, existia uma reunião em que éramos chamados para fazer uma ementa, fazer uma formulação nas disciplinas. Nós tínhamos o 4º ano, você estudava Equações Diferenciais, Variáveis Complexas. Eu, pelo menos, dava isso aí... Tinha Análise no  $\mathbb{R}^n$ ... hoje, sumiu um pouquinho Equações Diferenciais e Cálculo III. Na verdade, Equações Diferenciais, só aquelas mais simples, no próprio Cálculo Diferencial e Integral... Sobre Variáveis Complexas,

---

<sup>122</sup> Paulo Roberto Campos Rodrigues Junior. Atualmente professor da ANHANGUERA-UNIDERP nos cursos de engenharias.

<sup>123</sup> Adriano da Fonseca Melo: licenciado em Matemática pela Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (2002), graduado pelo curso Graduação de Professores pela Universidade Católica Dom Bosco (1989) e mestre em Educação Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2010).

passa longe. O aluno não vê números complexos no ensino médio. O aluno corre o risco de entrar na graduação e sair sem ter visto números complexos. Isso vai ter que mudar no ensino médio. Por isso que não dá. Se o aluno não viu, está certo que o aluno até tem condição de ler o livro do ensino médio, aprender e repassar, mas ele foge assim da Geometria, porque não se dá Geometria no ensino fundamental e médio, porque o professor também não viu na faculdade ou, pelo menos, não via. Vejo que o professor Adriano faz um pouco de Geometria na graduação, eu fiz um pouco de Geometria também.

**R:** A professora Jussara trabalha, não é?

**C:** Ela trabalha mais em VGA. Acho que é um pouquinho acima da Geometria, antes de VGA deveria ter Geometria. Hoje, nesse curso, também já não tem mais Desenho Geométrico. É uma pena! Isso é uma proposta do Governo Federal, fazer uma licenciatura mais breve para que o aluno já possa sair e praticar. Agora quem quiser fazer mestrado parte para o bacharelado.

**R:** A proposta do curso na época foi reconhecida como bacharelado e licenciatura?

**C:** Podia optar em fornecer uma das duas ou as duas. Eu acho que só fornecia licenciatura mesmo. Tenho essa informação, pode ser que esteja errado.

**R:** Quais as disciplinas que o senhor lecionava? Algumas o senhor já citou.

**C:** Lecionava Cálculo Diferencial e Integral I, II, III e IV, VGA, Álgebra Linear... Na Matemática: Equações Diferenciais, Variáveis Complexas, Estatística e agora, mais recentemente, nesse novo curso, nessa nova estrutura, dei um pouquinho de Geometria Plana e Espacial. São só essas disciplinas que eu faço, não gosto muito de matérias pedagógicas. Estou fazendo justamente isso, Educação Matemática. Gosto de ensinar Matemática Aplicada em pesquisa, com resultados usando *software*, todos com resultados para publicar. Matemática Aplicada mesmo! Agora, para Educação Matemática, motivação para isso... eu sempre tive dificuldades. É bom que seja assim, cada um na sua linha de pesquisa, aí juntando tudo...

**R:** O senhor gostaria de acrescentar mais alguma informação do que foi falado até então?

**C:** Não. Acho que devo ter falado tudo para você. A gente espera que o governo continue incentivando o professor, principalmente, o salário. Todo mundo é humano, tem família, tem filhos, tem que dar o mínimo! A pessoa tem que ganhar razoavelmente bem para poder dar conta dos seus compromissos em casa, inclusive, com tempo para preparar as aulas e não esse “sufoco” de estar em três, quatro escolas para preencher uma carga horária de 40 horas semanais. A esperança é que o professor seja reconhecido e que ele possa ter tempo. Acho que ele tendo tempo para preparar as aulas, ele pode fazer muito mais para os alunos. Eu acho que é isso.

[Neste momento faço explicações sobre os procedimentos adotados neste trabalho quanto às entrevistas e peço sua autorização para utilizá-las]

**R:** Obrigada, professor Carlos, pela participação.

**C:** Eu que agradeço.

#### 2.2.4 Entrevista com o Professor Paulo

*A entrevista com o professor Paulo ocorreu no dia 10 de março de 2016, às 10h, com duração de aproximadamente 80 minutos. Entrei em contato com a secretária do Colégio MACE pelo telefone, expliquei sobre minha pesquisa e o interesse em entrevistar o professor Paulo. Ela tornou-se a intermediadora desta entrevista, entrando em contato com o professor e marcando a entrevista. Posteriormente, me ligou informando dia, local e horário. O professor Paulo foi reitor da UNIDERP na época da minha graduação.*

**Renata (R):** Hoje, dia 10 de março de 2016, às 10 horas, estamos aqui reunidos no prédio CEAP (Centro Empresarial Afonso Pena), localizado na Avenida Afonso Pena, número 1440, eu, Renata Aparecida Zandomenighi, mestranda do curso de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), o orientador da pesquisa, professor doutor Thiago Pedro Pinto e o professor doutor Paulo para realizarmos uma entrevista relacionada à pesquisa de mestrado, por mim conduzida, sobre o curso de graduação em Matemática da UNIDERP.

Bom dia professores.

**Paulo (P):** Bom dia!

**Thiago (T):** Bom dia!

**R:** Obrigada pela presença. Inicialmente, quero agradecer por aceitar nosso convite a participar da nossa pesquisa, nos concedendo esta entrevista. Certamente ela nos trará valiosas contribuições.

**P:** Muito obrigado. Espero poder colaborar.

**R:** Primeiramente, gostaria de pedir para o senhor se apresentar.

**P:** Meu nome é Paulo. Nascido em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, no ano de 1940. Hoje tenho 75 anos, comecei a trabalhar aos 14 anos e quando eu tinha 17 anos fiz um curso de seleção para me alistar no exército, na Escola Militar, aprovado, fui para Três Corações em Minas Gerais. Fiz um curso de formação de sargentos na ESA: Escola de

Sargento das Armas. Fiquei um ano lá, fui bem classificado. Depois, devido a minha boa classificação, saí de lá e fui fazer um novo curso no Rio de Janeiro (RJ), na Escola de Defesa Antiaérea em Deodoro<sup>124</sup>, Marechal Deodoro. Lá, tem uma escola especializada nisso. Naquela época, o curso era de altíssimo nível, porque havia um convênio entre a Força Aérea e as Forças Armadas dos Estados Unidos, então, na época se falava muito em foguetes balísticos. Como era a artilharia antiaérea e a velocidade dos aviões ia aumentando, então, sabia que a forma tradicional de canhão antiaéreo era insuficiente, ineficiente. Comecei a estudar balística, me aprofundei muito nisso. Na época, nós não tínhamos o computador tradicional, nós tínhamos o medidor de tiro, onde você trabalha com radar. Meu curso era operador de radar, enfim, era uma tecnologia bem alta. Terminei o curso bem e pude escolher a cidade onde ia exercer a minha profissão de militar. Escolhi Campinas<sup>125</sup> por ser um Centro Universitário de excelência. Fiquei em Campinas como militar e lá eu fui para o quinto grupo de canhões antiaéreos. Era uma cidade maravilhosa, tinha 500 mil habitantes na época, isso em 1961, então, fiquei esse tempo por lá. Eu tinha terminado o ensino médio em Campo Grande (MS), no colégio Osvaldo Cruz<sup>126</sup>, uma escola de bom nível. Infelizmente, ela foi caindo até desativarem, mas foi muito bom o curso. Três ou quatro escolas eram de bom nível: Colégio Dom Bosco, Maria Auxiliadora<sup>127</sup> (Dom Bosco e Auxiliadora eram das elites), tínhamos o Colégio Osvaldo Cruz e um colégio de excelente nível que era estadual: Escola Estadual Campo-Grandense<sup>128</sup>, hoje Maria Constança de Barros<sup>129</sup>.

O pessoal lutava para conseguir uma vaga na estadual, porque oferecia cursos bons, com bons professores. Então, fiz o ensino médio no Osvaldo Cruz, depois fui para a Escola Militar em Campinas. Fiz o primeiro vestibular para Odontologia. Não tinha nada a ver comigo. Não tinha Medicina em Campinas e o melhor curso na área da saúde era Odontologia. Eu era um aluno muito aplicado, gostava de estudar e isso fez com que eu tivesse uma aprovação tranquila no vestibular, fiz dois anos de Odontologia. Vou dizer que

---

<sup>124</sup> Deodoro é um bairro da região de Realengo na Zona Oeste do Rio de Janeiro (RJ).

<sup>125</sup> Município do interior do estado de São Paulo com aproximadamente 1.164 098 habitantes (IBGE/2015), distante 96 km da capital paulista.

<sup>126</sup> Na década de 1927, conhecido com Instituto Osvaldo Cruz.

<sup>127</sup> Colégio Auxiliadora, fundada em 1926.

<sup>128</sup> Extinto Colégio Estadual campo-grandense que atende hoje pelo nome de Maria Constança Barros Machado.

<sup>129</sup> Maria Constança Barros Machado, localizada no bairro Amambai, Rua Marechal Cândido Mariano Rondon, nº 451.

não era vocação, tranquei o curso, parei o curso de Odontologia e fiz vestibular para Ciências Econômicas. Talvez tivesse vocação política, gostava de economia, gostava da área de humanas, sempre gostei muito e lá eu comecei a estudar, me saí muito bem e terminei o curso de Economia com tranquilidade, sem problemas. Em Campinas fiz uma prova de seleção para o mestrado na USP<sup>130</sup>, na FIPE (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas da Universidade de São Paulo) e fui aprovado. Tinha 400 candidatas para 20 vagas e eu consegui o oitavo lugar, mas eu estudava dia e noite [risos]. Vocês sabem o quão difícil é entrar numa faculdade dessas? Ficaram surpreendidos lá em Campinas, porque sabiam que eu era de Mato Grosso do Sul e na verdade 80% das vagas da USP eram ocupados por alunos da própria USP, aí, viram aquele cara lá... magrinho, baixinho, estudando, tirando nota boa: “quem é aquele cara?” Foi uma coisa muito positiva pra mim, consegui tirar muito bem o curso, depois fui indicado para trabalhar no Ministério do Planejamento no Rio de Janeiro (RJ). Fiz o curso. Depois fui para o Ministério do Planejamento, no Centro Nacional de Recursos Humanos, tinha um cargo de técnico de pesquisa, fiquei lá dois anos. Meus irmãos fundaram a MACE e pediram para que eu viesse dar uma “ajudazinha” para eles: organizar e orientar. Eles estavam começando a instituição. Falei: “Vou fazer uma visita para ver o potencial da cidade e tudo mais”. Em 1971, 1972, vim para cá e vi que tinha um potencial muito grande, porque ficava próximo... já se falava da divisão do estado... em 1977 aconteceu, em 1979 foi efetivamente a implantação do estado. Eu já estava divisando todo esse projeto muito mais abrangente, muito mais macro. Minha tese de mestrado era “O valor econômico da educação”, “Taxa de retorno e investimentos na educação”, então, eu realmente comecei a olhar que tinha potencial. Pedi uma licença de dois anos ao Ministério do Planejamento para ajudar os meus irmãos. Não voltei mais, fiquei direto aqui, desenvolvi alguns trabalhos grandes, fizemos a sede própria, terminamos a MACE.

Depois da MACE, eu sentia um potencial. As instalações físicas eram extremamente frágeis, mas eu tinha um corpo docente de alto nível, por isso que eu digo que recursos humanos é fundamental para qualquer empreendimento, principalmente na área de educação. O professor podia dar aula até embaixo de uma árvore, quando o professor é bom, talentoso e

---

<sup>130</sup> Dentre as quatro universidades públicas mantidas pelo governo de São Paulo, a Universidade de São Paulo é considerada a universidade mais importante do país.

motivador ele pode dar aula em qualquer lugar, não tem esse negócio de luxo. Se você voltar antes, lá na Grécia, você valoriza as pessoas e não o prédio que dava aula. Você fala em Sócrates, Platão, Aristóteles, você fala deles, das ideias deles... Onde é que eles davam aula? Saíam num campo, embaixo de uma árvore... então, são essas pessoas a premissa fundamental da MACE, o sucesso foi esse. Nós recrutamos os melhores professores da cidade, na época era a Universidade Estadual de Mato Grosso (UEMT). Nós recrutamos da própria universidade para dar aula pra gente. A ideia foi dos meus irmãos. Apoiei totalmente, porque era uma ideia maravilhosa. Os alunos sentiram que estava crescendo. Os pais ficavam com grande desconfiança. Alguns faziam assim: os excelentes alunos colocavam no Dom Bosco e aqueles mais frágeis colocavam na MACE pra ver se a gente tinha capacidade de recuperá-los... e nós recuperávamos. Começamos a receber alunos de alto nível na MACE. No início foi aquela briga, porque as escolas tradicionais viam que era uma metodologia nova. A gente tinha o aluno como centro polarizador de todo o sistema de ensino e aprendizagem. Diminuímos a distância do professor para o aluno. Antes, na época, Dom Bosco e as outras, o professor dava aula num púlpito, lá em cima, o quadro negro lá em cima e os alunos lá em baixo.

**R:** Tradicional.

**P:** Tradicionalíssimo. Era aula expositiva, nós chamamos de... aquelas aulas onde você tem o professor como cerne de tudo entendeu? O aluno era mais... tinha que ouvir, nem podia contestar. Fiz pesquisa fora do Brasil e analisei um processo inverso, resolvemos fazer na sede própria da MACE exatamente o contrário. Se você for a MACE vai ver aquele prédio redondo, cilindro, você vai ver que todas as salas de aulas são em forma de anfiteatro, onde o aluno fica em cima e o professor embaixo, nós invertemos, foi uma inovação, não que diminuísse o professor, ele é importantíssimo, mas o aluno tinha um papel relevante de perguntar, essa foi a dinâmica. Na MACE colocamos som nas salas, a troca de uma aula não era sinal, era música. Nós tínhamos aulas de xadrez, foi bem revolucionário, no início da MACE.

A UCE<sup>131</sup> fez o primeiro ginásio coberto e nós fomos o segundo a fazer ginásio coberto em Campo Grande (MS), com piscinas semiolímpicas, esse tipo de coisa, e a gente foi avançando bastante. Tinha um terceiro ano que era cursinho forte, mas decidimos que era mais importante se pudesse aliar com outro cursinho que fosse especializado só em preparação de aluno para a universidade. Nós fizemos um convênio com Galeno<sup>132</sup>, um curso antigo de altíssimo nível em Campo Grande (MS). Eles tinham um poder de aprovação muito grande, então nós juntamos o nosso terceiro ano, fizemos convênio com Galeno, trouxemos todos os professores para dentro da MACE, de modo com que o nosso cursinho aprovava 90%, 80%. Existia um problema que era diferente de hoje, se notava que o vestibular era regime militar e unificado, assim, todas as pessoas tinham uma data definida, todas as universidades federais eram obrigadas a fazer o vestibular no mesmo dia, na mesma hora etc., isso era uma forma de regionalizar a educação. Quem é do Paraná (PR), vai fazer no Paraná, (PR) não vinha para Campo Grande (MS), porque se ele viesse para cá ele perdia a prova de lá. Eu sou a favor disso, de todas as universidades federais fazerem a prova no mesmo dia e no mesmo horário, porque é injusto para um aluno do Sul ou de Campo Grande (MS) que receba alunos de São Paulo (SP), do Paraná (PR), do Rio Grande do Sul (RS) de alto nível. O cara tem e aprende informações muito mais rápidas, tem na verdade essa facilidade de comunicação.

Nosso povo não tem o hábito de leitura, nós temos nossas limitações, então, hoje, na verdade é o “pinga-pinga”: o cara faz vestibular em Campo Grande (MS), na universidade federal daqui, faz em Cuiabá (MT), faz em Rondônia (RO), faz em São Paulo (SP), vai pingando, faz oito, nove vestibulares, concorrendo com nossos alunos daqui, enquanto a gente luta, por exemplo, no caso de Dourados (MS), eu colaborei muito para criar a filial de Dourados (MS), havia uma euforia por parte da população. Em Dourados (MS) os políticos notaram, no último vestibular de medicina, que 90% era de fora, então, não adiantou aquela luta daquela comunidade para beneficiar os alunos daquela cidade. Isso acontece, no primeiro ano, por exemplo, tinha dois alunos de Dourados (MS), o restante todos de fora. Vemos aqui mesmo na UFMS, quantos alunos têm de Campo Grande? Pouquíssimos! 90% são alunos de

---

<sup>131</sup> Associação da União Campo-grandense de Estudantes.

<sup>132</sup> Antigo cursinho, localizado em Campo Grande (MS).

fora. Você monta recursos nossos, fala que a universidade é nossa, mas no fundo nossos acadêmicos, alunos, não são contemplados com isso.

Acredito que o FIES tem que ser exigido de uma forma que democratiza mais. Acho que precisa regionalizar, principalmente as federais. Em 1974, fiz convênio com Galeno, foi maravilhoso. Na UFMS a gente passou uns 80%, 90%. Nós lutávamos muito com o cursinho do Dom Bosco, havia uma discussão muito saudável, a gente via quem aprovava mais. Eu aprovei no ITA<sup>133</sup> dois alunos, fiz a euforia [risos], para nós conseguirmos isso era um ato de heroísmo, foi muito bom. Depois, em 1974, recebi um abaixo-assinado dos alunos, querendo que a gente criasse cursos superiores na MACE, de preferência da área de engenharia ou exatas, no período noturno. Tudo era curso diurno aqui, só tinha Economia, Contábeis e Direito. Na FUCMAT, ofereciam esses cursos, mas curso da área de exatas não existia, era só a UFMS que oferecia. Só tinha a UFMS - que na época era estadual e a FUCMAT. Pediram para eu criar cursos da área de exatas à noite. Fui até o MEC, tinha um bom relacionamento lá, sensibilizei as autoridades a criar cursos dessa área. Começou a surgir os cursos de tecnologia, curso dos tecnólogos. Fui o pioneiro aqui em Mato Grosso do Sul. O que é o curso? Como nasceu o curso de tecnologia? Muita gente não sabe, eu fui um dos que colaborou para isso! Foi o seguinte: a época do Mário Henrique Simonsen<sup>134</sup>, ele era do Ministério do Planejamento do Governo Federal, foi meu professor do mestrado, infelizmente faleceu, mas era uma estrela, tem livros maravilhosos, como “Brasil 2001”. Professor de Macroeconomia da Economia Brasileira. Vendo aquela época chamada de “Milagre Brasileiro”<sup>135</sup>, onde o Delfim Netto<sup>136</sup> conseguiu uma taxa de crescimento bem alta no Brasil, então falavam que era o Milagre Brasileiro. Delfim não gostava desse termo, ele dizia que as variáveis todas deram certo e por isso houve aquele “Up” no Produto Interno (PIB). Havia apenas escolas federais que formavam, não mais do que umas oito ou dez escolas privadas, poucas universidades, as PUCs colaboraram muito para a formação de professores e engenheiros, mas mesmo assim eles achavam que era demais, cinco anos para a pessoa realmente entrar no mercado de trabalho. Criou-se um tipo de engenheiro chamado

---

<sup>133</sup> Instituto Tecnológico de Aeronáutica.

<sup>134</sup> Foi professor, banqueiro, engenheiro e economista. Destacou-se como professor de economia.

<sup>135</sup> À época, esse nome foi dado devido ao elevado crescimento econômico durante o Regime Militar no Brasil.

<sup>136</sup> Antonio Delfim Netto é um professor universitário, economista e político brasileiro.

Engenheiro Operacional, que era Engenheiro de três anos. O CREA, que era o Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia. Arquitetura não é mais, porque agora tem um conselho deles, que é o CAU<sup>137</sup>. Na época era o mesmo conselho. Dessa forma, o CREA normatizou o que o Engenheiro de três anos e o que o Engenheiro de cinco anos podiam fazer. Havia uma série de atribuições para o chamado Engenheiro Pleno, podendo fazer projetos, fiscalização de obras, supervisão, pontes, estradas, todas as atribuições de construção, enquanto o Engenheiro Operacional, como ele era de três anos, podia fazer tudo, mas em uma faixa menor, por exemplo, as estradas, ele podia fazer tudo de estradas, mas não podia fazer nada de edifícios, enquanto que o Engenheiro Pleno podia fazer tudo. Um Engenheiro de Operações em Telecomunicações podia cuidar apenas daquela faixa, não podia entrar na eletrônica ou na elétrica. Essa foi a concepção da criação de engenharia operacional, começou a formar as primeiras turmas. As empresas daqui, na época tinha a TELEMAT<sup>138</sup> (empresa que hoje é a TELEMS) que contratava o pessoal, os engenheiros de três anos dentro da carreira, planos de cargos e salários. Numa escala hierárquica, não só em termos da hierarquia funcional, mas também de salário, primeiramente vem o Engenheiro Pleno, depois Operacional, o Técnico, depois o Auxiliar Técnico... Os Engenheiros Operacionais começaram a entrar na justiça querendo os mesmos direitos do Engenheiro Pleno, porque eles também eram engenheiros e ganhavam, quer dizer, eles pegavam um juiz meio inconsequente que considerava que eles eram engenheiros como o outro e eles ganhavam.

O Ministério da Educação resolveu mudar, ele extinguiu o curso de Engenharia Ocupacional e no lugar criou o curso de Tecnólogo, um curso de tecnologia com um nome totalmente diferente. Um Tecnólogo é um Engenheiro Operacional antigo, mas hoje bem definido com função abaixo do Engenheiro pleno. Consegui, depois de batalhar durante dois anos, trazer os primeiros cursos superiores de tecnologia para Campo Grande (MS). Primeiro foi Telecomunicações, segundo foi Eletrotécnica, depois foi Construção Civil... Criei também um curso da área de formação dos professores, e nisso, para fazer o curso eu criei o CESUP. Quando foi criado o CESUP? Dia 7 de dezembro de 1974. Inicialmente, o CESUP não tinha prédio próprio, mas mesmo assim criamos o CESUP. A MACE estava ociosa à noite, os

---

<sup>137</sup> Conselho de Arquitetura e Urbanismo.

<sup>138</sup> Telecomunicações de Mato Grosso.

alunos da noite começaram a ir para o estado, então a gente pôs aquela capacidade ociosa... Nós instalamos lá na MACE. Eram cursos de tecnologia, depois de quatro anos, nós construímos a sede própria no minianel. Fomos taxados de malucos, de sonhadores, por que era longe e não tinha nada lá, não tinha ônibus e quando passava, ficava a 200 metros. A pessoa tinha que descer e ir andando até lá, não tinha luz elétrica, ficava longe, só tinha alta tensão, não tinha telefone, não tinha nada. No início, eu tive que contratar ônibus que saia da MACE para levar os alunos. Saía de dentro da MACE. Fui com aquela coragem. Conversei com o prefeito, consegui levar o ônibus mais próximo. Conversei com as empresas de telefonia, elas não queriam, resistiram bastante, mas consegui colocar um ponto de telefone. A gente foi evoluindo, depois internet, foi uma luta tremenda, também levamos tudo isso. A gente se considera pioneiros. Por sorte - considero sorte isso - o estado foi dividido e implantado em 1979. Em 1978 eu fundei, criei e inaugurei o CESUP. Já sabia que estava sendo criado o estado e que o negócio ia desenvolver, mas ninguém sabia se iria desenvolver para lá, para cá ou para que região ia desenvolver. Um *feeling*<sup>139</sup> me dizia que lá era o lugar. Só tinha o minianel, perto da escola Miguel Couto, criado pelo Levy Dias<sup>140</sup>, foi bem usado. Depois, em 1979, foi implantada a divisão do estado. Foi praticamente a explosão... começou uma demanda grande, foi muito bom... o shopping foi para lá. Tudo aconteceu naquela região, onde tem a cachoeirinha, por ali tudo era fazenda, tinha criação de boi, enquanto o aluno estava estudando vinha um boi [risos]. As escolas, os cursinhos, debochavam... que era uma universidade morta, que já tinha nascido morta. Mas eu estava muito determinado. Isso foi bom, porque lentamente comecei a criar mais cursos. Em 1980, criei Arquitetura, foi um “boom”. A UFMS ficou irritadíssima comigo, porque achavam que eu não tinha uma estrutura para manter um curso de Arquitetura. Não tinha Arquitetura em Campo Grande, no Mato Grosso do Sul... não tinha em Cuiabá (MT), não tinha em Rondônia (RO) ... tinha pouquíssimos cursos no Brasil. O número de arquitetos em Campo Grande (MS) era muito pequeno, devia ter uns 46, 50 arquitetos na cidade, ficaram desesperados. O Jurandir Nogueira<sup>141</sup> foi o primeiro contra, ele trabalhava na UFMS e era presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB). Ele fez um movimento em Campo Grande (MS), pediu para todos

---

<sup>139</sup> Palavra em inglês: enxergar uma boa oportunidade.

<sup>140</sup> Foi prefeito de Campo Grande duas vezes. Advogado e político brasileiro com atuação em Mato Grosso do Sul.

<sup>141</sup> Jurandir Santana Nogueira (1940-2001).

os arquitetos mandarem um telegrama ao Ministro da Educação para cancelar o meu decreto de criação de Arquitetura, olha a cabecinha do cara! Fui a Brasília, o Ministro da Educação me recebeu, contei para ele o caso e ele falou “Não, tudo bem. Está tudo certo. Vi seu projeto e é maravilhoso”. Meu projeto foi feito pela USP, pela FEAUSP<sup>142</sup> de São Paulo, pelo Lúcio Grinover<sup>143</sup> que veio dar aula magna. Ele mandou professor para cá... dava palestra toda semana. Trouxe para dar palestra o Décio Pignatari<sup>144</sup>, autor da poesia concreta, maior estrela do Brasil. Eu tornei a coisa tão dinâmica, tão positiva, que toda a elite de Campo Grande (MS) estudava Arquitetura comigo. Existia o maior interesse que esse curso fluísse de maneira positiva.

Depois de Arquitetura, em 1985, criei Engenharia de Agrimensura. A partir de 1990, comecei a criar as licenciaturas. A primeira licenciatura que criei foi Biologia, criei com a professora Sueli<sup>145</sup>. Era uma professora da UFMS, doutora pela USP, pessoa maravilhosa. Teve até um caso: ela tinha dois filhos que foram pescar no Pantanal, eles gostavam de fazer acampamento. Fizeram o acampamento e à noite, mataram os dois filhos dela, uma coisa pavorosa, ela ficou traumatizada, ficou uns tempos de licença da UFMS, mas depois ela se recuperou e fez um curso de Biologia maravilhoso, o nosso curso. Ela falou: “Paulo, temos que ter uma base de pesquisa no Pantanal”. Foi por inspiração dela que eu construí no Pantanal um Instituto de Pesquisas do Pantanal em uma área de três mil hectares! Construí uma pousada com 60 leitos, laboratórios... levei luz elétrica: 40 quilômetros de luz elétrica. A gente tinha motor monofásico. Fizemos um campus que era uma coisa de louco, e abri para a comunidade científica do Brasil. Abri não somente para pesquisadores da UNIDERP, mas também para pesquisadores da UCDB, para todas as escolas, e internacional também. Tive convênios internacionais importantes na base de pesquisa, então, foram coisas que me agradaram bastante e perpetuaram até a venda da escola. Conseguimos fazer um acesso melhor. Essa área que escolhi do Pantanal era totalmente virgem. Havia ação filantrópica, que é a ação do homem no local. Lá não tinha isto, era tudo nativo, era o verdadeiro Pantanal. Para os pesquisadores aquilo era uma delícia, eles podiam pesquisar mesmo, com rigor. Tinha

---

<sup>142</sup> Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo.

<sup>143</sup> Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (1957). Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (1966).

<sup>144</sup> Foi um publicitário, poeta, ator, ensaísta, professor e tradutor brasileiro.

<sup>145</sup> Não obtivemos maiores informações.

mais de 100 pesquisas só na área de Biologia, plantas, as farmácias tinham um acervo bastante grande, que deixei.

Depois, resolvemos ir para outros cursos de licenciatura, aí, surgiu a ideia da Matemática, que é a “menina dos olhos meus”. Quando eu estava em Campo Grande (MS), era diretor da MACE, eu era professor de Matemática também, dava aulas de Matemática, adorava. Dei aula nesse meio tempo a pedido de outras escolas. Dei aula de Matemática no Colégio Oswaldo Cruz por dois anos, eu usava uma metodologia muito tranquila, prática, sempre absorvia do meu irmão, Bento. Ele faleceu em um acidente no ano de 1974. Era um brilhante professor. Ele tornava a Matemática leve, quebrou os tabus da Matemática. Ele tinha como desafio aquele aluno que não conseguia aprender mesmo, ele fazia com que o aluno aprendesse e adorasse a Matemática. Para começar, ele não chamava exercício de matemática, ele “punha” coquetéis de matemática. Aquele monte de exercícios, divertimento de matemática e passava 60 exercícios para fazer em casa [risos]. Ele era doido. Ele era agradável, ele sorria, ele mostrava o número, não trabalhava muito com coisa chata. Para dar regras da sociedade ele “punha”: “A regra de sociedade é formada pelo Huguinho, Zezinho, Pato Donald”... ele se inspirava nisso e tornava a coisa diferente, motivava. Então, foi esse o feito que fez com que ele realmente tivesse uma didática boa e foi passando para nós. Eu e meus irmãos tivemos uma imagem muito boa, além dos grupos de professores altamente qualificados, ajudou muito.

Quando pensamos em criar a Matemática, pensamos na verdade em criar um projeto inovador, um projeto que pudesse fazer o aluno adorar a Matemática, porque a Matemática ou ama ou odeia, não é? A verdade é essa. Convidei a Iara para ser a coordenadora, ela recrutou o Jarbas, que hoje é professor do Colégio Militar. Ela selecionou um grupo de professores muito talentosos. Eu não tinha nenhuma preocupação em facilitar a vida do aluno, entendeu? Nós éramos muito rigorosos. Embora fosse uma escola privada, a gente zelava pela qualidade, haja vista que, no ano de 2005, o ministro Haddad<sup>146</sup> falou: “A única escola privada que eu respeito é a UNIDERP”, porque já sabia que toda comissão do MEC, quando vinha avaliar, ficava entusiasmada com o conteúdo, com o projeto pedagógico, corpo docente e tudo aquilo

---

<sup>146</sup> Fernando Haddad, nomeado Ministro da Educação em 2005 pelo governo Lula, permanecendo até 2012.

que era administrado. Por outro lado, não sei se vocês acompanharam, só tiravam “A” no conceito do provão, vocês lembram disso? É verdade, eu tirava “A” no provão. Aquilo era uma demonstração de que o nível da escola era violento, os professores levavam os alunos para a casa e estudavam com eles. Não sei hoje como está, mas na minha época isso era uma coisa maravilhosa. Tinha laboratório de matemática, era muito bom. Criamos esse laboratório com uma inovação boa para os alunos. Todas as escolas queriam os estagiários e os alunos de Matemática da UNIDERP. No fim, terminava aproveitando como professor, e foi assim. Começava o curso com 40 alunos, por exemplo, e terminava com 20, isso não tinha problema, aqueles 20 eram alunos “top”.

Teve um projeto pedagógico bom, um corpo docente bom, boa biblioteca, tinha todos os ingredientes para o aluno se sair bem, além do amor pela Matemática... bons estágios, esse é um dado importante para se ter dentro do curso. Assim, o curso foi indo e a gente ficava muito feliz. Todas as vezes que a Matemática era avaliada, a gente disputava com a UFMS. Quem é que iria tirar “A”? Na época não era 1, 2, era A, B, C, D e E. Na Matemática era certeza que a gente ia tirar o “A”, é verdade, e os professores lutavam por isso. A gente entusiasmava, estimulava nesse ponto todo.

Depois da Matemática, criamos outros cursos e fomos criando até que no ano de 1996, num projeto pedagógico muito bom da Universidade, 42 instituições pediram para transformar de faculdade para universidade. CESUP era faculdade, não era universidade. Dos 42 pedidos, o ministro aprovou só 2: foi o nosso e foi um outro do Rio Grande do Norte, Natal. Foi uma coisa maravilhosa para nós, foi uma festa brilhante. Fomos fazendo seminário e tal... Fizemos muitas inovações, hoje é uma pena que não vemos continuidade. Outro projeto importante foi o Projeto Pantanal, onde a gente conseguiu junto com o Ministério da Agricultura um recurso para implantar polos, distribuídos em todo Pantanal. Nós tínhamos na região do Pantanal, via satélite, uma antenazinha, uma televisão. Sábado à tarde, transmitia através do estúdio da UNIDERP “As boas práticas da agricultura”. Foram 15 fazendas privilegiadas, com isso, longe, distante, lugar que não tinha acesso. Uma delas era do Almir Sater<sup>147</sup> e ele nos recebia. Fui lá na fazenda dele para testar. Naquela hora que batia um sinal,

---

<sup>147</sup> Almir Sater, campo-grandense, cantor, compositor, instrumentista e violeiro.

todo mundo parava de trabalhar nas fazendas e iam lá para analisar como é que se fazia o manejo de animais, inseminação, todas essas coisas que são importantes, o aproveitamento de proteico para o animal, coisas assim. Acho importante a relação entre agricultura e pecuária, essa associação é muito importante. Formação de pasto e, ao mesmo tempo, formação de alimentos. Bom, tem mais alguma coisa? Pode perguntar... [risos]

**R:** Está bem, professor.

**P:** Eu sou falador [risos].

**R:** O desenvolvimento econômico, questões políticas, o cenário educacional na década de 1990?

**P:** Na década de 1990, nós tínhamos em torno de 520 mil habitantes em Campo Grande (MS). Hoje, nós estamos em torno de 900 mil e o estado, se não me engano, devia ter uns 700, 750 mil habitantes. Então, a gente sentia, depois do rompimento da ditadura, o pessoal começava a retomar a própria democracia e isso fez com que a cidade começasse a se reencontrar, crescer em todos os setores. Começam as primeiras indústrias, Três Lagoas (MS) começava a aparecer como polo importante, Corumbá (MS), então, um setor industrial que começava a surgir. Você via o incentivo na área do *agribusiness*, agronegócio – na região de Maracaju<sup>148</sup>. Essas áreas, principalmente as que tinha vocação agrícola, começavam a ser forte, como em Sidrolândia<sup>149</sup>.

Mato Grosso do Sul, devido à pequena população e de ser muito rarefeita, embora tivesse começando a melhorar seu PIB, ainda não passava de 2% em termos de Brasil. Isso era ruim pra gente, população pequena e isso dificultava um pouco, até para receber recursos. Mesmo assim, via o próprio desenvolvimento no estado. A gente sempre tinha uma assembleia, uma câmara bem atuante, diferente de hoje. Havia uma escolha muito criteriosa e dava para notar que havia alternância de poder: era o Pedrossian<sup>150</sup>, era o Wilson<sup>151</sup>. Se

---

<sup>148</sup> Município do estado de Mato Grosso do Sul, distante 160 km da capital com aproximadamente 45.000 habitantes (IBGE, 2015).

<sup>149</sup> Situado no estado de Mato Grosso do Sul, distante 72 km da capital com 49.712 habitantes (IBGE, 2015).

<sup>150</sup> Pedro Pedrossian foi governador entre 1966 a 1971 no estado de Mato Grosso uno.

<sup>151</sup> Wilson Barbosa Martins foi prefeito (1959-1963) de Campo Grande, senador (1987-1994) e governador (1983-1986/ 1995-1999) do estado de Mato Grosso do Sul.

trabalhava direitinho aqui, entendeu? Eu via Campo Grande (MS) com bons olhos. Todo mundo que vinha para cá, considerava Campo Grande (MS) uma das cidades mais lindas, uma das melhores cidades para se viver. Hoje, estamos numa situação bastante difícil, complexa quanto a isso. O quadro era alternância, depois PT... Você nota que polarizou muito: PMDB-PT-PMDB-PT... e isso era ruim pra cidade, embora a alternância seja importante, um não dava continuidade às obras do outro. Você fazia e aí ficava “obra inacabada”, o outro: “Ah, é dele mesmo, então não vou fazer”, pegava e deixava. Tem esse problema sério aqui. O cenário nacional era esse, nós criamos a universidade em 1996, foi um “boom” grande, a FUCMAT foi transformada em universidade - UCDB - também muito boa, aí, começam a aparecer algumas outras instituições isoladas, mas havia uma competição muito salutária entre nós e a UCDB, porque o que um fazia o outro fazia, um fazia aqui o outro fazia lá. Criava curso de Biologia com ênfase em Ecologia, eles faziam Biologia com ênfase em Meio Ambiente, era impressionante o que se criava na UNIDERP, se criava lá um ano depois. Sempre acho que concorrência é importante, mas com certeza a educação era muito superior, não havia proliferação que tem hoje das escolas. Não tinha educação a distância, tínhamos apenas ensino presencial. Quando surgiu a distância em 2004, 2005, no início era bom, o sistema era ótimo, havia educação interativa, era mais semipresencial, hoje, a pessoa nem aparece na escola, aparece pelo computador, faz aquele chat etc. e faz uma provinha lá, hoje, o ensino está complicado.

Na minha época, quando pensei em educação a distância, fiz uma concepção bastante original, isso foi criação nossa, haja vista que o MEC praticamente copiou nosso modelo para utilizar em outras escolas, depois as coisas foram mudando. Era o seguinte, você tinha obrigação de dar aulas presenciais. Então, você dava aula presencial via satélite, por exemplo, eu tinha 100 polos no Brasil inteiro. Polo era o seguinte, era uma unidade da UNIDERP, onde você tinha uma estrutura mínima, tinha que ter 10 computadores, minibiblioteca, tinha que ter uma sala para encontros presenciais, todas essas coisas importantes, então você transmitia duas vezes por semana – terça e quinta - aulas de Matemática, transmitia assuntos relativos à Matemática, via satélite, todo mundo assistia. Era uma forma de o professor instigar o aluno a estudar, dava tarefa etc. Terça e quinta eu dava os dois primeiros tempos de aulas presenciais, via satélite. Nos dois últimos tempos, os alunos saíam da teleaula e iam para uma sala

desenvolver atividades em relação a tudo aquilo que foi dado. O cara era obrigado a estudar, e era bom que não tinha limites. Em Paraty<sup>152</sup>, nós tivemos um polo, tinha mais de 1.500 alunos vibrando, eu assisti a aula via satélite e vi aquele professor brilhante. Se você tivesse dúvida na hora: “Olha, tenho dúvida”. Já enviava as dúvidas via *e-mail* junto ao professor: “Olha, na cidade de Paraty, fulano perguntou isso, tal”, quer dizer, é uma forma de chamar atenção. Terça e quinta eram comprometidas, nas duas primeiras, eram aulas e nas duas últimas eram aulas de monitorias, de discussão, de desenvolvimento de texto. Tinha o portfólio, as tarefas que o aluno desenvolvia, produzia. Isso realmente dava uma noção diferente, eu não posso chamar isso de ensino a distância... chamo de ensino semipresencial. A gente chamava de UNIDERP interativa, porque havia uma interação entre professor, aluno e as metodologias. Era disponibilizado para o aluno todo o material que o professor usava através da internet. O aluno só mandava, tinha o material escrito e se ele tivesse dúvida, ele podia mandar pelos monitores eletrônicos que tiravam as dúvidas dos alunos. Era um negócio complicado de estudar na época. Eu não podia dizer que o ensino semipresencial era pior que o ensino presencial, porque obrigava o aluno assistir aula, obrigava o aluno a participar das reuniões, porque no ensino presencial o aluno vai lá, dá uma olhada e vai embora. Foi feito na Fundação Getúlio Vargas<sup>153</sup> um teste entre o ensino presencial e o ensino a distância, com 20 alunos do mesmo nível mais ou menos, inclusive parece que a distância teve mais aproveitamento, nota melhor que o presencial. Mas é óbvio que é outra formação, é aluno consciente, é diferente, porque tem que ter disciplina para o ensino a distância. Depois mudaram, diminuíram para uma aula, não tinha mais satélite, era só nos computadores, *on-line*, já ficou confuso. Mas houve muitas inovações nesse sentido.

**R:** Quanto à criação do CESUP: passagem de CESUP para UNIDERP. Como aconteceu?

**P:** Foi um projeto bem consistente. Já tinha uma massa crítica de professor, estrutura para pleitear universidade. Tivemos um ano de carta consulta acompanhada pelo MEC, mais um ano acompanhando o projeto. Analisaram tudo isso, depois interrompeu um pouco, isso

---

<sup>152</sup> Município do estado do Rio de Janeiro (RJ), distante 258 quilômetros da capital, com uma população de 39.965 habitantes (IBGE, 2016).

<sup>153</sup> Instituição de Ensino Superior Brasileira, privada, localizada em São Paulo (SP), Brasília (DF) e sede no Rio de Janeiro (RJ).

foi em 1993. Fechou o Conselho Federal de Educação, o Itamar<sup>154</sup> mandou fechar, porque havia problema no conselho e reabriu em 1996. Tinha represado 42 pedidos e o meu era um deles. Fizeram nova avaliação, novas visitas e aprovaram só dois cursos na época de 1996. O Conselho Federal de Educação passou a chamar Conselho Nacional de Educação.

**R:** Quais motivos levaram à implantação do curso de graduação em Matemática na UNIDERP?

**P:** Primeiro, eu, como diretor da MACE, e minha esposa, nós sentimos que havia uma carência muito grande de professores, principalmente de Matemática, a maioria que dava aula não era licenciado em Matemática, uns eram engenheiros, acadêmicos. Havia uma demanda grande em Campo Grande (MS). As escolas públicas, por exemplo, não tinham licenciados em Matemática, eram muito pobres, então nós falamos: “Olha, vamos abrir um curso de Matemática, não esses que estão por aí. Vamos fazer um curso diferenciado, bom, que possa atender com uma pedagogia boa para que atenda as escolas de ensino fundamental, médio”. É essencial isso. Havia um amplo mercado, porque o problema era mercado, não tinha expansão nas escolas. A gente sentia que era momento de criar o curso, a grande motivação foi a demanda que existiu pela área mesmo, por exemplo, a nossa [Universidade] não tinha [professores de Matemática]. Quem dava aula de Matemática no curso deles eram os engenheiros, enquanto quem dava aula de Matemática eram superiores. Não dá para comparar um engenheiro e comparar um licenciado, a partir daí, sempre aproveitei professores da própria UNIDERP para dar aula na MACE, porque eram professores bons, diferenciados, depois resolvi chamar um grupo de alto nível para isso. Esse pessoal que te falei, todos com mestrado, mas que tinha missão no ensino fundamental. Eu fazia questão que não ficassem apenas com o ensino superior, mas que ele já tivesse atuado no ensino fundamental, ensino médio, então, eles tinham flexibilidade disso tudo. Isso permitiu que a gente tivesse um curso que era demandado por todas as escolas e, por outro lado, a gente sentia que sempre todas as vagas do curso de Matemática da UNIDERP eram preenchidas, enquanto que nas outras escolas não. Era um negócio incrível. Era uma demanda grande, tinha igual da UFMS, quer dizer que o curso era bom mesmo e isso me dava muita alegria, mesmo

---

<sup>154</sup> Itamar Augusto Cautiero Franco foi presidente da República de 1992 a 1995.

que o cara não aguentasse e desistisse no caminho, o importante é que tinha uma imagem muito boa pela qualidade do curso. Então, o que provocou a criação do curso foi a demanda no mercado. Realmente havia necessidade do professor, não só em Campo Grande (MS) como em todo o estado, em ter a licenciatura.

**R:** Quais desafios o senhor viveu na etapa implantação do curso?

**P:** O grande desafio, inicialmente, era que muita gente questionava, por exemplo, no Conselho Universitário, inclusive o Conselho Universitário era formado por 18 pessoas, ele que na verdade é deliberativo. Nós temos o Conselho de Ensino e Pesquisa, que imediatamente aprovou o curso, e o Conselho Universitário discutia se havia viabilidade econômica do curso ou não. Primeiro, quem vai frequentar esse curso? Quanto nós vamos cobrar? Será que vai dar retorno? Então, como eu era presidente do Conselho Universitário, fiquei sabendo da enorme demanda e sabia do compromisso social da UNIDERP com Campo Grande (MS), porque sempre fui comprometido, a UNIDERP sempre foi comprometida com o estado de Mato Grosso do Sul, haja vista a relação que eu tinha com o estado. Por exemplo, a UNIDERP sempre participou de todos os conselhos de Mato Grosso do Sul, tinha dois representantes da UNIDERP no CREA, que era de Engenharia e Agrimensura. Tínhamos representante no Conselho de Meio Ambiente, representante no Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, representante na SECITEC<sup>155</sup>, que hoje é a Fundação de Pesquisa do Estado, nós estávamos literalmente entremeados dentro dos movimentos de Campo Grande (MS). Todo mundo perguntava por nós, isso era um ponto altamente favorável. Nós éramos consultados, inclusive pela promotoria, sobre meio ambiente, nós fazíamos o laudo se a pessoa podia ou não construir, se podia desmatar... a biologia era nossa, nosso compromisso era grande e a respeitabilidade que nós tínhamos era uma coisa espantosa em todos os níveis. Dos desembargadores, vamos supor, tinha pelo menos dez desembargadores que fizeram direito na UNIDERP e não na UCDB, por isso conheciam o curso e sabiam quem eram os professores, isso foi bastante importante para nós.

Voltando para o curso de Matemática na universidade, o Conselho da universidade chegou à conclusão que o curso não daria lucro nenhum, mas era um compromisso nosso com

---

<sup>155</sup> Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia.

Campo Grande (MS). Nós tínhamos que transferir recursos de um curso lucrativo para o de Matemática, porque tinha que pagar os professores, uma vez que era compromisso, se é universidade é universalidade de conhecimentos, você não pode entrar só num tipo de curso, um curso cobria o outro e trabalhar com a média... Depois, fui discutir, aí, interrompemos a reunião do Conselho Universitário, porque eu era muito democrático e todo mundo achava que eu era exageradamente. No Conselho tinha dois alunos e tinha assento normal, tinha representante da comunidade, tudo isso no Conselho Universitário, aí, eu interrompi e deixei o pessoal falar, discute daqui e dali, no final eu ponderei e falei: “Olha, eu sou da mantenedora, sou um dos proprietários e sou presidente do Conselho, deixo vocês à vontade”. Do meu ponto de vista, o compromisso da universidade com Campo Grande (MS), com o estado - nós éramos uma universidade de desenvolvimento, universidade de desenvolvimento do estado, não era desenvolvimento tradicional, nada disso - então, nós tínhamos que oferecer o que a sociedade estava demandando, o que a escola precisava, convenci, então, e foi o que aconteceu. Na verdade, a Matemática nunca deu lucro, rentabilidade, porque os valores eram bem baixos. Enquanto uma Medicina na época, vamos supor, era uns três mil, a Matemática era 200, mas fiquei muito feliz com isso, Geografia também era um preço mais baixo, as licenciaturas em geral, letras também e não houve problema nenhum. Os outros cursos cobriam plenamente, tinha casa cheia, todo mundo feliz e havia uma convivência de classes diferentes, por exemplo, a Medicina junto com pessoal mais humilde, como de Letras, então, era muito positivo para mim.

Houve uma época que dei um curso de especialização para os oficiais da Polícia Militar, uns quatro cursos. Via-se a Polícia Militar no meio dos alunos, o pessoal fardado com arma... eu só pedia para eles não irem armados [risos], mas no início foram armados. Havia uma mistura tão positiva que o aluno parou de ter medo de polícia. Teve interação ali, era uma comunidade, uma sociedade, muito legal. Nunca tive tabu por nada, isso também foi muito bom e o mais importante da UNIDERP era a democratização de oportunidades. O professor Paulo Cabral<sup>156</sup>, sociólogo, falava o seguinte: “Paulo, eu adoro a UNIDERP, sabe por quê?” Ele já é aposentado, ele fala isso até nas entrevistas: “A UNIDERP abriu as portas pra mim, sabendo que eu era comunista, que eu era registrado, eu estava no partidão”. Isso já na época

---

<sup>156</sup> Paulo Cabral (56 anos) é sociólogo, professor e cientista político.

da revolução mesmo, tinha vindo de São Paulo para cá, mas eu sabia, logicamente, como ele era, sabia que na sala ele era imparcial, era professor de Sociologia. Ele falava sobre Marx<sup>157</sup>, dizia exatamente como era a teoria de Marx e tinha que dizer mesmo. Falava sobre Espinoza<sup>158</sup>, sobre Kant<sup>159</sup>, mas evitava dar opinião pessoal. Fora da sala, óbvio que ele falava. Então, havia sangue democrático em termos de opinião, ideias: “Isso aqui é universidade ou então, não é?”. Isso foi muito bom em termos ideológicos, foi muito positivo. Tinha gente que metia o pau em mim. O engraçado é que uma vez fui na sala de Arquitetura e falei para eles: “Olha, estou decepcionado com vocês, viu!”. Estava lotado, era tipo um seminário, abertura, estava a casa cheia, deveria ter umas 300 pessoas, e eu fui falando, estava muito feliz, mas falei que estava decepcionado, porque aquele curso era o primeiro que criei nos anos de 1980 e nós estávamos em 2002... Porque, na minha época era assim, o prefeito ia fazer um buraco, ia estreitar uma rua e os alunos “pá” iam até a prefeitura e quebravam o pau, querendo saber o porquê. Ia fazer qualquer coisa, a nossa universidade era consultada, os alunos não deixavam fazer isso. Os alunos reivindicavam o tempo todo. Eu falei: “Para mim é cômodo como reitor estar como estão, mas vocês não reivindicam nada! Estou me sentindo mal, ‘pô’! Que curso de Arquitetura é esse, gente? Vocês têm que ir lá e reivindicar mesmo. Há dois anos não vejo ninguém falar, não tem Diretório, não tem nada disso aqui?” Foi um negócio até meio polêmico, mas foi muito bom, a partir dali eles começaram a crescer, aí, fizeram exposição de artes plásticas, fizeram eventos e todo ano faziam eventos. O desafio era esse que falei aqui, a gente tinha que conciliar remuneração, conciliar professor, tudo isso, pagar ao professor de Matemática o mesmo que pagava para o de Medicina. Às vezes diziam: “Não vai ser por função?” E eu dizia: “Não, sobre cargo e salário para quem faz doutorado é isso, para mestrado é isso”. Tinha a carreira praticamente igual na universidade: tinha um auxiliar, o adjunto, depois o titular e também o livre docente. Isso era muito bom, tinha um, dois, três, quatro... de acordo com tempo de serviço, produção científica era levada em conta e subia de um nível para outro.

#### **R: O senhor lecionava no curso de Matemática?**

---

<sup>157</sup> Karl Marx foi sociólogo, filósofo e jornalista, considerado um revolucionário socialista.

<sup>158</sup> Baruch de Espinoza, considerado o fundador do criticismo bíblico moderno.

<sup>159</sup> Immanuel Kant é considerado o principal filósofo da era moderna.

**P:** Em Matemática eu não lecionava, porque era economista, estava fora. Só os matemáticos lecionavam na Matemática, em outras disciplinas tinham outros professores. Lecionei no ensino fundamental e médio da MACE, mas sabia o que era certo ou errado. Eu tinha um carinho especial pelo curso. Realmente, os professores eram muito bons.

**T:** Alguns cursos, o senhor comenta que teve inspiração da USP, outros, de outros lugares, como que nasce esse projeto da Matemática, pedagogicamente?

**P:** Primeiro, a gente reuniu o que havia de melhor de professor na cidade, esse grupo somado a outros grupos. Alguns deles eram da universidade federal daqui. Nos reunimos e falei assim: “Olha, quero um curso diferenciado, um curso bom, que vocês vão exigir o máximo do aluno, não quero que haja nenhum tipo de facilitação no curso, nem ‘jabá’, eu nunca vou pedir nota para aluno e esse projeto vai ser um projeto em que vocês terão que iniciar realmente do ‘bê-á-bá’. O problema da Matemática não é o problema que você vai dar derivada, integral... é o problema do decimal, da continha, da soma, da multiplicação... vamos começar do zero. Pega dois dos três primeiros meses, coloca no projeto pedagógico de vocês ‘Matemática Básica’, porque, a partir daí vocês vão crescer bastante, nada de começar com limites e a partir daí, considera que o aluno já sabe, nada disso! Começa realmente bem: primário, fração, raiz, tudo aquilo”.

**R:** Os fundamentos.

**P:** Os fundamentos: “Começa do bê-á-bá, por favor, aí, põe no projeto de vocês, primeiros três meses ‘Matemática Básica’”. Começava o curso da Matemática, geralmente uma semana ou duas semanas antes, para poderem ver a base da Matemática, a partir dali, era uma maravilha. Eles fizeram um projeto pedagógico deles e eu dei total liberdade para fazerem o projeto Pedagógico, depois verifiquei, é óbvio que eles pesquisaram bastante, olharam, inspiraram, dei liberdade, sempre fui assim, sabe? Eu dou liberdade e cobro depois, então, viram e discutiram e por cada reunião eu pagava muito bem, faziam quantas reuniões que precisassem até formatarem o projeto como estava. A gente analisava se ele realmente contemplava tudo. Dizia para eles que não era ensinar só o trivial, era para dar aula no ensino fundamental e médio, é óbvio que precisa do fundamental, mas eles precisam de muito mais,

os porquês etc. Tinham que ver desde fundamentos até aritmética. É problema de potência, coisinha de por que nasciam aqueles negócios, aqueles livrinhos da editora FTD, problema de aritmética.

A partir daí, nasceu o projeto deles, passava por outra equipe pedagógica, para ver aspectos mais legais, mais formais. Depois desse projeto, elencava os professores que tinham o perfil, chamava perfil profissiográfico<sup>160</sup> e, a partir dali, nasceu o curso, nasceu dos professores, do grupo de professores que eram convocados para isso. Geralmente eu levava esse projeto pronto - isso é uma novidade, muita gente não sabe - pegava alguém da USP, ou alguém da Universidade Federal do Rio, de Curitiba para ser o avaliador, eu pagava a pessoa para dar o parecer sobre aquele projeto e dizer: “Olha, isso aqui não está bem, isso aqui não está bom”. Na minha época, todo mês tinha publicação de matemática, física... Éramos divididos em três áreas: exatas, biológicas e humanas. Era obrigatório que aqueles artigos passassem por alguém, que dava o parecer favorável, era supervisionado por ele, inclusive, eu dava o crédito para a pessoa. Aquelas revistas antigas da UNIDERP são revistas consistentes, de pesquisas inéditas, tem muitas pesquisas inéditas ali. Isso, para nós, era importante. Não sei como é que está hoje, tem ainda isso, as revistas?

**R:** Solicitei alguns documentos que compuseram a criação do curso. Alguns eu consegui, até tirei fotos. Trouxe algumas para o senhor ver. A secretária que me atendeu disse que alguns documentos podem ter sido incinerados.

**P:** É uma vergonha isso! É a história da universidade. Esse grupo econômico é muito ruim, educação não consegue com isso, ou você se entrega por inteiro... Agora, está achando que é por causa de professor. Tinha outra visão de educação, entendeu? Isso é importante. Mas os consultores tinham papel relevante para nós.

---

<sup>160</sup> O perfil profissiográfico descreve as funções detalhadas, levando em conta tudo que for referente aos cursos, formações e especialidade de cada professor.

**R:** Um dos documentos que nós tivemos acesso foi o quadro de professores que compuseram a abertura desse processo. Não consegui encontrar a data desse quadro de professores. Conseguimos verificar 47 nomes<sup>161</sup>. Tem a Maria das Graças...

**P:** Eu conheço a Maria da Graça, tinha doutorado na área de informática, dava muita aula de Inteligência Artificial.

[nesse momento, conforme vai vendo os nomes, diz recordar-se ou não dos nomes e, eventualmente, tece algum comentário sobre a formação ou aspectos pessoais dos mesmos]

[...]

**R:** Todos eles compuseram o quadro de professores da época? Lecionaram?

**P:** Compuseram, dava aula efetivamente, isso que era importante para mim. Tinha uma bibliotecária chamada Dona Ivone<sup>162</sup>, bibliotecária da UFMS. Dona Ivone! Ela montou a biblioteca, comprou, fez um acervo, chamou um pessoal, era espetacular. Nossa biblioteca era um brinco, tinha multimídia, tinha tudo na nossa biblioteca. Biblioteca não é um depósito de livros, é um centro de referências, centro de consulta, tem que ter tudo: miniauditório, centro de estudo, canto de leitura, eu penso assim, um lugar para leituras informais, lugar para trabalhar com livros regionais, específico da área. Minha visão é abrangente, por isso fizemos uma biblioteca de quatro mil metros quadrados, bastante grande. Ela fazia assim: ela matava expediente na UFMS para trabalhar na UNIDERP, eu não pedia para ela fazer isso, ela gostava tanto do ambiente. De tanta liberdade que eu dava para ela, que ela realmente era magistral. Infelizmente morreu de infarto.

**R:** O nome da biblioteca é Ivone, é o nome dela então?

**P:** É... Ela era espetacular. Ela montou aqui, tinha em Dourados (MS), Ponta Porã (MS) e Rio Verde (MS). Ela que cuidava de tudo. Ela tinha outras bibliotecárias auxiliares. As bibliotecas sempre foram um ponto alto nosso. Sobre esses nomes, às vezes, pode

---

<sup>161</sup> Nesse momento, entrevistado e entrevistador visualizam documentos digitalizados disponíveis em uma pasta arquivo no computador.

<sup>162</sup> Em homenagem a “Dona” Ivone Coelho de Souza.

acontecer de ter dois professores com uma disciplina só, então, ele fazia alternância, participavam do mesmo departamento.

**R:** E pode ter nome de professores que não lecionaram?

**P:** Não, não tinha não.

**R:** A abertura do curso na época, era bacharelado e licenciatura?

**P:** Sim, eram os dois.

**R:** E ele seguiu por mais quanto tempo?

**P:** Era fácil: ele tirava a licenciatura, fazia em quatro anos. Fazia mais um ano de bacharelado, cinco anos. A atual, eu não sei qual é, de verdade, a minha era essa.

**R:** Na proposta pedagógica o nome do curso era “Bacharelado com ênfase em Ciência da Computação”. Com o surgimento dos computadores na época, digamos, esse curso foi uma novidade para o estado?

**P:** Nós trouxemos muitas novidades, como eu falei... Administração com ênfase em Análise de Sistemas. O pessoal não imaginava isso, entendeu? Por exemplo, quem trouxe em 1992, 1991... Eu trouxe Processamento de Dados e Administração com ênfase em Análise de Sistemas. Aí, eu implantei um superlaboratório, peguei o pessoal de Brasília para dar uma olhada, revisão, tudo em rede. O pessoal dava aula em rede, isso foi extremante positivo.

**R:** O nome da universidade: sempre tive uma curiosidade à parte. UNIDERP, Universidade para o Desenvolvimento do Estado da Região do Pantanal, de onde surgiu este nome?

**P:** Nos reunimos: eu, a Tatiana e mais duas pessoas. Discutimos e discutimos como seria o nome. Primeiro a função: qual o formato dela? Compromisso com quem? Primeiro o compromisso com Mato Grosso do Sul, uma universidade de desenvolvimento, diferenciada, uma universidade comprometida com a sociedade sul-mato-grossense. Então, se era desenvolvimento, tinha que ter no nome “desenvolvimento”. Como era comprometida com o

desenvolvimento do estado, então ela estava comprometida com a região do Pantanal. Então, era uma universidade regional, depois que passou a ser nacional. Eu não tinha dimensão de que ela fosse crescer tanto, de verdade, que chegasse a mega universidade, a minha ideia era a seguinte: ter uma universidade de altíssima qualidade, onde alguém lá do Amazonas dissesse assim, um pro outro: “Ah, eu quero fazer universidade”, “O que vai fazer?” “Ah, tem uma boa universidade lá em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, acho que eu vou pra lá”. Era essa a minha ideia. Fazer uma universidade que pudesse ser *top* dentro do meu contexto, entendeu? Sempre busquei regionalizar a universidade nesse sentido, para torná-la realmente uma universidade forte e contribuir com o estado, alavancar o estado, pelo amor que eu tinha pelo estado de Mato Grosso do Sul e por tudo o que o estado tinha me dado. O estado sempre foi muito generoso comigo. Todas as coisas que fiz, as iniciativas, sempre tive resposta positiva e todo mundo torcia por mim, haja vista que para sair essa universidade eu tive que ter o apoio de todos os senadores e todos os deputados. Fui falar com o Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso. Ele esteve comigo lá. E quem foi comigo lá? Foram três senadores, os três falaram do que era a universidade e eles, politicamente, haviam se comprometido comigo. Precisava disso? Precisava. A universidade precisa de apoio técnico e apoio político. A “nossa Universidade”.

**R:** Pela análise dos documentos, consta que a passagem do CESUP para UNIDERP foi unânime.

**P:** É, foi unânime. Ficaram impressionados com a estrutura da universidade. Fiquei muito feliz com isso e, na verdade, eu agradeço à Campo Grande (MS) que acreditou em nós, tenho um compromisso com a cidade há bastante tempo, entendeu?

**R:** O senhor gostaria de acrescentar mais alguma informação sobre o que foi falado até agora?

**P:** Eu penso que você abordou bastante o tema, o importante é que esse compromisso que nós temos com Campo Grande (MS). É uma cidade que tem todas as características de um grande centro. Para ser um centro universitário precisa prosperar mais nesse aspecto, qualitativamente eu me preocupo muito. As universidades federais precisam de muito mais

recurso. Preocupo-me muito com esse déficit de 28 milhões que apresentou na UFMS, ela, na verdade, precisa mesmo, porque tem prestado grande serviço a nossa comunidade. Só que a UFMS tem que ser mais ousada em termos de conselhos e entrar mais dentro da sociedade. Ela está um pouco isolada. O pessoal passa pela universidade e fala: “O que esse pessoal tá fazendo aí?” E não pode ser isso. Estou falando com a maior honestidade, tá? Quando passavam pela UNIDERP, eles sabiam o que estavam fazendo. O importante é a universidade sair de dentro do campus e mostrar o porquê que veio. Desenvolver as coisas aqui. Acho que essa é uma ação importante que a universidade pode fazer, não é?

[Neste momento, faço explicações sobre os procedimentos adotados neste trabalho quanto às entrevistas e peço sua autorização para utilizá-las].

**R:** Professor, eu agradeço muito a participação do senhor.

**P:** Parabéns pelo trabalho de vocês. Acho que é necessário que haja trabalho de campo mesmo, eu acho que tem que ir a campo para sentir... e a oportunidade é que eu estou aqui, tranquilo, e estou desde a fundação até os dias de hoje. Então, você tem os dados concretos e reais.

**R:** Obrigada por ter disponibilizado seu tempo.

**P:** Que isso, eu que agradeço, desculpa alguma coisa. Falei demais [risos]. Foi o maior prazer.

### 2.2.5 Entrevista realizada com a professora Helena

*A entrevista com a professora Helena ocorreu no dia 17 de março de 2016, às 15h, na sala do grupo HEMEP (História da Educação Matemática em Pesquisa), localizada na UFMS com sede em Campo Grande (MS). Teve duração de aproximadamente 87 minutos. O nome da professora Helena emergiu das entrevistas realizadas com os professores Samuel e Iara. Assim que entrei em contato com ela, respondeu-me prontamente, aceitando colaborar com a pesquisa, disponibilizando seu tempo ao conceder a entrevista. Bacharelada (1986), licenciada (1987) e mestre (1991) em Matemática pela Universidade do Rio de Janeiro (UFRJ) e doutora em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Atualmente é professora adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).*

**Renata (R):** Hoje, dia 17 de março de 2016, às 15h, estamos reunidos na UFMS, na sala do grupo HEMEP, eu, Renata Aparecida Zandomenighi, mestranda do curso de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e a professora mestre Helena para realizarmos uma entrevista relacionada à pesquisa de mestrado, por mim conduzida, sobre o curso de graduação em Matemática da UNIDERP.

Boa tarde professora, muito obrigada pela presença, inicialmente quero agradecê-la por ter aceitado participar da nossa pesquisa sobre o curso de Matemática da UNIDERP e por nos conceder esta entrevista, certamente ela nos trará valiosas contribuições.

Primeiramente gostaria que a senhora se apresentasse.

**Helena (H):** Sou Helena, professora da instituição, atualmente afastada para fazer doutorado em Educação aqui na instituição.

**R:** A senhora é natural de Campo Grande (MS)?

**H:** Não, sou carioca.

**R:** A senhora pode nos contar como veio residir aqui em Campo Grande (MS).

**H:** Casei-me com um sul-mato-grossense que estudou lá no Rio de Janeiro (RJ). Ele fez graduação na PUC<sup>163</sup> do Rio de Janeiro e eu fiz na UFRJ<sup>164</sup>. Nós nos encontramos lá, ele queria voltar a ficar perto da família, então decidimos nos instalar em Campo Grande (MS) por ser uma cidade mais tranquila, com a intenção de criar filhos e tudo... então cheguei aqui em 1992, casada, para residir definitivamente.

**R:** Conte-nos o que a senhora lembra da cidade de Campo Grande (MS) na década de 1990.

**H:** Uma cidade bem tranquila, ainda com bastante característica de cidade de interior, uma cidade mais pacata em relação ao Rio de Janeiro (RJ). Adoro o Rio de Janeiro (RJ), mas o ritmo de vida que a gente tem lá é bem diferente do ritmo de vida daqui. Gostei bastante da cidade, achei tudo muito amplo, muito agradável, uma cidade com bastante potencial para crescer, então isso me atraiu bastante.

**R:** O desenvolvimento econômico da cidade na época.

**H:** Uma cidade com característica ainda de interior, com muitas pessoas morando em casa, uma cidade com comércio, na minha opinião não tão avançado. De quem vinha de um grande centro do Rio de Janeiro (RJ), senti bastante diferença nessa questão. Depois, com o desenvolvimento do shopping e de outros comércios... O que eu reparei bastante na época foi essa questão de ser uma cidade com característica totalmente diferente de onde eu vinha, bem diferente mesmo.

**R:** As questões políticas nessa década, aqui na cidade.

**H:** Quando li o roteiro, percebi que não saberia dizer... antes de vir... cheguei a fazer concurso para ser professora daqui do município, mas foi um concurso que deu problema e foi cancelado. No final das contas, eu nem soube do resultado do concurso. Na realidade, antes de vir, tinha tido uma greve na UFMS e o período tinha sido todo deslocado para janeiro e fevereiro de 1992. Fiquei uma temporada em Dourados (MS) como professora substituta. Como eu não fui para a rede municipal, tive muito pouco contato com a questão educacional

---

<sup>163</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

<sup>164</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro.

do estado, quero dizer, no intuito das políticas, era mais com as políticas de nível superior, as políticas que estavam vigente nacionalmente, então da época - tenho pouca lembrança da parte educacional dentro do estado, na educação básica - praticamente não tive contato com as políticas e escolas daqui, vim ter contato quando comecei a trabalhar em Dourados (MS) e na UNIDERP, antigo CESUP, mas eu não cheguei nem a trabalhar nos estágios do curso, porque eu saí antes. Então, naquela época, eu não tinha ainda vivenciado a educação no âmbito do município e do estado, das escolas estaduais e municipais.

**R:** A senhora pode contar um pouco sobre a trajetória da sua formação?

**H:** Sou natural do Rio de Janeiro (RJ). Fiz a graduação na UFRJ, bacharelado em Matemática, em seguida, acabei o último ano de licenciatura, concomitante com o mestrado em Matemática na UFRJ. Fui bolsista. Na minha época o mestrado era quatro anos e doutorado em dois, década de 1980. Entrei para a graduação em 1984, fiz três anos de bacharelado... fiz rápido e já entrei no mestrado em 1987. Continuei mais um ano fazendo a licenciatura, as pedagógicas da licenciatura, porque naquela época era separado, diferente de agora e aí fiz o mestrado e acabei em quatro anos. Durante o mestrado, comecei a trabalhar no nível superior lá no Rio de Janeiro (RJ) mesmo, numa universidade particular, Santa Úrsula<sup>165</sup>. Essa foi minha formação. Depois de 20 anos de UFMS, comecei a fazer o doutorado em Educação na UFMS.

**R:** A senhora atuou em outras instituições antes da UNIDERP?

**H:** Atuei no Rio de Janeiro (RJ). Desde a graduação eu era monitora, participava bastante da vida profissional dentro da própria UFRJ, depois, ainda fazendo o mestrado em Matemática, fui professora da Universidade Santa Úrsula do Rio de Janeiro (RJ), fiquei lá dando aula bastante tempo, até acabar o meu mestrado. Em seguida, me casei e vim para cá. Depois de acabar o mestrado em 1991, quando defendi, participei como professora substituta no campus da UFMS de Dourados (MS), a atual UFGD. Fui professora substituta durante um tempo lá e quando vim definitivamente para Mato Grosso do Sul fui direto para a UNIDERP, que na época era CESUP e logo em seguida também entrei como professora substituta na

---

<sup>165</sup> Com 75 anos de existência, a Universidade Santa Úrsula é uma instituição católica, privada, de ensino superior com sede no Rio de Janeiro (RJ).

UFMS de Campo Grande (MS). Cheguei a fazer o concurso para a UFMS no campus de Dourados (MS). Fui aprovada, passei, mas na época não estavam chamando, aí casei e comecei a me instalar completamente em Campo Grande (MS). Quando me chamaram em Dourados (MS) eu não fui. Abri mão da vaga e não fui assumir em Dourados (MS), eu já estava trabalhando aqui na UFMS como substituta e estava efetivada, trabalhando há algum tempo na UNIDERP.

**R:** Como foi o início da carreira: teve dificuldades na época?

**H:** Comecei muito nova. Eu tinha 21 anos, comecei a trabalhar como professora na universidade Santa Úrsula no Rio de Janeiro (RJ), eu era mais nova que meus alunos. Todos eles eram alunos do último ano de Matemática daquela universidade. Foi difícil essa questão de impor, relativamente. Eu só tive que realmente me impor para que eles entendessem que eu era professora, formada, que tinha qualificação para estar ali e rapidamente me vi muito bem na profissão. Na época, quando fiz vestibular, eu poderia ter passado para medicina, era CESGRANRIO que a gente fazia lá. Eu tinha nota para todas as profissões, mas eu queria ser professora de Matemática. A minha carreira dentro da universidade acabou me fazendo ir para o bacharelado e para o mestrado em Matemática, mas sempre com a intenção de dar aulas. Por ter feito uma primeira linha de formação nesse viés do bacharelado, eu tinha a intenção de ser professora universitária, mas nunca saiu da minha cabeça de ser professora, mesmo fazendo mestrado eu quis cursar a licenciatura, eu achava que de fato essa questão pedagógica era importante na formação, então eu fiz. Foi muito natural, porque era o que eu queria, eu não acabei sendo professora pelas circunstâncias, sempre almejei ser professora. Quando eu vim para cá aconteceu uma coisa engraçada, pitoresca... era mais o sotaque, porque eu tinha o sotaque carioca, não tanto, não aquele carioca estereotipado, um pouquinho mais puxado: o “três” era mais puxadinho. E não tinha dificuldade propriamente, mas devido ao contraste no falar, os alunos ironizavam, uma baguncinha... eu tinha que me impor, porque estava desviando aquela brincadeira do sotaque. Rapidamente me inseri dentro do estado. Gosto e sempre gostei de estar aqui. Vim, porque quis, não vim obrigada, portanto vim para gostar do que estava encontrando e não para não gostar, então eu acho que todos para mim foram muito tranquilos, me camuflei muito bem no ambiente, consegui me adaptar aos costumes. Não tive grandes problemas, nem quando comecei a profissão, nem quando vim para uma cidade

diferente que podia dar um contraste de características, culturas diferentes, assim, rapidamente, me inseri no contexto. Sinto-me um pouco sul-mato-grossense, 24 anos que estou aqui, definitivamente, 25 desde que trabalhei em Dourados (MS) como substituta.

**R:** Sobre seu ingresso na UNIDERP, conte-nos de que forma ele ocorreu.

**H:** Cheguei aqui em agosto. Casei em agosto. Logo que cheguei estava começando o curso. A primeira turma estava sendo formada e estava começando. Não sei exatamente quando começou. Eu cheguei em agosto de 1992 e soube, não me lembro se foi num anúncio de jornal, acho que foi num jornal, que estava abrindo seleção para professor na UNIDERP, para Matemática, parecia que tinha sido feito pra mim: “professora de Matemática para dar aula em universidade”. Eu já tinha um currículo bom de formação, já era mestre em Matemática. Tinha experiência em sala de aula, então passei por essa seleção. Quem me entrevistou, na época, foi a professora Maria das Graças, porque ela que era coordenadora de curso, ela que dava toda a estruturação de início do curso, ela que me entrevistou e rapidamente entendeu que eu tinha alguma coisa a contribuir. Logo eu comecei. Então eu cheguei aqui e não fiquei nem desempregada, cheguei já trabalhando. Cheguei e tudo foi bem tranquilo. Na época, era menor do que é hoje, era só aquele prédio redondo, era CESUP ainda, uma instituição que em termos de proporção era menor que a instituição da qual eu vinha lá do Rio de Janeiro (RJ), que já tinha uma tradição bem maior, uma discussão bem mais antiga, particular também, privada também, mas bem mais antiga, então não enfrentei muitos contrastes.

De início, a gente teve que conversar para ver qual era a política do curso, como iam ser as ações que a gente ia ter. Eu já tinha uma experiência anterior com o público de Mato Grosso do Sul, durante o tempo que eu tinha sido substituta em Dourados (MS), isso também contribuiu para entender que tipo de público que a gente ia atender. Deu para ter uma boa noção, e a gente começou um grupo muito bom de trabalho. Excelente, desde o corpo docente até os técnicos, o pessoal do administrativo que trabalhava com a gente, todo mundo muito envolvido, motivado para que tudo desse certo. Tivemos que lutar bastante para implantar, conseguir qualidade e estabelecer o curso dentro de Campo Grande (MS). Já tinha o da UFMS, o da UCDB, então a gente teve que conquistar um espaço, mas foi um grupo muito

bom de trabalhar. Interessante, um pessoal muito legal, os professores... E a Maria da Graça que ficou minha amiga na época, a gente dividiu muitas ideias.

**R:** Sobre a implantação desse curso...

**H:** Tenho mais memória como professora, porque o grande contraste que senti quando entrei na UNIDERP, na realidade era CESUP ainda, é que estava acontecendo nacionalmente a política de reconhecimento das faculdades como universidades, então a UNIDERP estava exatamente nesse momento, em 1992, 1993. Foram anos de muitas transformações dentro do CESUP, era a questão de implantação da universidade, transformação de faculdade para universidade. Na época, teve investimento, contratação de professor, investimento de material, conseguimos até montar um laboratório de ensino bem legal, o nosso “MEL”, laboratório bem interessante, conseguimos material e tudo, quer dizer, tivemos apoio dentro da instituição, e o grupo tinha muita iniciativa, então fluiu bastante. Esse foi um marco muito grande. Então, quero dizer, eu acho que contribuí com essas discussões, porque quando eu cheguei o projeto pedagógico já estava montado, já cheguei com isso pronto, só que a gente sentava e discutia, via o que podia melhorar e o que a gente podia fazer. Depois, passei a ser diretora do Centro de Tecnologia, na realidade não chamava bem isso. Ele englobava como se fosse uma divisão de centro, envolvendo vários cursos, mas chamado de departamento. Então eu fui chefe de departamento, mas com esses aspectos de englobar vários cursos, cursos da área de Tecnologia de Informação – não me lembro exatamente se chamavam assim, outros cursos que na época tinham afinidade com a área de exatas. Eu tinha relação com o curso de Matemática, mas já numa instância diferente, mas continuava sendo professora do curso e assumi também essa chefia, porque precisava, justamente, criar esse movimento para virar UNIDERP, para virar universidade.

Foi uma época de muita movimentação dentro da instituição e, empenho das pessoas que estavam lá para que a gente pudesse ganhar uma chancela de virar universidade. O que a gente contribuía para o curso em si era nas discussões, de como ia fazer a disciplina, todas as disciplinas eram novas, porque era a primeira turma que estava começando, tudo era novo, para os alunos e para nós professores. O que contou muito foi a experiência, em muitas discussões eu trouxe materiais que eu tinha de Santa Úrsula e da UFRJ para ver como a gente

ia montar a disciplina, principalmente na parte das disciplinas optativas, como iríamos fazer, o que iríamos oferecer. Cheguei a participar dessas discussões, não cheguei a participar da implantação propriamente do zero.

**R:** Sobre disciplinas optativas: havia disciplinas optativas dentro do curso?

**H:** Dentro do curso eu não lembro direito, lembro que a gente chegou a discutir a possibilidade de oferecer algumas disciplinas que não estavam na grade definitiva, justamente, porque existia uma vontade de fazer um curso que se comparasse com os outros cursos que existiam tanto aqui no estado quanto fora. Então existia essa discussão, mas eu não cheguei a trabalhar em nenhuma disciplina optativa. Por quê? Porque, justamente, quando eu saí os alunos estavam no segundo ano, indo para o terceiro.

**R:** A sua primeira turma?

**H:** A minha primeira turma, que começou comigo, ainda estava no segundo ano, quer dizer, não estava nos estágios nem no final, então não tinha nem chegado perto dessas disciplinas. Nessa época, ainda era uma grade em que as disciplinas optativas e as pedagógicas ficavam no final do curso. Houve uma discussão, mas não sei como foi efetivado, porque, justamente, quando os alunos entraram nessas disciplinas eu não estava mais na instituição. Não sei como ficou depois, se foram oferecidas as disciplinas optativas, mas sei que houve uma discussão de como a gente ia tratar, de como iria ser... a gente chegou a discutir em reuniões ou em discussões, às vezes, informais, as coisas que a gente deveria fazer para estimular os alunos... como projetos de ensino que a gente tinha vontade de botar pra frente para poder, inclusive desenvolver bastante o MEL. Chegamos a fazer pequenos projetinhos, mas não chegamos a trabalhar com alguma coisa regular, vamos dizer assim. Eu pelo menos não trabalhei com algo que fosse regular, que tivesse acontecido todos os anos desde que eu entrei, porque ainda estava muito embrionário, sabe? Acabava passando as disciplinas básicas: Cálculo 1, Cálculo 2, Álgebra Linear, Vetores, as disciplinas todas básicas e que já davam pano pra manga, para as discussões, inclusive sobre essa questão de reprovação, ... de como lidar com aquele aluno que era do curso noturno? ... Como fazer para poder acolher essa clientela de uma forma que eles não desistissem? Porque, dentro de uma

instituição privada, existe uma cobrança também pela questão da aprovação, pela questão da manutenção do aluno no curso... então essa era uma coisa que estava sempre nas nossas discussões, porque a gente era cobrada de cima também, não é? Como fazer para não baixar o nível do curso, mas ao mesmo tempo atrair o aluno para continuar? Nós fizemos eventos lá, nós pegamos esses eventos de Educação Matemática que estavam sendo feitos pela UFMS, pelos professores da UFMS. Teve um ano que nós fizemos o evento de Educação Matemática, no espaço da UNIDERP. Chamamos professores de fora... não lembro da época se foi o Ruy Madsen, mas teve um professor de fora que a gente conseguiu chamar. Eram esses tipos de ações que a gente tentava fazer para poder atrair nosso aluno, estimular para que ele ficasse. Fizemos esse evento que parte era de tarde e parte à noite, inclusive algumas coisas se repetiam à noite para eles poderem participar, porque muitos trabalhavam, então não poderiam vir à tarde, e ao mesmo tempo motivando também para que os alunos da UFMS e UCDB participassem. Na época, o professor Joaquim também participou com a gente da comissão do evento. Nós tentamos fazer lá e por isso que eu falo que a gente tinha um grupo gostoso que trabalhava bastante, que procurava se mexer e trazer algo a mais para esses alunos no sentido de compreender a dificuldade deles... foi bem interessante... foi bem movimentado. Agora eu não me lembro direito se foi o Ruy Madsen ou se foi o Sérgio Lorenzato<sup>166</sup>, porque esses dois vieram para dois eventos seguidos e aí não lembro se o Sérgio Lorenzato veio para um evento na UFMS, porque eu também estava à frente desse evento, então eu não sei ao certo... A gente conseguiu trazer professores de fora para dar palestra, para ministrar um curso. Conseguimos fazer um evento no porte dos eventos que depois se repetiram e reproduziram. Até na época que eu estava aqui na UFMS também fiquei à frente da comissão, coordenação dos eventos que era um sequencial desse que tinha acontecido, e que já há algum tempo não acontecia em Campo Grande (MS). A gente conseguiu trazer, fazer acontecer e envolver nossos alunos, eles se desenvolveram e apresentaram pequenos trabalhos que tinham na época, principalmente relacionados ao Laboratório de Ensino de Matemática, o MEL. A gente conseguiu envolver e foi bem assim, no intuito de envolvê-los

---

<sup>166</sup> Licenciado em Matemática pela UNESP (1965) de Rio Claro. Mestre em Educação pela UnB (1968). Doutor em Educação pela UNICAMP (1976). Pós-doutorado em Didática da Matemática pela Universidade Laval – Canadá (1988).

mesmo, além de estimular, que voltasse a ser editado o evento, não consigo lembrar que número era o evento, mas...

**R:** O nome do evento, a senhora lembra?

**H:** Era Encontro Sul-Mato-Grossense de Educação Matemática, uma coisa assim, Encontro de Educação Matemática do Mato Grosso do Sul, era na sequência dos que já tinham ocorrido, então tinha uma numeração sequencial... Estou com meus arquivos guardados, estou fazendo doutorado, muita coisa está encaixotada, então não tem como acessar facilmente. Esse encontro aconteceu dentro da instituição e foi ligado ao curso nesse sentido: os professores do curso se envolveram bastante, principalmente os professores da Matemática, para fazer o curso acontecer.

**R:** E quais os maiores desafios da implantação desse curso?

**H:** Uma das coisas que eu acho que era um grande desafio e uma novidade pra mim, era a questão de ser um curso noturno. Um curso noturno, numa instituição privada tem umas características bem específicas. Outro grande desafio era a questão da clientela, como a gente aqui no Mato Grosso do Sul, em Campo Grande já tinha a UFMS e a UCDB com o curso de Matemática, era uma clientela que ficava, vamos dizer assim... dividida. Tínhamos alunos que tinham mais disponibilidade, tinham frequentando escolas de qualidade e que acabavam passando para a UFMS, principalmente aqueles que não precisavam trabalhar. A gente tinha alunos muito bons, mas precisavam trabalhar, então o que acontecia? Ele não podia fazer na UFMS porque era curso diurno... Então ficava aquela concorrência pela clientela,... qual clientela que a gente iria atrair? Alguns talvez até que se questionavam: “Nem sei, por que eu saí, não é?” Mas teve alguns que não se formaram, porque isso é quase que de praxe, nos cursos de licenciatura em Matemática, em particular de Matemática, entram muita gente, mas não saem muita gente e isso assustava muito. Com aspecto de que todos nós tínhamos feito licenciatura, nós sabíamos que era assim mesmo, entra muita gente e forma pouca gente, pela dificuldade do curso, pelo tempo que tem que se dedicar, o agravante de ser um curso noturno, muita gente trabalhava o dia inteiro, ia lá cansado e ainda ter que estudar cálculo... Tivemos uma porção de desafios nesse sentido. O que também acontecia muito - que aí eu já

tinha uma série de experiências por ter trabalhado em instituição privada - era a questão da cobrança da instituição, de como é que vamos manter uma turma com seis alunos? Oito alunos? Tiveram algumas dificuldades para conseguir conscientizar a instituição de que era necessário, pra gente manter um nível bom não tinha jeito... cursos de exatas são assim mesmo, o pessoal entra achando que sabe Matemática, mas conhece a Matemática da educação básica e, quando entra na universidade, tem um contraste danado. Isso acontece com as Engenharias, com a Matemática, com a Física, os cursos das exatas. É muito natural esse abandono, porque o pessoal não consegue dar conta, a gente tinha alunos que falavam: “Adoro sua aula”, mas chegava na prova não conseguia fazer nada, e a gente via que a pessoa estava se esforçando, mas tinha limitações, tinha dificuldades de formação da matemática básica, apesar de gostar, tinha muita deficiência. Um dos problemas sérios foi esse, essa luta entre a cobrança de uma aprovação para que o curso continuasse a funcionar e a nossa vontade de manter um curso com qualidade, mesmo compreendendo a dificuldade dos alunos. Esse foi um grande desafio! A maior dificuldade encontrada foi que a gente ficava dividido e até comovido com as dificuldades do aluno, mas também não adiantava só ficar comovido, porque ele tinha que render, tinha que ter aproveitamento para poder seguir em frente, tivemos bastante desse impasse que foi uma coisa que fluiu muitas conversas para que a gente pudesse ajustar de uma forma que não comprometesse a qualidade. Sempre coloquei muito a minha posição pessoal que era essa: “A gente pode ajustar, vamos ajustar, mas tentando preservar uma qualidade. Uma qualidade que a gente acredita que é importante”, porque é fácil aprovar, aprovar com qualidade é que são elas... E, logo em seguida, passou um tempo e começou a questão das avaliações de fim de curso e tudo...

**R:** Provão, não é?

**H:** Isso. Na época era “provão” que chamava e esse provão exigia que o aluno chegasse lá com uma qualidade, porque senão depois chegava lá, tirava nota baixa, baixava a nota do curso, podendo até perder a autorização de funcionamento e comprometeria todo aquele processo de instauração da instituição como universidade. Então tinha esse dilema, que tinha que ser sempre bem trabalhado, nós tivemos assim... Não cheguei a pegar os formandos, mas nós tivemos um grupo de alunos que estavam conseguindo... Muito bom, muito comprometido, quando foram no evento e participaram, davam apoio, sem remuneração nem

nada, mas estavam lá, apoiando, ajudando, desde carregar as mesas até recepção de professores, de professores convidados, então eles se envolveram, alguns até ajudavam na organização de mini cursos como nosso auxiliar, se comprometeram bastante. A gente teve, com certeza, um grupo que provavelmente se formou, eu não fiquei sabendo porque saí antes, bem antes e fiquei sem contato, mas teve os que entenderam a mensagem e conseguiram fazer disso uma coisa boa e andar pra frente, de uma forma interessante. Acho que foi nosso grande dilema - na minha opinião - essa questão da qualidade versus essa cobrança de permanência do aluno. Mas, esse ajuste foi delicado. Depois, eu vim para cá, pra UFMS, e todos os lugares tem esses ajustes. O curso de Matemática tem uma entrada grande e uma saída nem tão grande, tem sempre uma quantidade de reprovações no caminho, tem uma quantidade de desistências, isso é desde a época da minha graduação e em todas as graduações que eu participei - de Matemática - a gente vê uma característica muito parecida, não é assim: “Ah, muito diferente”, Não! Não era muito diferente. O que diferencia é que eu já tinha experiência em relação a essa cobrança da instituição privada, da permanência do aluno. Essa cobrança dentro da instituição pública é bem diferente.

**R:** Sobre a implantação: qual seria a participação da senhora nesse processo de implantação do curso na UNIDERP?

**H:** Eu fui professora, participei da implantação como professora e das discussões de que a gente ia fazendo, principalmente das disciplinas que estavam por vir. A estrutura do curso estava montada quando eu cheguei, o projeto pedagógico estava montado e contribuí, trazendo o que eu tinha de material de cursos pra gente ir ajustando, porque nada tinha acontecido ainda. Cheguei bem no começo mesmo, mas assim, eu entendo a minha contribuição nesse sentido, não fui coordenadora, mas acho que contribuí nas discussões. Quando eu cheguei, foi em 1992 e a primeira turma estava começando naquele semestre que era o segundo semestre de 1992, se não me falha a memória, mas acho que é isso mesmo. Era a primeira turma mesmo, e o pessoal fazendo Cálculo 1... “Aula inaugural”.

**R:** Quais disciplinas a senhora lecionava no curso?

**H:** Lecionei Cálculo, Álgebra Linear, Vetores e Geometria Analítica, acho que só. E foram justamente as disciplinas básicas. Acho que cheguei a pegar Estatística, não me lembro direito, mas acho que cheguei a pegar Estatística. Não lembro se foi nesse curso, porque depois a gente acabou dando aula em alguma coisa, dei aula na especialização da UNIDERP... Às vezes, a memória trai a gente, um pouquinho, porque tem disciplinas que a gente acha que deu num curso, mas deu no outro. Mas era basicamente as disciplinas do básico: Cálculo, Álgebra Linear e Geometria Analítica.

**R:** As pessoas envolvidas nesse movimento...

**H:** As pessoas que eu me lembro foram: a professora Iara, a professora Maria da Graça e teve um professor que era chamado... Eu lembro do apelido dele que era Teco<sup>167</sup>, ele em algum momento foi candidato a vereador aqui em Campo Grande (MS), mas eu não me lembro do nome dele, ele também chegou a participar. Lembro-me de algumas pessoas que participaram, aí tinha o... é... não vou me lembrar agora...

**R:** A senhora quer olhar na grade curricular?

**H:** Ah, eu quero, porque depois também como eu falei, eu fui chefe de departamento, acabei lidando com professores...

**R:** Consegui alguns documentos com a UNIDERP, alguns que eles ainda tinham. Tirei foto deles<sup>168</sup>: Jesus Eurico<sup>169</sup>, Annadyr<sup>170</sup>, Luiz Antonio de Cápua, Ziolkowski...

**H:** Todos esses foram antes de mim. Muitos professores que depois vieram a ser professores daqui, mas eu conheci aqui.

**R:** Esses aqui são bem da época de 1990 mesmo, para aprovação do curso?

---

<sup>167</sup> Não conseguimos mais informações sobre esta pessoa.

<sup>168</sup> Nesse momento, entrevistado e entrevistador visualizam documentos digitalizados em uma pasta arquivo disponíveis no computador.

<sup>169</sup> Jesus Eurico Miranda Rejira: graduado em Filosofia e Teologia. Doutor em História e Filosofia da Educação pela PUC/RS. Mestre em Filosofia pela PUC/RS.

<sup>170</sup> Annadyr Barleto Cavalli: graduada em Pedagogia e Letras. Mestre em Educação pela Universidade de Santa Maria – RS.

**H:** Para aprovação do curso! Meu nome nem deve constar aí na aprovação do curso. A Ângela<sup>171</sup> também, lembro dela.

**R:** Mancini.

**H:** Mancini... acho que é esse nome que eu estava tentando lembrar, eu sabia que era um nome meio puxado para o italiano.

**R:** Ele é falecido.

**H:** É, acho que é falecido.

**R:** Terezinha<sup>172</sup>, Deoclécio<sup>173</sup>, Élio Panachuk<sup>174</sup>.

**H:** Panachuk, também me lembro desse nome. Eu lembro desse nome, justamente, porque ele dava essa disciplina<sup>175</sup> em outros cursos também... aquele curso de informática que tinha quando eu estava na...

**R:** Ciência da computação?

**H:** Não era Ciência da Computação, porque o curso era, inclusive, com ênfase em Ciência da Computação, mas era outro curso, tipo um tecnólogo... como é o tecnólogo agora, era ICC? Não, CEI? Não. Tinha uma sigla que era computacional de processamento de dados, era curso de bacharelado em Processamento de Dados? Enfim, era Processamento de Dados e essa disciplina que o Panachuk dava nesse outro curso também, por isso que é meio familiar.

**R:** Fernando, Hamilton, Henrique, João Batista, Jorge Manhães...

---

<sup>171</sup> Angela Cecília O. Gardman: licenciada em Matemática pela PUC de Campinas (1977) e mestre em Matemática pela UNESP (1986).

<sup>172</sup> Cleci Teresinha Scheler da Rosa: licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia de Passo Fundo – RS (1966). Mestre em Educação (1970) pela Universidade de Santa Maria – RS.

<sup>173</sup> Deoclécio Gargioni Filho: licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Ciências, Letras e Educação de Presidente Prudente – SP (1984). Pós-Graduação em nível de especialização em Metodologia do Ensino Superior pela Faculdade de Ciências e Letras de Urubupungá – SP (1988).

<sup>174</sup> Bacharel em Ciências Políticas e Sociais pela Escola de Sociologia e política de São Paulo (1986). Pós-Graduado em nível de Especialização em Didática e Metodologia do Ensino Superior pela FUCMAT (1978).

<sup>175</sup> Disciplina referente ao que consta no quadro curricular: Estudos de Problemas Brasileiros.

**H:** Esses foram antes de eu entrar. Passou Cálculo aí e meu nome não estava, então foi depois que meu nome foi acrescentado.

**R:** José Passarelli...

**H:** Esse nome é familiar. Engenheiro, isso mesmo.

**R:** Leila, Carlos Eduardo, Marcelo, Sadi<sup>176</sup>, Paulo Cesar<sup>177</sup>, Sibélis, Mauro...

**H:** Sibélis eu conheço, minha aluna aqui: licenciatura plena em Matemática, mas ela foi minha aluna na especialização. Ela foi substituta na mesma época que eu fui substituta também.

**R:** Maria de Lourdes Crepaldi, Luiz Carlos Pais, Maria das Graças Bruno Marietto.

**H:** Ela era coordenadora. Meu nome ainda não constava aí. Quando foi feito esse documento eu não tinha chegado, porque foi antes da implantação, foi para aprovação do curso, a autorização do funcionamento.

**R:** Aqui tem mais nomes no quadro de professores. São esses nomes, mas neste quadro aqui<sup>178</sup>, complementa o anterior que consta 42 nomes... Alguns documentos precisei organizar, pois havia continuação. No início, a secretária disse que poderiam ter sido incinerados. Foi um longo processo de espera para encontrar eles. Esses são os documentos que têm as competências e habilidades<sup>179</sup>, mas já recentes, os da época mesmo, não encontrei.

**H:** Naquela época, era tudo muito à mão, então não era digitalizado, era tudo de papel.

**R:** A elaboração do projeto do curso... quando a senhora entrou já havia inaugurado?

---

<sup>176</sup> Sadi Depauli: licenciatura plena nas áreas de Economia e Mercado, Direito e Legislação pela FUCMAT (1987). Pós-Graduação em nível de Especialização em Contabilidade Decisória pelo CESUP (1988). Especialização em Desenvolvimento em Cooperativas Agrícolas pelo Centro de Estudos para a América Latina – Portugal e Espanha – Israel (1990).

<sup>177</sup> Paulo Cesar Mansano: licenciado em Educação Física pela Escola de Educação Física de São Carlos (1975). Pós-Graduação em nível de Especialização de Técnicas Desportivas: Voleibol e Atletismo pela Escola de Educação Física São Carlos/SP (1975). Pós-Graduação em nível de Especialização em Metodologia do Ensino Superior pelo CESUP (1991).

<sup>178</sup> Visualização do arquivo “quadro de professores”, contido na pasta de documentos, mostrado no computador.

<sup>179</sup> Nesse momento, é mostrada a pasta contendo o documento nomeado Competências e habilidades.

**H:** Já havia inaugurado. Depois entramos nas discussões de como efetivar aquilo ali, mas já peguei o projeto pedagógico pronto, porque, justamente, quando eu cheguei já entrei em sala de aula, já estava aprovado o funcionamento.

**R:** A grade curricular também?

**H:** Já estava tudo aprovado.

**R:** A senhora gostaria de acrescentar mais alguma coisa sobre essas lembranças?

**H:** Vou ver se consigo achar alguma coisa sobre a questão do evento, quem esteve lá, porque foi um evento bem interessante. Isso movimentou bem o curso, foi para os alunos, mas também foi para fora, evento estadual. A questão do enfoque: a questão de tratar a instituição como CESUP, porque ela era CESUP na época. Talvez seja um dilema de como tratar a instituição, porque ela era CESUP quando foi implantado. Porque assim, quando começou o curso era CESUP, ela se transformou em UNIDERP no decorrer, já com o curso em andamento. Se não me engano, ela virou UNIDERP em 1993. Talvez o curso ficou um ano funcionando no CESUP, acredito que seja um fato relevante para ser colocado, porque muito dos incentivos, dos livros que a gente pediu para comprar, do laboratório que a gente pediu para instalar, material didático, tudo isso foi muito urgente pelo fato da instituição passar pela transformação.

Essa transformação fez o curso criar uma característica própria, e até um investimento. Não sei como está agora, não sei se esse investimento continua grande, se continua tendo a mesma compreensão de qualidade, de que existe muita desistência mesmo. No momento que estava implantando, apesar de ser relevante para a instituição o fato da gente ir perdendo e ter perdido alunos no decorrer, existia um grande interesse que era o de virar a universidade, portanto o curso estava com boas notas nas avaliações, porque nossos alunos estavam bem formados. Ainda não tinham feito as avaliações, mas a gente estava quase botando a mão no fogo dizendo: “Esse aluno vai sair daqui e vai tirar boas notas na avaliação, porque ele está bem formado”. A gente batalhava pelo que a gente acreditava... Isso tudo foi encampado pela instituição. Reconheço que pelo fato da instituição estar passando por essa transformação, ela precisava desse comprometimento, ela precisava desse corpo de professores dedicados, que

estava implantando... Nosso laboratório foi muito bem montado e bem montado não era só material para serviço, a gente utilizava, a gente fazia projetinhos lá, quer dizer, nós nos movimentamos muito e isso ajudou também numa avaliação de qualidade de ensino como um todo para que a instituição pudesse pleitear a transformação para universidade. Esse começo do curso coincidiu com essa mudança, porque já era uma instituição que tinha outros cursos que já funcionavam há muitos anos. A Arquitetura já tinha uma história lá dentro e o nosso curso não tinha, então nós tivemos muito apoio, na época, porque digamos assim, uma troca de gentilezas, nós fazíamos uma parte, mas nós precisávamos ter um respaldo da instituição para a gente seguir em frente, ter incentivo para fazer não só aquela coisa comercial, por exemplo: “Não, eu sou professor, vou dar minha aula e vou embora”, não era assim que funcionava. Discutíamos entre a gente se iria fazer o evento. Tudo isso é um reflexo dessa mudança, acho que isso pode ser pensado para ser colocado como alguma coisa que naquele momento tinha uma relevância, naquele momento teve uma força grande, porque depois teve as avaliações, o provão e o aluno precisava tirar uma nota razoável para que o curso e a instituição como um todo, tivesse um bom desempenho nessas avaliações. Acredito que esse foi um fator interessante, porque eu cheguei na instituição de um jeito e vivenciei toda essa transformação, portanto eu percebi algumas mudanças bastantes significativas, vesti muito a camisa da instituição e falava o que era bom.

Nossos alunos tinham essa autoestima bastante elevada, porque eles sabiam que a gente estava se dedicando e faziam coisas bacanas, então eu acho que talvez isso seja uma coisa interessante para entender que o momento foi bem especial e que o curso cresceu também graças a esse movimento que a instituição estava fazendo. Sinceramente, não sei... se ela estivesse no mesmo patamar que estava antes... um curso que tem uma entrada tão grande e uma saída tão pequena, logo, no segundo ano, segundo semestre, segundo período, terceiro período já tinha uma porção de desistências, e não era uma coisa muito comum, muito familiar pra eles, os cursos que tinham lá eram cursos que não tinha uma desistência tão grande assim, entendeu? Os cursos anteriores, era de Processamento de Dados em que os alunos entravam e a maioria saía, era um de Arquitetura que tinha um nome muito forte, não sei como está agora, mas ele era muito forte, tanto é que na UFMS não tinha Arquitetura, se não me engano era a única Arquitetura de Campo Grande (MS), talvez a única Arquitetura do

estado, era só ela e ela tinha um *glamour*, inclusive muito grande, portanto o aluno ficava mesmo, era um curso que não tinha muitas disciplinas de exatas, não tinha os cálculos, não tinha essa coisa que reprova muita gente, então o que acontece? Talvez tenha sido um dos primeiros cursos de exatas com essa característica, que tem uma reprovação muito grande logo nos primeiros anos. Acho que ele só foi pra frente, só foi encampado de fato, porque existia essa intencionalidade de formar um quadro de cursos para que desse um corpo de universidade, caso contrário, jamais ela teria se transformado em universidade, teria ficado como faculdade sempre, não menosprezando os outros cursos, me entenda, mas para virar universidade ela tinha que mostrar uma gama de cursos maiores, uma quantidade de clientela maior, um corpo de pesquisa, um corpo de projetos, onde se tinha isso muito pontual dentro dos cursos. Não era uma tradição, vamos dizer, assim.

**R:** Vocês tinham subsídios?

**H:** Sim. Na época, eu lembro que tudo o que a gente pedia, a gente conseguia. A gente tinha que saber pedir, obviamente como sempre, mas a gente justificava direitinho: “Ah, precisamos do material tal” e vinha o material. Nosso laboratório ficou um brinco, tanto material permanente quanto material de consumo. Conseguimos fazer um projeto, conseguimos um evento que a gente promoveu, tivemos que correr atrás de patrocínio, de técnico, de editor, mas a própria instituição também teve interesse que fosse lá no espaço, nos cedeu o espaço sem cobrar o aluguel da SBEM<sup>180</sup>. Ela estava presente no evento, via nós professores. Ela era uma das executoras do evento que tinha a UFMS, o CESUP, a SBEM como coordenadores do projeto em si, quer dizer, todos os projetos, e a gente conseguiu os patrocínios, às vezes, pelo contato da própria instituição. O começo do curso foi muito impulsionado por esse movimento que estava acontecendo dentro da instituição, acho que isso teve certa relevância nesse contexto do curso.

**R:** Que é a passagem de Centro Universitário para Universidade?

**H:** O movimento foi todo naquela época.

**R:** Que foi no governo do Fernando Henrique?

---

<sup>180</sup> Sociedade Brasileira de Educação Matemática.

**H:** Isso. Foi aí que eles viraram, conseguiram o nome UNIDERP. A aprovação da universidade, a implantação da universidade.

**R:** O Surgimento desse curso foi em função da demanda dos alunos?

**H:** Eu não sei, porque como eu não estava na implantação. Eles devem ter feito uma pesquisa anterior, estou hipotetizando, uma pesquisa anterior para ver se existia, inclusive, um público. Acho que a exigência, a demanda veio do fato do curso da UFMS ser diurno, e se não me falho a memória o curso da UCDB também não era noturno, não tenho certeza. Esse é um fato que você pode levantar. Então quer dizer que a demanda dele era o fato de ser noturno e quando implantado foi com essa ênfase em Ciência da Computação, que também era um curso que ainda estava no auge dessa questão de Ciência da Computação. Acredito que os atrativos que o curso poderia trazer seriam esses, a questão de ser noturno que com certeza o daqui não era, se não me engano, o daqui em algum momento foi noturno, da UFMS. Você podia levantar isso. Se não me engano o da UFMS quando cheguei já não era noturno, era diurno, mas acho que em algum momento ele já foi noturno e passou pra diurno, não tenho certeza, a memória me falhou. Levantar os dados do curso de Matemática da UCDB, que não era UCDB ainda, também era Católica Dom Bosco, FUCMAT. Na realidade foi próximo, uma e a outra no processo de virar universidade, foi mais ou menos junto, mas não tenho certeza se a UCDB foi antes da UNIDERP, mas o curso de lá, se não me falha a memória, também não era noturno, e com certeza não tinha essa ênfase em Ciência da Computação, isso eu lembro, a licenciatura da UNIDERP era a primeira que tinha essa ênfase em Ciência da Computação, o que foi bem aceito com esse atrativo. O curso foi iniciado como bacharelado, depois ele acabou se transformando em licenciatura, mas com ênfase em Ciência da Computação para que houvesse esse atrativo. Estou com minha memória falhando, mas provavelmente nessa época de transformação para universidade o fato de ser uma licenciatura, na questão de ser uma formação de professores, ter sido sempre muito incentivado pelo MEC e pelos órgãos federais, ela pontuava positivamente na avaliação da instituição. A instituição tinha apenas um curso que se aproximava de uma licenciatura, era como se fosse uma licenciatura, uma pedagogia: Formação de Professores.

**R:** Na autorização eu acho que tem, porque ele cita Centro de Ensino Superior de Campo Grande e no quadro de professores ele já coloca lá em cima: Matemática com ênfase em Ciência da Computação - licenciatura plena, bacharelado com ênfase em Ciência da Computação.

**H:** Exatamente. Essa ênfase na Ciência da Computação é que dava um grande atrativo. O fato de ser licenciatura, porque com certeza criava uma pontuação melhor na questão do tipo de curso que era oferecido pela instituição para que ela pudesse virar uma universidade... Pode até pesquisar e tentar achar alguma documentação de transformação, o fato da instituição ter licenciatura, se isso era um atrativo a favor para transformação em universidade. Até a construção do curso, pode ter uma característica que tenha favorecido esse movimento que estava acontecendo dentro da instituição e já a ênfase em Ciência da Computação, com certeza, era um atrativo para o público. Tinha esse lado de atrair o público, porque era um curso completamente diferente dos cursos de licenciatura que existiam nas outras instituições que tinham o curso de licenciatura de Matemática. Então seria assim: “Ah, é para ser professor?” “Não, não é só para ser professor”, entendeu?

**R:** Uhum.

**H:** Você tem esse ‘apelo’ de que na realidade o aluno tenha uma formação que seria para ser professor ou também entrar na área de Ciência da Computação, Informática. Isso diferenciaria dos cursos que já existiam. Então esse ‘apelo’, provavelmente, foi levado em conta na hora da construção, mas estou te dando minha opinião... [risos], porque eu não participei, pode ser que as pessoas que tenham participado das discussões, na hora da criação do curso, tenham cogitado exatamente isso: “Então vamos criar um curso que tenha esse apelo”. Muitos alunos entravam falando que estavam atraídos pelo fato de ser Ciência da Computação, tinha um apelo nisso, tanto que eles perguntavam: “Mas a gente vai ver a parte da computação quando?” Isso eu lembro, isso é fato, não é hipotetização, não. E, justamente no curso, tinha a parte de processamento de dados que era bem da área de informática mesmo, um viés mais tecnológico, não tecnológico como o que temos agora, mas um tecnológico de nível superior, tecnólogo de nível superior.

**R:** A senhora gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

**H:** Não, eu acho que é só essa observação de reforçar que era CESUP, porque o tempo inteiro aparece só UNIDERP e isso me chamou atenção. Não vou dizer incomodou, mas me chamou atenção, porque acho que você poderia mudar e colocar CESUP “barra” UNIDERP para entender que essa transformação ocorreu no processo.

**R:** Sim. Nos documentos estão CESUP.

**H:** Todos estão CESUP, não é? Todos começam como Centro Universitário e precisa ser observado. Mas foi um prazer.

**R:** Eu que agradeço, professora.

**H:** Relembrar algumas coisas, a memória da gente não ajuda muito, mas foram momentos interessantes da minha carreira. Eu acho que tudo o que passa pela vida da gente tem um porquê, tem bastante coisa, bastante aprendizado, poder contribuir também é legal.

[Neste momento, faço explicações sobre os procedimentos adotados neste trabalho quanto às entrevistas e peço sua autorização para utilizá-las].

**H:** Prazer em te conhecer.

**R:** Igualmente. Fico muito feliz que a senhora tenha compartilhado tal experiência com a gente.

## 2.2.6 Entrevista realizada com o professor Eduardo

*A entrevista com o professor Eduardo ocorreu no dia 18 de abril de 2016, às 16h, via Skype. Foi gravada em vídeo e áudio e teve duração de aproximadamente uma hora. O professor Eduardo foi aluno do curso de bacharelado em Matemática com ênfase em Ciência da Computação, participante da primeira turma, que iniciou em 1992, também compôs a primeira turma de formandos. Entrei em contato com ele que prontamente aceitou o convite para a realização de uma entrevista para a nossa pesquisa. O professor possui graduação em bacharelado em Matemática com ênfase em Ciência da Computação pela Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (1996) e mestrado em Ciências da Computação pela Universidade Federal de Santa Catarina (1999). Atualmente trabalha com desenvolvimento de jogos, projetos de infraestrutura em tecnologia da informação, pesquisa interdisciplinar aplicada ao design, projetos de redes de computadores. Também é professor da Faculdade AVANTIS e da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI).*

**Renata (R):** Hoje, dia 18 de abril de 2016, às 16 horas, eu, Renata Aparecida Zandomenighi, mestranda do curso de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, entrevistarei, via webconferência (Skype), o professor mestre Eduardo para pesquisa de mestrado, por mim conduzida, sobre o curso de Graduação em Matemática da UNIDERP/CESUP.

Boa tarde, professor, muito obrigada pela participação.

**Eduardo (E):** Boa tarde, Renata.

**R:** Inicialmente, gostaria de agradecer por aceitar nosso convite para participar da nossa pesquisa e nos conceder esta entrevista, certamente ela nos trará valiosas contribuições. Gostaria de pedir para o senhor se apresentar.

**E:** Meu nome é Eduardo. Atualmente resido em Itajaí<sup>181</sup>, Santa Catarina e trabalho em duas universidades daqui da região. Uma delas é a Universidade do Vale do Itajaí<sup>182</sup>, uma das

---

<sup>181</sup> Município do estado de Santa Catarina, sua população é estimada em 201.557 habitantes (IBGE/2015), distante 94 km da capital Florianópolis.

<sup>182</sup> Universidade privada comunitária brasileira do estado de Santa Catarina.

melhores universidades particulares do Brasil e a outra faculdade, que se inspira nela, é a Faculdade Avantis<sup>183</sup>.

**R:** Se não for natural de Campo Grande (MS), conte para nós como o senhor veio residir em Campo Grande (MS).

**E:** No caso, sou natural de Campo Grande (MS), nasci e residi até os 22, 23 anos, foi quando me mudei para Santa Catarina, Florianópolis<sup>184</sup>, para fazer mestrado.

**R:** E por que decidiu sair de Campo Grande (MS)?

**E:** Quando fazíamos graduação na UNIDERP, tínhamos vontade de trabalhar com pesquisa e uma das maneiras para atingir esse objetivo foi seguindo o caminho da área docente, passando por uma especialização, por um mestrado e um doutorado para que pudéssemos ter contato com pesquisa. Então, esse foi o motivo que me levou a sair de Campo Grande (MS). Viemos para Santa Catarina, porque os pais de um dos nossos colegas da época, o Cleiton Almeida Santos<sup>185</sup>, residiam em Itapema<sup>186</sup> (SC) que fica no meio do caminho de Itajaí a Florianópolis. Então, como ele conhecia a região, fez um primeiro contato com a Universidade Federal de Santa Catarina<sup>187</sup>, o que ocasionou o meu deslocamento, em 1997, para fazer mestrado e a mudança, por consequência, de Campo Grande (MS).

**R:** Conte para nós como era a cidade de Campo Grande (MS) quando você deu início no curso de graduação.

**E:** Vou tentar resgatar algumas coisas, porque, com o tempo, a cidade mudou bastante. Hoje ela está bastante desenvolvida em todos os campos. Costumo dizer que hoje é preço de litoral, se comparar questões como infraestrutura, como questões políticas e econômicas, só o

---

<sup>183</sup> Instituição de ensino superior fundada em 20 de dezembro de 2000, com sede em Balneário Camboriú, Santa Catarina.

<sup>184</sup> Florianópolis é a capital do estado de Santa Catarina, localizada no centro da região Sul do país, tem uma população de 469.690 habitantes (IBGE/2015).

<sup>185</sup> Cleiton Almeida dos Santos é bacharel em Matemática com ênfase em Ciência da Computação pela Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal - UNIDERP (1996) e Mestre em Ciências da Computação pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (2000).

<sup>186</sup> É um município do estado de Santa Catarina, sua população estimada é de pouco mais de 59.000 habitantes (IBGE/2016) distante 60 km da capital.

<sup>187</sup> Sediada em Florianópolis (SC), é a maior Instituição de Ensino Superior pública federal brasileira do estado de Santa Catarina e uma das principais da Região Sul do Brasil.

cenário educacional que eu não tenho muita referência, mas o que me lembro daquela época era que o CESUP recém tinha se transformado em UNIDERP. Na época, o símbolo do CESUP era aquele bloco redondo onde nós, na ocasião, estudamos boa parte do curso, passando parte do tempo na faculdade. Posteriormente, foram construídos dois prédios logo atrás desse prédio redondo. Então, essa era a estrutura da UNIDERP na época, que eu me lembro. O contexto da região acompanhava, mais ou menos, o crescimento da UNIDERP. Então, do outro lado da Avenida Zahran<sup>188</sup>, tinham poucas construções, quase nenhuma, e assim era mais ou menos a cidade. Aquela região não era muito habitada, recém tinha um shopping. Economicamente, vejo que era uma cidade muito dependente ainda, por ser um centro de referência política, capital do estado, dependente do funcionalismo público e também do comércio que não havia grande desenvolvimento. O shopping era perto da UNIDERP, basicamente era o que tinha ali de mais desenvolvido de comércio e, como sempre, o agronegócio funcionando junto com o comércio no cenário político da capital. Esse também foi um dos motivos que me levou a sair de Campo Grande (MS). Fui em busca de um lugar onde pudesse desenvolver um pouco mais as minhas aspirações, não só na área docente, mas também, porque o objetivo do nosso grupo se fechava para pesquisa e futuramente, quem sabe, desenvolvimento de empresas. O local não era ainda o mais adequado para nossos interesses, então, voltamos o olhar para uma região que era muito desenvolvida economicamente a ponto de ter um grande centro de negócios e grandes empresas, no qual você conseguisse trabalhar com pesquisas e desenvolvimento de produtos. O cenário educacional também impulsionou, pois em Campo Grande (MS) não havia instituições com cursos de pós-graduação ou de mestrado na área de tecnologia, permitindo que a gente buscasse uma formação em outro local. Isso tudo fez com que a gente se voltasse a Santa Catarina (SC), mas em termo de cenário econômico até as regiões norte, sul, leste, oeste da cidade também eram pouco desenvolvidas. Não se tinha essas grandes avenidas que ligam vários bairros: Moreninha<sup>189</sup>, Coophavila<sup>190</sup>, que ligam mais a saída para Cuiabá<sup>191</sup>(MT), era um cenário de muita incerteza, pelo menos para nossas aspirações. Na época, eu era

---

<sup>188</sup> Avenida Eduardo Elias Zahran, considerada umas das mais importantes e movimentada via de Campo Grande (MS).

<sup>189</sup> Moreninhas é um dos bairros da Capital de Mato Grosso do Sul com pouco mais de 22.000 habitantes.

<sup>190</sup> Coophavila é um bairro de Campo Grande, MS com aproximadamente 11.339 habitantes.

<sup>191</sup> Cuiabá (MT) é um município brasileiro, capital do estado de Mato Grosso, fundado em 1719, com aproximadamente de 585.367 habitantes (IBGE/2016).

funcionário do Banco Safra<sup>192</sup> e também não via grandes perspectivas ficando ali. Embora fosse um bom emprego na época, não via muitas perspectivas de subir, então, no máximo que eu conseguiria chegar com o passar dos anos era um cargo de gerente, uma vez que se eu olhasse em volta, às vistas do desenvolvimento e da expansão da cidade, que se se encontrava em um processo lento, também dada a situação econômica do país, que era totalmente diferente do que a gente tem hoje, embora toda essa crise política fez a gente retroceder alguns anos, acho que também não sei se posso levar isso em consideração, mas principalmente no cenário educacional sempre se tinha a formação como a base da educação.

Olhando em volta, também um movimento político que não se tinha, não se desenvolvia políticas de estímulo tanto para desenvolvimentos de empresas - atrair grandes empresas para a região - como para aliar a universidade com pesquisas, empresas com desenvolvimento de produtos. Talvez na época, a gente só encontrasse isso em grandes centros como São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), envolvendo as grandes instituições, as grandes empresas. Eu seria injusto se criticasse, porque era o contexto da região, diferente, por exemplo, se eu comparar com Santa Catarina (SC). Quando cheguei a Santa Catarina (SC), no ano de 1997, a situação era completamente diferente desse quesito que acabei de citar. Santa Catarina (SC), estava à frente uns bons anos. Então, era mais ou menos esse cenário que me lembro da época, não tinha muita perspectiva de desenvolvimento econômico, muitos colegas que eu via no Banco Safra pediam demissão, sacavam o dinheiro e tentavam abrir um negócio, porque brasileiro sempre foi empreendedor, não é? Além de ter emprego, sempre busca algo a mais, tentando ser empresário, ser independente econômica e financeiramente. Vi muitos colegas levantando um bom dinheiro de rescisão e falindo no máximo em seis meses. Esse cenário me levou também a visualizar a economia de Campo Grande (MS) num estágio bem diferente daquilo que eu poderia, digamos assim, prosperar em termos de oportunidades. Assim, me questionava: se eu fazer pesquisa e tiver que desenvolver todas aquelas questões que a gente discutia enquanto alunos, eu teria poucas possibilidades de sucesso a curto prazo. As questões econômicas, as questões políticas e as questões educacionais não eram, digamos, aquelas, assim, mais favoráveis para o meu objetivo de vida.

---

<sup>192</sup> Banco privado brasileiro, atuante em todas as áreas que envolvem serviços bancários, tendo como público alvo, empresas e pessoas com alto poder aquisitivo.

Não que não fossem favoráveis para outras pessoas, mas para o meu contexto que hoje está muito ligado à tecnologia, faz com que eu permaneça aqui na região. Não que hoje, Campo Grande (MS), com suas instituições, não produza isso, pelo contrário, tem vários professores seguindo o mesmo caminho que eu fiz. Um exemplo é o José Wanderley [Scucuglia]. Uma pessoa que estava no meio acadêmico. A gente se inspirava nele e hoje ele é um empresário bem sucedido em Campo Grande (MS), fazendo pesquisa. Então, era mais ou menos o cenário que eu visualizava na época, uma economia dependente do poder público e a educação, por consequência, dependente da economia local e das questões políticas, não muito diferente de hoje.

**R:** Sobre sua formação acadêmica, fale um pouco sobre sua graduação, sua especialização e mestrado.

**E:** Minha graduação é em Matemática, bacharelado com ênfase em Ciência da Computação. Parece-me que nós fomos a única turma que teve esse perfil. Parece que a partir da segunda turma o foco foi mudado, não tenho certeza, mas acho que mudou um pouquinho de perfil para licenciatura e mais para Matemática Pura. Então, pode ser que eu esteja enganado, mas o nosso perfil de graduação, se eu comparasse hoje, fiz meia Matemática e meia Ciência da Computação. Isso teve os benefícios mais à frente. Por exemplo, depois da graduação, fiz mestrado em Ciência da Computação na Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente a Federal de Santa Catarina deve estar entre as dez instituições mais bem ranqueadas e o curso de Ciência da Computação hoje tem conceito máximo. Eu trabalhei com a parte que não era essencialmente a Matemática nem essencialmente a Computação, mas resolvia equações diferenciais parciais, aplicação em termodinâmica na engenharia mecânica. O meu orientador era o Sérgio Peters<sup>193</sup>. O que eu trabalhei era originário de sua formação de graduação, mestrado e doutorado da Engenharia Mecânica. Então, ele começou uma linha de pesquisa no curso de graduação em Ciência da Computação, no qual o objetivo era resolver pré-resoluções de equações diferenciais parciais, eu trabalhei especificamente no mestrado, nessa área da Ciência da Computação, mas em métodos computacionais aplicados na Engenharia Mecânica: transferência de calor. Posteriormente, fiz uma especialização em

---

<sup>193</sup> Graduado (1986), mestre (1989) e doutor em Engenharia Mecânica pela Universidade Federal de Santa Catarina (1994).

Docência do Ensino Superior e hoje estou prospectando um doutorado, mas não sei ainda se vou fazer um doutorado na área de Rede de Computadores ou na área de *Design* de Jogos, são duas áreas que trabalho bastante.

Depois que terminei o mestrado em Ciência da Computação na Universidade Federal, eu passei num concurso e fiquei um ano e meio trabalhando como professor do Departamento de Computação. Após um ano e meio, por uma opção profissional e familiar, acabei mudando, me desligando da Universidade Federal e me liguei à Universidade do Vale do Itajaí. Digamos que subi 100 quilômetros em direção a Curitiba (PR). Itajaí está mais ou menos no centro do estado, mais no litoral, fica a 100 quilômetros de Joinville e a 100 quilômetros de Florianópolis, numa região bem localizada. Trabalhei um tempo no Departamento de Computação, mas com o tempo me desliguei da Universidade do Vale do Itajaí, por uns cinco anos. Retornei no ano passado e nesse meio tempo, entre minha saída da Universidade do Vale do Itajaí e o meu retorno, trabalhei com um projeto de prédios inteligentes, quer dizer, não tinha nada a ver com o que tinha feito no mestrado, mas nesse meio tempo entre eu entrar e tirar um tempo trabalhando na Universidade do Vale do Itajaí conheci um pouquinho da área de redes de computadores e acabei gostando. Saí da Universidade do Vale do Itajaí e trabalhei alguns anos no SENAC<sup>194</sup>, só que o meu trabalho no SENAC foi mais com as grandes parcerias da que a gente tem na área de TI<sup>195</sup> hoje. Trabalhei muito com cursos de certificação, *Microsoft, Furukawa, Cisco, Symantec, Ibm, Sun, Microsystems*, foram as grandes parcerias que eu tive a oportunidade de trabalhar e dentre elas eu gostei bastante da *Cisco Systems* e acabei virando instrutor da *Cisco* num programa mundial que se chama CCNA<sup>196</sup>, no qual estou vinculado até hoje. Voltei trabalhando um pouquinho com redes de computadores, prédios inteligentes, só que chegou um momento que eu saí do mercado, mas continuei com o pé nele. Senti a necessidade de voltar ao meio acadêmico para desenvolver algumas pesquisas, por isso voltei para a Universidade do Vale do Itajaí. Nesse meio tempo, acabei me ligando à Faculdade Avantis. A Faculdade Avantis é

---

<sup>194</sup> Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - Instituição de educação profissional aberta a toda a sociedade.

<sup>195</sup> Tecnologia da Informação.

<sup>196</sup> *Cisco Certified Network Administrators*.

uma faculdade que fica no Balneário Camboriú<sup>197</sup>, uma cidade vizinha de Itajaí. Para você ir de Itajaí para o Balneário Camboriú é como se você fosse, digamos, do centro de Campo Grande (MS) para o bairro Jardim Imperial<sup>198</sup>, você passa de uma cidade para a outra sem nem notar que mudou de cidade. Então, como era vizinha e eu tinha contato com algumas pessoas, eles tiveram a necessidade de ter um professor na área de redes de computadores e como era só uma vez por semana - não iria interferir nas minhas atividades - acabei retornando na área docente, por meio da Faculdade Avantis. Trabalhei com prédios inteligentes, projetos de redes de computadores... paralelamente trabalhava como instrutor nos cursos de certificação da *Cisco* até que surgiu a oportunidade de voltar para a UNIVALI<sup>199</sup>. Só que essa oportunidade foi em outra área, que eu jamais esperava trabalhar. Enquanto eu estava na Faculdade Avantis, ajudei a escrever um projeto no edital do CNPQ<sup>200</sup> e ele se chamava “Tecnologias Assistivas”. O nosso problema era desenvolver jogos para auxiliar crianças com deficiência auditiva no processo de alfabetização e letramento. Começamos a desenvolver jogos para *tablet*. Esse projeto durou dois anos, finalizado mais ou menos há 30 dias. A partir disso, a gente criou um novo grupo de tecnologias assistivas na Faculdade Avantis e começamos a empreender alguns projetos lá dentro. Isso fez com que eu retornasse também para a Faculdade Avantis num curso que se chama “Design de jogos: entretenimento digital”. Dado esses projetos, comecei a trabalhar com inteligência artificial e com realidade virtual sem abandonar redes de computadores. Hoje, essencialmente da parte docente, trabalho com redes de computadores, engenharia de software, gerência de projetos, realidade virtual, programação para jogos... Então, estou muito envolvido com projetos de *design* de jogos, desenvolvendo realidade aumentada, realidade virtual, isso há uns dois anos mais ou menos. Apesar de que no passado eu já tinha desenvolvido algumas iniciativas nessa área, mas nunca tinha abraçado da forma como eu tenho me empenhado nos últimos dois anos e, paralelo a isso tudo, ainda tenho uma empresa cujo foco é o desenvolvimento de tecnologia, mas no sentido de inovação tecnológica. Dessa forma, nós desenvolvemos alguns projetos para algumas empresas de São Paulo (SP), sendo que algumas delas são multinacionais.

---

<sup>197</sup> Município da Região Metropolitana da Foz do Rio Itajaí, no litoral norte do estado de Santa Catarina com aproximadamente 124.557 habitantes (IBGE/2014), distante cerca de 80 km da capital.

<sup>198</sup> Bairro de Campo Grande, MS, localizado na região do Segredo.

<sup>199</sup> Universidade do Vale do Itajaí

<sup>200</sup> Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

Fazemos todo o *design*, desenvolvimento e entrega do produto para quem requisitou. Nosso foco não é o desenvolvimento contínuo de uma solução: fazemos todo o desenho da solução, implementamos a solução, entregamos para o cliente e quando necessário realizamos treinamentos para eles continuarem o desenvolvimento do produto. São projetos que envolvem desenvolvimentos de jogos, envolvem desenvolvimento de produtos, desenvolvimento de metodologia, envolvem engenharia de *software*, programação, gerenciamento de projetos, acabo fechando todo o vínculo. Nos cursos de graduação, nessas universidades que estou ligado, acaba refletindo naqueles projetos que a gente desenvolve fora, enquanto empresa. Então, digamos que de 1996 pra cá - quando tínhamos a intenção de sair um dia para fazer o mestrado e poder trabalhar com pesquisa - consegui consolidar tudo isso apenas nos últimos três anos, estar ligado a grandes instituições em que há um corpo discente, no qual permita você trabalhar com pesquisa, um corpo docente que possa te ajudar a conduzir os projetos e também as instituições que possam ser um caminho de obtenção de fomento, por meio de editais de pesquisa. A gente já teve do CNPQ, os próprios editais de financiamento interno ou então que a gente consiga também transformar isso em produtos que possam ser aderentes aos processos de empresas dos mais variados segmentos: indústria, educação, enfim, também do outro lado, a formação dos alunos, porque muitas vezes a gente percebe que enquanto educadores, enquanto instituição, enquanto currículo, a gente acaba não conseguindo suprir toda aquela necessidade que o aluno possa ter para posteriormente ingressar no mercado de trabalho. Então, a pesquisa acaba sendo algo que vem ao encontro, para aliar os métodos que você ensina na graduação com o desenvolvimento prático de algo que possa ser colocado no mercado, pelo menos essa estratégia tem dado certo. Tive vários alunos que trabalharam em comum comigo, alguns consegui contratar e um deles, que mais tem se destacado, consegui trazer para o meio acadêmico. Ele começou sendo um dos meus alunos, posteriormente, o encaminhei para fazer mestrado e agora ele está ingressando como docente dessas instituições.

Essa seria uma síntese da minha trajetória, desde 1999 quando concluí o mestrado, passando pela docência na Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade do Vale do Itajaí, Faculdade Avantis, SENAC, com as pesquisas que a gente realiza em que têm foco em tecnologias assistivas, também com uma parte mais voltada para o lado comercial da empresa

de inovação que a gente toca aqui em Itajaí. O contexto de Santa Catarina hoje possibilita bastante isso. É uma região, nesse quesito, bem desenvolvida. Nós temos grandes instituições de ensino aqui que possibilita fomentar esse tipo de iniciativa. Todas elas oferecem oportunidades, não só de graduação como pós-graduação, de financiamento de pesquisa, de bolsa para os alunos, por consequência lembro que fui bolsista, acho que fomos eu, Arilene e o Claudeir. Fomos os três primeiros bolsistas do curso de Matemática. Então, hoje se eu olhasse para trás, aquilo que eu recebi, hoje consigo dar de retorno para vários alunos. Com um dos editais que tivemos do CNPQ, nos últimos dois anos, conseguimos custear com bolsas, aproximadamente, uns dez alunos durante o período de dois anos. Acho importante esse envolvimento da carreira docente também. De 1996 para cá foram bons anos, ainda mais agora que a gente conseguiu estabelecer aquela meta inicial, pelo menos eu. Não sei como os outros colegas estão hoje, nós éramos poucos. Começamos com uma turma de 60 alunos e terminamos com quatro ou cinco alunos, sendo que um deles não pôde se formar, porque era adventista, o Cleiton. Nossa formatura foi numa sexta-feira e ele teve que fazer a colação de grau separado. Éramos eu, a Arilene Oliveira Teixeira, o Marcos Paulo<sup>201</sup> e o Cleiton de Almeida Santos, fomos os quatro que se formaram em bacharelado. Depois parece que mudou o foco para licenciatura. Acho que teve uma segunda turma que se formou em bacharelado. As informações que chegaram foi que o foco se voltou mais para licenciatura, talvez tenha sido até uma escolha correta, porque se a gente comparasse os cursos naquela época a diferença era mínima, o currículo do curso de Matemática com o curso de Ciência da Computação. Acho que mais um ano, por exemplo, eu conseguiria tirar mais uma graduação. Até hoje se eu olhasse o currículo a diferença é mínima. Tinha um curso de Ciência da Computação recém aberto na UNIDERP, acredito que talvez em função disso tenha mudado o foco. Vou tentar separar as disciplinas que nós tínhamos de Computação e Matemática. Na parte de Matemática tinha aquelas disciplinas tradicionais que eram de Cálculo Diferencial e Integral, as de Lógica, Álgebra de Boole, Álgebra Moderna... ministrada pelo professor Samuel, Equações Diferenciais, Parciais, Geometria Analítica, Desenho Geométrico, Álgebra Linear e Geometria Descritiva, eram essas as disciplinas mais tradicionais. Na parte de

---

<sup>201</sup> Marcos Paulo Moro, bacharel em Matemática com ênfase em Ciência da Computação pela Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal – UNIDERP (1996), mestre em Ciência da Computação na área de Rede de Computadores pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (2002) e doutorando em Ciência da Computação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS.

Computação tinha Banco de Dados, Algoritmos de Programação, Sistemas Operacionais, Linguagens... Acho que eram essas disciplinas. Em partes supriam as necessidades dos alunos, apesar de que tinha dois alunos ali, no caso o Cleiton e o Marcos Paulo, que já chegaram com um embasamento muito bom em Computação. Eles já trabalhavam em empresas, na época. O Marcos foi meu veterano no curso técnico em Processamento de Dados da MACE. Digamos que nós tivemos a mesma origem, ele fez o curso técnico em Processamento de Dados, terminou um ano antes de mim e depois nós nos encontramos no curso de Matemática. Nessa parte de computação, posso afirmar que eles chegaram bem subsidiados. Talvez para eles não tivesse acrescentado, mas para o restante com certeza, pelo menos pra mim. Na parte de Matemática, os professores tentavam conciliar um pouquinho com computação, um pouquinho não, talvez bastante. Tinham as disciplinas de Cálculo Numérico, Análise Numérica, Pesquisa Operacional... nós aprendíamos uns métodos matemáticos e desenvolvíamos códigos computacionais para resolver os métodos que nós aprendíamos, acho que na época era o professor José Wanderlei [Scucuglia]. A gente chamava ele de Zé ou de Dé, são os apelidos dele, e tinha um outro professor que eu não me lembro o nome, recém tinha vindo da UNICAMP com mestrado, ele deu uma disciplina de Pesquisa Operacional. Sobre as formações dos professores na época, alguns estavam começando a fazer mestrado, era bem pouco, com exceção do que chegou com mestrado. O Samuel, se não me engano, foi fazer o mestrado ou começou depois, mas não me lembro da época. Então é o que me lembro, na época, sobre a grade curricular e a formação dos professores... teve esse professor de Pesquisa Operacional que recém tinha chegado de um mestrado da UNICAMP, a professora Helena... acho que ela ainda é professora da Universidade Federal, não sei se ela foi para o Departamento de Matemática ou Computação, mas ela trabalhava com as disciplinas de Cálculo Diferencial e Integral e se não me engano, depois de um tempo, ela estava fazendo especialização ou mestrado. Teve o professor Willian<sup>202</sup> que trabalhou conosco mais com programação em lógica, acho que recém ele tinha chegado da COPPE<sup>203</sup>. Acho que esses eram os professores que tinham melhor nível de formação. Na época, na região, era padrão os primeiros professores começar a ter mestrado, a

---

<sup>202</sup> Willian de Araújo Rosa: graduado em Engenharia Civil pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (1990) e mestre em Engenharia Civil pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1994).

<sup>203</sup> Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia: unidade da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Coordena de os programas pós-graduação em engenharia.

Universidade crescendo também, boa parte dos professores teve bom desempenho, independente da formação acadêmica, independente da pós-graduação e na questão curricular também. Eu acho que para a época, a grade curricular atendia a nossa expectativa. Tivemos bons professores de matemática que conseguiram aplicar o currículo, os que conseguiam aplicar a computação satisfaziam o nosso interesse e também se eu for fazer uma avaliação com a minha formação enquanto graduação e com o que eu faço hoje de desempenho - meu trabalho hoje em relação as minhas áreas de pesquisa, minhas áreas de trabalho - posso dizer que até facilitou, porque uso bastante, não os métodos diretos de matemática que aprendi, mas me subsidiam na questão de lógica, de métodos matemáticos. Estou cobrindo a vaga de um professor no curso de Engenharia Mecânica e eu trabalho com uma disciplina que se chama Introdução ao Cálculo. Essencialmente, trabalho com um currículo de ensino médio: funções, conjunto, funções exponenciais, logarítmicas e construção de gráficos. Se isso não fosse minha base da graduação, acho que não conseguiria ter um bom desempenho na sala de aula, não conseguiria trabalhar esses conteúdos com eles e até relacionar um pouco de teoria e prática. Talvez fosse a única queixa - não posso chamar de queixa - mas, se eu tivesse que levantar algum “contra” da época não seria em relação aos professores e as formações nem em relação a materiais ou salas disponíveis. Nunca ficamos sem salas, então tivemos o que todos os outros alunos tiveram: acessos aos laboratórios, sala de aula, bons professores. Um ou outro professor acabava deixando a desejar, mas era o contexto de cada um deles, talvez não tivesse uma boa formação para estar em sala de aula, apesar de que eu acredito que toda pessoa tem um potencial a ser desenvolvido, ninguém é ruim que não possa melhorar, mas ninguém é tão bom que não teve que passar por um processo de... no caso do docente, de formação pedagógica. Isso aqui em Santa Catarina tem muito forte. Nós paramos duas vezes no ano por um período de, mais ou menos, 20 dias e nós temos o que chamamos de “Formação Continuada de Docentes”. São várias oficinas, vários momentos que a gente tem de discussão para trocar experiências, de aprimorar um pouquinho nosso desempenho salarial.

**R:** Essas oficinas são oferecidas pela universidade ou pelo estado?

**E:** São oferecidas pelas universidades. As universidades daqui têm muito forte a questão de formação continuada, então nós somos - de certa forma - conduzidos em dois momentos no ano: um deles em fevereiro e outro em julho, na segunda quinzena, enquanto os

alunos estão de férias nós passamos duas semanas em formação. Não são duas semanas contínuas, mas são várias oficinas que são oferecidas e a gente escolhe aquela que é mais adequada ao nosso perfil. Às vezes, eles trazem pessoas de fora para dar cursos, outras vezes nós somos os formadores. Os professores acabam vivenciando um pouquinho o outro lado. É a oportunidade de parar para refletir sobre a nossa prática docente. Isso na época nem se falava, apesar de que hoje essa é uma das exigências do MEC. Naquela época, talvez os professores - que eu possa considerar, olhando para trás - que não tiveram um bom desempenho no nosso ponto de vista deixaram a desejar por não terem estímulo suficiente para desenvolver sua prática docente, talvez esse seja um ponto, não que considero negativo, mas que talvez da época não se tenha observado, que a gente teve conhecimento. Agora em relação aos materiais, salas disponíveis, quantidade de alunos... da quantidade de alunos, até foi bom, porque a gente chegou com quatro alunos no final. Tínhamos professores à disposição, talvez para o professor fosse até mais fácil. Hoje tenho uma turma, sete alunos, no curso de Engenharia da Computação, redes de computadores. Consigo explorar bastante eles, no bom sentido, não é? De conduzir eles em algumas atividades que contribuem bastante para a formação deles. Diferente de ter, por exemplo, 60 alunos numa sala de aula. Mas mesmo sendo esses 60 alunos da época, no primeiro ano, também não vi grandes dificuldades em relação a esses quesitos.

**R:** O que te motivou a escolher o bacharelado?

**E:** Não tivemos opção, era bacharelado ou bacharelado. Não tinha ainda opção: nem no final, nem ao longo do curso. Era bacharelado em Matemática com ênfase em Ciência da Computação. Você não tinha opção por licenciatura, era só bacharelado. Foram quatro anos e no final nos formamos bacharéis.

**R:** Você entrou em que ano?

**E:** Em 1992, na metade do ano. Eu acho que essa mudança só foi uns dois ou três anos depois que eu entrei ou depois que saí, não lembro. Ela não foi recente. Nós entramos, acho que mais uma ou duas turmas se formaram bacharéis depois eles mudaram o currículo.

**R:** Você entrou ainda era CESUP, foi na transição, ou já era UNIDERP?

**E:** Então, eu entrei como CESUP, peguei a transição e saí como UNIDERP. No diploma hoje aparece UNIDERP, então passei pelas três coisas, não é?

**R:** Seu curso era noturno ou diurno?

**E:** Noturno e tinha aulas ao sábado à tarde.

**R:** Vocês eram avaliados externamente também ou só pelo curso?

**E:** Não, era só o curso, ainda não tinha nada disso.

**R:** Então, em nenhum momento do seu curso você fez avaliações externas?

**E:** Não, em nenhum momento, só internas mesmo.

**R:** Essas eram as questões que eu trouxe inicialmente. Deixo agora o espaço aberto para o senhor falar sobre algum aspecto que eu não tenha abordado ou ainda retomar alguma questão que queira.

**E:** Acho que as questões foram bem objetivas, Renata. Bastante coisa em pouco tempo, mas espero que eu tenha conseguido fazer uma síntese de tudo para você, mas gostaria de deixar explícito que eu acredito que o curso deu uma boa formação em termos de grade curricular e também em relação a alguns professores que acabaram por nos inspirar, até mesmo em seguir a carreira docente. A questão que acho que não esteja contemplado no seu questionário é em relação ao estímulo e ao espaço que os professores deixavam para falar sobre a experiência deles. Nós conversávamos bastante com os professores. Lembro do José Wanderlei, também do Samuel, tinha até momentos em que o Samuel não dava aula por insistência nossa, a gente ficava conversando com ele sobre aspectos relacionados à educação, ao mercado de trabalho. O José Wanderlei também. Algumas vezes com o Willian. Era mais com esses, pois eles que ficaram mais próximos da gente e dos meus colegas. Dos quatro que se formaram, três estão seguindo a carreira docente, não por acaso. Para você trabalhar com pesquisa é necessário a área docente. O Cleiton, até onde tenho conhecimento, está em Santa Catarina. O Marcos está em Campo Grande (MS). Marcos Paulo, se você procurar pelas instituições, e se não me engano, ele estava em Dourados (MS). Depois, uns cinco anos atrás,

perdi o contato com ele. Acho que se tivesse que acrescentar alguma coisa seria mais nessa questão dos professores, de como eles se colocavam de prontidão para conversar com a gente, não só sobre questões da própria instituição, mas também em relação às formações, às perspectivas. Alguns deles ainda mantenho contato. De vez em quando falo com o José Wanderlei. Faz muito tempo que eu não falo com o Samuel. Foram mais esses professores com quem tive contato.

**R:** Você se lembra dos coordenadores da época?

**E:** Lembro da professora Iara. Ela trabalhava Geometria Analítica com a gente. Lembro que ela coordenou o curso durante uma época. Depois acabei não tendo mais contato com ela. No começo do curso teve uma coordenadora, não vou lembrar o nome dela agora, mas acho que ela foi a primeira coordenadora do curso.

**R:** Maria das Graças.

**E:** Isso, Maria das Graças, e junto com a professora Helena elas acabaram montando a grade do curso. São os dois coordenadores que me lembro. Então, depois que saiu a professora Maria das Graças, entrou a professora Iara que foi até o final do curso com a gente. Depois eu não tive mais notícias.

**R:** Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

**E:** Não, acho que seriam só essas questões.

[Neste momento faço explicações sobre os procedimentos adotados neste trabalho quanto às entrevistas e peço sua autorização para utilizá-las].

**R:** Muito obrigada pela participação, professor!

### **Capítulo III – Entre memórias, reminiscências e produções sobre o curso de Matemática do CESUP/UNIDERP**

Traremos neste tópico uma série de memórias "reelaboradas" sobre a minha graduação. Como um processo natural de quaisquer lembranças, já não sabemos o que de fato lembro e o que reelaboro de tudo que vi e vivi de lá para cá. O exercício, no entanto, ao qual me proponho, está em tecer lembranças sobre esta época da minha vida e fazê-las dialogar com as experiências vividas ao longo do mestrado: leituras de pesquisas e de documentos, realização de entrevistas, disciplinas, participação no grupo de pesquisa, orientações individuais ou em grupo e tantas outras conversas de bastidores.

Trata-se de um movimento "caótico" em que não tento delimitar rigidamente o que é uma coisa ou outra, mas trabalho justamente na possibilidade de dialogar uma coisa e outra, de estar entre uma coisa e outra. Neste sentido, minhas memórias são tomadas como o **fi condutor** da narrativa/história que pretendo contar. Farei as articulações das minhas lembranças com as lembranças dos depoentes, porém tentando situar o leitor no deslocamento de datas, afinal, entre minhas memórias e o início do curso há mais de uma década.

Alguns pontos desta narrativa receberam uma apreciação especial, pois se faziam significativos frente aos trabalhos – os quais trouxemos para a discussão – ou nos chamaram a atenção substancialmente (e aqui mostra-se novamente o aspecto subjetivo deste trabalho) a ponto de buscarmos referenciais que pudessem nos ajudar a discuti-los. Alguns desses aspectos foram fortemente indicados pela banca de avaliação deste trabalho como merecedores de uma atenção e discussão especial. Tentamos, na medida do possível, e certos de nossos limites, atender esses apontamentos.

#### **3.1 Reminiscências e construções de uma ex-aluna do curso de Matemática Licenciatura Plena com Ênfase em Ciência da Computação da UNIDERP (2005 –2010)**

Sou Renata Aparecida Zandomenighi, nascida em 06 de julho de 1985, natural de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, licenciada em Matemática pela Universidade

ANHANGUERA–UNIDERP, nesta mesma cidade, com a graduação concluída no ano de 2009, tendo colado o grau em 2010.

Quando ingressei no curso, a instituição ainda era UNIDERP, depois de algum tempo a universidade entrou em processo de venda para o Grupo de Ensino ANHANGUERA e ao término desse processo inseriu a dupla grafia “Universidade ANHANGUERA-UNIDERP”, então mantida pela ANHANGUERA Educacional.

O interesse pela Matemática e a facilidade na compreensão de cálculos foram fortes elementos que me influenciaram na escolha do curso, quando prestei o vestibular. O curso já me parecia certo, no entanto, a dúvida pairava sobre onde iria estudar.

Dessa forma, fiz um levantamento de quais universidades ofereciam o curso de Matemática na cidade de Campo Grande: a Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), a Universidade Federal (UFMS), com um curso antigo e gratuito e a UNIDERP, com um curso muito bem conceituado. Nesta época, a UCDB estava encerrando o curso de Matemática e não abria vestibular para o ano seguinte, a opção foi automaticamente “riscada” da minha lista. Já o curso da UFMS funcionava normalmente e era próximo de casa, porém, era diurno e eu precisava trabalhar para me manter e ajudar em casa, outra opção automaticamente “riscada” da pequena lista. Minha possibilidade era o curso da UNIDERP, uma universidade particular, grande, renomada na cidade e que oferecia um curso noturno, com aulas de segunda a sexta-feira e eventualmente, aos sábados, durante o dia. Parecia se encaixar perfeitamente na minha agenda. Tratando-se de uma universidade particular, um quesito que não poderia ser desconsiderado era o valor da mensalidade, para minha sorte, o custo não era exorbitante, cabia no meu orçamento, pois recebia um salário comercial trabalhando de vendedora em uma loja de vestuário.

Nessa época, não tinha ideia que esse curso ocupava um espaço “marginal”<sup>204</sup> na universidade. No tocante à questão em apreço, a Arquitetura sempre era tomada como referência na universidade, alvo de grande procura e prestígio. Esse aspecto fica evidente na

---

<sup>204</sup> “A História dos Marginais” ajudou-nos a compreender sobre a ideia da referência de centro quando comparado ao marginal, no sentido de excluído, em “que assinala uma ruptura – às vezes ritualizada – em relação ao corpo social” (SCHMITT, 2005, p. 355).

narrativa do professor Paulo, quando assinala seu apreço pelo curso de Arquitetura, trazendo pessoas de fora para ministrar “aula magna e palestras”: “Eu tornei a coisa tão dinâmica, tão positiva, que toda a elite de Campo Grande (MS) estudava Arquitetura comigo. Existia o maior interesse que esse curso fluísse de maneira positiva” (PAULO; ZANDOMENIGHI, 2017, p.89). Essa noção de marginalidade nos remete àquela apontada por Silva (2016) e Martins-Salandim (2007) quando argumentam sobre a relação de “centro” e periferia, ou “marginal”.

Sendo assim, para Silva (2016), essa marginalização fica implícita em sua pesquisa dada a relação de “centro” *versus* “periferia” quando se trata dos professores de Matemática da cidade de Paranaíba (MS) que buscavam formação nas cidades interioranas de São Paulo vistas como “periféricas” se comparada com “grandes centros”, mas ao mesmo tempo tidas como “centros” frente à cidade que residiam (Paranaíba-MS). Martins-Salandim (2007) toma a “marginalidade” como fio condutor de sua análise, levantando aspectos da “marginalização” do ensino agrícola (zona rural) frente ao ensino regular (área urbana) como, por exemplo, a minoria de matriculados no ensino agrícola (cursos técnicos) frente ao ensino regular. Essa “marginalização” já foi tida como “central” quando, apoiado em um projeto para reabilitar jovens órfãos ou delinquentes, era o modo de continuar os estudos, por vezes, na carreira agrícola. Desta forma, a ideia de “marginalização” não é algo estático e varia conforme a perspectiva.

Por esse prisma, Schmitt (2005) ajuda-nos na compreensão da “marginalidade” quando tomamos o curso de Matemática “marginal” em relação a outros cursos (que não fossem licenciaturas), devido à precariedade em diversos aspectos, como espaço físico, formação profissional, marcas identitárias, inferioridade, qualidade, valor da mensalidade, entre outros, mas que poderia ser tomado como central entre as licenciaturas após o “triplo A”.

Durante este trabalho, em especial na entrevista do professor Paulo, ouvi algo que nunca havia imaginado: o curso de Matemática era “carregado” pelos demais, pois não dava lucro para a instituição.

[...] o Conselho da Universidade chegou à conclusão que o curso não daria lucro nenhum, mas era um compromisso nosso com Campo Grande (MS). Nós tínhamos que transferir recursos de um curso lucrativo para o de Matemática, porque tinha que pagar os professores, uma vez que era compromisso. [...] Na verdade, a Matemática nunca deu lucro, rentabilidade, porque os valores eram bem baixos. Enquanto uma Medicina na época, vamos supor, era uns três mil, a Matemática era 200, mas fiquei muito feliz com isso. (PAULO; ZANDOMENIGHI, 2017, p.96-97).

Algumas pesquisas me fazem refletir sobre a formação do professor de Matemática em décadas anteriores e em outros estados do país, além do Mato Grosso do Sul. Em tal contexto, a pesquisa de Morais (2012), que aborda a formação de professores na cidade de Mossoró, Rio Grande do Norte, retrata que devido à falta de professores formados, os alunos que se destacavam nos estudos eram convidados a ingressar na carreira, mesmo aqueles que ainda cursavam uma universidade, como por exemplo, alunos do curso de Ciências Econômicas. Esses alunos atuavam no ensino da Matemática tanto no curso ginásial, como também na universidade, às vezes no próprio curso que estudavam. O curso de Agronomia era o grande formador de professores de Matemática para a região naquela época. Também eram convidados a lecionar devido a “uma boa formação de conteúdo matemático”, mesmo não recebendo qualquer formação didática.

Nosso depoente, professor Carlos argumenta sobre essa carência lá nos anos de 1972. Os engenheiros que trabalhavam na barragem em Três Lagoas (MS) lecionavam Matemática na UEMT por falta de professores da área. Essa falta é também evidenciada quando Paulo afirma que lecionava Matemática na sua própria instituição – MACE – mesmo sendo formado em Ciências Econômicas. Percebo um esforçado movimento no qual se tentava suprir a falta de professores de Matemática para atender a necessidade que se tinha na época, como um movimento de “tapa buraco”. O reflexo dessa carência aparecia ainda na época da minha graduação quando professores com formação voltada à Engenharia lecionavam as disciplinas de Cálculo, Fundamentos da Matemática, Equações Diferenciais, entre outras.

Tal situação evidenciava uma insuficiência de professores formados em Matemática para lecionar conteúdos matemáticos, então eu pensava na possibilidade de mercado e na escolha assertiva do curso. A partir dessa visão, trago isso como um ponto positivo para minha escolha, pois quando vi engenheiros lecionando no curso de Matemática logo pensei

“faltam professores de Matemática! Daí uma escolha boa para mim. Vou me formar e ter muito trabalho”.

Enquanto aluna do curso, notava que os professores além de dar aulas no curso de Matemática também lecionavam em diversos outros cursos da própria instituição. Deste modo, havia demanda na universidade para esses professores e suas ações não ficavam restritas somente ao curso de Matemática.

Mesmo se não houvesse o curso de Matemática, a universidade teria que contratar certo número de professores para os outros cursos. Portanto, “pagar estes professores” (como diz nosso depoente, Paulo) não era uma ação exclusiva do curso de Matemática, visto que a professora Iara corrobora ao afirmar: “No início não atuava só no curso de Matemática, lecionava também na Administração, nas Engenharias, Pedagogia, Arquitetura, entre outros” (IARA; ZANDOMENIGHI, 2017, p.59). Esses professores já eram contratados pela Universidade para dar aulas de Matemática, ficando difícil de evidenciar o “prejuízo” que o curso gerava para a instituição, ainda mais se levarmos em conta a pouca ou nenhuma infraestrutura que o curso demandava para além do que a universidade já possuía para atender outros cursos. A partir daí penso será que realmente o curso de Matemática dava prejuízo para a instituição? Qual seria esse prejuízo?

[...]

Outro ponto que me chamou a atenção para esse curso durante minha escolha foi o nome: “Matemática Licenciatura Plena com ênfase em Ciência da Computação”. Nessa época, a tecnologia estava ganhando cada vez mais seu espaço, com lançamentos de microcomputadores e celulares<sup>205</sup>. Era uma nova era começando, a era da tecnologia digital e de muitas informações, sempre velozes, chegando até nós a cada segundo.

Quando olhamos para a pesquisa de Silva (2015), sobre a década de 1970 em nosso estado, percebemos que o computador também era um diferencial para criação e manutenção de cursos, como o da Matemática na UCDB. O desenvolvimento das tecnologias digitais e sua

---

<sup>205</sup> O computador pessoal (PC) estava se tornando cada vez mais popular e acessível assim como os sistemas operacionais da *Microsoft*, como o *Windows 95*. A internet era um mecanismo não muito acessível, porém a internet discada era a mais utilizada. Estava surgindo também os *pen drives* para substituir os disquetes.

inclusão nos cursos universitários pareciam ser fatores positivos e isso influenciava quanto à escolha dos cursos por parte dos candidatos. A inserção dos computadores nesses cursos era um destaque frente à licenciatura, que se mostrava uma carreira promissora, e as instituições aproveitavam para discursar sobre uma licenciatura que não era somente voltada à carreira de “ser professor”, visto que o salário do magistério não era atrativo, sendo assim, a oferta se voltava também a atender a demanda da indústria (MARTINS-SALANDIM, 2012).

Vemos, ainda, que nessas épocas os cursos contavam com pouco ou quase nenhum recurso, principalmente na área da computação que se destinava pouco investimento para aquisição de computadores e de livros voltados a essa prática. Em relação aos livros voltados à computação, a professora Conceição Aparecida Galves Butera<sup>206</sup> relata que “[...] Quando a gente criou o curso da “Matemática Aplicada e Computacional”, por exemplo, a gente já tinha uma biblioteca fantástica na Matemática. Só faltavam mesmo os livros de Computação, que era outro problema, porque não havia nada na área” (SILVA, 2015, p.28). Sobre a aquisição dos computadores, a professora Maria Helena lembra que:

[...] na UCDB, quando nós mudamos para o novo Campus, nós tínhamos dois computadores, então ficavam todos os alunos divididos ali em volta. Não eram muitos, mas ficavam em volta de dois computadores, que era novidade até para nós. Não só para os alunos, para nós também. (SILVA, 2015, p.106).

Frente a isso, enquanto aluna do curso de graduação da UNIDERP, não percebia a falta de recursos e/ou investimentos no curso, visto que na época, ainda jovem e entusiasmada por fazer graduação, não tinha maturidade para enxergar alguns aspectos que hoje enxergo: um “disfarce” dos cursos de licenciatura.

Na época da minha graduação, via que a “ênfase” se encaixava perfeitamente como um “algo a mais” do curso frente aos outros, como o da UFMS, por exemplo. Logo, pensava que aprenderia algo voltado às tecnologias básicas como o pacote *Office: Word, Excel, Power Point*, internet, enfim, acreditava que esse era o papel dessa “tal” ênfase. Para minha surpresa, a ênfase não se referia aos programas acima, mas sim à linguagem de programação e à elaboração de programas de forma geral. Percebi que, décadas anteriores à criação desse

---

<sup>206</sup> Atua, ainda hoje, na UCDB como pró-reitora de ensino e desenvolvimento. Foi entrevistada por Silva (2015) por ter atuado no curso de Ciências na década de 1970.

curso, a utilização do computador era mais restrita, não era da mesma forma como concebemos hoje, talvez pelo fato de que ainda estivesse tomando corpo a partir da evolução da informática. Em relação a essa limitação, Martins-Salandim (2012) discute a fala de um de seus depoentes, professor Alésio<sup>207</sup>, a respeito do ano de 1966, em que o curso de Matemática da Fundação Santo André era uma “colcha de retalhos: um pouco de Matemática Aplicada, um pouco de Economia, um pouco de Estatística”, ou seja, havia ali também a busca de interfaces com outras áreas de atuação. Olhando hoje para as tecnologias e como elas têm possibilidades de adentrar a formação de professores, fico pensando na possibilidade de capacitação do professor na utilização de *softwares* específicos para suas disciplinas e em como lidar com eles em uma sala de aula.

Pelas entrevistas que nos foram concedidas e pelas grades curriculares que vimos, nos parece que a mesma perspectiva que vivenciei era a que estava vigente na abertura do curso. Alguns depoentes apontam que a ênfase em Ciência da Computação era o diferencial do curso na época da abertura, pouco mais de uma década antes do meu ingresso. A partir dos relatos que trago nesta pesquisa, compreendo que meus depoentes pensam nessa diferenciação como algo positivo, um “chamariz” em que a clientela percebia esse diferencial e, por conta disso, acabava optando por esse curso, apostando em um possível diferencial no mercado de trabalho após a conclusão do curso. Das entrevistas realizadas, a professora Iara afirma que essa ênfase em Ciência da Computação era o que os diferenciavam da Universidade Federal e da UCDB, desta forma, podemos pensá-lo mesmo como um atrativo para entusiasmar possíveis alunos.

Essa prática nos parece ser comum nas universidades particulares naquela época, como foi o caso da UCDB, que em medidas extremas, alterou o nome do curso para evitar seu fechamento. A professora Conceição expôs para Silva (2015, p.14), quando discutia sobre a abertura e fechamento dos cursos que habilitavam o professor a lecionar Matemática.

[...] No ano de 92, viemos para esse Campus, criamos e transformamos a Matemática numa Matemática chamada “Matemática Aplicada e Computacional” (depois lhe passo todas as datas). Com qual objetivo? Para ver se a gente salvava o

---

<sup>207</sup> Professor Alésio João de Caroli foi entrevistado por Martins-Salandim (2012), no dia 10 de agosto de 2009, referente ao curso de Matemática da Fundação Santo André na década de 1960.

curso de Matemática na instituição, porque ele era muito pequeno e, é claro, uma instituição privada não se mantém com um curso de quatro ou cinco alunos.

Nesse relato da professora Conceição, a situação do curso de Matemática na FUCMAT/UCDB passava por um momento crítico e, por isso, mudanças foram feitas para que ele permanecesse na instituição. A “Matemática Computacional” nessa instituição surgiu para aumentar o número de matriculados e também com objetivo de assegurar a continuidade do curso no intuito de mantê-lo. Com a criação da universidade [transformação de FUCMAT para UCDB] surgiram novos cursos, e com isso, a esperança de manter o curso de Matemática por meio das mudanças no nome e na grade (SILVA, 2015). Neste sentido, nos parece que no cenário campo-grandense da década de 1990 essa era uma prática comum às universidades particulares.

Na pesquisa de Martins-Salandim (2012) sobre a década de 1960 no interior do estado de São Paulo (SP), observo também um movimento de mudanças para manutenção dos cursos de Matemática. Com a criação de faculdades no interior do estado de São Paulo, acontece com elas, a extensão de cursos de Matemática, ora voltados à formação de professores, ora voltado para outras áreas e setores, como mercado e indústrias. No decorrer desses cursos, mudanças foram realizadas para que continuassem a vigorar, como horário de funcionamento, grade curricular (às vezes mais voltada à licenciatura, às vezes ao bacharelado), nomenclatura e também inserção do computador no curso de Matemática. Os professores apontam que aliar o curso de Matemática com a tecnologia era uma alternativa para manter esses cursos em funcionamento, em decorrência, era necessário mudar também o nome do curso e a grade curricular. Fiquei surpresa ao saber que a utilização do computador nos cursos de licenciatura em Matemática já era uma prática empregada anos anteriores à realização da minha graduação – para mim parecia algo novo. Vemos que estes cursos precisaram passar por uma “metamorfose” para sobreviver, e nem todos conseguiram.

Na década de 1990, os computadores começavam a aparecer como grande inovação para o novo século, com a promessa de “dominar” os meios de produção e atividades pessoais. As universidades particulares, que “disputavam” a clientela de trabalhadores e que buscavam ascensão social, se utilizavam desse “marketing” para atrair alunos. Penso que o interesse dessas universidades em criar novos cursos voltados à emergência do momento era um fator

de mercado, uma forma de chamar a atenção para os cursos, em geral, tidos como marginais. Não vimos ao longo das entrevistas ou dos documentos disponíveis discussões de caráter pedagógico que justificassem tais ênfases – em que medida a programação de computadores auxiliaria a formação de um futuro professor?

Ainda nos anos 2000 essa “ênfase” poderia ser considerada um atrativo, para mim ele foi! Imaginava estar preparada para lidar com o *boom* tecnológico pelo qual passávamos, já com a grande presença dos computadores pessoais e início da rede mundial de computadores em nosso meio.

[...]

Em entrevista a Silva (2015, p. 362), o professor José Luiz Magalhães de Freitas comenta sobre o ensino noturno nas instituições privadas e a concorrência delas com a UFMS, segundo ele, as universidades particulares levavam vantagem pelo fato de ofertarem o curso no período noturno. Se a ênfase me estimulava a fazer este curso, o período era um fator decisivo. Pinto (2013), ao abordar o Projeto Minerva (que ofertava o segundo grau via rádio), relata, a partir da entrevista com Marlene Blois, um fenômeno interessante e que parece ser adequado ressaltar aqui. Para a entrevistada, projetos como o Mobral colocavam na sociedade uma grande parcela de adultos com a conclusão das séries iniciais do primeiro grau, segundo ela, tal clientela passa a querer concluir seus estudos e nessa pressão surge o Projeto Minerva, para dar a conclusão do Primeiro Grau e, posteriormente, também com o curso de Segundo Grau. Este projeto teve fim em meados da década de 1980 e estimulou a criação de diversos outros cursos de caráter supletivo e de educação de jovens e adultos.

Ainda que não haja uma relação direta com nosso objeto de estudo, é possível imaginar que movimentos como esse estimulavam a população de forma geral a retomar seus estudos, mesmo que tardiamente, apesar de já ter algum serviço ou profissão. São inúmeras as empresas que percebiam o discurso da melhoria da qualidade de vida pelo viés da educação, mesmo que tardia. O grande número de cursos noturnos nas instituições particulares e o inverso disso nas instituições públicas nos parece evidenciar este aspecto: há um perfil de aluno já inserido no mercado de trabalho que pode pagar uma mensalidade e estudar à noite.

Também se enquadrava nesta clientela, profissionais já formados de outros cursos de graduação e que buscavam obter a licenciatura, especialmente como uma forma de complementar a renda com aulas.

Estudar à noite, tendo trabalhado o dia todo não era algo tão fácil quanto eu imaginei que seria. Em casa, como em muitas outras casas, eu acredito, era necessário trabalhar para, no mínimo, se manter, pagar as próprias contas ou, de preferência, ajudar no orçamento doméstico. A professora Helena comenta, em sua entrevista para esta pesquisa, que na década de 1990, as universidades particulares sabiam das dificuldades enfrentadas por esse perfil de alunos e se aproveitavam para ofertar cursos noturnos, sendo que a UCDB e a UNIDERP dividiam a clientela:

[...] Um curso noturno, numa instituição privada tem umas características bem específicas. Outro grande desafio era a questão da clientela, como a gente aqui no Mato Grosso do Sul, em Campo Grande já tinha a UFMS e a UCDB com o curso de Matemática, era uma clientela que ficava, vamos dizer assim... dividida. Tínhamos alunos que tinham mais disponibilidade, tinham frequentado escolas de qualidade e que acabavam passando para a UFMS, principalmente aqueles que não precisavam trabalhar. **A gente tinha alunos muito bons, mas precisavam trabalhar, então o que acontecia?** Ele não podia fazer na UFMS porque era curso diurno... Então ficava aquela concorrência pela clientela. (HELENA; ZANDOMENIGHI, 2017, p.113, grifo nosso).

No trecho em negrito da citação acima, a professora parece comparar diretamente o curso da UNIDERP com o da UFMS (o único do cenário onde os alunos, supostamente “não precisariam trabalhar” para se manter) e que os alunos da UNIDERP eram “bons”, mas que a rotina de trabalho os impediria de cursar na UFMS, descartando que a divisão entre os alunos e as universidades se desse em função da qualidade dos alunos. Se, por um lado, essa divisão enfraquecesse os cursos no que se refere ao quantitativo de alunos, por outro, poderia fortalecer os investimentos no curso, dada a existência de concorrência de mercado. Em conformidade com tais ideias, percebo no depoimento da professora Helena que o CESUP e a FUCMAT [antes das duas se constituírem como universidades, na década de 1990] “disputavam” os alunos (sendo a maioria desses alunos, trabalhadores, oriundos de escolas públicas) para que aderissem aos cursos de suas respectivas instituições.

Já na UFMS, os “alunos que tinham mais disponibilidade”, eram os que não precisavam trabalhar para sustentar a família, sendo eles, normalmente, resultantes das

“escolas fortes” (escolas privadas e escolas públicas bem conceituadas), o que corroborava o discurso de que aqueles que procuravam as instituições privadas eram alunos menos habilitados.

Não só o curso de Matemática, mas as licenciaturas em geral podem ser consideradas (até os dias atuais) como cursos voltados às famílias de classe baixa, famílias humildes e vulneráveis, visto que dificilmente uma família de classe média ou alta investia no estudo do filho para ser professor, era mais esperado que se tornasse um médico, advogado ou engenheiro, profissões historicamente bem conceituadas em nossa sociedade. Favorável a isto, a professora Conceição (SILVA, 2015, p.38) lembra que “[...] ninguém saía daqui, dificilmente, pois já havia naquela época um problema com as Licenciaturas, e quando o filho de alguém saía daqui, era para ser médico, doutor, o pai não mandava o filho sair pra fora do estado pra ser professor”.

Com a manutenção de cursos de licenciatura, a universidade garantiria a possibilidade de atender classes mais baixas da sociedade, um nicho de mercado ainda pouco explorado, se pensarmos que apenas na década de 1970 há a expansão da Educação Básica, o que refletiria em um público de baixa renda advindo de uma educação aligeirada por um processo de expansão não devidamente estruturado, concluindo o Segundo Grau/Ensino Médio e com a possibilidade de realizar uma graduação, talvez o primeiro de sua família.

Isso me fez compreender que, assim como tantos jovens de uma classe carente, eu sonhava em cursar uma faculdade, ter uma formação, uma profissão e uma boa colocação no mundo do trabalho para poder ajudar a família e ser aceita na sociedade. Via por meio dos estudos a chance de “vencer na vida”, progredir, ter sucesso e que somente por intermédio dos estudos conseguiria garantir um bom futuro. Somente mais tarde pude refletir sobre este discurso meritocrático que colocava exclusivamente em minhas mãos a responsabilidade pelo meu futuro, sem pensar nas condições sociais, culturais e financeiras do meio no qual eu me inseria.

Dessa forma, a clientela “menos abastada” procurava cursos de licenciatura como uma oportunidade de melhorar a condição de vida<sup>208</sup>, as universidades particulares sabiam desses sonhos e se aproveitavam disso. Em entrevista para Bernardes (2009) - que pesquisou sobre a educação de algumas escolas particulares de ensino superior de Maringá (PR) e as relações capitalistas presentes no campo da educação - o professor Amaury relata sobre a importância dos estudos e a grande influência da escola como um possível caminho na transformação da condição socioeconômica das pessoas menos favorecidas:

[...] Eu tenho três irmãos e a mais velha tem oito anos, nove mais ou menos, menos do que eu. Quando eu estava no segundo ano do colegial e minha irmã na sexta série, ela reprovou. Como eu já era um adulto, tinha vinte anos, resolvi interferir nessa questão, com relação a eles. Procurei alertar meu pai e aos meus irmãos sobre a importância da escola. [...] Mas a gente vivia numa miséria tão grande, sabe? Eu nunca fui de revolta e nem de ter pressa. Acho que foi ótimo Deus ter me dado essas características, nunca maldisse a minha vida “oh como sou pobre e tal”, embora eu soubesse que era extremamente pobre. Mas nunca fui de lamuriar por isso e nem tampouco ter a ideia fixa “eu preciso enriquecer”. Não, eu só tinha consciência que precisava ter condições dignas de vida, que eu precisava cuidar da minha turma. De que modo? Devagar, tudo no seu devido tempo... Naturalmente, é óbvio, a escola seria o nosso caminho. Por isso procurei, então, estar sempre junto com meus irmãos e os obrigava ir para a escola (p.195)

Assim como o relatado por Amaury, também acreditava no poder dos estudos como possibilidade de ascensão social e isso, no meu caso, se daria com um curso noturno. No entanto, sobrava-me pouco tempo para estudar: apenas os finais de semana e horas de almoço. O percurso que fazia diariamente era muito exaustivo e isso me esgotava fisicamente. De casa para o trabalho, do trabalho para faculdade e da faculdade para casa ao final de um longo dia, utilizando ônibus circulares, muitas vezes lotados, atrasados e que constantemente me deixavam longe de casa. Percebi que, independente da época, para alguns acadêmicos a dificuldade era a mesma, pois era uma característica comum a vários acadêmicos que estudam à noite. Ferronato<sup>209</sup> (2008) discutiu em sua dissertação sobre as políticas públicas para o ensino noturno na educação superior até 2006 e investigou características dos cursos noturnos

---

<sup>208</sup> Discurso naturalizado de que o ensino modifica a situação financeira, mesmo sendo um possível caminho, ainda assim não se têm garantias de sucesso, uma vez que outros fatores podem interferir e há, ainda hoje, grande número de pessoas que, após formadas, vão atuar em outras áreas, diferentes de sua formação. Além disso, é importante destacar também aqui o discurso da meritocracia, que coloca, desta forma, a responsabilidade do sucesso financeiro no cidadão que deve buscar estudo e formação para que o obtenha.

<sup>209</sup> Dissertação que tem como título: Políticas de Educação Superior e as Universidades Estaduais: um estudo sobre os cursos noturnos da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Nessa discussão, Ferronato (2008) argumenta que o estudante-trabalhador:

[...] enfrenta vários problemas no seu dia a dia para chegar a universidade, como por exemplo, o transporte, o trânsito, que implicam em perdas e atrasos nas aulas. Apesar da grande diversidade, esses estudantes-trabalhadores buscam um diploma de curso superior que representa o reconhecimento social. A formação profissional e obtenção de um diploma parecem aumentar as chances de competição no mercado de trabalho, assim como também melhorar as condições de vida.[...] e o ingresso na educação superior representa uma vitória para as classes menos favorecidas, outro desafio está na permanência, em garantir a finalização do curso [...] A forma encontrada pelos jovens para se inserir no mercado de trabalho foi a obtenção de um diploma de curso superior. (p.73-74).

Percebi algumas das características de um estudante-trabalhador (como denomina FERRONATTO, 2008), no depoimento do professor Eduardo, quando comenta que trabalhava no Banco Safra durante o dia, estudava no período noturno e também aos sábados à tarde. Ele relata ainda que naquela região da universidade, na época de seu estudo, havia pouca ou quase nenhuma construção, apenas o Shopping, único centro comercial deste porte na região. Atualmente (2017), o prédio da UNIDERP está cercado de outras instituições, Câmara de Vereadores, agências automotivas e é considerada uma região nobre de Campo Grande e já o era quando estudei lá. Sobre a localização da instituição na década de 1990, o professor Paulo lembra que o CESUP ficava afastado, e que naquela região ainda não havia desenvolvimento algum. Como no estado a predominância é a agropecuária, naquele local não era diferente: o CESUP era cercado de fazendas com criação de bois, não tinha outra coisa ao redor.

Nos dias atuais, temos mais ônibus circulando pela cidade, e com isso, mais transportes que atendem às necessidades dos alunos da UNIDERP, evitando assim que o aluno se desloque por uma longa caminhada a pé como era feito anteriormente.

Ao longo do curso, não raras vezes, me sentia cansada em sala de aula e tive dificuldades em compreender os conteúdos que os professores trabalhavam. Eles eram muito ativos, explicavam e desenvolviam atividades em grupos para dinamizar as aulas. Mesmo com toda essa dedicação por parte deles, isso não se convertia, a meu ver, em facilitação para o lado do aluno. Para desenvolver as atividades e listas de exercícios realizávamos grupos de estudos, fazíamos pequenas reuniões nas casas dos colegas e participávamos de reforço com

monitores. Quando faltava à aula, era uma “obrigação” se iterar do assunto discutido e verificar o que fora passado para não sobrecarregar mais à frente. Esse perfil de aluno (interessado, estudioso e dedicado) foi apontado no depoimento da professora Iara e do professor Joaquim. Eles comentam que o curso na década de 1992,

[...] era um curso em que os alunos se sentiam muito importantes, não eram alunos que após um dia de trabalho iam desanimados para a universidade, mas sim, animados e contentes. Hoje, é difícil você conseguir fazer o aluno ir para a universidade aos sábados para estudar, não é? E na época eles iam muito felizes [...] **I:** Nós íamos sábado e domingo, eu e o Joaquim. E nós aproveitávamos para estudar também. **J:** Às vezes no domingo, não era sempre! [...] **J:** Era mais os monitores, eles ficavam estudando, não é? **I:** Isso. **J:** E também durante a semana, os monitores chegavam antes do horário das aulas. **I:** Eles entravam às 7h, mas eles chegavam às 6h. (IARA; JOAQUIM; ZANDOMENIGHI, 2017, p.58 e seg.).

[...]

Chegar ao diploma era um sonho, mas as dificuldades faziam com que muitos dos meus colegas desistissem. Iniciamos o curso com 60 acadêmicos, mas só 11 colaram grau comigo. Sobre as desistências, a professora Helena ressalta que é comum ter um alto índice de evasão nos cursos de exatas, em especial no curso de Matemática, talvez pelo fato de ser um curso “difícil”. Este parece ser um discurso naturalizado nos meios acadêmicos por parte dos alunos e dos professores. Para além das especificidades das exatas, outra justificativa da evasão está relacionada ao curso ser ofertado no período noturno. Os alunos que dependem do seu trabalho para própria subsistência precisam, muitas vezes, abandonar os estudos para cumprir com as necessidades do dia-a-dia e acabam deixando o curso em segundo plano. No entanto, percebo na pesquisa de Silva (2015) que o aumento de vagas ofertadas na educação superior, principalmente, do período noturno, ocasionou a entrada de alunos com diferentes situações financeiras desmistificando assim a justificativa de que o perfil do aluno noturno é **apenas** de trabalhador-estudante<sup>210</sup>, oriundo de uma classe menos abastada.

O curso de Matemática sofria com o alto número de evasão e com isso, poucos alunos seguiam até o final e conquistava o diploma, ocasionando questionamentos sobre a continuação do curso de Matemática, fator que, certamente, refletia no empenho dos professores em estimular os alunos para sua continuidade.

---

<sup>210</sup> Expressão utilizada por Furlani (1998) como uma das três classificações do estudante do ensino noturno.

O professor Samuel corrobora a discussão da evasão ao relatar que nos primeiros anos do curso, poucos seguiam até o final e isso tornava economicamente “inviável” para a instituição continuar com o curso:

[...] acontece que o curso era um curso deficitário economicamente, então pouca gente entrava e pouca gente se formava. Isso para uma faculdade particular é ruim, porque ele não se pagava, era preciso tirar dinheiro de outros cursos para pagar os professores, o que era economicamente inviável. Então, o professor Paulo disse que aquele era o último vestibular do curso e que iria manter o curso até terminar a última turma. (SAMUEL; ZANDOMENIGHI, 2017, p.38).

Na minha visão, na época que estudei e na década anterior, os gastos que se tinha para manter o curso em funcionamento e a pouca entrada de recursos financeiros deixavam o curso numa situação instável na universidade, situação reforçada com o crescente número de evasão. Isso pode ser evidenciado no relato da professora Helena, quando ela argumenta sobre a preocupação da universidade frente aos poucos formados:

[...] Tivemos uma porção de desafios nesse sentido. O que também acontecia muito - que aí eu já tinha uma série de experiências por ter trabalhado em instituição privada - era a questão da cobrança da instituição, de como é que vamos manter uma turma com seis alunos? Oito alunos? Tiveram algumas dificuldades para conseguir conscientizar a instituição de que era necessário, pra gente manter um nível bom não tinha jeito. (HELENA; ZANDOMENIGHI, 2017, p.113-114).

Porém, essa preocupação refletia até os dias da minha graduação, pois sempre havia rumores de que nos anos seguintes o curso não abriria e funcionaria apenas até a formação da turma vigente, fato que não se concretizou, pois o curso existe até os dias atuais (2017), no entanto, com outras características.

Um dos desafios na época, citado pela professora Helena, era a cobrança que a instituição fazia sobre como manter uma turma com seis ou oito alunos. A qualidade do curso era primordial, isso, segundo minha perspectiva, pode ser evidenciado quando a depoente lembra em sua narrativa que se sentia tocada com as necessidades dos alunos, porém tinha que seguir em frente sem comprometer a qualidade do curso:

[...] A maior dificuldade encontrada foi que a gente ficava dividido e até comovido com as dificuldades do aluno, mas também não adiantava só ficar comovido, porque ele tinha que render, tinha que ter aproveitamento para poder seguir em frente, tivemos bastante desse impasse que foi uma coisa que fluiu muitas conversas para que a gente pudesse ajustar de uma forma que não compromettesse a qualidade. Sempre coloquei muito a minha posição pessoal que era essa “A gente pode ajustar,

vamos ajustar, mas tentando preservar uma qualidade. Uma qualidade que a gente acredita que é importante”, porque é fácil aprovar, aprovar com qualidade é que são elas... (HELENA; ZANDOMENIGHI, 2017, p.114).

Assegurar a qualidade do curso e manter um número razoável de alunos nos parece ter sido uma difícil equação com a qual os professores daquelas primeiras turmas tiveram que lidar. As notas no provão (o triplo A) certamente reforçavam o discurso que se priorizava a qualidade, independente do quantitativo de alunos. Talvez por esse motivo isso é tão fortemente referenciado ainda hoje. Essas entrevistas apontam que esse conceito “A” é o resultado da qualidade do curso. O professor Paulo acreditava que o aumento na demanda do curso era devido ao movimento, voltado à qualidade do curso, e com isso concorria com a UFMS:

[...] Era uma demanda grande, tinha igual da UFMS, quer dizer que o curso era bom mesmo e isso me dava muita alegria, mesmo que o cara não aguentasse e desistisse no caminho, o importante é que tinha uma imagem muito boa pela qualidade do curso. Então, o que provocou a criação do curso foi a demanda no mercado (PAULO; ZANDOMENIGHI, 2017, p.95-96).

Nessa perspectiva, compreendo que a UFMS, por ser uma universidade pública, era a referência da qualidade de ensino superior para a UNIDERP e por sofrer certa concorrência, a UNIDERP visava buscar a qualidade obtendo as melhores notas no provão. Observo também no depoimento do professor Carlos a comparação do ensino superior entre uma universidade privada e uma pública, referindo-se à universidade pública como sinônimo de qualidade, quando diz que “Era o melhor curso da cidade, batia até à UFMS. Nós tínhamos melhores notas que eles” (p.74) desmistificando um conceito popular antigo, haja vista o resultado do provão favorável à UNIDERP. Essa comparação ainda está presente no relato do professor Wilson de Matos Silva para Bernardes (2009, p.265),

[...] As escolas públicas, em sua maioria, parecem ser boas escolas porque fazem uma boa seleção na entrada. De cada vinte alunos que as procuram, elas pegam o melhor e descartam os outros dezenove. Então, as escolas têm que ser boas. Toda escola pública que tenha feito uma seleção de vinte por um na entrada e tenha tirado conceito D ou E no provão, tinha que fechar no primeiro D ou no E. Fechar no ato. Agora, uma escola privada não, porque a escola privada aceita todos os alunos. Todos aqueles que têm capacidade para pagar o estudo e que tenha terminado o Ensino Médio. Então, o esforço da escola privada para obter um conceito de C para cima no antigo “provão”, é um esforço gigante.

Vejo, nesse trecho, uma referência à universidade pública como símbolo de qualidade e também a dificuldade no trabalho da universidade privada, devido à sua clientela, que engloba alunos “não selecionados” nos vestibulares das universidades públicas. O professor José Luiz em entrevista à Silva (2015, p.362) compara os resultados das universidades UFMS, UNIDERP e UCDB e argumenta que as privadas se destacavam pelo fato de oferecer o curso no período noturno:

[...] atraía gente que já estava dando aula, egressos da engenharia, por exemplo, que optavam pela escolha do curso à noite. Quando havia o provão, porque eles se destacavam? Esse pessoal que já tinha uma boa base de Matemática e ia pra lá mais para complementar a formação pedagógica de Matemática, alguns eram nossos ex-alunos aqui da Engenharia e de outros cursos e isso acabava elevando o nível do curso deles, de alguma forma. O fato da gente não ter uma licenciatura noturna impossibilitava a vinda desses alunos.

Nesse sentido, a fala do professor José Luiz contraria alguns depoimentos, ao discorrer que o ensino noturno possibilitava o ingresso de melhores alunos, já com uma base adquirida em outros cursos.

A qualidade da instituição e do curso em si, que me chegava pelas propagandas em *outdoors*, jornais, televisão e nos comentários da população em geral (o famoso boca a boca), foram reforçados, quando ingressei no curso, principalmente pelo discurso do famoso “triplo A”, que todos na instituição frequentemente evocavam: professores, alunos e direção. Era comum ouvir dos veteranos que o curso de Matemática era “triplo A”, aos poucos adentrei nessa esfera de “universitários” e passei a entender a importância desta nota naquele ambiente.

Acredito que por ser um curso no qual formava pouquíssimos alunos, vários fatores contribuíram para que os professores se preocupassem com sua qualidade e também com o bom desempenho dos acadêmicos nas avaliações externas, isso poderia garantir a continuidade ou legitimar sua descontinuação. A professora Iara lembra que, na época, o “triplo A” fez a universidade se destacar:

[...] em 1992. Nesse ano é que começou o processo para criar a universidade, deixando de ser então o CESUP. [...] O professor Paulo, a professora Tatiana sempre acreditaram na educação de qualidade e não mediam esforços para essa conquista, tanto é que o curso de Matemática se destacando nas avaliações externas, com o triplo “A” e isso foi um dos motivos que fez a UNIDERP ser conhecida e

reconhecida no Brasil inteiro. Destaco ainda que nenhuma universidade particular conseguiu triplo “A” no provão, só a nossa. (IARA; ZANDOMENIGHI, 2017, p.53).

Nesse relato, observo que existia interesse por parte da universidade em destacar o triplo “A” do curso de Matemática, graças à repercussão que teria, um meio de propagandear a existência do curso, da universidade e do estado. Por outro lado, o interesse dos alunos e dos professores em manter um curso que não estava seguro, devido às suas dificuldades, um curso instável que estava prestes a ser fechado, mas que garantiria sua permanência por causa da sua “qualidade”. O professor Samuel também comenta sobre o provão e seu “impacto” nas instituições:

[...] deve ter sido lá pelo ano de 1997, que começou o provão. Então, o primeiro provão, se não me engano, o curso tirou “B” [...] No ano seguinte não teria mais vestibular. Acontece que naquele ano, o pessoal tinha tirado “B” e quando foi o fim do ano, ao sair o resultado do provão, o pessoal tirou “A”. Aí foi uma bomba, explodiu, onde já se viu um curso de Matemática tirar “A” aqui na região Centro-Oeste? Foi o primeiro “A”, ao que parece, da região Centro-Oeste, enquanto a Universidade Federal tirou “B”, a de Dourados, tinha um curso lá e também, não tirou “A”, não sei o que tiraram, mas sei que não tirou “A”. Foi o único “A”. Então, isso deu força para a UNIDERP. Um curso que tinha 10 ou 12 alunos fez o nome da UNIDERP. Então, ele mandou abrir o vestibular no próximo ano e o curso continuou. No outro ano, tiraram outro “A”, estava garantida a continuidade do curso, no ano seguinte mais um “A”, então, três “As”, e finalmente a Matemática aparecia. (SAMUEL; ZANDOMENIGHI, 2017, p.39-40).

A importância do conceito “A” no provão é evidenciada e mencionada por diversas vezes pelos entrevistados e relativamente exagerada, quando o professor Carlos cita que o “curso de Matemática teve cinco ‘A’s seguidos” (CARLOS; ZANDOMENIGHI, 2017, p.74). Sem dúvida, obter nota máxima por mais de uma vez em uma avaliação de âmbito nacional é um grande feito para uma universidade, especialmente para uma que ainda está a se constituir. Todavia, acredito ser necessário repensar sobre o papel das avaliações externas nas universidades. Atualmente não é incomum encontrarmos cursos preparatórios para o ENADE, prova da OAB, entre outros. Também não é raro encontrarmos instituições que, contrárias a estas formas da avaliação sabotam os resultados, indicam a seus alunos que compareçam no dia da prova – pois é obrigatória – mas entreguem a prova em branco, gerando resultados artificiais. Tal fato é mencionado em relato de um dos depoentes em um momento fora da entrevista, mas julgamos relevante trazê-lo aqui.

Em geral, os professores sempre nos lembravam do triplo “A”, e quando surgiu o ENADE ficamos apavorados! O ENADE, por mais que “pudesse” ser parecido com o provão, possivelmente tinha outras estratégias e modos de avaliar, aquilo que era tão caro à instituição poderia agora ser modificado, o que nos causou muita ansiedade. Poucas informações eram repassadas sobre o ENADE, sabia-se somente que essa avaliação seria feita por alguns acadêmicos selecionados no início e no final do curso, e os selecionados deveriam realizar a avaliação nestes dois momentos. Na minha época, ouvíamos rumores que aquele que faltasse o ENADE não receberia o certificado de conclusão do curso, havia uma enorme pressão. Era muita responsabilidade, visto que os veteranos nos alertavam de que se tirássemos uma nota baixa seria o fim do curso. O professor Eduardo lembra, em seu depoimento, que não realizou o Provão, porém ele foi instituído pelo MEC em 1996, nessa época o professor Eduardo já estava prestes a concluir seu curso. É importante ressaltar aqui que esta marca, o triplo “A”, se constitui depois de formadas as primeiras turmas do curso, visto que, na data de criação, tal avaliação ainda não tinha sido instituída. Ressaltamos também que o provão era algo abrangente, avaliava não somente a qualidade das aulas – aliás, esse elemento não era diretamente avaliado -, mas também a formação acadêmica do corpo docente e infraestrutura da universidade. A partir de alguns relatos, faço uma ligação entre o provão e o processo de transformação para universidade, daí a importância do conceito “A”.

Talvez, a busca pela transformação de Centro de Ensino para Universidade fazia com que a prioridade ficasse voltada a atender as necessidades da instituição. Durante a análise dos documentos, identifiquei o interesse em transformar o CESUP em UNIDERP. Observo esse interesse também na fala da professora Helena, no início a instituição era CESUP e a transformação para UNIDERP ocorreu com o curso em andamento: “Esse começo do curso coincidiu com essa mudança, porque já era uma instituição que tinha outros cursos que já funcionavam há muitos anos. A Arquitetura já tinha uma história lá dentro e o nosso curso não tinha” (HELENA; ZANDOMENIGHI, 2017, p.120).

No Parecer nº 126/92 do Conselho Federal de Educação vemos o interesse do CESUP em transformar-se em universidade, e com isso, contando com a ajuda das licenciaturas para efetivação desse feito. Neste parecer é homologado o posicionamento favorável à implantação do Projeto da UNIDERP (mantida pelo CESUP), juntamente a este posicionamento, e nos

parece que em um processo imbricado, a aprovação dos projetos dos cursos de Matemática, Licenciatura Plena e Bacharelado, com ênfase em Ciência da Computação e Ciências Biológicas, Licenciatura Plena e Bacharelado, com ênfase em Ciências Ambientais (D.O.U. de 03/07/92, p. 8581-82).

Subentendo, desta forma, que os cursos de licenciatura foram essenciais para que a transformação de Centro de Ensino para Universidade ocorresse. Por outro lado, observo que inicialmente era oferecido licenciatura e bacharelado em Matemática com ênfase em Ciência da Computação, ambos no período noturno. Essa foi uma das minhas surpresas, pois não fazia ideia que o curso também tinha sido oferecido como bacharelado.

[...]

Talvez, o curso pelo qual me graduei seja reflexo dos dois [licenciatura e bacharelado] e por isso alguns traços marcantes da mistura. Algumas mudanças ocorreram ao longo dos anos com relação às disciplinas e à carga horária, visto que algumas disciplinas foram conservadas, outras remanejadas para outros semestres, algumas retiradas, outras remodeladas ou substituídas. Antes, havia basicamente duas cargas horárias de disciplinas, 72 h/a ou 144 h/a, totalizando 3.024 h/a cada (licenciatura e bacharelado). Já na época da minha graduação a maioria das disciplinas tinha carga horária de 80 h/a, num total de 3.680 h/a.

O professor Samuel lembra que iniciou suas atividades na instituição com disciplinas do núcleo “duro”, como Álgebra Linear, Álgebra Moderna, Geometria Analítica, Fundamentos da Matemática, até que surgiu a vaga para História da Matemática, disciplina criada por sua sugestão e que não havia quem desse. Esta foi, justamente, a disciplina que lecionou para minha turma.

Em entrevista com a professora Iara, ela destaca que na UNIDERP iniciou lecionando VGA e na UCDB, Fundamentos da Matemática. Continuou nestas universidades e acabou trabalhando com Geometria Euclidiana, Estágio Supervisionado, Fundamentos da Matemática, Cálculo I, Introdução à Lógica, Geometria Descritiva, Introdução às estruturas Algébricas, Desenho Geométrico, Conteúdos e Metodologia da Matemática para os anos

iniciais do ensino fundamental. A professora Iara não lecionou para minha turma, na época ela era coordenadora do curso, não me recordo se ela lecionava nas outras turmas.

Um dos entrevistados que lecionou na minha turma foi o professor Carlos. Lembro-me das disciplinas que ele lecionou, algumas delas são mencionadas por ele: Cálculo Diferencial e Integral, VGA, Álgebra Linear, Equações Diferenciais, Variáveis Complexas, Estatística, Geometria Plana e Espacial.

Já a professora Helena não lecionou na minha turma, visto que ela havia saído bem antes da minha entrada no curso, mas comenta na entrevista que lecionou:

[...] Cálculo, Álgebra Linear, Vetores e Geometria Analítica, acho que só. E foram justamente as disciplinas básicas. Acho que cheguei a pegar Estatística, não me lembro direito, mas acho que cheguei a pegar Estatística. Não lembro se foi nesse curso, porque depois a gente acabou dando aula em alguma coisa, dei aula na especialização da UNIDERP... Às vezes, a memória trai a gente, um pouquinho, porque tem disciplinas que a gente acha que deu num curso, mas deu no outro. Mas era basicamente as disciplinas do básico: Cálculo, Álgebra Linear e Geometria Analítica. (HELENA; ZANDOMENIGHI, 2017, p.116)

Cabe ressaltar que estes professores: Samuel, Iara, Carlos e Helena, eram formados em Matemática e direcionados para as disciplinas voltadas ao conteúdo matemático. As disciplinas pedagógicas que tive, como Psicologia, Fundamento Organizacional do Sistema de Educação (FOSE), Elaboração de TCC e Redação eram atribuídas aos professores de outras áreas, como Pedagogia, Psicologia, Filosofia e Letras.

No artigo que publicamos no Encontro Nacional de Educação Matemática<sup>211</sup>, trazemos uma articulação sobre o documento “Projeto de Curso”. Neste documento, analisamos a grade curricular do Bacharelado e da Licenciatura, e percebemos uma semelhança nos dois primeiros anos de sua constituição, após esse período, as disciplinas ficaram mais voltadas ao objetivo de cada um. Diferentemente do que aconteciam décadas anteriores, no qual o modelo era o “3+1”, o curso estava voltado a atender às exigências da LDB de 1961 que extinguiu (ao que se parece) o modelo, separando, assim, Licenciatura e Bacharelado, obtidos paralelamente com disciplinas comuns (CASTRO, 1974).

---

<sup>211</sup> ENEM. “Constituição do curso de graduação em Matemática da Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (UNIDERP/CESUP): o papel dos documentos oficiais e articulações sobre o projeto de curso”. (2016)

No documento analisado sobre o corpo docente da época de abertura do curso, alguns professores foram lembrados e outros citados pelos entrevistados como sendo responsáveis pela abertura e continuação do curso.

[...]

Os professores sempre nos motivavam, sempre conversavam conosco sobre a falta de professores aqui na cidade, dessa forma, incentivando o acadêmico a não desistir do curso. A demanda existente parece justificar a criação do curso, quando o professor Paulo diz que:

[...] a maioria que dava aula não era licenciado em Matemática, uns eram engenheiros, acadêmicos. Havia uma demanda grande em Campo Grande (MS). As escolas públicas, por exemplo, não tinham licenciados em Matemática, eram muito pobres. [...] Havia um amplo mercado, porque o problema era mercado, não tinha expansão nas escolas. A gente sentia que era momento de criar o curso, a grande motivação foi a demanda que existiu pela área mesmo. [...] Então, o que provocou a criação do curso foi a demanda no mercado. Realmente havia necessidade do professor, não só em Campo Grande (MS) como em todo o estado, em ter a licenciatura. (PAULO; ZANDOMENIGHI, 2017, p.95).

Além de ofertar formação às pessoas da região de forma geral, e isso foi sinalizado em algumas entrevistas, a instituição demonstrou o interesse em formar seus próprios professores, talvez em função da escassez de professores formados na área, ou pelo barateamento da mão de obra, certamente sairia mais caro trazer de fora um profissional já com formação específica. Paulo, além de fundador do CESUP e da UNIDERP, também foi fundador da MACE, uma instituição de educação privada (níveis: infantil, fundamental e médio), mais um fator que contribuiu na abertura de cursos de formação de professores para atuar nas suas próprias instituições. Esse interesse é evidenciado na fala do professor Paulo, quando diz que “Não dá para comparar um engenheiro e comparar um licenciado, a partir daí, sempre aproveitei professores da própria UNIDERP para dar aula na MACE, porque eram professores bons, diferenciados” (PAULO; ZANDOMENIGHI, 2017, p.95).

Prática comum se pensarmos na formação do professor décadas atrás, como vemos nas pesquisas de Martins-Salandim (2012) e Moraes (2012) em que a “carência e a urgência”<sup>212</sup> apareciam nas constituições dos cursos de Matemática. As necessidades das licenciaturas em formar professores para o ensino secundário concorriam com a formação do seu próprio

---

<sup>212</sup> Garnica (2010).

quadro docente (MARTINS-SALANDIM, 2012). Alguns formados eram convidados a continuar os estudos fazendo uma especialização, ou até mesmo um mestrado.

Isso me remete ao tempo de aluna da graduação, que não pensava (ainda) na continuação dos estudos, por meio de uma pós-graduação. Os professores diziam para fazer mestrado, doutorado, mas eu não sabia do que se tratava. A UNIDERP não oferecia cursos voltados à sequência da graduação nem dos seus próprios alunos (não que eu soubesse!). Porém, percebi ao analisar o documento “Processo de Reconhecimento” que na década de 1980 e 1990, o CESUP oferecia cursos de especializações, e eles aconteciam de forma a atender às necessidades daqueles que continuariam os estudos, com a intenção de lecionar no Ensino Superior. No documento “Processo de Reconhecimento” consta a especificação e a descrição de 14 cursos, sendo um deles “Especialização em Metodologia do Ensino Superior” que foi oferecido várias vezes, bem como o curso “Especialização em Métodos e Técnicas do Ensino de 3º Grau”. Esse oferecimento de cursos não ocorreu na época que me graduei. A UNIDERP não subsidiava os alunos para continuação dos estudos nem ofertava pós-graduações voltadas aos professores de Matemática.

Novos cursos também foram criados a partir de 1992, assim como o curso de Matemática, uma amplitude de áreas do conhecimento: Geografia – Licenciatura Plena e Bacharelado - (1992), Administração (1993), Agronomia (1993), Engenharia Civil (1993), Engenharia Elétrica (1993), Ciência da Computação (1994) e Ciências Biológicas – Licenciatura Plena e Bacharelado com Ênfase em Ciências Ambientais - (1994). Refletindo sobre o curso de Matemática e os novos cursos, percebo mais atentamente o interesse pela transformação do CESUP em UNIDERP. Não só o curso de Matemática tinha o diferencial, que era o oferecimento de uma “ênfase”, como também outros cursos ofereciam ênfases relacionadas às suas áreas. Talvez fosse pelo fato da concorrência com outras universidades e isso pode ser evidenciado na fala do professor Paulo, quando comenta que:

[...] havia uma competição muito salutária entre nós e a UCDB, porque o que um fazia o outro fazia, um fazia aqui o outro fazia lá. Criava curso de Biologia **com ênfase em Ecologia**, eles faziam Biologia **com ênfase em Meio Ambiente**, era impressionante o que se criava na UNIDERP, se criava lá um ano depois. (PAULO; ZANDOMENIGHI; 2017, p.93, grifo nosso)

Mesmo com a criação de um curso com “ênfase”, como no caso da Matemática, a quantidade de alunos formados no bacharelado era baixa, desta maneira, a instituição optou por fechá-lo, porém, a licenciatura vigora até os dias atuais (2017). Na época que entrei no curso, não se falava em bacharelado, tanto é que, quando iniciei a pesquisa fiquei surpresa ao ver nos documentos que o curso tinha opção entre licenciatura e bacharelado. A partir do relato do professor Samuel, compreendo que o bacharelado não vigorou devido a pouca procura pelo curso, pois os formados tiveram dificuldades em encontrar emprego e isso fez com que o bacharelado não repercutisse tão bem quanto a licenciatura.

Alguns relatos mencionam que somente quatro alunos se formaram bacharéis e isso, de certa forma, contribuiu com as alterações da grade curricular do curso, passando a ser oferecida somente a licenciatura com ênfase em Ciência da Computação. Era mais lucrativo para a instituição que estes alunos se condensassem em um único curso, talvez isso tenha influenciado para se fechar um deles, se por um lado havia demanda por professores de Matemática, o mesmo não ocorria por bacharéis.

A mudança de CESUP para UNIDERP influenciava na continuação de alguns cursos, visto que a instituição também dependia dos cursos para o recebimento desta titulação, e para que isso acontecesse, o CESUP investia na infraestrutura de sua unidade. Os entrevistados lembram que quando a instituição ainda era iniciante, contava com a logística de apenas algumas salas ao redor do “bloco redondo”, que era conhecido como um símbolo do CESUP. Naquela época, só existia ele, mas aos poucos foram construindo prédios no seu entorno. Já na época da minha graduação, esse bloco era o local onde ficava as lanchonetes e atualmente continua sendo desta forma. O CESUP também investiu em laboratórios para auxiliar o ensino, entre eles o MEL (Matemática em Laboratório). A professora Helena comenta sobre o apoio oferecido pela instituição na criação do laboratório “MEL”:

[...] Foram anos de muitas transformações dentro do CESUP, era a questão de implantação da universidade, transformação de faculdade para universidade. Na época, teve investimento, contratação de professor, investimento de material, conseguimos até montar um laboratório de ensino bem legal, o nosso “MEL”, laboratório bem interessante, conseguimos material e tudo, quer dizer, tivemos apoio dentro da instituição, e o grupo tinha muita iniciativa, então fluiu bastante. Esse foi um marco muito grande. (HELENA; ZANDOMENIGHI, 2017, p.110)

O MEL é lembrado pelas professoras Iara e Helena como sendo um forte aliado para o ensino dos graduandos, não somente do curso de Matemática, mas também por alunos de outras turmas, monitores do curso que utilizavam como um local de estudos e professores de Matemática em geral, quando eles participavam de cursos. Somente algumas disciplinas contavam com o serviço de monitoria com o objetivo de despertar o interesse pela carreira docente. Na década que iniciei o curso, lembro-me que o MEL ficava ao lado da secretaria do curso, bem próximo às salas de aula. Nessa mesma época, as secretarias eram localizadas no mesmo bloco e andar de seus respectivos cursos.

Algumas de nossas aulas também ocorriam no MEL e eram sempre bem interessantes, sentávamos em grupos para conhecer e desenvolver jogos e realizar outras atividades. Nem todas as disciplinas faziam essa dinâmica, mas as aulas voltadas à programação eram realizadas no Laboratório de Informática, tínhamos que elaborar, executar e compilar programas. Os trabalhos, dessa natureza, eram feitos e salvos em disquetes, entregue ao professor juntamente com o programa executado, impresso num papel A4, posteriormente o disquete foi substituído pelo *pen drive*. O laboratório não mudou de lugar desde sua implantação. O professor Carlos lembra em seu depoimento que o laboratório foi construído nos três andares do Bloco IV e utilizado por todos os professores da universidade. Concluo, a partir de algumas narrativas, que a implantação do Laboratório de Informática foi um grande feito realizado pela instituição para motivar os alunos na época em que a tecnologia estava a todo vapor. É possível imaginar, apesar de não ter aparecido nas entrevistas, que as universidades públicas demorassem ainda alguns anos para ter acesso a tais dispositivos, visto o sucateamento (SILVA, 2015) que viviam na década de 90 e anos 2000.

O professor Eduardo lembra que, na parte de Matemática, os professores sempre tentavam conciliar com a computação, tendo disciplinas de Cálculo Numérico, Análise Numérica, Pesquisa Operacional, aprendendo métodos matemáticos, desenvolvendo códigos computacionais. Enquanto acadêmica do curso, as aulas voltadas a atender o currículo da Matemática eram ministradas na sala de aula e sempre com resolução de listas de exercícios e utilização de livros que emprestavamos na Biblioteca. Durante a explicação e a explanação do (s) conteúdo (s), sempre ficávamos prestando atenção - em silêncio, bem atentos - e costumávamos dizer: “nem vamos respirar, nem piscar, para não desviar a atenção!” – Uma

sala de aula de Matemática bastante tradicional. Alguns conteúdos eram mais fáceis, outros, porém, mais laboriosos.

Enquanto os demais cursos tinham várias salas por turma, nosso curso tinha apenas uma e com poucos alunos. A mensalidade do curso de Matemática era bem menor que a mensalidade do curso de Engenharia, e até hoje, na UNIDERP, ocorre uma notória disparidade desses valores. Essa diferenciação é apontada pelo professor Paulo que argumenta a respeito das diferenças sociais, quando se refere a um curso de licenciatura:

[...] Geografia também era um preço mais baixo, as licenciaturas em geral, letras também e não houve problema nenhum. Os outros cursos cobriam plenamente, tinha casa cheia, todo mundo feliz e havia uma convivência de classes diferentes, por exemplo, a Medicina junto com pessoal mais humilde, como de Letras, então, era muito positivo para mim. (PAULO; ZANDOMENIGHI, 2017, p.97).

Essa diferenciação pode estar relacionada ao baixo salário da categoria e a desvalorização/desprestígio da profissão, enquanto que jovens de classe média-alta procuram outras profissões mais valorizadas e melhor remuneradas. Vejo a licenciatura como sinônimo de vulnerabilidade social.

A professora Iara fala sobre a comparação que costumava fazer dos alunos que ela tinha na Administração e na Matemática, e que os provenientes da Matemática sempre eram mais gentis e respeitosos, principalmente com o professor, talvez pelo fato de que reconhecessem que eles também “seriam professores”. Sempre senti um imenso carinho e admiração por meus professores, e isso refletia na relação que tínhamos.

Chegado o fim do curso, havia um misto de alívio, euforia e orgulho. Todas as dificuldades que passei no decorrer do curso: frio, fome, cansaço, dores, preocupação, ansiedade, perdas de pessoas queridas, falta de dinheiro para pagar matrículas e mensalidades, tudo isso me fez amadurecer e valorizar minha graduação, hoje, minha profissão. Senti orgulho quando me vi vestida de beca, recebendo o diploma, assinando o livro e partilhando dessa conquista com familiares e amigos.

Hoje, percebo que essa formação não está “acabada”, e que a colação não era o “final”, mas sim um “início” de muitas conquistas. Estamos em constante (des)construção e,

sabendo disso, continuo a busca pela melhoria intelectual, material, espiritual, profissional e principalmente, pessoal.



## Capítulo IV – Aspectos Metodológicos desta Pesquisa

Esta pesquisa que trata do curso de graduação em Matemática da UNIDERP/CESUP surgiu após discussões e estudos sobre o curso da instituição na qual me graduei. Quando fui aprovada no processo seletivo do Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, a proposta era pesquisar em relação à nova grade curricular do estado, especificamente a inclusão da disciplina Raciocínio Lógico.

A partir das discussões que temos feito em nossos estudos, enquanto grupo de pesquisa, percebemos que seria mais relevante trocarmos o foco do trabalho e direcioná-lo para a formação de professores. Ao considerar que esta pesquisadora foi aluna do curso da UNIDERP e os trabalhos investigados acenaram para a ausência de pesquisas sobre tal curso, que nos parece ser o segundo mais antigo da capital do estado de Mato Grosso do Sul, pensamos que seria importante estudá-lo, uma vez que o meu trânsito na universidade auxiliaria na exequibilidade do projeto.

A princípio essa ideia me incomodava, pois pensava que já conhecia tudo sobre o curso e a instituição. Desta forma, pensava que não haveria novidades para contribuir na escrita desta pesquisa. Desafiada a buscar informações que pudessem sustentar este trabalho, entramos em contato com a universidade que aceitou contribuir conosco.

Paralelamente a estas buscas, as questões que se punham a mim no grupo de pesquisa, como contar “A História” ou “uma história” me fizeram buscar entender melhor qual era esta “sutil” diferença. A primeira propõe elaborar, ou melhor, descobrir, uma verdade universal, válida para todo mundo, geralmente escrevem esta “História” a partir de documentos oficiais, deixando de fora a relação entre individual e coletivo. Trabalham na esteira de “pistas” e “rastros” deixados pelo passado, na busca do “fato histórico”. Nesta perspectiva, a oralidade não era levada em conta, tampouco a subjetividade dos atores desses processos, esse modo de ver história não tinha apreço pela relação social entre as pessoas e tomava uma história “universal” escrita exclusivamente a partir dos “centros”<sup>213</sup>. É comum, nesta perspectiva, a

---

<sup>213</sup> “A partir do centro irradiava-se a verdade, a qual eram comparados todos os erros, desvios ou simples diferenças – por isso, o historiador podia legitimamente situar no centro sua ambição de escrever uma história ‘autêntica’ e ‘total’” (SCHMITT, 2005, p.351).

história contada com base no relato dos “vencedores”, com isso a construção de “heróis”, tão comuns nos livros escolares. Próxima de uma abordagem positivista, tal perspectiva se apoiava fortemente em cronologias, nomes e datas.

De outro lado, temos o movimento irradiado a partir da *Escola dos Annales*<sup>214</sup>, no qual há uma abertura para novos métodos, metodologias e objetos de estudo. Havia por parte deste movimento o interesse em questões cotidianas e em como estas questões estavam, ou não, presentes no contar da história. Essa perspectiva se interessa por toda e qualquer prática social desenvolvida pelo ser humano, desta forma, passou-se a valorizar não somente as fontes escritas, mas também todo e qualquer tipo de fonte, levando em consideração a possibilidade de novos elementos para pensar as questões cotidianas: narrativas, cartas, fotografias, diários etc.

A priori, nenhuma dessas fontes é excluída, há muitas evidências, além dos documentos oficiais que contribuem para se contar uma história, muitas vezes podem ser ouvidas no processo. Essa possibilidade de fazer história valoriza as “versões históricas plausíveis dentre várias versões plausíveis que podem ser construídas por meio de uma negociação entre depoentes, pesquisadores e outras fontes”. (SOUZA; SILVA, 2015, p.32-33).

Nesse sentido, não buscamos delinear uma história unívoca e totalizante: “A História”. Por outro lado, optamos por elaborar “uma” história, uma versão plausível sobre o passado que possa ser legitimada por nossos leitores. Não tentamos somente expor as fontes, mas sim interrogá-las e interpretá-las, buscando nas entrelinhas elementos para discussão e análise.

A aproximação com esta perspectiva historiográfica se deu mais fortemente com as leituras apresentadas no Capítulo I, uma vez que ao realizar um estudo dos trabalhos expostos, nos fica evidente a pluralidade de visões a respeito de um mesmo “objeto” e a riqueza em se trabalhar com a multiplicidade, ao invés de tentar valorizar somente os aspectos de convergências, que poderiam caminhar na constituição de uma história (A história),

---

<sup>214</sup> Este movimento toma corpo em meados da década de 1920 e 1930, com Lucien Febvre e Marc Bloch. O principal objetivo era combater o positivismo histórico e desenvolver um tipo de história que agregasse novas fontes à pesquisa. Seus herdeiros, como Jacques Le Goff organizou o que ficou conhecido como “História Nova”. (LE GOFF, 2005).

eliminando as subjetividades dos narradores. Neste sentido, estes trabalhos, ao valorizar a individualidade e a história de seus narradores - sempre singulares -, trazem no corpo do trabalho as textualizações na íntegra, opção adotada por nós.

Buscamos contar “uma história” sobre o curso de graduação em Matemática da UNIDERP/CESUP, tendo como fio condutor a própria pesquisadora, assumindo definitivamente minha presença neste trabalho, minha subjetividade, lembranças e sentimentos a respeito do curso – pelo qual me graduei. Sabemos que são várias as histórias, justamente por isso, trazemos “uma” dentre tantas “outras” possíveis de serem contadas. Por ocasião do mestrado e do grupo de pesquisa no qual fui inserida, comecei a me dedicar às leituras dos procedimentos da História Oral, que se apresentavam como uma boa possibilidade para a execução da minha empreitada.

Por mais que tomássemos a oralidade como fonte principal do trabalho, ela não era a única, conforme já descrito acima, nenhuma possibilidade é previamente descartada. Tudo depende de “o quanto” cada material pode contribuir para contar esta história que pretendemos. Sendo assim, acreditamos que os documentos poderiam subsidiar também nosso trabalho, pois eles nos serviram em dois momentos. Em um primeiro, pudemos, através deles, obter alguns dados sobre o curso, especialmente datas, nomes de professores e alunos, nomes e ementas de disciplinas, estrutura da instituição etc.

Esses elementos nos auxiliaram a traçar algumas compreensões sobre o curso, que subsidiaram a elaboração dos roteiros de entrevista, bem como listar nomes de possíveis entrevistados para o nosso trabalho. Num segundo momento, na escrita de uma história sobre o curso, tentamos dialogar com minhas memórias, os depoimentos orais e os documentos oficiais – sem uma hierarquia entre as fontes.

Para iniciar a busca dos documentos, o orientador do trabalho elaborou uma carta de apresentação, solicitando a permissão para a realização desta pesquisa no acervo da UNIDERP. Após autorização da reitoria, iniciamos a busca por materiais existentes no acervo da instituição. Esse primeiro contato não foi difícil, mas o retorno da instituição foi demorado.

A busca pelos documentos do curso foi preocupante, pois sabíamos pouco sobre a existência, ou não, de documentos daquela época. Fomos direcionados a dois setores que poderiam saber do paradeiro de tais documentos, sem nenhum sucesso: coordenação pedagógica da instituição e coordenação atual do curso. Procuramos a Pró-Reitora de Graduação e fomos atendidos pela secretária. Em oportuno, ela nos disse que com a venda da UNIDERP para o Grupo Anhanguera muitos documentos foram enviados à matriz em Valinhos (SP) ou incinerados devido à falta de um local adequado para armazenamento. Esta ação é comum a diversas empresas que, após um período previamente estipulado de tempo, descartam estes materiais por não ver neles algum tipo de utilização. A riqueza que os pesquisadores veem neles não é compartilhada por grande parte da sociedade.

Com a promessa de descobrir o paradeiro desses documentos, a secretária ficou de dar-nos um retorno. Essa angústia da espera permaneceu até recebemos um e-mail da secretária da pró-reitora nos comunicando que os documentos já estavam disponíveis e à nossa espera. Uma caixa de arquivo contendo alguns documentos do curso de Matemática havia sido entregue pelo Arquivo Central da IES e já estávamos autorizados a estudá-los.

Organizamos e separamos estes documentos. Tiramos fotos de todo o material (digitalização) para minha consulta conforme o andamento da pesquisa não sabíamos previamente o que dali seria útil ou não para o nosso trabalho, bem como para disponibilizar no acervo do Grupo<sup>215</sup> por meio de um Dossiê. Este foi um processo lento, porque além de fotografar página por página, precisava verificar a qualidade de cada foto obtida. Durante a captura dessas imagens, era necessário ajustar e configurar a câmera para não ter desfoque. O enquadramento da imagem, a iluminação, o ambiente, a mobilidade da máquina, o ângulo e o plano de fundo foram cautelosamente estudados na hora de fotografar para deixar a imagem nítida e legível. Esta ação foi inspirada em alguns trabalhos anteriores, como por exemplo, Pinto (2013) que traz em sua pesquisa os cuidados que teve para captura, armazenamento e disponibilização dos arquivos que subsidiaram sua tese sobre “Projetos Minerva”<sup>216</sup>.

---

<sup>215</sup> Disponível em [www.hemep.org](http://www.hemep.org)

<sup>216</sup> *Projetos Minerva: caixa de jogos caleidoscópica*, volume: o acervo da SOARMEC (PINTO, 2013).

Após captura e edição dessas imagens, criei uma pasta no meu computador pessoal para armazenar essas fotografias (salvas no formato JPEG). Com os documentos salvos, ficou mais fácil acessá-los, podendo assim verificar com mais tranquilidade e organizá-los conforme necessário. Durante esse primeiro contato com o material, já fui realizando uma primeira separação daqueles documentos que eram do curso. Um primeiro aspecto, que nos chamou a atenção, foi quanto à nomenclatura do curso: “Bacharelado com ênfase em Ciência da Computação” e “Matemática, Licenciatura plena”, diferente daquela que conheci enquanto aluna: “Matemática, Licenciatura plena com ênfase em Ciência da Computação”.

Os documentos foram lidos atentamente e subsidiaram uma primeira versão histórica do curso, apresentadas em dois textos de nossa autoria, publicados em eventos. Sobre a escrita dos textos, é importante acrescentar no caráter didático desta escrita que eles serviram como primeiros movimentos analíticos sobre certo material, movimentos de muita dificuldade e de inúmeras tentativas frustradas – o “refazer” era constante. No entanto, ao final, com o aceite, a publicação e a apresentação dos textos é que pudemos nortear nosso trabalho, nosso modo de “olhar” para os materiais e até mesmo o modo de se escrever para um determinado meio, o acadêmico.

Escolhemos realizar análise dos documentos antes das entrevistas, pois sentia que precisávamos ter elementos para discutir na entrevista, apesar de que isso não seria extremamente necessário, mas a organização desse processo se tornou o primeiro passo para a execução desta pesquisa. Esses documentos serviram também para elaboração dos roteiros das seis entrevistas. Julgamos ser necessário nos prepararmos para ouvir e para saber interrogar nossos entrevistados, visto que trabalhamos em um cenário de entrevistas semiestruturadas, em que há um tema específico a ser abordado, mas há também liberdade para o entrevistado conduzir, como preferir, as suas respostas. Às vezes é necessário intervir para retomar algum ponto que, nos parece relevante, outras vezes, é necessário deixar a conversa fluir livremente.

Além disso, utilizamos alguns dos documentos no movimento “final” de análise, apresentado no Capítulo III, em que narramos minhas<sup>217</sup> memórias enquanto aluna do curso, articuladas com os depoimentos, os documentos oficiais e a literatura disponível.

Os entrevistados desta pesquisa foram surgindo a partir das minhas lembranças sobre o curso, bem como dos documentos fornecidos pela instituição. Com base nestes documentos e nas discussões realizadas no grupo de pesquisa, elaboramos um roteiro para a entrevista a ser realizada com o professor Samuel. Por ter sido aluna dele e da professora Iara, na época de graduação, tive facilidade em contatá-los, eles foram meus dois primeiros entrevistados. O professor Samuel ministrava aula de História da Matemática na minha turma, já a professora Iara não ministrava aulas na minha turma, mas era coordenadora do curso. Enviei uma mensagem, por meio do *Messenger*<sup>218</sup> para o professor Samuel que prontamente aceitou participar da pesquisa. Já com a professora Iara, tive a oportunidade de convidá-la pessoalmente, quando nos encontramos em um evento organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, nas dependências da UFMS.

A entrevista com o professor Samuel foi realizada em uma sala da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), unidade universitária de Campo Grande, quase 10 quilômetros distante do centro da cidade. A professora Iara marcou a entrevista em sua residência, porém não aceitou filmagens de sua fisionomia, pois não se sentiu à vontade para uma apresentação com gravação em vídeo, somente em áudio. Durante a entrevista, o professor Joaquim [esposo da professora Iara] participou dos últimos instantes da entrevista, contribuindo com algumas lembranças.

Após essas entrevistas, os demais depoentes foram citados pelo critério de rede<sup>219</sup>, como podemos observar no quadro a seguir em que mostra o nome completo dos entrevistados, a função que exerciam na época em estudo, a cidade onde residem e a data em que ocorreu a entrevista:

---

<sup>217</sup> Por se tratar de um aspecto pessoal, optamos aqui pela grafia em primeira pessoa do singular.

<sup>218</sup> Aplicativo que envia mensagens de texto, em principal, para amigos do *Facebook*.

<sup>219</sup> Os próprios depoentes indicam outros para serem entrevistados, criando uma comunidade de argumentos (GATTAZ, 1996).

Quadro 5: Entrevistados na pesquisa.

Entrevistado	Função/cargo	Cidade	Data da entrevista
Samuel	Professor	Campo Grande-MS	08/11/2015
Iara	Coordenadora	Campo Grande-MS	28/11/2015
Carlos	Professor	Campo Grande-MS	29/02/2016
Paulo	Reitor	Campo Grande-MS	10/03/2016
Helena	Professora	Campo Grande-MS	17/03/2016
Eduardo	Aluno	Itajaí-SC	18/04/2016

Fonte: Registros da pesquisa.

Por meio do *Facebook* realizei o contato com o professor Carlos, posteriormente continuamos a conversa por *e-mail* e assim conseguimos marcar uma data para a entrevista. Esse primeiro contato foi possível devido já ter sido aluna dele na época da minha graduação e por isso mantemos amizade pelas redes sociais. A entrevista foi feita na sala do Núcleo de Estudos e Pesquisas Econômicas e Sociais (NEPES) da UNIDERP Agrárias, afastada, aproximadamente 15 quilômetros do centro da cidade.

O contato com o professor Paulo foi mais demorado. Nessa mesma época que estava tentando contatá-lo, ele passava pelo processo de nomeação do Senado de Mato Grosso do Sul, porém consegui falar com a secretária executiva da diretoria do colégio MACE (Moderna Associação Campo-Grandense de Ensino) que, a partir daí, intermediou todo o processo de comunicação. O colégio MACE foi idealizado pelo professor Paulo juntamente com a professora Tatiana [irmã] e professor Bento [irmão], atualmente coordenado pela professora Regina [esposa], por isso o contato com a secretária da professora Regina. A entrevista foi marcada no escritório do professor Paulo, no prédio comercial da Avenida Afonso Pena em Campo Grande e o professor Thiago, orientador desta pesquisa, participou excepcionalmente dessa entrevista pelo fato de me sentir insegura e precisar de apoio para conduzi-la.

Outra entrevista foi realizada com a professora Helena, que era professora do curso nos primeiros anos de sua constituição. Não conhecia a professora Helena, mas seu nome foi citado por vários depoentes como sendo integrante do corpo docente na época de abertura do

curso. Após conseguir seu *e-mail* numa busca pela internet, escrevi a ela explicando sucintamente sobre a pesquisa e a possibilidade dela nos conceder uma entrevista, ela retornou o *e-mail* com uma resposta positiva, a partir daí passamos a nos comunicar pelo *WhatsApp*<sup>220</sup>. O diálogo com a professora Helena foi realizado na sala do Grupo HEMEP, localizada na UFMS.

O último a ser entrevistado foi o professor Eduardo, um dos primeiros formados no curso em questão. Ele foi indicado pelo professor Samuel, que me passou seu nome completo para procurá-lo nas redes sociais. Consegui seu contato em uma busca no LinkedIn<sup>221</sup>. Enviei um *e-mail* apresentando-me e explicando sobre a pesquisa e se poderia nos conceder uma entrevista. Tivemos uma resposta positiva e começamos a nos comunicar via *Skype*<sup>222</sup>. Devido à nossa distância, realizamos a entrevista, por meio do *Skype*, pois ele reside em Santa Catarina. Conforme as entrevistas iam sendo realizadas, novas temáticas se tornavam relevantes e aspectos que eu nem imagina iam surgindo nas narrativas.

Formulamos roteiros específicos para cada função: coordenador, reitor, professor e aluno, sendo divididos em tópicos (Apresentação, Formação Acadêmica, Atuação Profissional, Abertura do curso na UNIDERP) variando entre 10 e 12 questões no total. Entendemos que cada função exercida pelas pessoas propiciava a elas responder determinados tipos de questão, em função disso é que foram estabelecidos diferentes roteiros. Até o momento da entrevista tínhamos a informação que a professora Helena também havia sido coordenadora do curso, o que não se confirmou, porém utilizamos o mesmo roteiro usado com a professora Iara.

Todos os roteiros foram enviados dias antes das nossas entrevistas. Tomamos esse cuidado justamente para não os deixar numa situação desconfortável no ato da entrevista. Nesse momento, foi possível que os entrevistados tomassem conhecimento das perguntas a serem feitas durante a entrevista e caso quisessem poderiam reformular algumas delas, porém nenhum dos nossos entrevistados retornou dizendo para mudar ou modificar algo. Os roteiros

---

<sup>220</sup> Aplicativo de mensagens instantâneas em que os usuários se comunicam sem precisar telefonar ou enviar SMS (*Short Message Service*).

<sup>221</sup> Rede social utilizada por profissionais de negócios; fundada em 2002 e lançada em 2003.

<sup>222</sup> Esse *software* permite conversas de usuários de todo o mundo. Utilizado para compartilhar arquivos, enviar mensagens instantâneas, fazer chamadas de voz e vídeo, tudo gratuito.

foram utilizados na entrevista e subsidiaram todo o percurso, conduzindo a entrevista de forma tranquila e por vezes descontraída.

Na construção do roteiro, estudamos os tópicos e discutimos previamente as perguntas para não os conduzir de forma forçosa ao que *gostaríamos* de ouvir. O depoente sempre tem a liberdade de responder na direção que quiser, mas entendemos que cabe a nós pesquisadores cuidarmos de nossas questões para que não se crie durante a entrevista um “jogo de cartas marcadas” em que as respostas *desejadas* já fazem parte da própria pergunta. Esse “desejo” destacado aqui pode ter várias intensidades, em pesquisas que apresentam “hipóteses a *priori*” esse desejo fica, muitas vezes, declarado no próprio título da pesquisa ou em seus objetivos, diferente do que tentamos fazer ao nos lançarmos “a contar uma história”, em que não há uma hipótese a se comprovar. Isso não implica, obviamente, que estejamos isentos de manifestações desta natureza. As próprias perguntas ou o modo de se manifestar do pesquisador com as respostas pode (e vai) dar ao entrevistado “pistas” do que lhe agrada ou não naquela conversa. Durante este trabalho, a nostalgia frente ao curso da autora principal do texto teve que ser exaustivamente “trabalhada” para que aquilo que deveria ser um texto científico (com toda problemática que esta expressão traz) não fosse apenas um texto panfletário e sentimental. Esse ponto foi de especial atenção durante todo o percurso, e tentamos, inclusive, explicitá-lo, quando achávamos que tal suposto distanciamento não era possível, como ocorreu no movimento de análise final.

Ainda quanto às entrevistas, todas foram gravadas e/ou filmadas com autorização dos depoentes que assinaram uma carta de cessão autorizando imagem e som para fins de pesquisa, assim como a textualização que trazemos incorporada em nosso trabalho. Entendemos que essas entrevistas são produções intencionais de fontes históricas, realizadas em conjunto pelo entrevistado e entrevistador, e são marcadas por traços de subjetividade, possibilitando a criação de fontes em sintonia com o objetivo da investigação (SOUZA; SILVA, 2015).

Após as entrevistas, foi feita a transcrição literal, conforme escutamos na gravação e/ou filmagem. Nessa fase da **transcrição**, mantivemos os vícios de linguagens, as pausas e as repetições existentes nas falas, resultando em um texto “o mais fiel possível” à fala dos

depoentes durante a entrevista. Esse foi um momento intenso, porque foi necessário voltar diversas vezes o vídeo e/ou som para escutar pausadamente algumas palavras que não eram compreensíveis, tornando o período longo para efetivação do processo. Tentamos registrar o ocorrido durante a entrevista sem nos preocuparmos com a estética, visto que este material não seria divulgado, mas serviria como base para a textualização. Sabemos que, por mais descritivo que esse movimento seja, não é possível transformar em texto toda a riqueza de um encontro como é o da entrevista. Para Moraes (2012, p.63) é um “[...] processo literal, rigoroso, isolado e, por vezes, cansativo: trata-se da passagem para o papel da entrevista anteriormente gravada, com todos os erros, gaguejos, vazios, repetições e interferências”. Apesar de ser um processo exaustivo, o consideramos importante para realizar a textualização, com diversas idas e vindas entre estes materiais.

Posteriormente, trabalhamos esses textos eliminando algumas marcas da oralidade. Chamamos esse movimento de **textualização**, um exercício de edição da transcrição, tal qual nos permitiu apagar as pausas e os vícios excessivos de linguagem e reorganizar as ideias dos depoimentos, ou seja, um processo analítico em que o pesquisador toma liberdade de edição do texto, mas sempre imbuído do intuito de organizar o novo texto do modo que seu interlocutor/depoente o faria. Assim como Martins-Salandim (2012),

[...] não tivemos a intenção de preservar a organização dada na gravação e sim, de estruturar um texto no qual algumas de nossas preocupações temáticas estão evidenciadas, seja pela inclusão de notas de rodapé explicativas, seja pela reordenação do texto objetivando esclarecer certas passagens narradas pelos entrevistados (p.59).

Acredito que a textualização auxilia tanto no nosso movimento analítico quanto na divulgação do nosso trabalho e da própria entrevista.

Mantivemos o texto como uma conversa entre pesquisador e entrevistado na forma de diálogo, pois acreditamos que assim nosso texto fica mais compreensível e evidencia que tais respostas só surgiram a partir de tais perguntas. Após um primeiro movimento de textualização, elas voltaram aos depoentes para leitura e possíveis correções ou complementações julgadas necessárias por eles. Consideramos esse um momento essencial, pois é nele que o depoente “se enxerga” ou não na construção textual, ou seja, legítima ou não o novo texto que lhe foi apresentado.

Nessa etapa, optamos por fazer o processo juntamente com o entrevistado, e por isso, marcamos um momento para a realização da leitura e possíveis alterações. Porém, esse movimento não foi possível ser feito com o professor Paulo e com o professor Eduardo, ambos fizeram as correções sem minha presença, visto que o professor Paulo, atuando como Senador da República em Brasília, estava impossibilitado de nos atender mais demoradamente e o professor Eduardo estava distante de nós, morando em Santa Catarina.

Em concordância com o texto apresentado, já revisado pelo entrevistador e entrevistado, os depoentes assinaram a carta de cessão autorizando o uso das textualizações em seus nomes. O conteúdo da carta de cessão teve um texto único para todos os depoentes, neste texto pedimos os dados do entrevistado como: nome, registro geral, endereço e assinatura, cedendo os direitos do uso e da divulgação da imagem e som capturados na entrevista e abdicando dos próprios direitos, bem como de seus descendentes. Desta forma, asseguramos o direito de divulgação das entrevistas em nossa pesquisa e pesquisas futuras. Todas estas textualizações estão disponibilizadas na íntegra em nosso trabalho, bem como um descritivo dos documentos encontrados (Capítulo II), em paralelo, organizamos um Dossiê com os documentos disponibilizado no site do Grupo HEMEP.

Todos esses passos formaram uma “árvore de possibilidades” para a efetivação da minha análise: análise por categorias, singularidades, convergências, por temáticas, cartográfica, análise narrativa etc. Estas possibilidades surgiram ao observamos os trabalhos desenvolvidos nos grupos que participamos (GHOEM e HEMEP):

Faoro (2014), Silva (2016), Larrea (2016), Martins-Salandim (2012), evidenciam em seus trabalhos, temáticas trabalhadas uma a uma. Ora evidenciadas por convergências, ora por singularidades ou ainda por aspectos que as próprias pesquisadoras acharam relevantes para se discutir no campo de pesquisa.

Silva (2015), Reis (2014), Cury (2007), Moraes (2012), Pinto (2013), optaram por elaborar uma análise narrativa. Entendemos que a análise narrativa potencializa os aspectos de não generalização, ou seja, valoriza a singularidade de cada ação e produção (BOLÍVAR, 2002). A narrativa elaborada pelo pesquisador permite a ele o desencadeamento de histórias

com múltiplas interpretações, levando em conta as subjetividades do intérprete, gerando novas histórias a cada história contada.

A partir do que tínhamos em mãos optamos por produzir uma narrativa como movimento analítico deste trabalho. Elaboramos “uma” história sobre o curso de graduação em Matemática da UNIDERP/CESUP, visto que ela propiciaria uma melhor “vazão” para as experiências vividas durante a pesquisa e a minha graduação, agora reelaboradas nas minhas lembranças. Tomando a narrativa como modo de análise ainda existia escolhas a serem feitas, especialmente quanto à forma desta narrativa. Poderíamos, por exemplo, elaborar uma narrativa ficcional ou calcada nos depoimentos, com uma linearidade cronológica ou anacrônica.

Desde o início do mestrado ficou latente para meu orientador, e acredito para aqueles que conversavam comigo também, o meu apreço e carinho pelo curso no qual me graduei. Este aspecto parecia “não descolar” de mim ao olhar para documentos, entrevistas, apresentar meu projeto etc. Quando foi necessário definir qual seria então o “mote” da minha narrativa analítica, nos surgiu a ideia de, ao invés de tentar afastar meu apreço e minhas angústias na realização da minha graduação, trazê-las indelevelmente para o trabalho, explicitá-las, escancarar minha presença, carinho e luta para “concluir os estudos”, por meio de um texto memorialístico. Optamos, então, por uma narrativa “memorialística”, o que nos possibilitou que eu me assumisse mais no texto, potencializando minhas subjetividades, explicitando meus sentimentos sobre o curso.

Dessa forma, o leitor encontra, naquela narrativa, discussões advindas das minhas memórias, dos documentos e/ou depoimentos orais. Nesse movimento analítico, costuramos tudo que vi, tudo que li, juntamente com o que ouvi antes e durante a realização da pesquisa.

No transcorrer do trabalho, optamos por ajustar a forma de análise, tentando deixar claro – na medida do possível - o período sobre o qual o texto se referia: da abertura do curso na década de 1990 (apontada nos documentos e depoimentos) ou da minha passagem pela UNIDERP anos depois. Abordamos vários pontos que nos foram relevantes sobre a criação do curso de graduação em Matemática da UNIDERP/CESUP e/ou primeiros anos.

Após a constituição de uma primeira narrativa, retomamos o material tentando aprofundar as discussões que estavam ali presentes, articulando com outras leituras que já havíamos realizado. Apostamos, assim, na potencialidade deste texto memorialístico, mesmo percebendo agora algumas limitações, como abordar os temas em profundidade, como faríamos se tivéssemos optado por elencar temáticas de análise.

## **Algumas considerações sobre meu percurso neste mestrado**

Cheguei a pensar que esse momento nunca ocorreria: realizar um mestrado! Foram duas tentativas frustradas antes de, finalmente, conseguir ingressar no Programa. Como diz minha mãe: “Tudo tem seu tempo, filha!”.

Tornar-me pesquisadora, realizar uma pesquisa, enfim, “pesquisar”, era um campo completamente novo para mim. No decorrer do primeiro ano de estudo, vários trabalhos foram de fundamental importância para meu crescimento como pesquisadora e subsidiaram a escrita dos primeiros rascunhos deste trabalho. Este tipo de ofício requer tempo e atenção, em vários momentos pensava estar me perdendo entre as informações, às vezes não sabia o que fazer com cada uma delas, gradativamente a pesquisa começou a tomar corpo e forma.

Nesse tempo, realizei apresentações em eventos, e o *feedback* dos avaliadores e dos participantes serviram para reflexão acerca de diversas condutas e temas que antes eu não percebia. A escrita de artigos auxiliou no momento de “dar corpo” a este trabalho e com o tempo, passei a amadurecer a ideia de “tornar-me pesquisadora”, um processo em constante formação e que me ajudou a compreender mais sobre pesquisa.

O primeiro ano do mestrado, para mim, foi uma adaptação, interação com a turma, com os professores, com as leituras, a escrita, com os eventos e com o tema deste trabalho. Após esse período, leituras e discussões no grupo de pesquisa contribuíram para minha formação. Por mais que discutíssemos sobre realizar entrevistas, essa prática deixou-me insegura. Mesmo utilizando roteiro e conhecendo a maioria dos entrevistados, senti receio de algo dar errado, logo, alguns imprevistos aconteceram, mas nada que prejudicasse o desenvolvimento da pesquisa.

Partindo para a transcrição e a textualização, tive momentos de angústia! Era um processo lento e cauteloso, exigia uma extrema atenção e responsabilidade ao lidar com “aquilo que o outro falou”, ou que “acho que ele falaria”. Esse foi um dos momentos, no qual percebia o nascimento de uma pesquisadora, foi a partir daí que realmente me senti fazendo pesquisa. Nessa fase, inevitavelmente a escrita fluiu, e com isso, várias versões desse texto. Para a escrita deste trabalho, adotáramos a metáfora do labirinto, na ideia de fazer com que o

leitor percorresse e trilhasse o caminho através dos depoimentos. Porém, preocupados com o desenrolar do tema e com o tempo disponível, abrimos mão dessa estrutura e optamos por construir uma história, por meio de uma narrativa, utilizando um texto memorialístico.

O momento do exame de qualificação nos serviu de grande contribuição neste caminhar, pois foram apontadas sugestões para o desenvolvimento do nosso trabalho. Algumas alterações foram necessárias, dentre elas a organização dos capítulos. O capítulo da Metodologia, que era um dos primeiros, foi reorganizado, e passou a ser o último. Outro capítulo que também sofreu alterações foi o de “Análise”. Neste capítulo, não havia ficado claro, em alguns momentos, o período sobre o qual estava falando: o das minhas lembranças ou dos entrevistados. Esse exercício não foi fácil, visto a dificuldade que sentia em organizar e “costurar” as informações que surgiram ao longo da pesquisa com as que eu possuía enquanto aluna do curso.

A banca também sugeriu aprofundamento sobre um curso: Formação de Professores. Este curso foi oferecido pela UNIDERP, voltado aos professores leigos, sabemos da relevância deste tema, mas tivemos que optar por não o abordar aqui, em função do quantitativo de coisas que ainda tínhamos a fazer e o tempo que dispúnhamos. Contudo, gostaria de ressaltar a possibilidade deste tema ser abordado em pesquisas futuras.

Nem todos os objetivos traçados foram plenamente alcançados. Em relação às políticas públicas, conseguimos observar alguns aspectos referentes à expansão da universidade, à criação de cursos de licenciaturas e aos documentos do curso que versava sobre a época de sua criação e/ou primeiros anos, no entanto, acreditamos que há um movimento muito maior que ainda mereceria destaque, mas que não foi possível realizar neste trabalho: entender o panorama educacional dos anos 1990 como um todo. Outra pergunta inicial da nossa pesquisa e que não conseguimos atender foi sobre como ocorriam as aulas. Os entrevistados comentaram pouco este ponto, e assim, não foi possível criar uma discussão mais aprofundada sobre a temática, tendo trazido para as discussões apenas as minhas lembranças.

Fiquei surpresa em vários momentos da pesquisa. No início achava que sabia muitas coisas sobre o curso pelo qual eu havia me graduado, mas fiquei admirada com o nome do curso e seu oferecimento na década de 1992, para mim uma situação completamente nova, pois nunca havia pensado que, antes da minha graduação, o curso era bacharelado e licenciatura. Durante a pesquisa, percebi vários aspectos voltados à licenciatura, em principal, à marginalidade do curso se comparado a outros cursos, como por exemplo, Arquitetura. Na UNIDERP a mensalidade que eu pagava era bem inferior a outras graduações. Percebo que esse curso sempre teve mensalidades menores do que os demais e pensando nisso, me questiono: qual seria o valor das licenciaturas? Olhando para a narrativa do professor Paulo, quando menciona sobre o papel da UNIDERP no Mato Grosso do Sul, questiono: qual seria o papel das instituições particulares em Campo Grande e em Mato Grosso do Sul? Teria uma atitude paternalista, na qual ele [Paulo] declara? Ou capitalista, advinda de toda e qualquer instituição privada?

Em vários momentos do trabalho, percebi que a Graduação em Matemática era vista como um curso “carregado” pelos demais, mas seriam os cursos de licenciatura uma “ação social” dessas universidades, sendo mantidos mesmo com prejuízo financeiro? Seria, então, uma exigência legal para manter o *status* de universidade e, assim, obter um lucro, mesmo que indireto por estes cursos? Ou ainda, dentro da estrutura que a universidade já possuía para atender as demais graduações, ter uma licenciatura em Matemática ajudaria justamente a “pagar” por essa estrutura, já existente?

Num outro momento, pensava sobre o uso do computador no curso que me graduei. Antes de iniciar a pesquisa, não sabia que a inserção dos computadores era para “salvar” os cursos de licenciatura em Matemática. As licenciaturas aliaram-se a tecnologia como forma de garantir a continuidade dos cursos, mas como a tecnologia auxiliaria na formação de um futuro professor?

Outro questionamento é sobre a comparação de qualidade de ensino que aparece quando mencionado a universidade pública: Por que as universidades particulares veem a universidade pública como referência quanto à qualidade de ensino? Pensando nessa e em várias outras perguntas, penso no papel das avaliações externas em uma universidade

particular: Qual a função, em termos de *marketing*, que esse tipo de ação tem, a ponto de se dar desconto na mensalidade para acadêmicos que tiravam A no provão?

Algumas características surgem em nosso trabalho, outras são reforçadas. Dentre estas características, aponto algumas que mais me marcaram nesta pesquisa, como a oferta de uma Licenciatura e Bacharelado concomitantes, ambos com ênfase em Computação, a carência e a urgência na formação e contratação de professores de Matemática, a tecnologia no curso de licenciatura em Matemática e o uso de ênfases pelas instituições particulares na década de 1990 e 2000, a marginalidade dos cursos de licenciatura em Matemática frente a outros cursos, a disputa por clientela na cidade e conseqüente concorrência entre os cursos/instituições, a oferta de cursos noturnos as avaliações externas (PROVÃO/ENADE) como meio de propaganda, a criação e consolidação da UNIDERP e a participação dos cursos de licenciatura neste processo.

Vários tipos de discursos pedagógicos e políticos presentes nas entrevistas permitem produzir outras questões, porém dentre tantas possibilidades, trouxemos essas que mais nos atravessaram. Na História Oral, vimos a oportunidade de produzir nossas próprias fontes e construir nossas próprias percepções, mediados por nossas subjetividades. Cada narrativa produz uma versão sobre a história do curso, e o conjunto destas nos possibilitou a escrita de uma versão “nossa”, a partir de todo trabalho realizado. Nessa perspectiva, tentamos contar “uma” história entre tantas possíveis sobre a formação e atuação dos professores de Matemática, em principal, do curso de graduação em Matemática da UNIDERP/CESUP, no movimento de abertura e primeiros anos.

Acredito que após todo esse tempo, vivência e aprendizado, a escrita desta pesquisa tornou-se para mim o início de uma grande jornada. Considero que muito tenho aprendido neste trajeto do mestrado, que para além da pesquisa, se constituiu em um grande processo de formação pessoal.

## Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **História: a arte de inventar o passado - Ensaio de teoria da história**. Bauru, 1. ed.: EDUSC, v. 1000. 254 p. 2007.

IARA. ZANDOMENIGHI, R. A. **Textualização da entrevista com a professora Iara: depoimento** [nov. 2015]. Entrevistadora: R. A. Zandomenighi. Campo Grande: UFMS, 2017. 1 arquivo. mp4 (72 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

BERNARDES, M. R. **Educação, Relações Capitalistas, Estratégias e Táticas: um ensaio a partir de algumas escolas de ensino superior de Maringá (PR)**. 377. Tese (Doutorado em Educação para Ciência) - Área de Concentração Ensino de Ciências da UNESP – Universidade Estadual Paulista, Campus de Bauru, 2009.

BITTAR, M; NOGUEIRA, R.G. **Um Estudo da Criação e Desenvolvimento de Licenciaturas em Matemática na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**. Bolema: Boletim de Educação Matemática, Rio Claro, SP, v. 29, n. 51, p. 263-283, abr. 2015.

BLOCH, M. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Tradução André Telles. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2001.

BOLIVAR, A. B. ‘De nobis ipsis silemus?’: Epistemologia de la investigación biográfico-narrativa em educación. Revista Eletrónica de Investigación Educativa, Barcelona, v.11, n. 1, p. 40-65, 2002. Disponível em: <<http://redie.ens.uabc.mx/vol4no1/contenido- html>>. Acesso em: 06 outubro 2015.

BOSI, A. **O tempo e os tempos**. In: NOVAES, A.(Org.). Tempo e história. São Paulo, SP: Companhia das Letras; Secretaria Municipal de São Paulo, 1992. P 19- 32.

BRASIL. **Diário Oficial da União** – D.O.U. de 03 de julho de 1992. P. 8581-82. Disponível em:< <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/DOU/1992/07/03>>. Acesso em: mar. 2016.

CARLOS. ZANDOMENIGHI, R. A. **Textualização da entrevista com o professor Carlos: depoimento** [fev. 2016]. Entrevistadora: R. A. Zandomenighi. Campo Grande: UFMS, 2017. 1 arquivo. mp4 (51 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

CASTRO, A.D. de. **A licenciatura no Brasil**. Revista de História, São Paulo, V. 100, tomo II, P. 627-652, out./dez. 1974.

CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE CAMPO GRANDE (CESUP) - Professor Plínio Mendes dos Santos. **Projeto de Curso**, 55 p. Campo Grande- MS, 1991.

CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE CAMPO GRANDE (CESUP) - Professor Plínio Mendes dos Santos. **Processo de Reconhecimento**, 55 p. Campo Grande- MS, 1994.

CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE CAMPO GRANDE (CESUP) - Professor Plínio Mendes dos Santos. **Relatório:** III Semana de Matemática do Departamento de Ciências Exatas, do Centro de Ensino Superior Plínio Mende dos Santos, 14 p. Campo Grande, 1995.

CURY, F. G. **Uma Narrativa Sobre a Formação de Professores de Matemática em Goiás.** 2007. Dissertação de Mestrado em Educação Matemática - Universidade Estadual Paulista Rio Claro/SP, 2007.

DELGADO, L. A. N. **História oral: memória, tempo, identidades.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010, 2ª Ed. 136 p.

EDUARDO. ZANDOMENIGHI, R. A. **Textualização da entrevista com o professor Eduardo:** depoimento [abr. 2016]. Entrevistadora: R. A. Zandomenighi. Campo Grande: UFMS, 2017. 1 arquivo. mp4 (58 min.). 1 arquivo mp3 (59 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

FAORO, T. C. T. **A Formação de Professores de Matemática em Mato Grosso do Sul:** um olhar sobre os anos iniciais da licenciatura da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul em Dourados. 2014. 236f. Dissertação de Mestrado em Educação Matemática, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2014. Disponível em: <www.hemep.org>. Acesso em: jun. 2015.

FERRONATTO, E. T. T. **Políticas de Educação Superior e as Universidades Estaduais: Um Estudo Sobre os Cursos Noturnos da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS.** 2008. Dissertação de Mestrado em Educação da Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande/MS, 2008.

FURLANI, L. M. T. **A claridade da noite:** os alunos do ensino superior noturno. São Paulo: Cortez, Editora, 1998.

GARNICA, A. V. M.; SOUZA, L. A. de. **Elementos de História da Educação Matemática.** Editora: Cultura Acadêmica/UNESP, 2012, 386 p.

GARNICA, A. V. M.; FERNANDES, D. N.; SILVA, H. **Entre a amnésia e a vontade de nada esquecer:** notas sobre Regimes de Historicidade e História Oral. In: Bolema. Rio Claro, SP. v. 25, pp. 213-250, 2011.

GARNICA, A. V. M. **História Oral e Educação Matemática: de um inventário a uma regulação.** Revista ZETETIKÉ – Cempem – FE – Unicamp – v.11 – n. 19 - Jan./Jun. 2003.

\_\_\_\_\_**História oral e educação matemática.** In: BORBA, M. C.; ARAUJO, J. L. (Org.). Pesquisa qualitativa em educação matemática. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

\_\_\_\_\_**A experiência do labirinto: metodologia, história oral e educação matemática.** São Paulo: Editora UNESP, 2008.

\_\_\_\_\_ (Org.). **Cartografias contemporâneas: mapeando a formação de professores de matemática no Brasil**. Curitiba, PR: Appris, 2014.

\_\_\_\_\_ **A História Oral como recurso para a pesquisa em Educação Matemática: um estudo do caso brasileiro**. 2005. Disponível em <[http://www.educ.fc.ul.pt/s/docentes/jponte/fdm/estudos\\_de\\_caso.htm](http://www.educ.fc.ul.pt/s/docentes/jponte/fdm/estudos_de_caso.htm)>. Acesso em: mai. 2015.

GATTAZ, A. C. **Braços da Resistência: Uma história oral da imigração espanhola**. São Paulo: Xamã, 1996 – 1ª edição.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 7 ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GOMES, M. L. M. **Escrita Autobiográfica e história da educação matemática**. Boletim de Educação Matemática 2012, v. 26, n.42 A.

HELENA. ZANDOMENIGHI, R. A. **Textualização da entrevista com a professora Helena: depoimento** [mar. 2016]. Entrevistadora: R. A. Zandomenighi. Campo Grande: UFMS, 2017. 1 arquivo. mp4 (87 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

LARREA, N. T. **Sociedade Brasileira de Educação Matemática do estado de Mato Grosso do Sul: três caricaturas e muitas histórias**. 2016. 251f. Dissertação de Mestrado em Educação Matemática, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS.

LE GOFF, J. **A história nova**. 5. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 427 p. Tradução de Eduardo Brandão.

MARTINS, C. B. **O ensino superior brasileiro nos anos 90**. São Paulo em Perspectiva 14 (1) 2000, p. 41-60.

MARTINS, H. H. T. de S. **Metodologia Qualitativa de Pesquisa**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, maio/ago. 2004.

MARTINS-SALANDIM, M. E. **Escolas técnicas agrícolas e educação matemática: historia, praticas e marginalidade**. 2007. 265 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de mestrado em Educação Matemática, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2007.

\_\_\_\_\_ **A interiorização dos cursos de Matemática no Estado de São Paulo: um exame da década de 1960**. 387 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2012.

MATOS, J. S. **Tendências e debates: da escola dos annales à história nova**. *Historiæ*, Rio Grande, V.1, n.1, p.113-130, 2010.

**Métodos de Pesquisa.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Editora da UFRGS. EAD – Série Educação a Distância 2009 – 1ª edição. 120p.

MIGUEL, A; GARNICA, A. V. M; IGLIORI, S. B. C.; D’AMBRÓSIO, U. **A educação matemática:** breve histórico, ações implementadas e questões sobre sua disciplinarização. Revista Brasileira de Educação: Set /Out /Nov /Dez, 2004, Nº27.

MORAIS, M. B. **Peças de uma História:** Formação de Professores de Matemática na região de Mossoró (RN). 2012. 301f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2012.

NEVES, J. L. **Pesquisa Qualitativa - Características, usos e possibilidades.** Caderno de Pesquisas em Administração, São Paulo, v. 1, n. 3, 1996.

PARDIM, C. S. **Orientações Pedagógicas nas Escolas Normais de Campo Grande:** Um olhar sobre o Manual *Metodologia do Ensino Primário*, de Theobaldo Miranda Santos. Dissertação de Mestrado em Educação Matemática, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2013. Disponível em: <www.hemep.org>. Acesso em: jun. 2015.

PAULO. ZANDOMENIGHI, R. A. **Textualização da entrevista com o professor Paulo:** depoimento [mar. 2016]. Entrevistadores: R. A. Zandomenighi e T. P. Pinto. Campo Grande: UFMS, 2017. 1 arquivo. mp4 (80 min.). 1 arquivo mp3 (84 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

PINTO, T. P. **Linguagem e Educação Matemática:** UM mapeamento de usos na sala de aula. Dissertação de Mestrado. 2009. 108f. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Campus de Rio Claro, SP.

PINTO, T. P. **Projetos Minerva: caixa de jogos caleidoscópica.** Tese (Doutorado em Educação para as Ciências) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2013. Disponível em: <www.hemep.org>. Acesso em: mai. 2015.

PORTELLI, A. **A morte de Luigi Trastulli e outros ensaios:** ética, memória e acontecimento na história oral. Lisboa: Edições Unipop, 2013.

QUEIROZ, M. I. P. de. **Variações sobre a TÉCNICA DE GRAVADOR no registro da INFORMAÇÃO VIVA.** São Paulo: T. A. Queiróz, 1991, 171 p.

REIS, A. C. de S. R. dos. **A formação matemática dos professores primários:** um olhar sobre a Escola Normal Joaquim Murinho. 2014. 144f. Dissertação de Mestrado em Educação Matemática, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS.

SAMUEL. ZANDOMENIGHI, R. A. **Textualização da entrevista com o professor Samuel:** depoimento [nov. 2015]. Entrevistadora: R. A. Zandomenighi. Campo Grande: UFMS, 2017. 2 arquivos. mp4 (43 min.). Entrevista concedida para esta pesquisa.

SCHMITT, J. C. A História dos Marginais. In: LE GOFF, J. (Org.) **A História Nova**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 351-390. Tradução de Eduardo Brandão.

SILVA, C. R. M. da. **Uma, Nove ou Dez Narrativas sobre as Licenciaturas em Ciências e Matemática em Mato Grosso do Sul**. 369. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Universidade Estadual Paulista, campus Rio Claro, 2015.

SILVA, N. C. da. **Cenas sobre a formação e atuação de professores de matemática de Paranaíba/MS na segunda metade do século XX**. 216 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2016.

SOUZA, L. A. de. SILVA, C. R. M. da. **Narrativas e História Oral: possibilidades de investigação em Educação Matemática**. Livro. São Paulo. Editora: Livraria da Física, 2015, volume 7 (Série história da matemática para o ensino).

SOUZA, L. A. **História oral e educação matemática: um estudo, um grupo, uma compreensão a partir de várias versões**. 2006. 674f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista - UNESP, Rio Claro, 2006.

SOUTO, R. M. A. **História na Educação Matemática – um estudo sobre trabalhos publicados no Brasil nos últimos cinco anos**. Bolema, Rio Claro (SP), v. 23, nº 35B, p. 515 a 536, abril 2010.

THOMPSON, P. **A voz do Passado – História Oral**. Livro. São Paulo. Editora: Paz e Terra, 1992.

ZANDOMENIGHI, R. A. PINTO, T. P. **Constituição do Curso de Graduação em Matemática da UNIDERP: apontamentos iniciais**. Encontro Sul-Mato-Grossense de Educação Matemática, 2015.

---

Constituição do Curso de Graduação em Matemática da Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (UNIDERP/CESUP): **O Papel dos Documentos Oficiais e articulações sobre o Projeto de Curso. ENEM – Encontro Nacional de Educação Matemática, 2016.**

---

APONTAMENTOS SOBRE O DOCUMENTO:  
 Processo de Reconhecimento do Curso de Graduação em Matemática da UNIDERP/CESUP. **ENAPHEM – Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática, 2016.**

ZICCARDI, Lydia Rossan Nocchi. **O curso de Matemática da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: uma história de sua construção/desenvolvimento/legitimação**. Tese de Doutorado. 2009. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP. Disponível em: < <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp116142.pdf> >.

## Apêndice - Roteiros de entrevista

### Roteiro de entrevista (professor)<sup>223</sup>

Hoje, dia \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_, às XX:XX horas, estamos reunidos na sala \_\_\_\_\_ eu: Renata Aparecida Zandomenighi, mestranda do curso de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, e o professor \_\_\_\_\_, para realizarmos uma entrevista relacionada à pesquisa de mestrado por mim conduzida, sobre o curso de Graduação em Matemática da UNIDERP.

Boa tarde professor! Muito obrigada pela presença.

Inicialmente quero agradecer por aceitar o nosso convite em participar da nossa pesquisa nos concedendo essa entrevista. Certamente ela nos trará valiosas informações.

### Apresentação pessoal

1. Gostaria de pedir que o senhor se apresentasse.
2. Se não for natural de Campo Grande, conte-nos como veio a residir aqui;
  - veio sozinho?
  - de onde veio?
  - por que a escolha desta cidade;
3. Conte-nos como era a cidade de Campo Grande na década de 1990;
  - desenvolvimento econômico;
  - questões políticas;
  - cenário educacional nesta época;

### Formação Acadêmica

4. Fale um pouco sobre sua formação profissional.
  - Graduação;
  - Especialização;

---

<sup>223</sup> Utilizado na entrevista do professor Samuel e do professor Carlos.

- Mestrado;
- Doutorado;

### **Atuação profissional**

5. O senhor atuou em outras instituições/escolas antes de entrar na UNIDERP?
  - Conte-nos pra gente como foi esse início de carreira.
6. Sobre seu ingresso na UNIDERP, conte-nos de que forma ele ocorreu.

### **Abertura do curso na UNIDERP**

7. Como foi a implantação do curso de graduação em Matemática da UNIDERP?
  - Quais os desafios vividos nesta etapa?
8. Qual a participação do senhor neste processo?
9. Quem eram as pessoas envolvidas nesse movimento?
10. Como foi a elaboração do projeto do curso?
  - a grade curricular;
11. Quais as disciplinas que o senhor lecionava?
  - como eram/ocorriam as reuniões?
12. Gostaria de acrescentar mais alguma informação sobre o que foi falado até então?

Esta entrevista será transcrita e textualizada e voltará ao Senhor para fazer as modificações que achar pertinentes. Após estas modificações enviaremos ao senhor uma carta de sessão para uso desta textualização. O senhor autoriza a utilização desta entrevista (imagem e som) para fins de pesquisa?

Eu \_\_\_\_\_ , RG \_\_\_\_\_ autorizo a utilização desta entrevista para fins de pesquisa.

Obrigada pela sua participação.

**Roteiro de entrevista (coordenação)**

Hoje, dia \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_, às xx:xx horas, estamos reunidos na \_\_\_\_\_ eu: Renata Aparecida Zandomenighi, mestranda do curso de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e a Professora \_\_\_\_\_, para realizarmos uma entrevista relacionada à pesquisa de mestrado por mim conduzida, sobre o curso de Graduação em Matemática da UNIDERP.

Bom dia professora, muito obrigada pela presença.

Inicialmente quero agradecer por aceitar o nosso convite em participar da nossa pesquisa nos concedendo essa entrevista. Certamente ela nos trará valiosas informações.

**Apresentação pessoal**

1. Gostaria de pedir que a senhora se apresentasse.
2. Se não for natural de Campo Grande, conte-nos como veio a residir aqui;
  - veio sozinha?
  - de onde veio?
  - por que a escolha desta cidade;
3. Conte-nos como era a cidade de Campo Grande na década de 1990;
  - desenvolvimento econômico;
  - questões políticas;
  - cenário educacional nesta época;

**Formação Acadêmica**

4. Fale um pouco sobre sua formação profissional.
  - Graduação;
  - Especialização;
  - Mestrado;

**Atuação profissional**

5. A senhora atuou em outras instituições/escolas antes de entrar na UNIDERP?

- Conte-nos pra gente como foi esse início de carreira.
- 6. Sobre seu ingresso na UNIDERP, conte-nos de que forma ele ocorreu.

### **Abertura do curso na UNIDERP**

- 7. Como foi a implantação do curso de graduação em Matemática da UNIDERP?
  - Quais os desafios vividos nesta etapa?
- 8. Qual a participação da senhora neste processo?
  - A senhora lidava tanto com a parte burocrática quanto pedagógica ou só uma das duas?
  - Quais as disciplinas que a senhora lecionava?
- 9. Quem eram as pessoas envolvidas nesse movimento?
  - Quadro de professores<sup>224</sup>;
- 10. Como foi a elaboração do projeto do curso?
  - A grade curricular;
- 11. Gostaria de acrescentar mais alguma informação sobre o que foi falado até então?

Esta entrevista será transcrita e textualizada e voltará à Senhora para fazer as modificações que achar pertinente. Após estas modificações enviaremos à senhora uma carta de sessão para uso desta textualização. A senhora autoriza a utilização desta entrevista (imagem e som) para fins de pesquisa?

Eu \_\_\_\_\_ , RG \_\_\_\_\_ autorizo a utilização desta entrevista para fins de pesquisa.

Obrigada pela sua participação.

---

<sup>224</sup> Essa questão sobre a grade curricular estava contida no roteiro da professora Helena, mas isto não significa que não fosse mencionado pela professora Iara.

**Roteiro de entrevista (alunos)**

Hoje, dia \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_, às xx:xx horas, eu: Renata Aparecida Zandomenighi, mestranda do curso de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, entrevistarei, via Skype, o Prof. Mestre Eduardo, para a pesquisa de mestrado por mim conduzida, sobre o curso de Graduação em Matemática da UNIDERP\CESUP.

Boa tarde, Professor, muito obrigada pela presença.

Inicialmente quero agradecer por aceitar o nosso convite em participar da nossa pesquisa nos concedendo essa entrevista. Certamente ela nos trará valiosas informações.

**Apresentação pessoal**

1. Gostaria de pedir que o senhor se apresentasse.
2. Se não for natural de Campo Grande, conte-nos como veio a residir aqui;
  - de onde veio?
  - por que a escolha desta cidade;
  - porque decidiu sair de Campo Grande?
3. Conte-nos como era a cidade de Campo Grande quando iniciou o curso;
  - desenvolvimento econômico;
  - questões políticas;
  - cenário educacional nesta época;

**Formação Acadêmica**

4. Fale um pouco sobre sua formação profissional.
  - Graduação;
  - Especialização;
  - Mestrado;

**Atuação profissional**

5. Fale um pouco sobre sua atuação profissional.
  - Conte-nos como foi o início de carreira.

**Sobre o curso de Matemática na UNIDERP**

6. Sobre seu ingresso como aluno na UNIDERP, conte-nos de que forma ele ocorreu.
7. Como foi a escolha entre Licenciatura ou Bacharelado?
8. Conte-nos um pouco sobre as disciplinas:
  - a grade curricular;
  - a grade curricular subsidiava as necessidades e anseios dos alunos na época em que você fez o curso?
  - suas expectativas quanto à sua formação foram alcançadas?
9. Como ocorriam as aulas?
  - os professores e suas formações;
  - dificuldades;
  - materiais;
  - Salas disponíveis;
  - Quantidade de alunos;
10. Bom, essas eram as questões que eu trouxe inicialmente, deixo agora o espaço aberto para o Senhor falar sobre algum aspecto que eu não tenha abordado ou ainda retomar alguma questão.

Esta entrevista será transcrita e textualizada e voltará ao Senhor para fazer as modificações que achar pertinente. Após estas modificações enviaremos ao Senhor uma carta de cessão para uso desta textualização. O Senhor autoriza a utilização desta entrevista (imagem e som) para fins de pesquisa?

Eu \_\_\_\_\_ , RG \_\_\_\_\_ autorizo a utilização desta entrevista para fins de pesquisa.

Obrigada pela sua participação.

**Roteiro de entrevista (reitor)**

Hoje, dia \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_, às xx:xx horas, estamos reunidos na sala \_\_\_\_\_, eu, Renata Aparecida Zandomenighi, mestranda do curso de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, o orientador dessa pesquisa, Prof. Dr. Thiago Pedro Pinto e o Professor Dr. Paulo, para realizarmos uma entrevista relacionada à pesquisa de mestrado por mim conduzida, sobre o curso de Graduação em Matemática da UNIDERP.

Bom dia professores, muito obrigada pela presença.

Inicialmente quero agradecer por aceitar o nosso convite para participar da nossa pesquisa nos concedendo essa entrevista. Certamente ela nos trará valiosas informações.

**Apresentação pessoal**

1. Gostaria de iniciar pedindo que o senhor se apresentasse.
2. Se não for natural de Campo Grande, conte-nos como veio a residir aqui;
  - veio sozinho?
  - de onde veio?
  - por que a escolha desta cidade;
3. Conte-nos como era a cidade de Campo Grande na década de 1990;
  - desenvolvimento econômico;
  - questões políticas;
  - cenário educacional nesta época;

**Formação Acadêmica**

4. Fale um pouco sobre sua formação profissional.
  - Graduação;
  - Especialização;
  - Mestrado;
  - Doutorado;

### **Atuação profissional**

5. O senhor atuou em outras instituições/escolas antes criar a UNIDERP?
  - Conte-nos pra gente como foi esse início de carreira.
6. Sobre a criação do CESUP, conte-nos de que forma ela ocorreu.

### **Abertura do curso na UNIDERP**

7. Conte-nos sobre a passagem do CESUP para UNIDERP.
  - Ano ocorrido;
  - Cursos vigentes na época;
  - Quadro de professores;
  - Formação dos professores;
  - Seleção dos professores;
8. Como foi a implantação do curso de graduação em Matemática da UNIDERP?
  - Quais os motivos para a abertura deste curso?
  - Como era a demanda para a formação de Professores de Matemática nesta época?
  - Quais os desafios vividos nesta etapa?
9. Qual a participação do senhor neste processo?
  - O senhor lecionava neste curso?
10. Quem eram as pessoas envolvidas nesse movimento?
11. Como foi a elaboração do projeto do curso?
  - a grade curricular;
  - Quais cursos teriam servido de modelo para este?
  - Quem estava à frente das discussões pedagógicas da implantação deste curso?
12. Gostaria de acrescentar mais alguma informação sobre o que foi falado até então?

Esta entrevista será transcrita e textualizada e voltará ao Senhor para fazer as modificações que achar pertinente. Após estas modificações enviaremos ao senhor uma carta de sessão para uso desta textualização. O senhor autoriza a utilização desta entrevista (imagem e som) para fins de pesquisa?

Eu \_\_\_\_\_ , RG \_\_\_\_\_ autorizo a utilização desta entrevista para fins de pesquisa.

Obrigada pela sua participação.